

COLLABORAÇÃO

Humildes considerações
de um crenteAO ILLUSTRADO MESTRE DR. BEZERRA
DE MENEZES

Mestre e amigo.

Lendo no *Reformador* um dos vossos magistraes artigos, epigraphado — *Os mediums*, — despertou este em meu espirito algumas considerações que, humildes mas sinceras, vos peço venia para expôr.

Sem duvida, n'estas minhas despretençiosas considerações não deveis querer enxergar mais do que convicção, sinceridade e boa vontade, pondo de parte as deficiencias ocasionadas pela exiguidade de conhecimentos, quer doutrinaes, quer pertencentes a outro qualquer ramo scientifico.

Pois bem, é sob taes auspícios que venho submeter as minhas *humildes considerações* á vossa esclarecida intelligencia e inspirado criterio, e para ellas pedir-vos ainda mais uma vez magnanimidade e tolerancia.

Ellas não são doiradas pelo pó auriluzente do estylo e nem são capazes de brilhar mesmo como satellite no firmamento do jornal onde occupais o centro do systema, cujos planetas têm brilhado á custa da luz que sobre elles tendes espalhado mas que, por vossa vez, recebestes do centro de todos os systemas. do unico fóco que possui luz propria: — Deus; comtudo representam o papel de nebulosas.

Se com a lente poderosa do vosso espirito clarividente n'ellas divisardes alguma luz, e se, por uma disposição harmonica, a vossa boa vontade puder

determinar no céo do *Reformador* uma pequenina região para as minhas *nebulosas*, vos beijo as mãos.

Desculpai-me, Mestre, estas divagações, e vos peço venia para entrar directamente no assumpto que tomo para minha these: — *os mediums*.

Este assumpto ultra-transcendental da doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo tem sido tão descurado e até mesmo abandonado por todos nós que cultivamos a nova revelação, que, como resultado d'essa criminosa desidia, o que vemos?

O que vemos e o que quotidianamente, para desgraça nossa, observamos é um amalgama de orientações contrapostas, a contra propaganda da doutrina spirita, e as heresias e os falsos principios que deturpam as verdades santas.

O spiritismo impõe-se com a eloquencia esmagadora dos factos; negal-o seria pueril, pois contra factos não ha argumentos.

E como não podem negal-o sem se esmagarem contra a muralha irreductivel das verdades, é preciso ridicularizal-o.

Para attingir os seus fins, os inimigos da verdadeira doutrina lançam mão, não da alavanca da sciencia, (porque esta só pôde ser manojada para consolidar ainda mais o edificio universal da doutrina de Jesus), mas dos *mediums* sem escrúpulo e sem orientação, onde vão encontrar o instrumento maleavel que se presta aos manejos de seus maleficos intentos.

Quando a claridade da luz spirita fere de frente as mas-as populares e estas cogitam de saber o que isso é; quando em cada labio, onde ha bem pouco pairava um sorriso de escarneo, divisamos uma interrogação audaciosa e severa; quando lemos em cada semblante o desejo ardente de explicação para os novos phenomenos *sobrenaturaes*; quando suspeitamos nos corações dos nossos irmãos o *to be or not to be*,

brilhante corolla; mas um dotado de um physico deslumbrante, ao passo que o outro era o que podia-se chamar: feia creatura.

Julio fazia o desespero dos namorados de carregação, que empregam todo o seu tempo em se embonecar, para parecerem bem ás mulheres, como ha destas umas tantas, que só vivem para a toilette e da toilette para a exhibição aos homens.

O meu amigo não precisava da arte para dominar os corações.

Era apparecer onde quer que se reunissem as flores dos jardins da Carioca, e prompto se offuscavam as estrellas, em torno das quaes esvoaçavam as graças, sempre propensas a queimarem as azas nos focos de mais intensa luz.

Tambem o leão do loura juba e de scintillante olhar passava pelo meio do incendio que ateava e sahia illeso como se tivesse o coração forrado de amiantho.

Quando chegava á casa, e se estendia na cama, que lhe era o encantado escriptorio de seus sonhos de moço, lembrava-se tanto das tantas que o envolveram em seus languidos olhares, como das gaiotas que esvoaçam pela formosa bahia de Guanabara.

Julio nunca sentiu palpitar mais rapido o coração á vista de uma mulher, ainda que fosse de belleza angelica.

Gostava d'ellas como o colibri das flores, festejava a todas, mas a nenhuma se prendia.

—Tenho, dizia elle frio como o gelo o orgão que affirmam ser a sede ou a fonte do amor. Não ha mulher que possua o dom de imprimir-lhe qualquer movimento fóra do rhythm normal. Gosto da belleza feminina como gosto da musica: em principio, sem exclusões nem preferencias individuais. Sou uma natureza esteril, uma alma sem imaginação, uma coisa assim como bosques sem passarinhos ou cidades sem sinos. Ou um desgraçado condemnado ao celibato; porque não comprehendendo o casamento senão como a consagração de um amor partilhado, e eu não possuo a fonte desse doce sentimento, que é o rocio do Céu a vivificar as flores d'alma ressequidas pelos raios abraçadores do sol da nossa vida terrena.

—Eis o que é o homem! eis o que é a vida! respondeu-lhe seu companheiro e amigo Martin Corrêa, seu emulo em tudo menos na belleza e na elegancia; que po-

esses sequazes da luz e da verdade só encontram no *medium* receitaista uma gota d'agua da Samaritana para saciarem a sede de seu espirito. E esses *mediums*, abnegados apostolos da caridade — coitados! — resentindo-se da falta de educação e de escola, pouco, relativamente, produzem; e se alguma coisa produzem é porque estão abrigados pelas azas sacrosantas de Nosso Senhor Jesus Christo: estão praticando a caridade, a mais sublime e santa das virtudes, o centro em torno do qual gravitam todas as mais virtudes.

Ah! a responsabilidade dos *mediums* é enorme; é grande, é muito grande, porque elles pouco dão d'aquillo de que muito e muitissimo lhes foi dado.

As curas, meu caro Mestre, se fazem, e se fazem de forma assombrosa; porem o diagnostico, esse vehiculo importantissimo de propaganda, muito deixa a desejar.

Os *mediums* receitaistas, em sua maioria, não comprehendem que a cura mais importante que é necessaria effecuar é a da alma; que o espirito é que é o enfermo, isto é, que reclama luz, luz, muita luz, e é a elle que se deve levar a luz da nova revelação, a luz do Evangelho, em espirito e verdade.

Os novos irmãos *mediums* não se lembram mesmo de que o espirito que se manifesta precisa n'elles encontrar elementos que facilitem a manifestação em toda a sua plenitude, e que taes elementos que constituem o capote, a espada e o escudo dos *mediums* são as qualidades moraes, intellectuaes e physicas com que elles devem se armar.

Constituirão, pois as qualidades que devem possuir os *mediums* o assumpto especial de minha proxima missiva, se a vossa benevolencia tanto permittir.

Paz e amor em Nosso Senhor Jesus Christo.

UM CRENTE

COMMUNICAÇÕES
sobre a existencia dos
elementares(*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*)

Em seguida a uma conversação sobre a realidade da existencia dos seres mais ou menos desenvolvidos, mas inferiores á mais infima humanidade, a senhorita D., medium intuitivo, obteve as duas communicações seguintes:

Ha uma grande diversidade entre as communicações spiritas: umas são perfeitamente elevadas, outras são ordinarias, outras são absolutamente inferiores. Essas manifestações diferentes têm dado lugar a muitas interpretações, e como o modo de existencia dos seres que povoam o outro mundo é pouco conhecido, essas interpretações se têm mais ou menos afastado da verdade e feito intervir no phenomeno spirita a acção de seres inconscientes e de forças semi-conscientes, que criam uma serie inteira de seres inferiores, abaixo do homem, seres perigosos quando são evocados inoportunamente, forças temiveis quando são provocadas, e que consti-tuem um perigo permanente para o homem, que pode attrahir, sem o saber, essas influencias occultas.

Não haverá uma explicação sufficiente dos phenomenos spiritas na simples intervenção da humanidade desencarnada e na acção que o medium sempre exerce? E' inutil povoar a natureza de entidades inconscientes que espertam o homem, no bosque que murmura ao vento, na agua que murmura, na cham-

partidas e almas viúvas?

—Ora! Bem sabes que isto é modo de exprimir uma idéa: são symbolos.

—Pois bem, Martin, explica-me essa idéa.

—De boa vontade; masahi vem Max para a nossa prosa litteraria de todas as noites e eu darei a minha idéa para objecto da sessão de hoje.

Martin veio receber-me na escada do sótão em que moravam elle e Julio, enquanto este ficou estendido na cama, pensando como poderia o amigo e companheiro fazer dos taes symbolos objecto do serão que era sempre bem aproveitado com o estudo de coisas serias com que enriqueciam sua intelligencia.

—Este Martin possui o dom de dar a cor que quer aos objectos; é capaz de fazer de D. Quixote um Cesar ou Bonaparte; mas hoje ha de naufragar com suas almas partidas e viúvas. Hei de quebrar-lhe a vara magica, demonstrando que esta historia de alma é para invenção humana. O rapaz não é, n'estes assumptos, um contendor vulgar; eu porem estou preparado para a batalha, fortifiquei-me nas idéas de Molleschott, de Buchner e de Comte. A coisa, hoje, ha de cheirar a chamusco!

—Sabes, Max, obriguei Julio a aceitar a batalha. Estamos emprazados a discutir a eterna questão do espiritalismo e do materialismo.

—Arrancaste-o, então, das trincheiras de sua galhofa?

—Já te disse: estamos emprazados para a discussão. Elle não é de brincar, com aquella intelligencia que funde as nevoas do desconhecido; eu porem tenho fé em Deus que porei a caminho da verdade sua grande alma.

—De longe, meu Martin, acompanhar-te-hei e ajudar-te-hei.

—Já se entenderam meus capuchinhos? já prepararam as armas? Pois eu hoje vou tirar-lhes as cataratas.

—Possues, meu Julio, o que nos falta: uma potencia intellectual do mais elevado quilate.

—Max, olha que te respondo ironia por ironia!

—Deixemos os palavrórios, vamos ao café, que a mãe Martha está a gritar: que fica frio. Depois, cavalheiros, em guarda.

—Viva a mãe Martha! Gloria á mãe Martha! Ao Pantheon, ao Pantheon, com a mãe Martha!

(Continua)

FOLHETIM

1

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

I

Eu sinto uma saudade, doce como os effluvios que arranca do coração o toque de «Ave Maria» no campanario do sertão, triste como o gemido da rola a prantear a perda do terno companheiro;

Eu sinto minha alma, arrebatada nas azas do pensamento, rir e chorar, em extasis de poetica melancolia, toda a vez que me vem á mente uma recordação dos meus tempos de estudante, dessa quadra da vida em que tudo são flores, porque os espinhos estão guardados para o fim.

Repassava eu pela memoria as scenas desses felizes tempos; e eis que do lindo jardim se destacam e vêm á mim, dois vultos de moços que foram meus melhores amigos na Faculdade de Medicina, onde juntos estudamos.

Já lá vão annos e annos, já ninguém se lembra mais dos dois astros que fulguraram na sciencia e na litteratura, já só guarda lembrança de sua passagem por nossa sociedade este velho perdido para a terra que parece ter tido por missão cerrar os olhos aos companheiros de jornada, esperando que lhe cerrem os seus os filhos da nova geração.

Pois bem; antes que chegue esse dia, para tantos pavoroso e para mim auspicioso, quero dizer ao leitor a historia dos dois moços, que acudiram á minha evocação do passado, meus caros companheiros, que trocavam as alegrias deste valle de lagrimas pelas lagrimas do valle de alegrias.

Chamavam-se Julio Ribeiro e Martin Corrêa.

Julio e Martin eram tão distinctos pelo caracter como pela intelligencia, almas nobres e illustradas duas petalas de uma

Começa por estudar a vida como a resultante, para todos os seres vivos, das relações que existem entre a sua constituição physica e o mundo exterior, analysa com um seguro criterio a questão da destruição e da criação organicas, e, procurando fixar as propriedades geraes dos seres vivos nas modalidades de organização, geração, nutrição e evolução, mostra como o simples jogo das leis physico-químicas é insufficiente para produzir esses phenomenos que, de resto, a sciencia não nos explica satisfatoriamente.

Considerando que a cellula que entra na composição dos seres vivos é sempre identica, quer no tecido das plantas quer no dos animaes, como os ossos, os nervos, os musculos, as unhas, os cabellos, etc., e que o principio vital que anima esses seres por si só nada produziria se uma intelligencia não lhe estivesse associada desde as suas manifestações mais rudimentares até o mais alto grau de complexidade, pois que «na formação da creatura viva, a vida não fornece como contingente senão a materia irritavel do protoplasma, materia amorpha, na qual é impossivel distinguir o menor rudimento de organização, o mais pequeno indicio do que será o ser vivo» o autor lança-se em procura do novo factor que determina as condições da organização do ser, d'esse mysterioso *quid* que fixa exteriormente a modalidade typica de cada especie, e vai encontral-o no perispirito.

Mais feliz do que Cudworth que a esse respeito foi apenas um intuitivo, tendo de contentar-se com o *mediator plasticus*, por elle imaginado para manter as relações entre a alma e o corpo, o autor pôde avançar aquella proposição, como base do seu estudo, porque ali estão as photographias transcendentes para attestarem que o perispirito não é uma criação puramente imaginativa, mas tem, ao contrario, uma existencia real e objectiva, podendo, como se vê, impressionar até a placa photographica.

A partir d'ahi, e admitida a existencia d'esse novo factor, que a sciencia ignorava, e com elle a do *principio intelligente* a que elle está associado, a questão da evolução animica dos seres se esclarece de uma luz nova

e é sustentada com uma propriedade de demonstração que nada tem que invejar aos mais seguros methodos de verificação da sciencia official.

(Continúa)

COLLABORAÇÃO

Humildes considerações de um crente

AO ILLUSTRADO MESTRE DR. BEZERRA DE MENEZES

Meu caro Mestre :

Para podermos fazer uma idéa da grandeza do assumpto de que, com tanta incompetencia, nos comprometemos a tratar, mesmo encarado pelo lado material, trasladamos para aqui a variedade de *mediumnidades* que encontramos no sublime *Livro dos mediums*, do nosso bom mestre Allan Kardec.

Mediumnidades :

Sematologia, ou signaes ; pneumatographia, ou escripta directa ; pneumatophonia, ou sons vocaes que imitam a voz humana ; psychographia indirecta obtida por meio de cestas com lapis ; por effeitos physicos e electricos ; sensitiva ; auditiva ; falante ; vidente ; somnambulica ; curadora ; psychographia directa, ou manual ; inspiradora, e a que se manifesta por meio de presentimentos.

Alem das categorias de mediums caracterizados pelas qualidades mediumnicas que vimos de enumerar, ha uma infinita variedade de muitos outros especiaes, como sejam : naturaes ou inconscientes, facultativos ou voluntarios, typologicos, motores, de traslações ou suspensões ; de effeitos musicaes ; de apparições ; de transportes ; nocturnos, excitadores, propheticos, erostaticos, pintores e desenhadores, musicos, mecanicos, semi-mecanicos intuitivos, polygraphos, polyglotas, illetrados, poeticos, medicos (entre nós receiptistas), etc.

Attendendo a que a manifestação de cada uma d'estas variedades de mediumnidade é função das condições physicas do medium, pois que a me-

diunidade é propriedade do organismo, é nosso dever, imposto pela necessidade, estudarmos o corpo humano sob os seus dois aspectos scientificos : anatomico e physiologico, estudo que até hoje tem sido descurado, se não por todos, ao menos pela maioria dos nossos confrades.

Ha muito é conhecido por todos os biologistas, maxime pelos antropológicos, que as disposições moraes são profundamente influenciadas pelas condições moribidas do corpo.

Esta theoria, por todos acceita e por ninguem refutavel, modernamente serve de base á uma escola criminalista fundada pelo sabio Lombroso, escola á que, digamos desde já de passagem, não podemos nos filiar pelo desequilibrio das idéas que formam o seu edificio, pois que os seus adeptos entregam-se exclusivamente ao estudo dos effeitos sem a minima preocupação da causa — o espirito.

Mas citamol-a porque reconhecemos em seu fundador autoridade e competencia nos assumptos anthropologicos.

Nós outros, os investigadores da nova revelação, melhor do que elles, sabemos quanto influem as condições physicas e physiologicas nas manifestações moraes, pois todas as vezes que se manifesta uma obsessão encontramos o desequilibrio physico, ou uma affecção organica correspondente, dando accesso e permitindo a influencia malefica de um espirito infeliz sobre o organismo d'um pobre irmão que carrega a cruz da existencia corporea.

E tanto é isto verdade que o nosso bom mestre Allan Kardec nos aconselha que sempre que depararmos com uma obsessão devemos tratar da cura simultanea do corpo e da alma.

Diz-nos mais : que muitas vezes a enfermidade physica é a causa efficiente da obsessão, é a porta larga por onde têm ingresso os males moraes. De modo que, afastada a causa, desapparecerá o effeito resultante ; fechada a porta, cessa o ingresso.

Pelas ligeiras e tosas ponderações que acabamos de expender, meu caro mestre e amigo, pôde-se perceber quanto se torna imprescindivel o estudo racional e positivo, feito á luz da sciencia e da verdade, das condi-

ções physicas do medium, o phonographo universal dos nossos irmãos do espaço, o clarim estridente da verdade, o telegrapho da nova revelação, o porta-voz do infinito.

O medium será o fiel interprete do espirito que deseja communica-se connosco, pobres desterrados n'este presidio denominado—Terra—que de motu proprio escolhemos pela transgressão das leis divinas, segundo o seu organismo se acha nas condições mais favoraveis, moral, intellectual e physicamente ; queremos dizer : se o medium fór moralizado, instruido e se os órgãos de seu corpo estiverem funcionando normalmente.

Mas, caro mestre, nas observações que a tal respeito temos feito, nós, que procuramos a verdade despreocupados do espirito de systema, encontramos — perdoem-nos os nossos irmãos mediums e permitam-nos a franqueza rude, porém sincera e verdadeira, — os mediums, em sua maioria, physicamente enfermos, uos atacados de hysticismo, outros de dyspepsias ou de grandes perturbações gastricas (estes em maior numero), outros com as funções hepaticas anormalizadas, outros de neurasthenia, etc., etc.

Como admittirmos que apparelhos com taes ou semelhantes perturbações organicas ou funcionaes possam facilmente elaborar os pensamentos dos espiritos que por misericordia do Senhor vêm connosco se communica, quando sabemos que as funções cerebraes são immediatamente dependentes das digestivas ? !

Como poderão os nossos irmãos mediums manter passividade, quando o systema nervoso, base do mediumnico, se acha completamente alterado pelas perturbações gastricas, pelas neurasthenias e por muitas outras enfermidades congeneres ? !

Não ; não é possivel que o medium, physicamente collocado em situação tão critica, devido ao estado morbido do seu organismo, possa com fidelidade traduzir o pensamento do espirito, possa produzir e dar o que deve dar e produzir.

Assim sendo, como de facto as coisas assim se passando, podemos lobrigar e comprehender quanto é grande a misericordia de Nosso Senhor Jesus Christo, quão grandes são a abne-

que a mãe natural, quando sentiu que ia finar-se, chamou a negra e disse-lhe, banhada em lagrimas :

— Mãe Martha, morrerei contente, se você me prometter ser para minha filhinha, o que foi para mim.

A preta não pôde articular uma palavra de resposta, mas seus olhos disseram o que queria a moça ; pois que, abraçando-a e beijando-a, despediu-se da vida.

Novos cuidados maternos occuparam os, já agora, alegres e tristes dias da existencia da boa Martha, que via na bella criancinha o retrato da perdida filha—seu puro amor.

Zulmira, assim chamava-se a que já ella amava, como amara a mãe, chegou aos vinte annos, quando escolheu marido, que foi o pae de Martin.

Casou, mas a dona da casa era Martha — e, muitos annos depois de casada, teve um filho : este Martin, que conhecemos, e Martha constituiu-se, pela terceira vez, a ama de mais um filho dos seus ex-senhores.

Martin, seu querido filho, já tinha quinze annos, quando perdeu o pae — e dois a tres annos mais tarde, a mãe.

A mãe Martha, já então bem velha, soffreu tão grande choque que, se não fora o amor que votava a Martin, e que era retribuido com igual fervor, teria acompanhado de perto a filha, que fez-lhe sempre alegres os horizontes da vida.

— E' a ultima daquella grande familia, que me perfillhou, que me salvou da triste sorte do negro, que me encheu, por toda a minha vida, o coração de puras alegrias. E' ingratitude ficar eu, quando todos os meus beneficeiros se foram. E denmais ; o que faço eu na terra que, para minha alma, só elles povoavam ? Pobre velha ; tua missão está completa ; abre teu coração á dor, a esta dor que o traspasso com lantinas afiadas e deixa que ella te extingua o sopro de vida.

— Mas, eu, mãe Martha ? Eu nada lhe valho ? geneu de um canto escuro do quarto, onde velava noite e dia, pela sua segunda mãe, o sensível Martin.

— Martin, meu filhinho, perdoa-me ter-te esquecido. Sim ; não está tudo acabado para mim ; ainda te tenho na terra ; vive, Martha ; quem sabe se não lhe poderás ser util ?

(Continúa).

FOLHETIM

2

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

II

A mãe Martha era uma preta velha, que de tão velha já estava recurvada, como se fosse gibbosa, era feia, que de feia nunca encontrou quem tentasse contra sua castidade — era por isso boa e sobretudo asseada, de modo que os rapazes a quem servia e os que com elles conviviam tomavam-na, muitas vezes, nos braços e andavam com ella em charola, nos dias em que lhes preparava, para o café, uns bolos de arroz com aipim ou de mandioca puba, que só ella possuia o segredo de fazer como ninguem.

Mãe Martha recebia todas aquellas endemoniações das crianças, como ella dizia, com evangelica resignação, e mesmo com certo orgulho, porque tinha a consciencia de que não havia quem a imitasse na arte, que ella as vezes chamava sciencia, daquellas preparações culinarias.

— Nhônô — seu Julio — meninos, se vosmecês não me deixam sosegada, eu vou-me embora daqui. Arre ! Não sei porque hei de estar supportando, eu já velha, estas loucuras de crianças, que ainda mijam nos cueiros !

— Nada, não, mãe Martha, não nos deixe, bradavam todos, cada dia mais charoleando com a velha ; nada, mãe, se você nos deixa, nós a seguiremos por toda a parte, até o inferno.

— Para o inferno vão vosmecês, gritava a velha, esforçando-se por guardar o sério, que toda a se rir por dentro era ella, por conhecer que as crianças faziam aquellas endemoniações por lhe quererem bem. — Pois sim, eu não me vou, mas vosmecês hão de temer odo, hão de ficar quietinhos.

— Está dito. Nós ficamos quietinhos, mas você, mãe Martha, hade prometter fazer-nos todos os dias, destes bolos, cuja receita, parece, lhe foi dada pelos anjos.

— Todos os dias, não posso, que nem sempre tenho aipim e mandioca puba, mas faço-os duas ou tres vezes por semana e infallivelmente aos domingos.

— Vã feito, vã feito ; e viva a mãe Martha ! Gloria á mãe Martha ! Ao Pantheon a mãe Martha !

E esta formula ficou consagrada para os dias em que contavam com os famosos bolos, como esse de que falamos no precedente capitulo.

Quem era essa creatura que tanto tempo tem tomado a mim e ao leitor ?

Não é sómente nas camadas mais elevadas da sociedade que se encontram caracteres dignos de serem modelados. Nas inferiores talvez os haja em maior copia.

Não terão esse verniz que dá a fina educação, e que nem sempre é esmalte da virtude ; mas são brilhantes de pura agua cobertos por cascalho.

O que se quer é a essencia — e esta, Deus a espalha, como as gotas d'agua do céu, sem distincção de logar nem de classe.

E' certo que a educação desenvolve o germen ; mas aquelle que é, de natureza, propenso ao mal, quasi sempre é revesado aos bons ensinios : pedras falsas engastadas em fino ouro.

O pobre e humilde, que nasceu e vive ao rez do chão social, se não tem a luz dos grandes a encaminhal-o, tem, dentro de si mesmo, o lumen santo : a consciencia, que é a estrella dos Magos a guial-o ao presepio, onde se occultam e se patenteiam os factos da verdade e do bem.

A educação dá azas ; mas creaturas ha que já as trazam... de onde ?

O negro, nascido e criado no esterquilinio social, possui, muitas vezes, sentimentos que nobilissimos fidalgos não tem como agazalhar-os em seu peito.

Brilhantes de pura agua, cobertos de cascalho — pedras falsas, engastadas em fino ouro.

Mãe Martha, nasceu na senzala da familia Corrêa — e, desde que teve consciencia de si, manifestou, bem claro, suas disposições oppostas ás de seus progenitores : cordeiro nascido de lobos !

meios de acção e de observação, em virtude de sua obstinada repulsa aos elementos que aquella lhe offerece. Porque, como muito bem diz o Sr. Gabriel Delanne: «o spiritismo tem por dever esclarecer a sciencia, estendendo o seu dominio até ao mundo invisível. Diremos pois — accrescenta o auctor — que, se o espirito que vem á terra traz incontestavelmente as acquisições de suas vidas anteriores, é preciso, todavia, ter em consideração as disposições organicas que podem ser favoraveis ou prejudiciaes ao desenvolvimento de suas faculdades nativas.»

Emquanto a sciencia humana se aferrar ao estreito systematismo que herdou de um seculo de scepticismo esterilizador, ha de errar nos estreitos corredores da sua ignorancia e tacitar nas trevas que lhe tolhem os vãos. Nunca poderá penetrar os grandiosos segredos da creação cuja chave se acha fóra dos seus dominios actuaes. No dia em que, porem, se resolver a abrir mão do seu orgulho pueril e descerrar os olhos á luz que brota em jorros da nova doutrina, ella caminhará com agigantados passos na longa estrada que d'esse lado se descortina, ampla, illuminada, e que conduz á verdadeira sabedoria.

Ao seu encontro surgem de todos os lados os apóstolos, como esse valente G. Delanne, incançavel em aplainar as difficuldades da passagem d'esses transviados para as nossas fileiras. O seu livro, de que tão longamente nos temos occupado, e que estuda não sómente o homem em toda a sua extensa evolução para o infinito, mas o proprio universo no ponto de vista de sua mesma evolução, é um subsidio valioso para esse desejado congraçamento, com o qual só terá a lucrar a humanidade que é toda nossa irmã. Vêde como são consoladoras estas palavras que constituem o seu fecho, e que são como os opulentos arabescos que traça um

grande artista sobre a frontaria de um monumento construido com uma intuição artistica e uma solidez que desafiam as vicissitudes do tempo e a incredulidade dos vãos:

«Com a certeza das vidas successivas e da responsabilidade dos actos, muitas questões se apresentarão sob outros aspectos. As questões sociaes, que assumem, na nossa epoca, um terrível caracter de acrimonia, poderão ser amortecidas pela convicção de que a duração de uma existencia não é mais do que um momento transitorio na evolução eterna. Com menos orgulho em cima e menos inveja em baixo, nascerá uma solidariedade effectiva ao contacto dessas consoladoras doutrinas, e talvez nos seja dado ver desaparecer as luctas fraticidas, ineptos productos da ignorancia, a se dissiparem em face dos ensinamentos de amor e de fraternidade, que constituem a aureola radiante do spiritismo.»

Para completar dignamente esta noticia e para que os leitores melhor possam julgar da importancia e da complexidade das materias tratadas no seu livro pelo Sr. Gabriel Delanne, aqui reproduzimos o respectivo quadro que é como um desafio á sua leitura suggestiva:

INTRODUÇÃO.

I. A VIDA. — Estudo sobre a vida. — Destruição organica. — Creação organica. — Propriedades geraes dos seres vivos. — Condições geraes da manutenção da vida. — A humidade. — O ar. — O calor. — Condições chimicas do meio. — A força vital. — Porque se morre. — A utilidade physiológica do perispírito. — A idéa dirigente. — A função organica. — O papel psychologico do perispírito. — A identidade. — O systema nervoso e a força nervosa ou psychica. — Resumo.

— Eu deixei o meu Nelon sobre aquella cadeira; e onde é que você o poz, mãe Martha?

— Que historia é essa, menino? Eu não vi nenhum latão em cima da cadeira. — Não é latão, mãe Martha; é Nelon, um livro.

— Ah! um livro que você deixou alli, e que o vento atirou ao chão, todo amarrado, apanhei-o e botei-o na estante que é o lugar dos livros.

— E minha calça e meu paletot de andar em casa, que deixei em cima da cama?

— Estão no cabide, que é onde você devia tel-os deixado; porque cabide se fez para roupa e roupa para cabide.

— E meus chinellos, que deixei...

— Que deixou espalhados pelo quarto. Estão no seu lugar: debaixo da cama.

— Ora, mãe Martha; isto é uma confusão, que me põe tonto.

— Confusão! confusão é a que você faz, Martinzinho, deixando tudo fóra de seu lugar e espalhado pelo quarto, que é uma vergonha e faz dó.

— Pois, sim; mas eu cá me entendo com as minhas coisas; tanto que no escuro eu sei onde encontrá-las; entretanto com suas arrumações, nem dia claro posso saber dellas.

— Ah! você, então, não quer mais as minhas arrumações? Pois, meu caro, arrume seu quarto, que eu não botarei mais os pés aqui, para não pô-lo tonto.

— Não — não, mãe Martha, não faça isto. Também você zanga-se logo com as minhas impertinencias! Dê-me cá um abraço — e façamos as pazes.

— Mas você não diz que aqui eu faço confusão?

— Está bom; eu sou um pateta; não se zangue; sim?

E assim acabava aquella scena diaria, que moia a velha por algum tempo, mas que banhava-lhe a alma em alegrias pelo modo como o rapaz, todos os dias, a encerrava.

Pareciam arrufos, propositalmente arrumados por namorados, para produzirem as doçuras da reconciliação.

Quanto a Julio, o caso era o mesmo; mas o endiabrado provocava-a só para bolar com a velha, que estimava-o muito, principalmente por vel-o muito amigo do seu Martinzinho.

II. A ALMA ANIMAL. — Os selvagens. — A identidade do corpo humano e do dos animaes. — Estudo das faculdades intellectuaes e moraes dos animaes. — A curiosidade. — O amor-proprio. — A imitação intelligente. — A abstracção. — A linguagem. — A idiotia. — Amor conjugal. — Amor maternal. — Amor do proximo. — O sentimento esthetico. — A gradação dos seres. — A lucta pela vida. — Resumo.

III. COMO O PERISPIRITO PODE ADQUIRIR PROPRIEDADES FUNCIONAES. — A evolução animica. — Theoria cellular. — Nos organismos, mesmo rudimentares, é necessaria a presença do principio perispiritual. — Diferenciação das cellulas originariamente semelhantes no momento d'essa formação. — Movimentos que se fixam no involucre. — Nascimento e desenvolvimento dos instinctos. — A acção reflexa, seu papel, inconsciencia e consciencia. — Progressão parallela do systema nervoso e da intelligencia. — Resumo.

IV. A MEMORIA E AS PERSONALIDADES MULTIPLAS. — A antiga e a nova psychologia. — Sensação e percepção. — Condições da percepção. — O inconsciente psychico. — Estudo sobre a memoria. — A memoria organica ou inconsciente physiologico. — A memoria psychica. — A memoria propriamente dita. — Os aspectos multiplos da personalidade. — As alterações da memoria pela enfermidade. — Dupla personalidade. — Historia de Félida. — Historia da senhorita R. L. — O somnambulismo provocado. — Os diferentes graus do somnambulismo. — O esquecimento das existencias anteriores. — Resumo.

V. O PAPEL DA ALMA, NO PONTO DE VISTA DA INCARNAÇÃO, DA HEREDITARIEDADE E DA LOUCURA. — A força vital. — O nascimento. — A hereditariedade. — Pangenese. — A hereditariedade physiologica. — A hereditariedade psychologica. — A obsessão e a loucura. — Resumo.

VI. O UNIVERSO. — A materia e o espirito. — A evolução cosmica. — A evolução terrestre.

CONCLUSÃO.

Quando, porém, a pirraça levava a moçada ao nariz da mãe Martha, esta disparava, declarando: que ia-se embora, já — já, sem mais demora.

Julio apreciava aquella pratinha, como que mais; porém lançava aos ventos o *quos ego* — toda a tempestade amainava.

Era correr para a velha tomar-a nos braços, beijal-a, e dizer-lhe: meu amor, tu tens animo de abandonar o teu Julinho, que te ama mais, muito mais, cem milhões de vezes mais do que o Martin?

— Não é capaz, bradava a velha, toda assanhada.

— Juro que é verdade, por minhas barbas.

— Pois se me quer bem, dizia a velha, já meo sensibilizada, não me faça mais destas graças.

— Não faço mais, não, meu coração; mas você fica; não é?

Estava feita a paz, sem prejuizo de repetir-se a mesma scena no dia seguinte.

Era uma vida de alegres folias — vida que só é dada ao estudante, e que — ah! já tão longe estou de gozal-a, a não ser assim, pela recordação, de que sómente vive a velha — que é a sua mais pura alegria.

No dia em que nos achamos, por obra de uma daquellas gratas recordações, a mãe Martha teve ferias, porque os rapazes não sabiram, e porque esteve ella muito atarefada com o preparo dos bolos.

Eu fui o unico que appareceu, dos frequentes habituaes; pelo que fraca foi a troça com a velha, durante o tempo da soberba refeição.

Quando o Sr. Max está só com estes dois moços, disse a velha a servir-me dos seus bolos, esta casa pode-se aturar; mas quando vêm os outros, parece coisa que todos os demonios do inferno se soltaram. Cruz! Nunca vi coisa assim!

— Então, sou um bom rapaz; não é, mãe Martha?

— Não digo que sim, porque o senhor faz boa perna com os outros; mas é verdade que dentre todos, o senhor é o que tem mais modo.

— Obrigado, mãe Martha — obrigado pelo elogio e venha de lá um abraço.

— Um abraço por causa dos bolos; não é?

— Pois então, dizer que você é mestra dos mestres de fazer bolos não vale alguma

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas
REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64)

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III, v. 6.)

LUCAS

CAPITULO I, VERS. 5 — 25

APPARIÇÃO DO ANJO A ZACHARIAS, — NASCIMENTO PREDITO DE JOÃO; — ZACHARIAS EMMUEDECIDO

V. 5. — Havia, no reinado de Herodes, rei da Judéa, um padre chamado Zacharias, da familia sacerdotal d'Abia, uma das que serviam no templo, cada qual em sua ordem; e sua mulher era tambem da raça de Aarão, e chamava-se Izabel; 6, eram ambos justos perante Deus, e procediam em relação a todos os mandamentos e ordenações do Senhor, de maneira irreprehensível; 7, não tinham filhos, porque Izabel era estéril; e eram já ambos avançados em idade; 8, ora exercendo Zacharias a sua função de padre á face de Deus, na ordem de sua familia; 9, aconteceu, mediante sorteio, segundo o que se observava entre os padres, que lhe tocasse entrar no templo do Senhor para ahí offerrecer os perfumes. 10. — Entretanto, toda a multidão do povo estava fóra, fazendo sua oração, á hora em que se offerciam os perfumes; 11, e um anjo do Senhor lhe appareceu, conservando-se em pé á direita do altar dos perfumes. 12. — Zacharias, vendo-o, ficou todo perturbado, e o terror se apossou d'elle; 13, mas o anjo lhe disse:

«Não temais, Zacharias, porque a vossa prece foi attendida, e Izabel, vossa mulher, vos dará um filho, ao qual dareis o

coisa? Olhe, mãe Martha: se eu fosse velho como você, não me casava com outra, só para...

— Para comer bolos?

— Até certo ponto; mas tambem para botar o Martin de seu coração para fóra.

— Lá isso não...

— Como! Então havia de querer-lhe mais do que a seu marido. Já me sinto com ciúmes e certos receios do que se dizia.

— Meu menino fique certo de uma coisa: ás vezes me parece que este amor por Martin vem de muitos seculos — que elle já foi coisa minha n'outros tempos.

Aquellas palavras da preta velha pozeram termo á galhofa — e deram principio a uma discussão séria, entre mim e Martin, de um lado, e Julio do lado opposto.

— Vês, Julio, como a verdade se manifesta pela boca dos que têm o coração limpo do mal?

— Pela boca da mãe Martha, que conhece cosmogonia, como um doutor, é o que queres dizer.

— Pois sim; pela boca da mãe Martha, que não sabe cosmogonia — e que, por isso mesmo, não tem idéas fixas — sómente sabe o que lhe segreda sua alma pura.

— Então quem quizer aprender, em vez de procurar livros — em vez de ouvir a sabios, vá confabular com os ignorantes, de coração simples, como dizes?

— Sim; disse a velha, n'um tom de autoridade, que surpreendeu a todos, especialmente a Julio. — Sim; aos limpos de coração Deus dá o que nega aos orgulhosos da fôfa sciencia humana. O que sabeis, pobres cegos, que não sabeis, sequer, quem sois, donde vindes, e para onde ides?

A' esta pobre velha foi dada a intuição da verdade; porque, de facto, ella foi, em uma vida passada, mãe extremosa deste moço, que lhe é hoje um extranho. Seu espirito não é baldo de saber, tal e tanto que curvar-vos-hieis respeitosamente, se vos fosse dado ver suas irradiações. Perdeu-se, exactamente, pelo orgulho de tanto saber — e foi para renir tal falta, que veio em condição desprezível passar pela vida, elle que é foco de luz, sem se fazer notar senão por sua crassa ignorancia.

A velha despertou, exclamando:

— Que sonho! Vi-me numa academia,

de que eu era o maior sabio.

(Continúa.)

FOLHETIM

3

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

III

A mesa em que estava servido o café para os tres estudantes amigos: Julio — Martin e Max, não parecia ser da casa de estudantes, tal o aceio, tal a ordem, tal a propria condição do aparelho, da mobilia, de tudo que se achava na sala. Nem um fio no chão, nem uma nodosa na mesa, uma toalha de admiravel alvura, cadeiras todas espanadas e em seus logares, bule, assucareiro, chicaras e talheres sem um pedaço tirado, sem uma rachadura, limpos de espelharem!

E assim como era alli, assim era na sala chamada de visitas, e assim no quarto dos dois moços, principalmente no de Martin, que parecia o *boudoir* de uma moça do tom e bem faceira!

E tudo aquillo era obra da mãe Martha, que sobreviveu á sua Zulmira, por amor do Martinzinho, a quem poderia talvez ser util, e a quem dedicava todo o seu tempo e todos os seus pensamentos.

Era uma idolatria!

Martin, quando sahia, deixava o quarto que parecia casa de belchior; a mãe Martha já sabia: era preciso correr a plantar a ordem no chaos.

Chegava, coçava a cabeça, como se estivesse zangada; depois soltava uma gostosa risada, com estas palavras: coitado do meu filho e do estroina do Julio, que, afinal de contas, é bem bom rapaz. Se não fosse eu, como passariam sem ter quem cuidasse dos seus arranjos, ainda mais o Martin, que é mesmo um desarranjado?

E a velha, resmungando por esse teor, ia pondo tudo em ordem; mas, coitada, quando voltava o filho, era increpada de ter desarranjado tudo.

garem-n'os— apenas com movimentos de mãos, como quem buscava percorrer de longe o corpo molesto, dava de todo movimento natural e constante ao membro paralytico, a ausencia de dôr á parte dolorosa, e afinal saude a quem della necessitava».

O Dr. João Lopes de Azevedo faz longa analyse da magnetização directa e da magnetização da agua, dizendo que são esses dois processos os empregados pelo Dr. Eduardo Silva; o Dr. Sene Junior entende que o Dr. Silva «dispõe de uma força perfeitamente natural, porém apenas lóbrigada pelos nossos sentidos».

O Dr. José Carlos da Silveira, medico, abstem-se de dar opinião sobre os processos, dizendo «o que unicamente posso afirmar, e isto com toda a lealdade, é que observei pessoalmente algumas curas e sei tambem que alguns dos meus amigos foram por elle perfeitamente curados». O Dr. Monteiro de Barros, medico, attesta o seguinte: «Que o Sr. Dr. Eduardo Silva tem praticado numerosas e importantes curas, trabalhando em minha presença ha dois annos; que o seu systema, que consiste em curar pela transmissão de fluidos, é absolutamente inoffensivo e na maior parte dos casos sempre proveitoso.»

Creações da vontade

(REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME)

As creações fluidicas da vontade não são concepções puramente imaginativas; ellas existem realmente, e a vontade, projecção de força, fonte de energia, impressiona o ether psychico, aggrega-lhes as moleculas e determina a formação de entidades perfeitamente definidas.

A substancia etherica, isto é, a materia subtil e, por assim dizer, espiritualizada, é impressionavel aos menores movimentos do pensamento hu-

mano. Como o ar vibra em forma de som, o ether psychico vibra sob a influencia da vontade e sofre a acção do pensamento humano.

Essa acção se traduz por uma impressão luminosa, isto é, por uma forma; traduz-se igualmente por uma força, o que quer dizer que é susceptivel de mover-se em uma determinada direcção e agir á distancia.

Essa criação da vontade encerra tambem uma especie de electricidade, de magnetismo, que dota-a de um poder attractivo ou repulsivo, permitindo-lhe, quer aggregar-se a outras manifestações analogas, quer dissolver-se.

O pensamento é a força inicial e creadora por excellencia, seja elle o pensamento divino, manifestação da intelligencia universal nas obras da criação, ou seja o pensamento humano em seu modo de acção mais limitado.

O pensamento divino, perfeito e harmonico, materializa-se pouco a pouco na substancia para ali organizar a vida; o pensamento humano, imperfeito e limitado, não realiza mais na materia as leis geraes do universo; como, porem, o homem é o microcosmo do grande todo, repete em uma exígua medida a acção divina magistral, e, tambem elle, impressiona e aggrega os atomos da materia.

A materia etherica, impressionavel á vontade do homem, forma como que uma vasta zona de substancia plastica que a vontade humana trabalha, modela a seu talante.

Os movimentos que a vontade imprime ao ether psychico apresentam aspectos diferentes e produzem diferentes phenomenos em relação com a natureza e a emissão do movimento.

Os pensamentos semi-inconscientes que o ser humano deixa emanar de si mesmo, dotados de uma fraca energia, de um movimento lento, impressionam pouco o ether psychico, e a impressão vaga e de curta duração não aggrega senão fracamente os atomos. A forma que resulta d'esses pensamentos semi-inconscientes, sem cunho determinado, extingue-se depressa. Se, ao contra-

rio, o pensamento energicamente concebido é projectado com energia, manifesta-se por uma forma nitidamente determinada e cuja persistencia está em relação directa com a intensidade do movimento e com a applicação do mental humano sobre esse pensamento.

Um pensamento fixo ou dominante cria uma imagem nitida e de uma duração que pode ser muito longa. Essa imagem, ou força, porque ella está longe de ser inerte, pode ser dirigida pela vontade para um fim determinado e manifestar-se por uma influencia sensível ou occulta.

A vontade produz verdadeiras correntes psychicas que attrahem os pensamentos analogos e luctam contra os pensamentos contrarios. E como o homem pensa continuamente, as creações de sua vontade povoam o mundo psychico e podem ser percebidas por certos videntes.

Muitissimas vezes um sensitivo somnambulico, ou dotado da dupla vista, percebendo essas imagens que cada um de nós possui em sua atmosphera perispiritual, tem a illusão de devesar o futuro, emquanto que não vê senão as formas emanadas dos nossos desejos, ou produzidas pela nossa imaginação.

As creações da vontade se transformam com a natureza dos pensamentos iniciaes. Os pensamentos de ordem material, isto é, inspirados em coisas concretas, affectam a physionomia do objecto real a que se referem. Assim, o pensamento relativo a um gato creará a forma psychica de um gato, o relativo a uma flor creará uma flor, etc.; se os pensamentos, ultrapassando a ordem material, se elevam á ordem espiritual, manifestam-se por movimentos cuja impressão é mais simples e que se traduzirão, quer por uma vibração harmonica, quer por uma forma geometrica, quer por uma impressão puramente luminosa e colorida.

Assim, os pensamentos de bondade, de justiça, de caridade, de amor, todos

os sentimentos nobres e elevados que são coisas abstractas, projectados no ether psychico, ali se desenvolvem sob o aspecto de movimentos luminosos cujas ondas apresentam ao sentido de um vidente desenvolvido admiráveis variações coloridas, ou formas geometricas de uma harmonia perfeita.

Ao contrario, as creações da vontade má produzem movimentos vibratórios inharmonicos, cuja impressão produz a visão de tintas lugubres, de linhas quebradas, de formas mutiladas.

E' muito difficil vos definir de outro modo essas creações muito reaes da vontade, antes de tudo porque vos é quasi impossivel conceber outras formas que não sejam as apreciadas pelos vossos sentidos, e porque vos é ainda mais difficil comprehender que haja manifestações de materia sem forma, isto é, que se traduzem ao unico sentido da alma pela propria harmonia que n'ellas existe.

Todas as noções que possuis da harmonia vos são fornecidas por uma equivalencia, uma correspondencia material; destruida essa correspondencia, a harmonia nem por isso deixa de existir.

O musico que compõe nma sonata encerra em seu cerebro a essencia da harmonia que elle em seguida traduzirá por meio da notação musical e nos instrumentos; e entretanto, antes mesmo que tenha vibrado uma nota, o artista tem a percepção nitida do que vai logo depois exprimir materialmente.

Assim, para resumir, diremos que das creações da nossa vontade, um certo numero—todas as que são o resultado de um pensamento material relativo a uma coisa concreta—impressiona o ether psychico de um movimento vibratorio que reproduz com mais ou menos intensidade e duração o aspecto da coisa concreta; emquanto que os pensamentos relativos a coisas abstractas e puramente espirituales, boas ou más, transmittem ao

FOLHETIM

4

CASAMENTO E MORTALHA

POR

J. J. J.

PRIMEIRA PARTE

IV

O que a mãe Martha tomou por sonho, que muito lhe fez rir, foi para Julio um facto digno do mais serio estudo.

—Sim, senhor, Sr. Max; aqui não houve embuste, juro-o em honra desta boa velha.

— Gentes, meusinhos! Que têm vocês commigo? Será por causa do meu sonho? Ora; não faltava mais nada do que vocês acreditarem que eu fui mesmo um sabio, sendo uma mulher e uma preta velha.

Ninguém lhe respondeu; que todos estayam impressionados pelo successo, menos eu, que era familiar com esta ordem de trabalhos, mas que, apesar disso, me achava concentrado a reflectir na oportunidade do facto.

Eu vinha combater o materialismo de Julio, que me causava profundo pezar, pela certeza que tinha de que o querido amigo se encaminhava para um abysmo; e, quando menos esperava, a Providencia, que é o amor do Pae, fez a luz de um modo irresistivel.

A velha, surprehendida por nenhum de nós lhe responder, e vendo que todos guardavam um silencio tão profundo quanto grave, ergueu-se para ir a um trabalho ordinario; mas, em vez de seguir para a cosinha, como tinha deliberado, dirigiu-se para Julio, em cujo hombro poz a mão, pronunciando estas palavras:

— Mogo de bom coração, mas de ruim cabeça; não tens razão quanto á duvida que estás remoendo. Vacillas em acceitar

como manifestação de um espirito o que foi dito pela boca desta mulher, porque isto provaria a existencia dos espiritos e daria golpe mortal n'essas idéas materialistas que, tão em mal teu, assimilaste. Orgulho! Espirito de systema que, por misericórdia de Deus, te foi revelado, no exemplo d'esta mulher, até que dolorosa expiação arrasta os que se lhe entregam! Vacillas em acceitar o facto, que se deu á tua vista, pelo lado da verdade, e procuras explical-o pela tua sciencia, pensando em força psychica e em transmissão do pensamento. Dize-me: tinhas, acaso, pensado, tinha, aqui, algum pensamento n'esta historia --- de ter sido esta velha mãe de teu companheiro— de ter sido, em outra existencia, um sabio de renome universal? Como, então, receber a pobre mulher de vós, por força psychica ou por transmissão do pensamento, idéas que não estavam em vosso cerebro, usando da linguagem de tua escola? Filho, eu dou graças a Jesus, por me permitir auxiliar o empenho d'estes teus bons amigos, dando-te o que elles não te podem dar. Queima os livros de tua falsa sciencia e trabalha por instruir teu espirito nos ensinos de Nosso Senhor Jesus Christo; porque, sem o sustento, colherás nelles, nas dobras de sua sublime moral, o conhecimento das leis que constituem a verdadeira sciencia.

A mãe Martha despertou, e quasi cahiu de surpresa, vendo-se ainda na sala, que fizera tenção de deixar, e reconhecendo que dormira pela segunda vez, em tão curto espaço de tempo.

—O que é isto que eu tenho hoje? --- Martinzinho, dá-me um remedio, que eu não estou boa: estou dormindo em pé e... sonhando.

— O que foi que sonhou, mãe Martha?

—Quer saber, Sr. Max? Eu lhe conto. Sonhei que chegava-se a mim um bispo, cujos olhos enchião esta sala de luz---oh! que luz brilhante! --- e que me dizia: filha; e eu comeccei a falar; mas não falava por mim, senão o que elle me dava para eu dizer. E depois que falei, o bispo me disse: ama Julio, que tambem foi teu filho, e por isso que elle e Martin tanto se estimam e te estimam. --- Que sonho tão! Onde é que eu fui buscar estas idéas? Es-

tarei com febre? Tome meu pulso, Sr. Max.

Eu tomei-lhe o pulso, para fazer-lhe a vontade; mas conhecendo bem o phenomeno, estava bem certo, e lh'o disse, de que a boa mãe Martha não tinha nada.

A velha foi-se desta vez, e nós ficamos tres estafermas, a nos olharmos como se fossemos uns frades de pedra.

Fui o primeiro a romper aquella especie de estupor moral, produzido em mim, não pela novidade do caso, mas pela oportunidade, direi melhor, pela indicação clara de se dar elle para arrancar Julio á perdição.

Dois pensamentos me prendiam toda a actividade da alma: emquanto nós trabalhámos, na terra, por firmar nella a doutrina do verdadeiro progresso humano, os espiritos, no espaço, nos acompanhavam no alto empenho, aproveitando os ensejos de nos ajudarem; e, segundo, a luz foi dada a Julio, sem duvida porque seu espirito, apesar de desencaminhado, não o era por mal, mas sim por innocente erro. --- Deve ser isto: porque nem todos têm o que elle teve hoje.

— E agora, meu caro Julio?

— Agora, respondeu-me, como se acordasse de um pesado somno; agora fazer humildemente o meu penitét. Menos m'o arranca o facto maravilhoso de esta velha ignorante falar de coisas que são superiores á sua fraca capacidade, do que a circumstancia, verdadeiramente pasmosa, de me ler no pensamento quem quer que falou por mãe Martha, a duvida que me tomou: de ser aquelle facto obra de um espirito ou da materia. Eu cogitava realmente da força psychica e da transmissão do pensamento, como explicação scientifica daquillo, que me surprehendeu! Eu não reflectia então, como vejo claro agora, que todas as explicações que a sciencia procura para os phenomenos desta ordem: força psychica, transmissão do pensamento, magnetismo, hypnotismo e outras theorias sem criterio, alem de não comprehenderem aquelles phenomenos em todas as suas modalidades, são mais estupendas do que a obra dos espiritos, que elles repellam por estúpida. Oh! Eu vejo agora essa cadeia divina, cujos

elos são as creaturas humanas, presas umas ás outras pelo amor, e, pelo amor, presas todas ao Creador. Oh! é coerente com o que vejo, o preceito sublime: «Ama a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a ti mesmo.» Sim; o mundo espiritual é uma realidade! Com elle, e por elle, se explicam todos os phenomenos humanos; sem elles, a sciencia, a sciencia balofa dos homens emite mil theorias que nada explicam, que se combatem e que se destroem. Explica o que chama irracional e phantastico, por idéas e concepções mais irracionaes e mais phantasticas!

Já comprehendo Martin, o que chamei alma partida. São dois espiritos, que se amaram loucamente em uma existencia, e que nesta procuram-se, sem que nós, o ser mixto, o ser composto daquelle espirito e de um corpo a elle ligado—tenhamos consciencia de seus pensamentos e sentimentos privados, como esta velha ignorante não tem consciencia do vasto saber de seu espirito que, desprendido da materia, irá revelavel-o. Se aquelles dois espiritos amantes se encontram, a chama irrompe, invade a materia (o coração), e a missão se effectua, pôr obra do ardente amor de outras eras. E' perfeito o teu symbolo! Os dois podem-se dizer—duas metades de um ser, perdidas nos páramos infinitos: porque elles fazem um, pelo amor. E' isto! Minha alma é viuva, como a tua; somente não tem o que tens, o ardente desejo de saber, desse estado realmente desolador. Eu te disse que o meu coração é frio como o gelo; mas não te revelei que essa frieza, que não está em mim vencer, me produz tão vehemente desespero, como teu ardor. Sinto em mim um vacuo moral, como o que sente, physicamente, o que tem o estomago vazio por longa abstinencia. Sinto a necessidade de encher aquelle vacuo; mas como? Agora já explico tudo: tenho amor, como toda a creatura vivente; mas o meu amor está latente. Appareça o que lhe é objecto, e desse gelo irromperá incandescente lava. Oh! meus amigos. O dia de hoje é o do meu renascimento!

Eu aguardo ancioso, Martin, a metade de minha alma! *Continua.*

um pallido reflexo do que é a verdade, quando não são porta-vozes da mentira e da falsidade.

Sobre tudo vos recommendo: afastai os zombeteiros, quer incarnados ou desincarnados; que só os bons tenham ingresso nos vossos trabalhos.

Cerrai logo as portas do vosso templo, quando virdes que falta a concentração necessaria e a boa disposição de espirito; antes um dia perdido para o bem, do que um mal ganho que pôde trazer graves inconvenientes á propaganda.

Zelai pelo interior de vosso templo; que todos se tratem com urbanidade e como irmãos que trabalham para o mesmo fim.

Nada de vãos simulacros que desnaturem a simplicidade da doutrina e attraiam a curiosidade dos que só pensam em futilidades.

Obreiros da arca santa da verdade, possam estas palavras despertar em vós o sentimento do dever e dar-vos a certeza de que tendes ao vosso lado espiritos que zelam pela sagrada obra que vos foi confiada.

Termo aqui, pedindo-vos que examineis estas considerações e, com a vossa consciencia aberta e a vossa razão esclarecida, julgueis se ellas podem vir de um espirito mau, que procura introduzir a sizania entre as hostes do Senhor, ou se vêm de quem empenha todos os instantes de sua vida em bem servir a sagrada doutrina de Jesus.

Que Deus derrame sobre todos a paz da consciencia e a luz da verdade.

PAZ, AMOR E CARIDADE.

* * *

Centro Caridade de Jesus, — São Francisco, janeiro de 1898.

FACTOS

Os livros que se occupam da demonstração dos phenomenos e das manifestações spiritas, no ponto de vista da verificação experimental, estão re-

pletos de factos de aparições, de materializações, muitas vezes notaveis e revestidas de tal nitidez que excluem toda duvida que pudessem a seu respeito ser formulada.

E' sabido que taes manifestações se operam graças á faculdade que os espiritos possuem, alguns mesmo no estado de incarnados, de condensarem o seu perispírito ao ponto de se tornarem visiveis a qualquer pessoa e até serem accessiveis ao tacto e a outros meios de verificação e de experimentação.

O seguinte facto, que um estimado confrade nos envia para ser publicado, prova ainda uma vez a evidente produção d'esse phenomeno e vem, como tantos outros, attestar que a existencia do perispírito não é uma criação gratuita e hypothetica dos spiritas, mas é, ao contrario, um facto de observação incontestavel, sendo elle o intermediario indispensavel do espirito em todas as suas manifestações, pelo menos em um meio material e grosseiro como o nosso planeta e, porventura, a sua atmospheria.

Eis o facto:

« Ha cerca de 2 mezes o revdm. vigario de uma das freguezias d'esta Capital, achando-se só na sacristia, depois de haver celebrado sua missa, viu chegar-se a elle uma senhora idosa, bem trajada, a qual lhe pediu instantemente que fosse n'aquelle dia, sem falta, á casa do general T., que desejava confessar-se, indicando-lhe a rua e o numero da casa.

Dirigiu-se o vigario á casa indicada e ali encontrou o general lendo um jornal. Disse-lhe o fim a que vinha, e ficou perplexo ao ouvir aquelle dizer que não cogitava disso, que seu mal não era tão grave e não o mandára chamar.

Pedindo-lhe o general os signaes da senhora que assim o fôra incommodar, o visitante apontou para um retrato que pendia da parede, em sua frente.

enquanto a mãe Martha benzia-se, dizendo á meia voz: cruz, canhoto! Que demônio de homem! Pregou-me um susto de me fazer quasi cahir!

— Não tem nada, minha mãezinha, minha querida mãe Martha. Os raios são acompanhados de fortes trovões—e eu caio aqui como um raio, para pedir-lhe café, daquelle perfumado café, de que só você no mundo possui o segredo, como eu o de amar, amar, amar, até morrer.

Isto era acompanhado de abraços, que suspendiam a velha dois palmos do chão.

— Me largue, seu Cardoso!

— Só se me prometter o cafezinho quente—quentinho—quentissimo—e... e... com aquelles bolinhos, oh! que bolinhos do céu!

— Dou café com pão, que os bolos já se acabaram.

— Vá feito; mas, então, dou-lhe mais duas rodadas.

E o maldito a rodar com a velha, e a velha a gritar que a largasse.

— Venha cá o bom café; mas... vocês estavam aqui? Não tenham ciúmes de mim, por este amor ardente que voto á bella mãe Martha, a creatura mais angelica que conheço quando tem bolos para dar á gente.

— Pois olha: não calculas como estavam soberbos os que tivemos hoje.

— Maldita mãe Martha, feia e damnada velha, que não me guardou nem um! Eu te esconjuro, velha do inferno!

— Ah! me chama damnada, e me esconjura? Tanto melhor, que não lhe dou os que eu tinha guardado para mim.

— O que! minha vida! ainda tem uma reserva? Oh! que vida!—oh que vida! oh que prazer! Minha encantadora mãe Martha, não leve a mal o que eu disse; são arrufos de namorado; eu te amo—eu te adoro, graciosa creatura. Venham os bolos. A' scena os bolos. Vocês não querem mais, que já encheram o bandulho. Agora o negocio é só comigo. Vamos minha doce mãe, faze de mel do meu coração, nuvem adorada dos meus olhos; vamos com isto, que estou a morrer de fome. Vocês não sentiram a minha ausencia, rapazes?

— Onde estiveste, Cardoso?

— Calhem que já não podia tolerar o pigarro do José Mauricio a explicar anatomia e os arrotos do perá de roda do

— Foi aquella senhora.

— E' impossivel, respondem o outro. Esse retrato é de minha mãe, já ha muitos annos fallecida.

Ia o vigario retirar-se, quando o general, levado por subita inspiração, resolveu acceder ao convite e fez a sua confissão.

A' meia-noite, sem que nada prenunciasse tal acontecimento, o general T. falleceu repentinamente.

— Não ha lucta possivel, disse sorrindo o vigario, ao narrar esse facto; elles lançam mão de todos os meios e vão fazendo uma propaganda irresistivel.

Quanto ensino nesse facto tão simples!

COLLABORAÇÃO

A EXCOMMUNIÃO

« Eu não vim perder, mas salvar os homens. Deus não quer que se perca um só d'esses pequenos que elle me confia. »

São affirmações cathgoricas contidas nos ensinamentos do Divino Mestre, confirmando o artigo do velho credo mazdeista referente á remissão dos peccados. Como ousa o homem, depositario d'esses ensinamentos, arrogar-se o direito de condemnar seus irmãos, de cuja direcção elle crê, ou diz achar-se encarregado, a uma eternidade de penas—elle que só pôde julgar pelas apparencias, sem penetrar nas intenções, conhecer os sentimentos intimos daquelles que assim condemna sem remissão?

Jesus legou a seus discipulos, espiritos lucidos, grandes por sua simplicidade, abnegação, humildade e caridade, apesar da condição humilde em que se incarnaram, com o fim de ferirem mais os animos, quando suas faculdades se manifestassem brilhantes no curso de suas missões, o poder de ligar e desligar na terra o que seria ligado e desligado no céu.

Simples de coração, inspirados por espiritos da grande elevação, seus protectores espirituales, elles não fa-

Torres Homem a explicar chimica. Quem me livrará destes homens? dizia eu sempre comigo; mesmo porque eu não posso comprehendel-os, e tenho medo de saber mais do que elles, quando chegar o dia dos exames. Nem que eu tivesse pedido por boia; domingo atrazado, chega-me, como se calhasse do céu, o primo Zeferino, que tem uma irmã linda, como... como a mãe Martha quando faz estes paradisiacos, vernaculos e patheticos bolos.

— Seu Cardoso está doudo, Martinzinho.

— Deu com o meu mal, mãe Martha. Estou e estarei doudo, enquanto meu tio Estelino não me der a aurora das minhas felicidades, o occaso das minhas desventuras: a minha deliciosa prima Gertrudes.

— Ah! Gertrudes, Gertrudinha! tu és... és... O que é Julio, uma rapariga por quem a gente está enfeitado?

— Ora, que tolo! E' a porta inferi.

— Porta inferi? Vou dizer isto a ella, porque acho bonito; mas não será coisa ruim, Julio? Olha que eu não sei latim.

— Qual coisa ruim, meu palerma! Encontra-se esta expressão nas Tristes de Ovidio, applicada pelo divino poeta á bella Helena, rainha dos argonautas.

— Perfeitamente! Só chamarei agora a Gertrudinha, minha porta inferi.

— Mas explica-lhe, ajuntou Martin o que quer dizer esta expressão mimosa.

— E' o que quer dizer, meu cara de desmanar crianças?

— Quer dizer: entrada dos jardins das Eumenides.

— Eumenides! Eumenides são as fúrias. Eu não sei latim; mas isto sei muito bem.

— Não é, Cardoso; figuradamente tomam-se Eumenides por filhas da luz; tanto que Godofredo de Bulhões, em sua viagem a Pathos, chama as patas, dotadas de uma belleza brilhante como a da luz, as divinas Eumenides.

— Godofredo de Bulhões, seu patife! Godofredo de Bulhões, o grande vulto das cruzadas foi a Pathos e as patas?

Uma gargalhada, tanto mais rasgada quanto nos esforcavamos por guardar o serio quasi desapontou o Cardoso, que era o chefe dos vadios e gaiatos da escola, e que tinha, com effeito, tanto espirito quanto ignorancia.

ziam mais que traduzir em voz humana o que lhes communicavam esses protectores, o que já estava feito no céu. Elle, porém, não disse que esse dom seria transmittido, como uma herança, a todos os que, no correr dos tempos, usurpassem o titulo de chefes da propaganda da boa nova.

As idéas messianicas propagadas pelo imperio romano, já então em manifesta decadencia, soffreram muito com o contacto d'esse cadaver em decomposição. Foi-lhes necessaria a providencial invasão dos barbaros do norte, para inocular-lhes um sangue novo e generoso, para, sementeas nessas intelligencias ainda incultas, mas não corrompidas, produzirem a arvore cujos fructos hoje saboreamos. Afim, porém, de pôr-se ao alcance da comprehensão dos novos adeptos, conter suas paixões violentas, foi preciso apresental-as com um cunho de dureza que os aterrorasse.

Das ameaças, necessarias então para reprimir o impeto das paixões, o clero passou ao facto, e, esquecido dos ensinamentos do Divino Mestre, arrogou-se o direito de condemnar sem remissão, de impôr a sua vontade ao Senhor da criação.

Foi uma das coisas que mais contribuíram para desacreditar o catholicismo— a ostentação com que o clero prodigou as excommuniões na idade média, ferindo todos aquelles que se antepunham ás suas desarrazoadas pretensões.

De que soffrimentos e expiações foram ellas a causa!

Cumpramos agora apresentar-vos, resumindo-as, manifestações que obtivemos, em dias consecutivos, de dois espiritos soffredores que occupavam no mundo posições salientes no clero.

Um d'elles veio bastante perturbado e soffredor. A imagem que se estampava em sua mente, e que, por sua ligação com o medium, se reflectia na d'este, era a de um homem envolto em espessas trevas, padecendo um supplicio sem fim. Ao mesmo tempo que esse quadro fluidico seguia-o por toda a parte, assaltavam-lhe a mente blasphemias horribes. Elle excommuniara, convencido de

Tomando pé, o rapaz cahiu tambem na gargalhada, dizendo com o maior cynismo:

— Quando vocês iam, eu já vinha, meus meiros. Então pensaram que eu enguli as petas? Era preciso que eu não conhecesse a bisca que vocês são. Aqui só ha dois homens sérios: um é Max, o outro elle dirá quem é.

— Está bom—está bom, Cardoso; contemos a historia dos teus quinze dias de ausencia.

— Já vejo que vocês sentiram a minha ausencia.

— Isso não se pôe em duvida.

— Disse Max, logo a coisa é seria e lá vai verso. O primo Zeferino veio mesmo, como se diz: *lupus in fabula*, por me salvar do José Mauricio, mais do Torres Homem, que são dois amoladores.

— Oh! já sabes latim?

— Qual! isto foi tudo o que aprendi no padre mestre Santiago; porque elle repetia-o constantemente. Mas o Zeferino trazia uma commissão: era levar-me a Itaborahy, para curar minha tia, que estava desenganada de um fruxo. Já ouviram?

— Se ouviram! E tu correste a salvá-la?

— Corri a salvar-me dos meus dois cacetes! Creiam vocês ou não creiam, sempre lhes digo que eu possô o tino medico, tal qual como a mãe Martha possui o dom de fazer bolos. Pelo caminho fui pensando na entaladela e, já quasi ao chegar, lembrei-me de uma receita do Santos Peixoto, do Campo Grande: torrar em uma telha uma porção de minhocas, reduzir tudo a pó...

— A telha tambem?

— Vão bugiar! reduzir as minhocas torradas a pó, e dar, ás pitadas, n'agua fria. Está salva a patria! Cheguei e, com ar doutoral, mandei retirar todas as garrafas, mesmo nas ventas do medico, e preparei, sem ninguém saber, a minha droga.

Em menos de seis horas parou o fruxo.

— Viva o Cardoso! Que talento de rapaz! Nasceu para medico.

— Em summa, meus filhos, preparem-me uma festa estrondosa para domingo; e eu que nunca os esqueço, por causa dos bolos da mãe Martha, vim buscá-los. Vamos.

(Continúa).

FOLHETIM

5

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

V

Acabavam os tres amigos de se abraçar, contentes por terem banido do céu de sua existencia, pode-se dizer, commum, pois que nós tres constituíamos quasi que um ser indivisivel, banido, digo, a unica nuvem que toldava a harmonia de nossos sentimentos;

Acabavamos de dizer, alegres com quem mais: agora sim, somos um pensamento, um sentimento e uma vontade, quando nos chegou aos ouvidos o ruido de um tufão, que subia pela escada do sótão, assustando a boa mãe Martha, que correu para nós tremendo, com o enxugador de pratos a lhe humedecer o churcho collo, como muitas vezes qualificava o maroto do Julio a descarnada carcassa ossea do thorax da velha preta.

— Que diabo é isto? bradou Martin, dos tres o mais animoso, porque Julio era prosa, nada mais que prosa, e eu...

— Não é nada, rompeu da sala, para onde dava a escada, uma voz semelhante ao miado de um gato, que deu lugar a conhecer o que era seu dono.

— O Cardoso! exclamamos ao mesmo tempo.

— Reconhecera-me pela trovada ou pela voz?

— Por uma e por outra, respondemos,

receu a figura de um homem idoso, de physionomia alegre e cujos signaes eram perfeitamente os do pae do Dr. M.

—Eu peço ao espirito de meu pae para trazer o de minha filha disse o Dr. M.

O espirito foi e veio com um outro de nma moça, cujos signaes, descriptos pelo Dr. Q., combinavam com os da filha do Dr. M.

—Então, disse Q., a outra não é sua filha. Quem será?

Foi inutil. O Dr. M. não poudo se lembrar de quem podia ser. Dias depois, ao ver uma photographia em casa do Dr. M., disse Q.

—Foi esta senhora que eu vi.

Era o retrato da mãe do Dr. M., fallecida ha já muitos annos. Ella então disse.

—Sim, quer que elle conhecesse que que velo por elle e o acompanho.

Teve tambem o Dr. M. uma filhinha que fallecera com quatro annos de idade, seu espirito se tem tambem manifestado nas casas dos Drs. M. e Q. Ultimamente disse o Dr. M.

—C., disse ao Dr. M., que não saia, pois en vou lá.

Estava o Dr. Q. em casa quando viu o espirito da menina que lhe disse :

Papae vem hoje aqui.

Esse facto já se tem reproduzido por mais de uma vez.

Tudo demonstra que a sympathia que nos prende na terra aos que teimam, em chamar mortos, continua depois do passamento, e que os espiritos livres da carne, continuam sempre auxiliando os que ao corpo ainda estão presos.

Com esta epigraphie *O Paiz*, de 13 de Janeiro, transcreveu da *Cidade de São João* uma noticia relativa ás curas effectuadas por um poderoso medium italiano residente em Espirito-Santo do Pinhal, Estado de São Paulo.

Deixando de parte a critica do articulista, baseada no seu inteiro desconhecimento do movimento spirita que vai hoje avasallando o mundo conquistando a adhesão de todas as classes sociaes, limitamo-nos a consignar o facto.

Centenas de pessoas enfermas, ou tendo enfermos em sua familia, diariamente recorrem a esse medium italiano, residente na cidade do Espirito-Santo do Santo do Pinhal, conseguindo curas que os maravilhavam.

Não se trata de um especulador, pois elle nada recebe pelo seu trabalho. Os medicamentos que emprega são a oração e, as vezes algum remedio muito simples como tamarindo, ou sesme, com o fim de unico de dar mais fé ao enfermo.

Ultimamente um cavalheiro considerado procurou-o para pedir um medicamento para sua senhora, com cujo mal não atinavam. Ao vel-o disse o medium :

E' para o Sr., ou para pessoa de sua familia que consulta?

—Para minha mulher, respondeu o consultante.

—O Sr. tem tres filhos, retorquiu o primeiro.

—Não. Dois só, respondeu o outro.

—E' engano, disse o medium; em vejo esse menino de 8 annos, um menina de 6 e uma outra, gordinha e muito esperta, de 8 mezes e 22 dias e que nascerá daqui a 8 dias.

—Ah. Sim. Minha mulher está proxima a dar á luz.

—Ella nada tem, concluiu o medium. Seus soffrimentos procedem do seu estado. Ore.

Esse medium é muito religioso e crente. Suas consultas são sempre precedidos de orações pedindo o auxilio do alto.

(Continua).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

por

Gabriel Delanne

QUARTA PARTE

CAPITULO IV

O PERISPIRITO DURANTE A DESINCARNACÃO. SUA COMPOSIÇÃO.

(Continuação)

Assignalemos ainda dois caracteres do ser posthumo. Elle se desloca com tanta rapidez como o phantasma vivo. O irmão do capitão Kidd, morto no

— Em taes casos, vocês respeitam-n'a ; não é ?

— Principalmente para nós não fazermos algum "suscipiat".

— Pois vamos d'aqui, no sabbado, pela primeira barca, e na Praia Grande tomaremos cavalgadas, para chegarmos á Ilahorahy ao escurecer. Ellas nos esperam com o jantar.

— Será como dizes : vamos d'aqui na primeira barca do sabbado, tomaremos cavallos na Praia Grande, e, ao anoitecer, cahiremos, como um bando de harpias, sobre o jantar do tio Anselmo.

— Lembrem-se de que sabbado é depois d'amanha, e adeus.

A influencia de irmos passar um dia de festas em Ilahorahy apagou a sensação que tivemos, causada pelo facto das manifestações pela mão Martha, que trouxeram Julio ao rastelo da luz que conduz á verdade.

A mocidade ainda tem muito da infancia, que é tão facil de impressionar-se, como de olvidar as impressões.

O facto, porém, é que ellas se imprimem realmente, embora pareçam olvidadas, de modo que na idade de reflexão surgem espontaneamente, quando não são evocadas, e conquistam direito de cidade em nosso ser pensante.

Como exemplo, citarei, entre muitos, um facto que deu-se commigo, que me surpreendeu, enquanto não reconheci que o homem é um rumiante : accumulou, na juventude, idéas, pensamentos, observações, que remoe, para tirar-lhes o succo, na idade madura.

A differença do verdadeiro rumiante é que este accumula o alimento do corpo, enquanto que nós accumulamos o da alma, e é que o bruto remoe logo em seguida, ao passo que o ser racional leva annos a operar sobre o deposito que fez, antecedendo que muitos acabam a vida sem fazerem esta operação.

O facto a que allu li foi este :

Aprendi o latim a preceito ; mas, empenhando-me em estudos scientificos, em

oceano indico, vem encontrá-lo no Atlantico, na mesma noite em que se deu a morte.

Em segundo logar o ser posthumo parece temer a luz, evita-a com vivacidade extrema. Todas as manifestações a que se entrega têm logar de noite, e muito raramente durante o dia. N'este ultimo caso é particularmente ás approximações do crepusculo que ellas se dão.

M. Dassier attribue á luz uma acção desorganizadora, devido á extrema rapidez das ondulações luminosas ; somos muito dessa opinião e veremos dentro em pouco porque e em que condições.

Até agora verificámos a existencia da alma depois da morte, notámos que estava revestida de um involuero, e isso baseando-nos na observação dos factos cuja authenticidade nos parece bem estabelecida. Mas esperavamos que os incredulos levassem á conta de allucinações a maior parte desses factos. Em vão se lhes objectará que uma tal concordancia entre as narrações tiradas de fontes tão differentes testemunha a realidade do facto; continuarão a negá-lo, attribuindo-o a uma attracção doentia que o vulgo sente pelas maravilhas. Do alto do seu scepticismo ignorante continuarão a rir d'essas superstições populares.

Mas talvez essa segurança zombeteira se abale, se puzermos sob seus olhos, não as narrações colhidas um tanto por toda parte e que se pode sempre rectar, mas experiencias precisas feitas por homens da sciencia nos seus laboratorios.

Os factos de materialização dos espiritos, que foram apurados em todos

que não tinha necessidade de jogar com aquella lingua, esqueci-a tão completamente que embusacava diante de uma phrase latina.

Mais tarde, porém, muitos annos passados, fui surpreendido pela clareza com que traduzia, como no tempo em que tive prosa de latinista, qualquer obra que precisasse compulsar, para meus escriptos.

Separamo-nos, pois, exclusivamente preoccupados com os preparos para a viagem, e porventura com o modo de arranjar o dinheiro para fazel-a.

Eu, pelo menos, era nesse ponto que sentia o engasgo ; porque, dividindo meu tempo pelo estudo e pelo trabalho de ganhar o pão, tinha, por via de regra, a bolsa a tocar matinas.

O que me valia era o alfaiate, a quem pagava um tanto por mez, pela roupa que lhe mandava fazer, e que, por minha pontualidade nos pagamentos, me suppru, de vez em quando, nos meus maiores apuros, uns vinte até trinta mil réis ; que nunca mais do que isto lhe pedi.

Agora, eu precisava de cinquenta, porque tinha de comprar botinas e chapéo, e de alugar, para a ida e volta, um rociante.

Oh ! como batia-me o coração á idéa do homem abanar-me a cabeça ! Além do vexame, a desgraça de não ir á festa do Cardoso, em casa do tio Anselmo, onde já via, pelo pensamento, brilharem duas estrellas : os olhos da prima Gertrudinha ; e esta perspectiva me decidiu na tremenda lucta de ir e de não ir ao meu banqueiro.

Da porta, ia recuar, entendendo que melhor era não me expôr á uma vergonha, e, no melhor caso, a contrahir uma divida que captivar-me-hia por muito tempo ; mas o caixaero, que me conhecia, veio a mim, a saber se eu queria alguma coisa.

"Alsa laeta erat". Agora, vencer ou morrer

— O Sr. Faria ?

os tempos, não tinham logar de um modo regular, e a singularidade das circumstancias em que se produziam, o medo que se apoderava das testemunhas, eram outras tantas razões para que fossem mal observados.

Graças ao spiritismo, podemos hoje experimentar com alguma certeza. conhecemos theoricamente as causas d'esses phenomenos, e se não podemos ainda explicar scientificamente como se produzem, podemos já achar na sciencia os nossos mais firmes pontos de apoio. Vamos recorrer ao trabalho do sr. Crookes : *Investigações sobre o spiritualismo*, que não é verdadeiramente senão a reprodução dos artigos que publicou no *Quarterly Journal*, reunidos em volume pela Livraria das Sciencias Psychologicas.

Quando esses notaveis trabalhos appareceram na Inglaterra, excitaram um pismo geral. Como um homem d'esse valor ousava pronunciar-se affirmativamente sobre um assumpto tão controvertido, trazendo experiencias scientificas ?

A coisa era positivamente incrível ; de todos os lados fizeram-se ouvir as voci erações dos materialistas. O Sr. Crookes desdenhou esses ataques que não repousavam em coisa alguma, mas, de uma vez por todas, respondeu aos que o accusavam de não ter competencia sufficiente para pronunciar-se nessas questões :

« Parece que o meu maior crime é ser um especialista entre os especialistas ! Eu, um especialista ! verdadeiramente é novo para mim que limitasse a minha attenção a um unico assumpto especial. O meu chronista seria bastante amavel, dizendo-me qual é esse assumpto. Será a chimica

— O Sr. Faria embarcou hontem para a Europa ; mas se o senhor precisa de alguma coisa, está ali o contra-mestre.

Aquella resposta foi uma punhalada, porque dissipou-me as fumaças de flaminjeir em Ilahorahy ; mas, ao mesmo tempo foi um calmante para a minha agitação, quer de passar por uma vergonha, quer de contrahir uma divida, que é sempre um caneco de que, quando se torna um habito, bem poucos se salvam.

Dever, para o que se preza, é sempre uma escravidão moral, que não se resgata senão por sacrificios, e que produz a perturbação da alma por toda a sua duração.

Dei costas á casa onde ia prender grande parte do meu futuro, porque cinquenta mil réis, para mim, eram tanto como cinquenta ou quinhentos contos para outros.

Voltei triste e alegre, e mais alegre do que triste, porque veli-me ao pensamento o que sempre ouvi á minha mãe : « boa romaria faz quem em sua casa fica em paz ».

Tudo isto foi feito na sexta-feira, dia seguinte ao do convite de Cardoso que, como bom general, sahio, á noite, a correr os postos, começando por vir-me á casa.

— Estás prompto, Max ?

— Estou.

— Então, amanha, ás cinco horas, na ponte das barcas.

— Ah ! Para isso não estou prompto.

— Para o que, então, é que o estás ?

— Para passar amanha o dia commigo.

— Tu estás zombando !

— Não, Cardoso, não estou zombando ; mas não posso acceitar o teu convite, e digo-te que bem a meu pesar.

— Deixa disso ; vamos passar umas horas deliciosas.

— Creio bem que o seriam para mim ; porem sabes que nem tudo o que se quer se pode.

— Pelo contrario ; o que sei é que querer é poder.

— E' uma verdade, mas applicada a outras relações.

Continua.

FOLHETIM

6

CASAMENTO E MORTALHA

POR

W. A. S.

PR MEIRA PARTE

VI.

— Vamos, bradamos os tres, a um tempo ; vamos ver a prima Gertrudinha — "a porta inferi" do Cardoso.

— Nada de molecagem. Respeitem a minha noiva ; alem de que a gente da roça é muito desconfiada e por qualquer coisa faz um "suscipiat dominus".

— Já pediste a Gertrudinha, meu latinista ?

— Não ; não pedi ; mas... entre ella e o José Mauricio e o Torres, eu prefiro ella.

— Então, já lhe fizeste as tuas declarações...

— Tambem não ; ella é arisca, como menina educada em collegio das irmãs de caridade, que só têm coração para Deus.

— Como, em taes casos, a chamas noiva ?

— Ora, deveras, eu não sei para o que vocês estudam. Para sermos noivos, é preciso que eu e ella queiramos ; eu a quero ; logo ella é minha noiva.

— Perfeitamente ! Tu é que não és noivo della, porque ella não te quer.

— Eis ali está. Compreenderam ?

— Pois se a coisa é clara como agua !

sível, sem que uma só gota do liquido se derrame.

Ainda outra: pancadas se fazem ouvir, aqui e lá e em numero determinado; se ha instrumentos de musica fazem-se ouvir sons, arias, e isso sob a luz solar ou dentro de casa á vista de todos os que estão presentes, á distancia de alguns metros do fakir e sem que este sahisse por um só momento da sua immobildade marmorea.

Se o hospede for um provençal ou saboyano, convida-se a elle pensar em algum verso de *Miralle* ou n'uma phrase do dialecto do seu paiz; se for com um litterato, elle pensará n'um verso de Homero ou de Virgilio; o fakir estende areia sobre uma mesa ou sobre qualquer outra superficie unida; com um pequeno pedaço de pau nivelará essa areia, e então se assenta sobre o chão com as pernas dobradas á moda oriental e com as mãos estendidas para a areia; ali permanece immovel.

Depois de algum tempo, mais ou menos prolongado, e para surpresa geral, o pequeno pedaço de pau se levanta e caminha, anda por si só sobre a areia onde cada qual pôde então ler o verso de *Miralle* pensado pelo provençal ou a phrase em dialecto da Saboya, a menos que o litterato não honvesse pedido mentalmente um verso da *Illiada* ou das *Bucolicas*.

O autor da obra: *Le Spiritisme dans le Monde*, Sr. L. Jacolleot, obteve por processo analogo o nome de um amigo morto muitos annos antes.

O fakir repete a experiencia diante de vós em pleno dia, e tantas vezes quantas lhe pedirdes, permitindo até que verifiqueis tudo o que quizerdes.

Antes de vos deixar o fakir vai causar-vos maior surpresa ainda: elle se colloca n'um lado da sala, bem á vista e com a frente para todos, cruza gravemente os seus braços sobre o peito; sua fronte então irradia, seus olhos se enflamam de um fogo sombrio, e depois docemente, docemente, elle deixa a terra e se eleva mais ou menos alto, e ás vezes mesmo até ao tecto da casa!

FOLHETIM

7

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

VII

O Cardoso desenvolveu todas as suas artes, para me demover do meu proposito; eu, porém, embora pendesse para satisfazer-o, como fazer tiros sem ter polvora?

Reconhecendo que era impossivel conseguir seu fim, o rapaz deixou-me, realmente amofinado—e seguiu, sem detença, para a casa de Julio e de Martim.

Não decorreram duas horas—e os tres iam commigo.

O Cardoso começou a móea de não ir para Itaborahy—e, por mais que lhe dissessemos que estavam caçando, obrigou-nos a vir cá. Tranquilisa o pobre diabo.

Confesso que me senti commovido com a insistencia do Cardoso—e, dirigindo-me a elle, disse-lhe com sincero pezar: se eu não cedi á tuas rogativas, é porque me era impossivel. Acreditas, acaso, que dou menos valor á ti, do que a Julio e a Martim?

Pois que os fizeste ir aqui fazendo-me aquella injustiça, expór-lhes-hei as razões da minha negativa—e elles reconhecerão: que, não por caçada, mas por absoluta força maior, é que deixo de fazer-lhes companhia, o que me é profundo desgosto.

Força maior! exclamou Julio, tomando o ar zombeteiro, que lhe era a maior força em jogo de espirito. Força maior em casos destes, Max, vale por

Terminada a sessão, o encantador faz, em tom calmo, suas despedidas emphaticas á sociedade e não pede nenhum salario, recebe a escola que quasi sempre lhe offerecem, como é de costume e parte sem dizer obrigado.

Taes são, em resumo, as narrativas dos viajantes francezes e inglezes que visitaram a India.

Quando se questiona os fakirs sobre esses phenomenos, elles respondem que são produzidos pelos *espiritos*.

COLLABORAÇÃO

A verdade absoluta

Sempre que se vê accommettida por seus adversarios, a igreja catholica não cessa de proclamar que, como successora dos apostolos, ella tem o deposito das verdades absolutas ensinadas pelo Christo; pôsse que os protestantes e os sectarios da sciencia materialista lhe contestam, dizendo, aquelles que a doutrina que ella ensina é toda mundana e em completa divergencia com a do Mestre Divino, e estes que, tudo ro mundo sendo transitorio e perfectivel, o homem não pode conhecer a verdade absoluta, e portanto a igreja não pode possuil-a.

A verdade á que a igreja se refere, é a lei moral que Jesus disse encerrar-se toda no amor de Deus sobre todas as cousas e no amor do proximo como de si mesmo.

Ora, esse duplo amor é o principio, a regra que o homem tem de observar sempre, qualquer que seja o ponto que elle occupe na escola que o conduz á perfeição.

Progridam as sciencias, as artes e as industrias; avance o homem se aperfeiçoando sempre, nunca elle deve esquecer que esse duplo amor constitue o ponto para o qual têm de convergir todos os seus esforços, qualquer que seja o sentido em que suas faculdades se desenvolvam.

tempestade n'um copo d'agua. E' o ridiculo macaqueando o serio ou a ran tendo a pretensão de crescer até as alturas a proporcões do boi.

— Parece-te isto? respondi seriamente; pois affirmo-te: que nem sempre a lei, que se applica no maximo, perde seu caracter, applicada no minimo.

— Ora, vamos ver como desenvolver esta importante these, não perdendo de vista que trata-se de um pagode em Itaborahy.

— Pagode, não senhor, bradou do seu canto o formidavel Cardoso. Pagode, não, que é festa muito respeitavel, attentos os motivos que a determinam e a pessoa a quem é dedicada.

— Está bom, está bom, meu velho, redarguiu Julio; não vamos complicar a questão, com incidentes, embora dignos de maior respeito, como é o teu protesto.

— Retiro a expressão, como se faz no parlamento, depois de se haver atrido á injuria á cara do adversario, e tudo fica em paz.

— Fiquemos em paz, Cardoso, e Max que suba á tribuna, para explicar como a lei do maximo pôde, sem desar, ser applicada ao minimo.

— Pois sim, disse eu com toda solemnidade, como um padre que se propõe a demonstrar da cadeira «sagrada», que o papa é infallivel.

— Ouçamos, ouçamos, bradou Julio, fazendo-se cismurro, como se tomasse tudo aquillo ao serio.

— «Conticurre omnes»: calaram-se todos.

— Eu comecei, fazendo esforço, quasi impossivel, por guardar a devida seriedade.

— Não dirá como o troiano: «infandum juber renovare dolorem»; porque não lhes é novidade a historia de minhas luctas contra os mares tempestuosos d'existencia...

— Bravo! bravo! exclamou Julio, batendo palmas. Estás em teus momentos felizes, Max; fizeste uma entrada de leão; cuidado com a sahida.

— Não interrompam o orador, bradou

Se os modos de manifestar o variam, com os progressos que a humanidade for fazendo, o fundo, o sentimento permanece o mesmo, é inalteravel, é absoluto, é eterno como Deus de quem elle emana.

Os ensinios do Christo, dados aos seus apostolos, passaram aos seus successores e chegaram ás mãos da igreja que, em lucta com os barbaros, na idade media, teve necessidade de interpretar os de modo a serem comprehendidos e aceitos por essas hordas feroces e contel-as em seus desregramentos e paixões.

O tempo dos barbaros, porém, já sumiu-se nas brumas do passado, e esses terrores que apavoravam nossos maiores, já não gozam hoje do mesmo prestigio e, como as nuvens que o vento dispersa, fogem ante o facho da razão esclarecida pela sciencia e sedenta de justiça.

O tempo do *crê ou morre* passou, o homem de hoje conhece aquillo em que deve crer.

Depositaria das verdades contidas nas predicas do Christo, a igreja deve com ellas conformar os seus ensinios por ellas modelar os seus actos, reformando tudo aquillo que se teve no passado sua razão de ser, hoje é para ella uma fonte de prijuizos e descredito.

Estando de posse da verdade e querer que a sociedade hodierna-se sujeite ás suas imposições desrazoadas, filhas do seu sonho, tão contrario á humildade christã, de dominar politicamente o mundo; esconder essa verdade para fazer triumphar esse seu desejo, todo mundano, é prestar-se a fazer o papel do mordomo infiel, que escondeu e não fez render a drachm que seu senhor lhe confiára, ao parti para uma viagem, é assumir a responsabilidade do cego conductor de cegos.

Traduzida em todas as linguas, a Escriptura santa é compulsada e estudada por toda parte, facilitando o ensino dos Espiritos, mensageiros do Eterno, que, como disse o Christo, vêm nos tempos predictos, propagar a luz pelo mundo todo.

o Martim. Quem tem a palavra é o nobre Max.

— Eu agradei aquelle auxilio—e continuei.

— Dizia, quando fui interrompido, que não lhes fazia a minha historia, como Enéas á rainha de Cartago, por lhes ser ella assás conhecida.

— Contar-lhes-hei, pois, unicamente, um episodio ignorado do illustre auditorio.

— O meu alfaiate, que tem sido o meu unico banqueiro, a quem recorro nos momentos criticos, fugiu para a Europa, talvez por evitar os meus formidaveis saques.

— O momento actual é dos mais criticos porque tenho passado; porque nem uma de X tenho no bolso.

— Posso ir á Itaborahy em taes condições, achando-se minhas botinas rasgadas e o meu chapéo em petição de miseria?!

— E', pois, ou não, caso de força maior o que me priva do dulcissimo prazer de acompanhá-los e de levantar um brinde entusiastico ao heroe da festa—da festa, que vai, seguramente, fazer fallar o mundo?

— Martim ergueu-se de sua cadeira, e veio apertar-me a mão, com estas palavras:

— «Felicito o orador, pela brilhante demonstração que fez de uma das mais altas theses, que tem occupado a attenção dos pensadores. Ha, sem duvida, perfeita applicação no caso do principio ou lei da força maior. Cahem por terra os symbolos invocados da tempestade n'um copo d'agua e da ran que pretendia equalar-se ao boi. Viva Max—abaixo Julio.»

— Cardoso, embora muito contrariado, rompeu em aclamações ao meu discurso que, por modestia, não qualifico; concluindo por dizer: Max tem razão, mas eu não posso achar praser na grande festa, sem a presença dello.

— Tens Martim e Julio, meu Cardoso, e elles valem muito mais do que eu, para torná-la inebriante.

— Elles muito valem, bem sei; mas á falta de uma das pessoas da minha trin-

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apostolos

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64)
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6.)

LUCAS

CAPITULO I, VERS. 26 — 38

ANUNCIAÇÃO

«A sua intelligencia, apresentada pelo envolvero que a cobria, não estava em estado de se recordar; é o que vos explica porque ella fez ao anjo ou espirito a pergunta sobre a impossibilidade de conceber durante a virgindade.»

«Maria não devia, tampouco como os homens, conhecer a origem spirita d'este filho que lhe era anunciado; e que vos explicaremos sobre a concepção, a gravidez e por esse mesmo facto o bom successo como obra do *Espirito Santo*, far-vos-ha comprehender que, não devendo conhecer esta origem, ella não a conheceu e acreditou na maternidade.»

«Os Judeus, segundo as suas tradições e as interpretações dadas ao Antigo Testamento, acreditavam que Deus mesmo se communicava directamente com os homens; que o *Espirito Santo* era a intelligencia de Deus mesmo manifestando-se por um acto qualquer; é o que vos explica a resposta do anjo ou espirito, annunciando á Maria, depois a José, a concepção no seio d'uma virgem, a gravidez e assim o bom successo, -- como obras do *Espirito Santo*; -- resposta appropriada, segundo as vontades do Senhor ao estado das intelligencias, afim de se ser comprehendido e sobretudo escu-

dade-- da trindade do meu coração, empana o brilho da festa e agolenta minha alegria.

— Julio estava pensativo, preocupado, como quem procura o X de Archimedes, quando foi ferido pelo soldado da frota romana.

Não posso! exclamou de repente; mas eu penso como Cardoso: sem Max-- sem um dos «tres mosqueteiros», a nossa folia fica aguada.

-- Mas eu não tenho onde ir buscar o que é preciso a Max...

Cala rumor! bradou Martim, com voz de estentor.

Cala que vai fallar o rei da linha.

Eu recibi hontem uma ordem, para meu correspondente, no valor de duzentos mil réis, que mandou-me meu tutor.

Já tinha feito o plano da distribuição desse dinheiro, quasi todo por meus credores: sapateiro, alfaiate, livreiro, est reliqua committente caterva; mas, em vista de se levantar poder mais alto, os credores que tenham paciencia, esperem outra monção.

Em vez de pagar aos credores, faço-me eu credor de Max--e mande Deus bom tempo, que a festa do Cardoso será de gloriosa memoria.

Viva o Martim! exclamaram os dois, e com verdadeiro entusiasmo, como uma erupção vulcanica, Cardoso, o pulava e saltava, e gritava, de parecer um louco.

Vamos ao caso, disse Martim, quando sessava a tempestade. Quanto precisas, Max, para te apresentares principescamente na festa do Cardoso? Olha que não passes dos duzentos mil réis, porque em tal caso, teu novo banqueiro foge para a Europa, como o alfaiate.

Não, Martim, eu não preciso senão de cincoenta mil réis, que calculo bastante para comprar um par de botinas Melles-- um chapéo a Pinnot -- e para o aluguel do animal, que me leve de Nytheroy a Itaborahy, mas olha: eu preferia não desarranjar teu plano, e não fazer uma divida.

Deixa de tolices; mais vale um gosto, que quatro vintãos.

Continua.

de Jesus, attrahindo, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários à constituição d'esse perispirito. A sua cooperação devia ter logar *assim*, mas, vós o comprehendéis, inconscientemente de sua parte, não lhe permitindo o estado de incarnação humana *recordar-se*. No momento em que chegava o termo de sua gravidez *aos olhos dos homens*, inconscientemente e pelo seu ardente desejo de preencher a missão que o Senhor lhe revelára pelo anjo ou espirito superior que lhe fora enviado, ella estabeleceu, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, uma irradiação sympathica que attrahiu os fluidos necessários; a acção inconsciente de Maria teria sido nulla sem a vontade d'aquelle que devia descer entre vós;—o proprio Jesus constituiu, por sua vontade, esse perispirito tangivel e quasi material, que se tornou um corpo, tendo em consideração o vosso planeta, *relativamente* semelhante ao vosso.»

«Falando d'esse involucro fluidico, que nós chamamos, para o vosso entendimento humano, perispirito tangivel, acabamos de dizer: *e quasi-material*;—quasi material, no sentido de que Jesus tinha assimilado os fluidos ambientes que servem para a formação de vossos seres.»

«Não esqueçais que o espirito assimila o seu perispirito ás regiões que percorre, que a vossa terra é um dos mundos inferiores, e que, por conseguinte, os elementos de tangibilidade podiam unir-se-lhe tanto mais facilmente quanto a vontade do espirito era mais potente.»

«A sciencia humana apraz-se em rir quando é insufficiente para comprehender; sim, o perispirito do homem, e sobretudo no estado tangivel, é semi-material. A sciencia achou, pois, o meio de comparar os vossos ambientes com os dos outros planetas? Poude o sábio descer aos planetas inferiores para sentir que o ar que os cerca o suffocaria em virtude do seu peso, velaria a sua vista por causa

da sua espessura, e lhe pareceria como um véo estendido sobre tudo o que o rodeasse?—Subiu elle ás regiões superiores, para experimentar a vertigem que lhe daria a subileza do ar? Sentiu seus olhos dilatarem-se com o auxilio das camadas de ar superpostas, e penetrarem até distancias incommensuráveis para elle, ou verem objectos em dimensões taes que os vossos telescopios não os poderiam alcançar?—Porque essas diferenças? Porque as camadas de fluidos são apropriadas ás vossas necessidades; vós o sabeis, vós o dizeis, e não comprehendéis as causas e não procurais comprehender os *effeitos*; o perispirito humano, como o tangivel, *em relação a vós*, é semi-material, como o vapor é semi-líquido, como o fumo é semi-aéreo.»

«Relativamente ás vossas naturezas, o corpo dos habitantes dos mundos superiores é, como o perispirito humano de vosso planeta, um corpo fluidico; quando vós é dado velo-o, elle tem toda a apparencia material.»

«O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do espirito superior, não podendo ser estabelecida a este respeito nenhuma comparação; a diferença era maior ainda entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama; participava em grande parte do corpo do homem nos mundos superiores, porque era composto dos mesmos elementos; mas era modificado, solidificado com o concurso dos fluidos *humanos* ou *animalizados*, destinados a mantel-o, na medida da vontade de Jesus e segundo as necessidades de sua missão terrestre, visivel e tangivel, para vós, com todas as apparencias corporaes humanas do vosso planeta.»

«Não se insurja o homem contra a possibilidade d'esses factos, porque não pode comprehender e explicar *ainda* uma composição fóra das leis materiaes da sua natureza.»

«Não diremos, como os que explicam tudo o que não comprehendem por

estas palavras invariáveis:—tudo é possível a Deus;—mas dizemos: o que o homem, em sua ignorancia, olha como *postergação* das leis immutáveis, *nem mesmo* é uma deslocação das leis universaes, mas uma applicação d'essas leis. Quando o homem tiver vencido as difficuldades que o impedem de elevar-se no espaço, — quando tiver chegado a decompor as camadas de ar sobrepostas nas alturas que, um dia, atingirá,—quando comprehender as *propriedades* e os *effeitos* dos fluidos, o *emprego* que d'elles pode fazer,—verá que o que provoca hoje o escarneo da ignorancia e da incredulidade tornar-se-ha um facto patente, analysado, decomposto pela sciencia que se admirará de que esses agentes poderosos não tenham estado sempre submettidos ao seu imperio, como se admira de não ter sempre empregado a electricidade, cujos *effeitos* admite *de visu*, mas cujas causas não determinou ainda;—para cada dia basta uma tarefa.»

«Nós o repetimos, o que o homem olha como uma *postergação* das leis immutáveis da natureza, nem mesmo é uma deslocação das leis universaes, mas sim uma applicação d'essas leis: cumpre não julgar impossivel fazer produzirem-se em vosso planeta *effeitos* semelhantes aos que regem planetas superiores, no sentido de que *esses effeitos*, posto que tendo os mesmos principios, são, todavia, *modificados* em relação á esphera onde se produzem.»

«Certamente, as incarnações fluidicas, identicas ás dos mundos taes como Jupiter e tantos outros mundos superiores, em graus mais ou menos elevados, seriam um deslocamento das leis estabelecidas; e *NADA posterga NUNCA essas leis*: mas uma incarnação semelhante, modificada pela applicação de vossos fluidos, torna-se uma approximação, um laço entre os dois graus da escala; é uma *apropriação*, e não uma *derrogação*.»

«Entramos n'estes detalhes, afim de afastar todo escrupulo, desviar todo pensamento anticipado; não censu-

ramos a desconfiança que inspiram palavras tão novas para o homem; queremos tranquillizar aquelles que estas palavras inquietam.

«Assim, comprehendendo bem: houve *MODIFICAÇÃO dos fluidos que servem para a* incarnação ou incorporação nos mundos superiores, *incisíveis* para vós, foram materializados, tornados opacos *para vós* pela associação dos fluidos animalizados que vos rodeiam, isto é, de vossos fluidos ambientes destinados á formação de vossos seres; houve *ASSIM adaptação* dos fluidos superiores ao planeta inferior que occupais.»

«Que ha n'este pensamento que vos possa desviar, quando admittis os factos de tangibilidade accidental, que se têm apresentado em todas as epochas de vosso planeta e se apresentam aos vossos olhos com todas as apparencias de forma corporal humana, e, em casos raros, mas que existem, de vida e da palavra humanas?»

«Quando esta combinação fluidica pode ser operada por espiritos de vossa ordem, é, então, impossivel que seja operada, em limites mais extensos pela vontade poderosa de um espirito superior?»

«A duração de tempo que vós calculais com tanto cuidado é, então, sensivel para nós, e contamos nós as myriades das eternidades como vós contaes os segundos de vossa existencia?»

«E', então, impossivel que Jesus, espirito perfeito, que conhece, na immensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus *effeitos*, todas as suas combinações e transformações, e o seu emprego — todos os segredos da vida e da harmonia universaes nos mundos superiores e nos mais elevados como nos mundos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação *a priori*, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, TENHA, pela associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação de vossos seres, MATERIALIZADO os fluidos perispiríticos dos

FOLHETIM

(8)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

VIII

Na barca das cinco encontrámo-nos todos, e eu, que tão solidas considerações fiz sobre o mal de se contrahirem dividas, sentia-me realmente contente por ter feito a minha!

Pobre natureza humana, que está sempre a desfazer o que faz — a queimar o que incensou!

— E' a tal coisa, pensava eu, enquanto andava a barca; é a besta de de Maistre. A besta, porem, é a propria alma, vergada ao peso das faltas que veio remir. Assim, nossa alma tem dois pólos, que simultaneamente a attrahem: o habito inveterado do mal, que foi seu norte em outras existencias, e o compromisso, tomado para o presente, de reparar aquellas faltas dedicando-se ao bem. Nas occasões de tomar qualquer resolução, ergue-se diante della o velho habito e o recente compromisso—o homem velho e o homem novo—a natureza passada e a presente.

Nestes pensamentos chegámos á ponte, e tanto que saltámos, o Cardoso guiou-nos a uma cocheira proxima, onde já nos esperavam quatro bestas arreçadas, que o intrepido rapaz encommendara desde a vespereira.

Foi uma campanha fazer-se a distribuição, querendo todos uma baia, que de todas era a menos magra e pelluda.

Enfim, venceu o Julio, que montou por um lado e cahiu pelo outro, por ser a segunda vez que fazia exercicio de equitação.

Foi uma scena comica, até para os moços

da cocheira, que tomaram largo pagode com o estudante...

Este, apesar do seu inalteravel bom humor, ergueu-se protestando que n'um burro bravo d'aquelle não iria.

— Como bravo, Julio, se o pobre animal não se moveu do logar em que poz as quatro patas?

O argumento era sem replica; mas o homem recorre sempre a coisas estranhas para explicar suas faltas, e n'esse intuito chega a negar a verdade conhecida por tal.

O nosso heroe, picado pela gargalhada geral que provocara, não quiz confessar a sua ineptia em materia á que Galvão dedicou sua importante obra, e cil-o a sustentar que, se o burro não sahio do logar, correveou e atirou-o fóra da sella.

E' por este singelo modelo que se explica o facto de grandes sabios recuarem diante da mais formal evidencia, inventando, para sustentarem suas idéas systematicas, theorias ridiculas e irrisorias, que são como peneiras para encobrir o sol—que são a mais lastimavel expressão da vaidade e do orgulho dos homens.

Eu desmanchei a diferença, por falar como está em moda, offerecendo a Julio a minha cavalgadura: um macho preto, pequeno, barrigudo e magro, como devia ter sido a burrinha em que montava o escudeiro do cavalleiro da triste figura.

O excellento rapaz de muito bom grado aceitou minha proposta, e foi montando sem rolar, porque o macho quasi que podia passar por entre suas pernas, que precisou encurvar para não arrastarem pelo chão.

A caravana partiu, e eu, que ia como um pimpão, na mais luzida montaria, reconheci, em breve, que a baia era cega.

Para não tomar uma vaia, calei a minha desgraça, como tantos, por este mundo, ostentam simuladas alegrias, por occultarem as misérias do lar, que lhes ennegrecem o coração.

Pois, se o mundo é um grande theatro, é preciso que todos os homens se disfarcem em scena.

Não teve a mesma cautela que eu o nosso amigo Martin, cuja besta tinha o espinhaço quebrado, o que a obrigava a voltar a cabeça para tras e descrever zig-zags pela estrada fóra.

— Diabos te levem, burro do inferno! Olhem o demonio como anda! Quem é que já viu um burro andar assim?!

Nesse ponto, a minha baia espanta-se não sei de que, e ali vai ella, estonteadamente, batendo de encontro á montaria dos outros, pouco faltando para lançar por terra os cavalleiros.

— segura — segura teu burro, Max, senão vai tudo raso—bradavam em côro Julio, Martin e Cardoso.

— Segurem-n'o, que eu não posso, porque o demonio é desobocado, gritei, realmente com medo de que a baia se atirasse ao mangue, cortado por um aterrado que servia de caminho.

— Qual segure! bradou o Julio; não vês que o meu bajoujo, com o meu peso, encostou a barriga no chão?

— E o meu dobrou-se como uma cadeira de molas — quasi que uniu a cabeça com a cauda; bradou o Martin.

— Ruim é o meu, acudiu o Cardoso, que é maluco; quando o puxo para um lado, elle atira-se para outro.

— Maldito patife, que nos arranhou estas peças! E pensar que pagamos dez mil réis por cada uma!

— Voltemos, bradou o Julio, que n'estes engalhos não poderemos chegar ao nosso destino nestes tres annos mais proximos.

— Voltar, nunca! — acudiu o Cardoso. Lembrem-se de que nos espera uma festa nunca vista. Meu tio é capaz de fazer uma semana santa, para nos obsequiar.

— Mas, Cardoso, como fazermos a viagem nestes vis animaes?

— Vale a pena, respondeu o rapaz, largal-os nestes matos e seguirmos a pé, contando que vamos.

— Isso não, disse eu. Os meus dez mil réis, hei de aproveitá-los, ainda que leve a baia a pau.

— Boa idéa! — bradaram todos. Armem-nos de paus, e pau nos burros do Sr. Castilho.

Foi dito e feito. Em pouco tempo estavam todos armados de varas, grossas como as de espichar couros — e cada um tanto dava no burro que montava, como nos dos outros; de modo que foi uma infernal saraivada de pancadas nos pobres

animaes, que não tinham culpa de os terem alugado.

Sempre os fracos a soffrerem as injustiças dos fortes!

O que era razoavel era cahirem aquellas varadas em quem fóra causa do tremendo desastre; mas um homem repelle e os burros não.

O que, porem, admira, é ver praticarem tão barbara injustiça moços que são, nas idades da vida, os que têm o coração aberto a todos os nobres sentimentos, e moços de intelligencia cultivada, que, mais do que seus iguaes, estão em condição de depurar em muito mais aquelles sentimentos proprios de sua idade.

Levemo-lhes em conta o desconcerto causado pelo perigo de perderem a viagem e vamos por diante, que a vida é um composto de altos e baixos.

A receita do pau, se não foi conforme a therapeutica do moralista, produziu excellent resultado quanto ao fim de sua applicação.

Os burros, gemendo e suando — suando e gemendo, fizeram das fraquezas forças, e foram devorando o espaço, como quem só vê na diligencia a salvação.

Tambem, com a regularização da marcha dos bucephalos, voltou o bom humor aos seus cavalleiros, que levaram a rir, todo o caminho, da pantagruelica figura que fazia cada um.

O Julio, no seu bajoujo, que foi christado por "perú de roda," o Martin, no seu "guayamú," como chamavam a besta que andava de banda, o Cardoso, no seu desvaído, que foi conhecido por Joanna a louca—e eu, na minha baia, que se chamou a "moura torta", fizemo as delicias da viagem, sendo cada um objecto de geral motejo e flagello dos outros tres.

Foi uma lição para a vida, em que todos dão motivo para a boca do mundo; e cada um, apesar de ter nos olhos uma trave, ri e ralha dos outros para descobrir-lhes uns pequenos argueiros,—argueiros, a que dão vulto de lhes parecerem cavalleiros!

E' que sob a face comica das coisas ha sempre um fundo de moralidade; donde o valor das Fabulas.

Os rapazes foram fazendo fabulas, até que, pelas seis horas, entraram em Itaboraahy.

(Continua).

mando; ella não é immovel, pois tem movimento diurno.»

Proposição igualmente absurda, falsa em philosophia, e, considerada no ponto de vista theologico, erronea na fé...

Declaramos que te tornaste fortemente suspeito de heresia:

porque acreditaste e sustentaste uma doutrina falsa e contraria ás santas e divinas Escripuras, a saber: «que o sol é o centro do universo e que não se move do oriente para o occidente; que a terra move-se e não é o centro do mundo;»

porque acreditaste poder sustentar como verdadeira nma opinião que foi declarada contraria ás Santas Escripuras.

Por conseguinte, declaramos que incorreste em todas as censuras e penas estabelecidas nos sagrados canones e nas outras constituições geraes e particulares contra os que desobedecem aos Estatutos e outros decretos promulgados.

Mas d'essas censuras nos é agradável absolver-te, comtanto que, primeiramente, com um coração sincero e uma fé verdadeira, abjures diante de nós, maldigas e detestes, segundo a formula que te apresentarmos, os ditos erros e heresias, e qualquer outro erro ou heresia contraria á Igreja catholica, apostolica e romana.

E, afim de que teu grave e pernicioso erro e tua desobediencia não fiquem impunes; afim de que, para o futuro, sejas mais reservado e sirvas de exemplo aos outros, para que elles evitem esses delictos;

Declaramos que, pelo edito publico, o teu livro *Dialogues* está prohibido.

Condenmamos-te á prisão ordinaria n'este Santo Officio pelo tempo que fôr donosso agrado.

A titulo de penitencia salutar, ordenamos-te que recites durante tres annos, uma vez por semana, os sete psalmos da Penitencia.

Reservamos o poder de moderar, mudar e suspender, no todo ou em parte, as penas e as penitencias acima referidas.»

Um theologo dirigiu, ha cinco annos, ao Sr. Henri Lasserre as seguintes linhas que o autor da *Notre Dame de Lourdes* e da *Traduction nouvelle des Evangiles* [esta ultima obra condemnada tambem pelo Index] relata nas suas *Memoires à Sa Sainteté*:

Este decreto que anathematiza a admiravel descoberta do grande astro nomo e que o pune com a prisão foi um duplo e completo erro.

Foi um erro incidental e secundario sobre a astronomia, mas foi, antes de tudo, um erro capital sobre a doutrina.

Coisa notavel: por todas as palavras do decreto a Santa Congregação se condemnou a si propria.

Qualificando de absurdo, de contrario á razão o que lhe é conforme, a Santa Congregação convenceu-se de que estava fóra da razão.

Qualificando de falso, isto é, de contrario á verdade, o que lhe era conforme, ella convenceu-se de que estava fóra da verdade.

Qualificando de heresia, isto é, de contrario á orthodoxia, o que é uma lei do universo visivel, ella convenceu-se de que estava fóra da orthodoxia, pois, se heresia é o deixar de crer n'um dogma da Igreja, é tambem heresia o querer impôr aquillo que nunca foi dogma, e especialmente o erro que, por si só, é contrario a todos os dogmas.

Qualificando de contraria ás Escripuras uma maravilhosa lei do Creador, a Santa Congregação convenceu-se de que estava fóra da sciencia das Escripuras e opposta á sua verdadeira interpretação.

Não tardou, pois, que em Roma todos em conversa intima, deplorassem a falta commettida pelos eminentissimos juizes.

Entretanto, o mais deploravel ainda é que, apesar das queixas e das reclamações, apesar das provas e evidencias, apesar das ordens de Bento XIV e de um decreto de rehabilitação publicado por este pontifice em 10 de maio de 1754, apesar de um segundo decreto da mesma natureza, assignado por Pio

VII, em 25 de setembro de 1822, a repugnancia em se retractar a si propria, ou em ser retractada pelo papa, era tão forte na Santa Congregação que, durante mais de dois seculos e em opposição á verdade conhecida, ella manteve seu decreto sobre o catalogo do Index *librorum prohibitorum*.

As obras contendo as descobertas de Galileu e de Copernico, condemnadas em 23 agosto de 1634 com a qualificação de absurdas, de hereticas, de contrarias ás santas e divinas Escripuras foram excluidas do Index sómente no anno de 1835, quando se fez nova edição, mas estiveram lá assignaladas durante 201 annos.

[Trad. da obra *Christianisme et Spiritualisme*, de Léon Denis.]

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos

Evangelhos segundo Mathheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

« E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida. »
(João, VI, v. 64)
« A letra mata, e o espirito vivifica. »
(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III, v. 6.)

LUCAS

CAPITULO I, VERS. 26—38

ANNUNCIAÇÃO

« Este facto, unico até este dia nos annaes de vosso planeta, deve novamente apresentar-se quando fôr chegado o tempo; ENTÃO será melhor comprehendido pelos homens, que TAMBEM ENTÃO, pelo progresso physico, moral e intellectual adquiridos sob os auspícios e a pratica do amor, da humildade e do desinteresse, terão sufficientemente crecido nas sciencias, adiantado no estudo das verdades e das leis eternas. »

« Este ponto de vista é novo, mas

fogosos animaes; e nós, á parte, riamos a morrer do cynismo do Cardoso.

— Vocês não vêem, disse-nos o rapaz com sua habitual *sans façon* que era necessario explicar o facto de modo que nos salvassemos do ridiculo de virmos em punga á tão solemne festa?

— Não ha duvida, acudiu Julio; salvaste a nossa honra e a dos nossos burros.

O povo é que, não sabendo qual a causa do inaudito successo, fazia mil juizes, qual mais disparatado e mais offensivo aos moços.

Ora, o povo! sabe elle, alguma vez, a causa dos mais inauditos successos?

Que faça juizes; está no seu direito; mas que não passe dahi; porque... porque o carreiro vai para onde o encaminha seu conductor.

Tambem, em pouco, o de Itaborahy accommodava o occorrido á theoria dos factos consummados—e entregava-se alegre e prazenteiro ás delicias da festa que o tinha reunido alli.

Sim, senhor. Isto é que é povo. Haja o que houver, calma, resignação e esperança no que deve vir!

Um povo que levanta-se por qualquer coisa que fere seus direitos, mesmo que sejam os mais sagrados, é um idiota que não sabe dar valor á obediencia passiva, que é o grande meio de não assanhar as energias dos governantes e de gozar as doçuras da vida tranquilla.

Eu quero ver um povo, mais ou menos, como o paraguayo do tempo de Lopez, que lhe dirigia todas as funcções por meio do badalo do sino.

Povo como o romano, antes do imperio, que defendia seus direitos contra as invasões dos nobres, até o ponto de abandonar a cidade — *libera nos, Domine*.

Em pouco tempo, pois, a massa popular amontoadá na praça de Itaborahy, donde fugira espavorida, acclamava os hospedes do capitão Anselmo, a cada foguete que subia aos ares, por entre os melodiosos sons da musica, composta de tres instrumentos: um violão, uma rabeca e uma gaita gallega.

Vivas e acclamações na rua e, na casa do capitão, a mais cordial troca de cumprimentos.

— Meu tio, apresento-lhe os meus particulares amigos Julio, Martin e Max,

não deve ficar ignorado, porque deve, pelo trabalho que vos fizemos empreender, conduzir os homens á unidade nas crengas. »

« Vós não sois, ó bem-amaes nossos, os unicos a encarar Jesus sob este aspecto; dia virá em que, publicada esta obra, todos os espiritos que não ousam divulgar uma idéa nova virão juntar-se a vós e confirmar esta hypothese com o auxilio das revelações que já receberam. »

« Falou-se, ha quasi vinte seculos — é verdade que a crengas; — mas credes então haver attingido hoje a maioridade, pobres philosophos, cuja sabedoria consiste em abalar, pela base, um edificio que sois impotentes para reparar, quando elle mesmo é insufficiente para as necessidades de vossa epoca? »

« Não, Jesus não nasceu do homem; a materia perecivel não entrou para coisa alguma no conjunto de suas perfeições. »

« Que o ouçam aquelles que têm ouvidos para ouvir; que aquelles que negam procurem comprehender: Jesus, espirito perfeito, não tendo jamais fallido, como pertencente ao pequeno numero d'aquelles que trabalharam laboriosamente em seu progresso sem se desviarem do caminho recto que lhes mostravam seus guias e attingiram assim a perfeição, Jesus cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protector e governador, desde a sua formação, á qual presidiu, do planeta onde cresceis e cumpris as vossas provações, desceu entre vós para vos dar um exemplo de amor, de caridade, de dedicação. »

« Mas não o esqueçais; tudo o que está envolvido na carne e soffre, como vós, a incarnação material humana, é *fallivel*. Jesus era demasiado puro para revestir a librê do culpado; a sua natureza espiritual era *incompativel* com a incarnação material, como a soffres; a sua incarnação foi como vol-a annunciamos; não esperou, sepultado no seio d'uma mulher, a hora do nascimento; tudo, como vol-o explicare-

qual delles mais digno do respeito e da consideração do mundo. Julio é o leão dos salões da Corte ao mesmo tempo que o talvez mais illustrado membro da sociedade fluminense. E' este rapagão, bello no physico e bello, muito mais bello, no moral.

— Senhor doutor, eu sou um pobre matuto, incapaz de lhe exprimir o sentimento de admiração que tenho por sua pessoa.

— Obrigado, Sr. capitão, por ter acreditado no que lhe disse a meu respeito o meu collega, seu sobrinho; mas sinto o dever de lhe dizer que elle é o rei da pilheria, e agora exerceu sua soberania a meu proposito.

— Toca a musica! toca a musica! bradou o Cardoso. Não se admite mais de um discurso sobre o mesmo assumpto. Esta discussão está encerrada. — Aquel está o Martin, cujo physico contrasta com o moral: grande alma, grande coração, intelligencia de primeira agua. Ha de ser um dos vultos da nova geração, por seu saber e alto criterio. Está aqui e seu nome já prepara o vôo para as alturas dos Andes e do Hymalaia.

— Já sabe, disse o capitão, que faltam-me as expressões para me dirigir a moços de sua elevação.

— E eu responder-lhe-hei, repetindo o que disse o meu amigo Julio: este seu sobrinho é bem feliz de levar a vida a rir e a pilheriar com tudo e com todos.

— Toca, toca a musica! Nada de replicar. O tribunal da opinião que julgue pelo que ouviu. — Agora, meu tio, chega a vez de falar do autor daquelles artigos sobre Spiritismo, que o senhor lê sempre e disse-me que daria tudo por conhece-lo.

E' este. Aqui tem o Max. Tome conta delle e que seja muito feliz; porque, olhe: eu cá não vou nada com este bicho. Sempre é homem que fala com almas do outro mundo!

— Sr. Max, tenho muito prazer em fazer seu conhecimento, por todas as razões, e porque desejo que me explique umas duvidas que tenho.

— Musica! musica! Nada de conversas sobre o outro mundo, antes de prepararmos o estomago para este. Ao jantar, *in primis et ante omnia*.

(Continúa)

FOLHETIM

(9)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MASS

PRIMEIRA PARTE

IX

O bravo capitão Anselmo, tio do nosso impagavel Cardoso, tinha morto um capado para regalar seus hospedes, os collegas de seu sobrinho, juntamente com este, que era o heroe da festa.

Ora, matar um capado, nos pequenos povoados de serra abaixo, é o mesmo que afixar editaes em que se faz publico que vai haver festa.

E uma festa na roça ajunta a gente da circumvisinhança, como melado attrai as moscas e carniça os urubús.

A villa estava, pois, repleta de todos os generos de animaes de dois pés, o que lhe dava um aspecto verdadeiramente carnavalesco, menos as mascaras, que eram desnecessarias.

Anclava toda aquella gente pela chegada dos doutores, que eram esperados pelo capitão com musica e foguetes.

Seis horas soando, e rompendo, de todos os angulos da praça, onde fervilhava a multidão, um brado unisono:

— Lá vêm elles! lá apontam elles!

O capitão, preocupado com o arranjo da mesa do jantar, tão depressa ouviu o brado popular, envergou a nobre farda e, tomando de assalto a mulher, que estava recolhendo as gallinhas de pintos, e a filha, que se arranjava ao toucador, correu para fóra, levando pela mão as duas peças.

Quanto ao filho, o que já é nosso conhecido, esse tinha-se, de ha muito, envolvido na multidão, acompanhando a *sobrinha* do vigário, a quem fazia assídua corte, nas mais puras intenções.

Vendo o festival cortejo que aguardava sua chegada, os viandantes (nós) ficaram envergonhados da triste figura que iam fazer, apresentando-se com tão desgraçadas cavaladuras, e, para salvar, em parte, o ridiculo, desfecharam pancadaria velha na burrada, que disparou como anta tocada por matilha, tomando o freio nos dentes e invadindo a praça, sem attenção á coisa alguma.

— Afasta! afasta! — era o brado geral, seguido da rapida dispersão da massa popular que, sempre e em toda a parte, tem o dom de eclipsar-se logo que ha perigo, sem que se possa saber como e por que modo.

O caso foi que a multidão era compacta, que a tropilha atirou-se-lhe ao centro, e que, n'um abrir e fechar de olhos, toda a gente desapareceu, a praça ficou vazia e... não houve ninguém pisado!

Nós fazíamos esforços inauditos por conter os buiros, mas não havia força que os subjugasse; pareciam demonios enfurecidos!

Felizmente, uns pretos da fazenda visinhança, que tambem tinham vindo lamber por fóra o vaso da festança, conhecendo que aquillo era um disparo, collocaram-se na frente da *fugosa* cavalhada e com um berreiro infernal e movimento dos chapéus, conseguiram arrefecer o furor dos brutos.

— Altámos em terra quasi sem podermos respirar, tal foi o medo que tivemos de causar damno á tanta gente; e tão depressa saltámos, correu a nós o capitão, tremulo e ancioso, por saber o que fóra aquillo.

— Não foi nada, meu tio, respondeu Cardoso; deram-nos, em Nitheroy, uns animaes ariscos e fogosos, de modo que, á menor coisa, estavam a dançar com-nosco, tanto que, se não fossemos bons cavalheiros, teriamos medido o chão varias vezes. Com o barulho do povo os demonios se espantaram e não houve força que os contivesse. Faça o favor de mandar tiralos já de nossa presença, porque eu não sei como não lhes queimel o cerebro com o meu revolver.

O capitão fez immediatamente o que lhe pedira o sobrinho, em bem de salvar os

Uma lenta substituição se produziu, na qual se acham os vestígios das crenças desaparecidas. Os deuses pagãos tornaram-se demônios. As divindades dos phenícios e dos assyrios, Baal—Zeboud (Belzebuth), Astaroth, Lucifer, foram transformadas em potencias infernaes. Os demônios do platonismo, que eram espiritos familiares, tornaram-se diabos. Dos heroes, dos personagens venerados na Gallia, na Italia, na Grecia, fizeram santos. Conservaram as festas religiosas dos povos antigos, dando-lhes formas apenas diferentes como a dos Mortos. Por toda parte enxertaram no culto antigo um culto novo, do qual era este, sob outro nome, a reprodução. Os proprios dogmas christãos encontram-se na India e na Persia.

O Zend — Avesta, como a doutrina christã, contém as theorias da queda e da redempção, a dos bons e dos maus anjos, a desobediencia inicial do homem e a necessidade de salvação pela graça.

N'esse acervo de formas materiaes e de concepções envelhecidas, no meio d'essa pesada herança das religiões desaparecidas que constitue o christianismo moderno, é muito difficil reconhecer o pensamento do seu fundador.

Certamente, os autores do Evangelho não haviam previsto nem os dogmas, nem o culto, nem o sacerdocio. Nada de semelhante se acha no pensamento evangelico. Ninguém foi menos imbuído do espirito sacerdotal do que Jesus; ninguém foi menos escravo das formas, das praticas exteriores. Tudo n'elle era sentimento, elevação de pensamento, pureza de coração e simplicidade.

Sobre este ponto, os seus successores desfiguraram completamente as suas intenções. Levados pelos instinctos materiaes que dominam a humanidade, elles sobrecarregaram a religião christã com um pomposo apparato sob o qual a idéa mater foi abafada. Mas, cedo ou tarde, o pensamento do Mestre, restabelecido em sua pureza primitiva,

brilhará com um novo esplendor. As formas religiosas passam, as instituições humanas se esboroam; a palavra do Christo viverá eternamente para vivificar as almas e regenerar as sociedades.

(Ext. da obra *Christianisme et Spiritisme*, de Léon Denis.)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos

Evangelhos segundo Mathheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

« E' o espirito que vivifica; a cornua do nada serve; as palavras que vos digo são espirito e vida. »
(João, VI, v. 61.)
« A letra mata, e o espirito vivifica. »

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6.)

LUCAS

CAPITULO I, VERS. 26—38

ANNUNCIAÇÃO

N. 18 — Qual é, despojando o espirito da letra, a significação d'estas palavras do anjo a Maria (v. 30): « *Achastes graça diante de Deus?* »

« Obtivestes, de Deus, a missão que tinheis pedido ».

N. 19 — QUAES FORAM OS MOTIVOS d'estas palavras do anjo a Maria (v. 31): « *Ela que concebereis em vosso seio e dareis á luz um filho a quem poreis o nome de Jesus* » — palavras que annunciavam uma concepção material humana no seio de uma mulher e no seio de uma virgem, contrariamente e com postergação das leis immutaveis de reprodução no nosso planeta, quando a vontade immutavel de Deus não revoga nunca as leis da natureza que elle estabeleceu de toda a eternidade, — concepção chamada, em consequencia, pelos homens *sobrenatural, miraculosa, divina COMO OBRA do Espirito Santo* »?

requerem musculatura — musculatura que não se compadece com uma organização doce, flexivel, molle, transparente, lisa, cadenciada, harmonica e delicada, como é de rigor que seja a que serve de templo á belleza humana.

A mulher, pelo contrario, devia ter sido feita da primeira á ultima sempre — sempre, vasada no molde das flores, das aves mimosas como o colibri, das estrellas do céu e dos anjos do Senhor, porque o que chamamos *feminil* trar-nos ao pensamento um quadro mystico, uma especie de Eden, onde tomam formas vaporosas a doçura, a candura, a poesia, a musica, tudo o que caracteriza essa especie de fraqueza, que é a sublime emanação da força humana.

Se Deus tivesse feito o mundo humano por este molde, poupava-me o trabalho de descrever Gertrudinha, bastando-me dizer della: era uma mulher, para todos ficarem sabendo que era uma estrella a fulgir naquella pequenissima firmamento.

Deus, porém, misturou tudo, como nós fazemos, quando preparamos um zord, permitindo que nos venham mulheres-homens e homens-mulheres; e eis-me na dura contingencia de dizer ao leitor: antes eu nunca tivesse vindo a Itaborahy, para não ser obrigado a fazer o retrato da moça, que era os amores do meu amigo Cardoso.

Já agora, o que hei de fazer? Gertrudinha era alta, magra e ossuda, de modo que não sei como as saias não lhe caíam pelo corpo abaixo.

Tinha uma cara comprida e descarnada, filha legitima daquelle corpo, testa estreita, olhos pequenos e, diga-se a verdade, saltitantes, nariz longo e afilado, como uma folha de papel, boca rasgada e orlada de imperceptiveis cortinas com o nome de labios.

O pescoço não era tão comprido como o do grou, mas recurvava-se graciosamente no seu genero, como o daquelle ave.

Tudo isto, coberto ou esmaltado pelo verniz da mocidade, que é o deus protector das filhas de Eva desherdadas dos favores da natureza, formava um conjunto, que... que... «lembram-me logo os meninos do meu compadre Moraes.»

Ahi está o que quiz o leitor: o retrato da amada do meu amigo Cardoso!

Em verdade sou obrigado a dizer: quando conheci o que embelezava o rapaz, que

« Os homens NÃO DEVIAM ainda, por muito tempo, levantar o véo que lhes occultava os segredos d'alem-tumulo; DEVIAM CREER na materia sensivel e impressionavel, na dór physica PARA apreenderem o sacrificio; DEVIAM, já vol-o dissemos e o repetimos, CREER na origem divina — PARA se curvarem sob o jugo, — PARA QUE a missão de Jesus pudesse e devesse ser e fosse aceita e as suas leis fossem seguidas. »

N. 20 — QUAES FORAM OS MOTIVOS d'ESTAS PALAVRAS do anjo a Maria (v. 33): « *E o Senhor Deus lhe dará o throno de David seu paí, e elle reinará sobre a casa de Jacob eternamente* »?

« Era precisa uma cadeia que ligasse as promessas do Antigo Testamento e as interpretações que lhe tinham sido dadas, ás necessidades do momento, ás promessas do futuro — o parentesco apparente por descendencia de tribu; eis porque José foi incarnado na tribu de David, de preferencia á qualquer outra; TUDO SE ENCADEIA nos designios do Senhor e nos acontecimentos successivos que *preparam e desenvolvem*, em cada era transitoria, o vosso progresso e a obra da vossa regeneração. »

N. 21 — Qual é, despojando o espirito da letra, a significação d'estas palavras (v. 33): « *E o seu reino não terá fim* »?

« Não terá fim, porque o vosso protector deve levar-vos á perfeição; — não é elle o seu emblema, e o seu reino não será estabelecido eternamente quando a tiverdes attingido? »

N. 22. EM VESTA D'ESTAS PALAVRAS do Maria (v. 34) « *Como se fará isto, pois que não conheço homem?* » QUAL É A SIGNIFICACÃO d'esta resposta do anjo: « *O Espirito Santo baixará sobre vós* »?

« O espirito superior, enviado, annunciava ASSIM á Maria que seus olhos se abririam e que ella comprehenderia um mysterio que, então, lhe parecia impenetravel; com effeito, mais tarde,

sempre e em tudo manifestou bom gosto, senti um calefrio, não por elle, contado, porque ao que ama o feio, bonito este parece, mas por mim, que tive este pensamento: não poderei, tambem, passar por semelhante provação?

E confesso-lhes, meus caros leitores, que este pensamento perseguiu-me, como uma mosca, por todo o tempo de minha demora em Itaborahy, e por muito mais depois, até que o tempo, que tudo gasta, gastou aquella dolorosa impressão.

O jantar foi alegre e perfeitamente temperado por expansivos brindes dos convivas, principalmente do Cardoso, que cantou em todos os tons as graças divinas da bella entre as bellas, da estrella rutilante que brilhava naquelle firmamento — da loura Gertrudinha.

Ah! esqueci-me de dizer que a Gertrudinha era morena e tinha os cabellos cor de fogo, que o Cardoso chamou «louras».

Eu, supplicado pela minha idéa, não disse palavra; porem o Julio fez diabruras e o Martim levantou ao Macedinho, autor da *Moreninha*, presente ao jantar, um brinde que causou enthusiasmo geral.

Desde aquelle momento o Martim foi alvo das mais distinctas atenções da parte dos circunstantes, e eu comecei a notar que a Gertrudinha, antes toda embebida nas falas do Cardoso, tornou-se-lhe quasi indifferente e era toda olhos para o Martim.

A' vista daquelle facto, eu pensei comigo, Deu-me perdão se ha mal nisto: lá com lá — cré com cré, — ou, em phrase mais sonante: *similia similibus*.

Effectivamente, assim como os espiritos atrazados e, consequentemente, propensos ao mal se reconhecem de relance, se aproximam e se unem, em virtude da lei dos semelhantes, que faz os adiantados e propensos ao bem se reconhecerem e se ligarem, assim, e por obra da mesma lei, devem os bonitos se attrahirem, tanto como os feios.

Infelizmente nem sempre se dá isto entre os individuos dos dois sexos, talvez providencialmente, embora com desarranjo de duas familias, para que nem se apure, na terra, a belleza angelica, nem se essencialize a fealdade satanica.

Em nosso caso, a lei cumpriu-se, ao menos por parte da Gertrudinha, que deixou

na hora e no tempo designados, como os homens, ella attribuiu, sob a inspiração dos espiritos do Senhor, e como DEVIÁ ser, essa obra que lhe era annunciada á acção divina, em presença e em consequencia das palavras do anjo a José: « *O que é nascido nella, foi formado pelo Espirito-Santo*; e ella comprehendeu a missão especial que Jesus tinha de desempenhar. »

« *E a virtude do Altissimo vos cobrirá com a sua sombra?* » Perguntou-se o que significavam estas palavras « *a sombra do Altissimo* », e como essa sombra podia fazer que Maria concebesse e desse á luz um filho?

« A interpretação foi tomada falsamente num ponto de vista material; — por essas palavras o espirito enviado tranquillizava Maria, cuja natureza humana se assustava com a mancha que seria impressa em sua vida por uma concepção illicita aos olhos dos homens. »

« Eis porque aquelle que nascer de vós será chamado « *o filho de Deus* »? »

« Essas palavras confirmam o que acabamos de vos dizer. »

« Aquelle que nascer de vós — (pela operação do Espirito-Santo) — será chamado o *Filho de Deus*. Este titulo, segundo o espirito, em espirito e em verdade, não se applica a Jesus senão tendo em consideração a sua pureza; e todos vós podeis adquirir esse mesmo titulo. » (1)

« No ponto de vista humano: Esse titulo devia servir para elevar os homens aos seus proprios olhos, para lhes fazer comprehender o amor de Deus: não havia divindade que não tivesse os seus sacrificios sanguinolentos; qual devia ser, aos olhos dos homens, a

(1) E' o que foi propheticamente predito e promettido pela revelação feita a João na ilha de Pathmos (*Apocalypse*, cap. 22 v. v. 6 e 7).

o Cardoso, um rapaz lá—lá, pelo Martim, cujo typo physiologico já conhecemos desde o principio desta historia, chronica, narração, ou coisa que melhor nome tenha.

O que dirá agora o Martim, que vive a choramingar por não olharem para elle as moças?

Ahi está a Gertrudinha que parece querer devorar o com os olhos.

Foi preciso vir a Itaborahy para quebrar o encantamento de sua constante calpura!

Tive impetos de atirar-lhe alli mesmo, á mesa do festim, as doces palavras do Mantuan: « *o fortunato puer!* »

Mas quem sabe se o rapaz se julga feliz com aquella conquista?

A natureza humana tem destas contradicções: chora por uma coisa que lhe falta, e, desde que a alcança, nenhum caso faz della, se não se incommoda por tel-a!

Na duvida a respeito dos sentimentos do meu caro amigo, puz-me de observação, mesmo porque a coisa me interessava por outro lado, pelo Cardoso, que tambem era meu amigo — e que adorava a Gertrudinha.

A qual dos dois caberá o *pome d'or*?

Foi para mim uma felicidade ter este objecto de preocupação, para me distrahir da impressão que já confessei: a paixão do Cardoso pela moça.

Após o jantar veio o baile, que durou até de manhã — e durante elle a prima do Cardoso levou enrodilhada com o Martim em todas as dansas, negando-se, muitas vezes, a acceder aos pedidos do primo.

— Estás batido, meu Cardoso; o Martim tirou-te do lance; adeus Gertrudinha, pensava eu, e dizia com os meus botões: Deus os fez e... mas para que dizer isto do meu amigo?

Durante o dia do domingo todos estiveram abichados, menos o Julio, que divertiu-se a mais não poder, levando tudo raso com a sua eterna galhofa.

« *Eria o canção que tomou o Martim e o Cardoso?* »

Na segunda-feira de madrugada partimos os tres sómente, porque o Cardoso deu-se por doente.

Deus o ponha bom.

(Continúa)

FOLHETIM

(10)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MASS

PRIMEIRA PARTE

X

Seria uma desatenção para com o leitor deixar de apresentar-lhe a familia do capitão Anselmo, mesmo em attenção a ella, que tão amavelmente nos recebeu.

Falemos franco: o que pode interessar, no caso, é conhecer a filha da familia, a Gertrudes, ou Gertrudinha, em torno de quem vão girar aquellas cabecinhas de rapazes, principalmente a do Cardoso, que se diz, e creio que está, apaixonado.

Que nos importa saber que o capitão Anselmo é baixo, gordo, barrigudo, de pernas um pouco arqueadas e de cara chata como um sapo?

Pelo mesmo theor e forma, que interesse ha em saber que D. Carlota tem um corpo de calangro e uma physionomia de chimpanzé?

São trastes usados, em que ninguém vai reparar.

A moça, sim, é a peça principal em que todos põem os olhos; porque, deixem lá, até os velhos gostam de ver moças, principalmente se são bonitas.

« Quando não se bebe na taverna, folga-se nella »; quer dizer que os olhos folgam de ver, mesmo que o coração não sinta mais o calor do sagrado fogo.

Gertrudinha seria uma excepção? Não seria de alegrar os olhos da gente?

Deus não foi sabio quando creou o homem e a mulher.

Devia ter feito o primeiro de ponta á ponta sem nenhum caracter de belleza, porque o que chamamos *masculino* trar-nos ao pensamento um quadro de energias — energias que pedem forças — forças que

desenvolvimento moral, nem do progresso intellectual da quasi totalidade de seus membros.

A multidão dos trabalhadores, dos humildes, é sacrificada pelo egoismo e pela inconsciência das classes dirigentes; e a miséria, as degradações physicas e espirituas, as crises politicas, as luctas de classes, são a triste consequencia d'isso.

Não preguéis a caridade, mas a verdadeira justiça; não aponteis a esmola como uma tocante manifestação do coração, mas indicai a nova concepção da lei baseada sobre a evolução do homem, baseada sobre a sua natureza, sobre as suas necessidades, sobre os seus destinos.

Apoiados pela nova manifestação do espirito, escudados no secreto desejo de todos os que procuram a Verdade, chegareis a fazer comprehender e a fazer respeitar a liberdade humana, a consciencia, a vontade, o trabalho e a vida de cada individuo, qualquer que seja elle, e a dar a cada um o que elle tem o direito de esperar n'este mundo: a *faculdade de viver, de pensar e de elevar-se.*

HENRI DE LATOUR

A TRINDADE

Jesus tinha trazido ao mundo uma noção da divindade, desconhecida do judaismo. O Deus de Jesus não é o despota parcial e cioso que protege Israel contra os outros povos; é o Deus, pae da humanidade. Todas as nações, todos os homens são seus filhos. E' o Deus em quem tudo vive, se agita e respira, immanente na natureza e na consciencia humana.

Para o mundo pagão como para os judeus, esta noção de Deus encerra uma completa revolução moral. Aos homens que tinham chegado a tudo divinizar e temer tudo o que haviam divinizado, a doutrina de Jesus revelava a existencia de um só Deus, Creador e Pae, perante quem todos

os homens são irmãos e em nome do quem elles devem assistir e afeição reciprocas.

Essa doutrina tornava possível a communhão com o Pae, pela união fraternal dos membros da familia humana. Abria a todos o caminho da perfeição pelo amor do proximo e o devotamento á humanidade.

Simple e grande ao mesmo tempo, ella devia elevar o espirito humano até alturas imponentes. até esse foco divino de que cada um pode sentir em si a irradiação.

Como essa idéa simples e pura da Divindade, que podia regenerar o mundo, foi transformada ao ponto de tornar-se incomprehensível?

Está nisso o resultado das paixões e dos interesses materiaes que entraram em acção no mundo christão, após a morte de Jesus.

A noção da Trindade, tirada d'uma legenda hindu que era a expressão d'um symbolo, veio obscurecer e desnaturar essa alta idéa de Deus. A intelligencia humana podia elevar-se até essa concepção do Ser eterno que abraça o universo e dá vida a todas as creaturas, mas não pode explicar como tres pessoas se unem para constituir um só Deus. A questão da substancialidade não elucida em coisa alguma o problema. Em vão nos observariam que o homem não pode conhecer a natureza de Deus. Aqui não se trata dos attributos divinos, mas sim da lei dos numeros e das medidas, lei que regula tudo no universo, mesmo as relações que harmonizam a razão humana com a razão suprema das coisas.

Mas essa concepção trinitaria, tão obscura, tão incomprehensível, tinha uma grande vantagem aos olhos da Igreja.

Permittia-lhe fazer de Jesus um Deus. Dava ao poderoso espirito que ella chama seu fundador, uma autoridade, um prestigio que recahiria sobre ella e asseguraria seu poder. Eis o segredo da sua adopção pelo Concilio de Nicéa, após as discussões e as pertur-

bações que agitaram os espiritos durante tres seculos. As discussões sómente cessaram pela proscripção dos bispos arianos, ordenada pelo imperador Constantino, e pelo banimento do papa Liberio, que recusara sancionar a decisão do concilio.

A divindade do Christo, rejeitada por tres concilios, foi no anno 325 proclamada nos seguintes termos pelo concilio de Nicéa:

«A Igreja de Deus, catholica e apostolica, anathematiza os que affirmam que houve um tempo em que o Filho não existia, ou que elle não existia antes de haver sido creado.»

Esta declaração está em contradicção formal com os ensinamentos dos apóstolos e dos evangelistas. Emquanto todos acreditavam o Filho creado pelo Pae, os bispos do seculo IV proclamavam o Filho igual ao Pae, «eterno como elle, engendrado e não creado», dando assim um desmentido ao proprio Christo, que dizia e repetia: «Meu Pae é maior do que eu.»

(Trad. da obra *Christianisme et Spiritualisme*, de Léon Denis).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64)
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6.)

LUCAS

CAPITULO I — VERS. 39 — 45
VISITA DE MARIA A' ISABEL

V. 39. Ora, por esses dias, Maria, levantando-se, dirigiu-se apressada para as

montanhas, e a uma cidade da tribo de Judá; — 40. E tendo entrado em casa de Zacharias, saudou Isabel; — 41. E aconteceu que, quando Isabel ouviu a voz de Maria que a saudava, seu filho estremeceu em seu seio, e ella foi cheia do Espirito-Santo; — 42. E ella exclamou em voz alta e disse: «Bemdito sois entre todas as mulheres, e bemdito é o fructo do vosso ventre; — 43. e donde me vem a felicidade de vir a mim a mãe de meu Senhor? — 44. Porque ainda bem a vossa voz não me feria o ouvido quando me saudastes, e já meu filho estremeceu de alegria em meu seio, — 45. Bemaventurada vós que crestes, porque o que vos foi dito da parte do Senhor será cumprido.»

N. 25. «O espirito de Jesus estava ao lado de Maria em casa de Isabel; acompanhava-a então como o fazem os vossos anjos da guarda. O espirito de João não teve necessidade de *ver chegar* Jesus; sabia-o alli, e elle mesmo ahi se achava; estava livre, os preliminares penosos da incarnação (já vol-o dissemos) não existiam para elle; não soffia a perturbação e não perdeu a consciencia de si mesmo e de sua origem senão no momento que precedeu o nascimento. Se não teve que supportar as angustias da incarnação, a relação entre o feto e o espirito estava estabelecida; e a acção do espirito podia fazer-se sentir *quando era necessaria* PARA trazer um testemunho novo. A acção que produziu o estremecimento no seio de Isabel foi operada no intuito de augmentar as provas.»

«As palavras dirigidas por Isabel á Maria foram um effeito de mediumnidade, o producto da inspiração dos espiritos do Senhor; foram ditas por Isabel como *medium inspirado* e ASSIM cheia «do Espirito-Santo».

«Quanto a estas palavras: «Bemdito é o fructo do vosso ventre», Isabel falava á Maria nos termos que ellas deveriam comprehender mutuamente, e exprimiu-se ASSIM, sob a inspiração, segundo a crença que ambas DEVIAM partilhar com todos, e que DEVIA tornar-se e se tornou, pela revelação apropriada, conforme a vontade do Senhor,

bras do farçola do Julio; mas eu já estava que não me podia conter.

Quiz secundar a mystificação, mas qual! uma gargalhada homérica desmoralizou a obra tão bem feita que illudira o moço, aliás intelligente, muito mais que qualquer um de nós.

Julio foi tomado do contagio, e adeus gravidade, seriedade e conceitos.

O Martim comprehendeu então que tinha-se prestado ao debique e não sei como não rompeu seriamente commosco.

Em conclusão, o pobre rapaz foi victima da perseguição da Gertrudinha e do nosso debique; e n'isto cifrou-se tudo o que colheu na viagem á Itaborahy.

E o caso é que a sua custa passámos distraindos todo o tempo da viagem que tão triste começou.

Foi uma ventura, um céu aberto para a mãe Martha a nossa chegada, que a boa velha ansiosamente esperava, prevenida d'aquelles famosos bolos de que certamente não se terá esquecido o leitor.

Dir-se-hia que vinhamos de longas terras depois de longa ausencia, tanta era a alegria que transluzia da sempre placida physionomia da estimavel preta.

E' que, não a côr, nem a posição, mas somente o adiantamento do espirito é o que determina as felizes qualidades moraes do ser humano.

O negro pode ser muito superior em taes qualidades ao branco, que, aliás, vota ao desprezo o que toma uma pelle d'aquella côr.

Mal pensam os que assim julgam que dentre os filhos da raça desprezada alguns ha que são superiores, mesmo muito superiores, aos da raça privilegiada.

A côr é accidentie; e se a maior parte dos espiritos que vêm á vida no seio da raça preta são os que surgem na terra e, portanto, são verdadeiramente boques, innumeros ha que procuram aquelle seio, tendo já representado no mundo brilhantissimo papel, exactamente para partilharem o desprezo geral, em expiação do orgulho que os contaminou pela posição que occuparam e pelos louros que conquistaram.

E' a prova da humildade contra a soberba! Ha pretos que já foram reis e que já foram sabies!

(Continúa)

FOLHETIM

(11)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XI

Nossa volta foi pesada e triste, como acontece a quem sai de uma festa para ir entregar-se aos labores ordinarios da vida.

Felizmente o capitão Anselmo foi tão amavel que deu-nos boas cavalgadas, mandando levar á Praia Grande, as que nos serviram para a ida.

Em caminho, visto que iamos folgados quanto á montaria, não me soffreu o coração que deixasse para mais tarde a satisfação de minha curiosidade quanto aos sentimentos do Martim para com a Gertrudinha.

Foi uma bem agradável distracção ás disposições dos nossos espiritos, que nos trariam encorajados.

— Ora até que afinal, meu caro Martim, rompestes com a terrível maldição que te fazia desprezado do bello sexo!

— Como assim? retorquiu-me o rapaz, meio picado.

— Oh! pois não tiveste a suspirada felicidade de jungir ao teu carro triumphal um coração de moça — da excelsa amada do Cardoso?

— Estas palavras, o Julio dobrou uma gargalhada de echar pelos montes visinhos.

— Eu tambem notei, Max, e fiquei mais desapontado que o Cardoso, embora não adoeceasse do dôr, como elle.

— E diz o Sr. Martim que eu possuo a vara magica de tocar todos os corações das bellas filhas de Eva! O demonio da Gertrudinha nem para mim obte-

— E' — é, bradou encolerizado o Martim. — e a tal Gertrudinha não fosse um demonio, como bem disseste, um demonio de fealdade, não seria eu que lhe colhesse as preferencias. Para mim só chegam as filhas de Eva, depois do peccado, emquanto para ti...

— E, injusto, acudi eu. A Gertrudinha não é nenhum peccado mortal; tanto que o Cardoso bebe os ares por ella: — e quem sabe se não vai morrer por causa della?

— E o que tenho com o Cardoso? Não é burro, peça a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.

— Não é assim, disse o Julio em tom grave e sentencioso. O Cardoso é um rapaz de bom gosto; e pois, se apaixonou-se pela filha do capitão Anselmo, é porque ella possui graças que tu não tiveste olhos de descobrir.

— E tu tiveste, Julio? E tu descobriste-lhe alguma dessas graças?

— Ah! eu não fui o preferido, eu não tive a tua felicidade, eu fui para ella um paria; tanto que recusou-me uma quadrilha de tantas com que te felicitou.

— Felicitou ao demo! que eu andei corrido toda a noite e todo o dia, com vergonha de todos e de mim.

— Anda lá, meu velhaco, ajuntel de prompto; tu andaste corrido; porem á despedida, quando ella, com lagrimas na voz, te pediu que voltasses, respondeste, todo lambido (que bem o ouvi): emquanto não vier, deixolhe os meus mais vivos pensamentos.

— O Martim disse isto, Max?

— Elle, se é capaz, que negue.

— Disse-o — disse-o, Sr. Julio, mas eu não havia de corresponder a uma fineza, com coisa que não lhe fosse correspondente. E, demais, aquellas palavras irromperam de minha alma á perspectiva de estar proxima a minha libertação, de ir terminar a perseguição de que tinha sido victima.

— Ah! está explicado, Max; quando a gente se livra de uma pulga incommoda é muito natural que não tenha para ella senão palavras de ternura e que até a beije.

— Sr. Julio, não me amofine com suas ironias. Eu já disse e repito: só daquellas é que sou preferido!

— Não sei o que queres dizer, Martim. Daquellas — daquellas — daquellas o que? Pois a Gertrudinha não é uma moça como as outras? Seu coração não é como o das outras? O amor que brota n'aquelle coração não é igual ao das outras? Porque, então, tu, que te arrelavas por nunca teres encontrado, da parte das moças, senão desprezo, te sentes aborrecido por ter tido, da parte de uma, calorosa preferencia?

— Da parte de uma!

— Ah! só te serve se fôr da parte de todas!

— Não é isto, que eu não sou um tolo presumido.

— O que é então?

— E' que só me cabe o rebotalho; entendes?

— Rebotalho, porque?

— Porque á feia como um jabird.

— Mas só as bonitas é que têm coração?

— Não digo isso; mas sim que só ellas me querem.

— Olha: a tua queixa era de que as moças não olhavam para ti; e pois, desde que encontraste uma que olhou para ti, feia ou bonita, viste quebrada a muralha que te isolava. E disse-me: essa feia, assim como te distinguia, não podia tel-o feito a outro — a mim ou a Max, por exemplo?

— Varro a hypothese, bradel eu de prompto, por que o exemplo não passasse sem protesto da minha parte.

— Olha, olha como Max repelle a coisa, ainda mesmo como hypothese.

— O que tem isso? replicou o Julio com tal gravidade que parecia estar falando serio; o que tem isso? A nossa questão não é que acceitemos a preferencia; a nossa questão é que o preferido não tem o direito de dizer: eu tenho a sina de ser desprezado pelas moças.

— Bom; admitto que tenhas razão; mas eu prefiro continuar com a minha sina a ver-me perseguido por preferencias de tanajuras.

— Não tens razão, Martim; principio querem as coisas. Quebras a sina conquistando tanajuras e, uma vez quebrada, farás, chegarás a fazer, a conquista de borboletas de azas friadas.

Martim ia-se deixando levar pelas pala-

1899, tendo dado o seguinte resultado:

Presidente, Josino Emiliano da Silveira; *vice-presidente*, tenente José Joaquim de Magalhães Abreu; *1.º secretário*, Leopoldo José de Menezes; *2.º secretário*, Olegário Ferreira; *thesoureiro*, Manoel Garcia; *archivista*, Antonio Avayde.

Felicitemos os nossos confrades pela prova de confiança que lhes acaba de ser conferida e fazemos votos por que a sua missão se torne uma nova fonte de benefícios largos e fecundos á causa da propaganda spirita no nosso paiz.

BIBLIOGRAPHIA

LÉON DENIS — CHRISTIANISME ET SPIRITISME — LES VICISITUDES DE L'ÉVANGILE — LA DOCTRINE SECRÈTE DU CHRISTIANISME — RELATIONS AVEC LES ESPRITS DES MORTS — LA NOUVELLE RÉVÉLATION, — 1 vol. de 418 pags. in-12, editor P. G. Leymarie, 42 rue Saint-Jacques, Paris—1898.

(Continuação)

«Na hora presente, — dil-o com a sua palavra incisiva Léon Denis, cujos golpes farão estremecer o velho edificio da religião decadente, — neste seculo de progresso, o homem ainda nada sabe do futuro, nada da sorte que o espera no fim da sua permanencia na terra. A fé na immortalidade é muito fraca em muitos d'aquelles que se dizem os discipulos do Christo; muitas vezes suas esperanças vacillam ao sopro gelado do scepticismo. Os fieis conduzem os seus mortos ao tumulo e, com os golpes do martello que pregam o esquife, a duvida oppressora lhes pesa na alma e a constrição.

«O padre sente a sua fraqueza; elle se reconhece fragil, sujeito a erro como aquelles que tem a pretensão de dirigir, e, se não estivessem em jogo

a sua situação material e a sua dignidade, reconheceria a sua incapacidade e deixaria de ser um cego conductor de cegos.»

A epoca da preponderancia catholica entrou francamente no seu declinio, não de hoje, mas ha mais de um seculo. O ensino romano já não sacia a sede aos que fóra da sua orbita sombria respiraram as leves auras de aspirações mais liberaes. No proprio rebanho dos seus adeptos lavra a duvida ou a indiferença que os seus inuteis exorcismos não conseguem dissipar.

«O christianismo — citemos ainda o Sr. Léon Denis — era uma fé viva e radiante; o catholicismo não é mais do que uma doutrina secca e sombria, inconciliavel com os preceitos do Evangelho, não tendo a oppôr aos argumentos da critica racionalista senão as affirmações de um dogma impotente para provar e para convencer.»

E' isso o que tem provocado esse exodo consideravel de fieis desiludidos para as acheronticas ribas do materialismo. Os espiritos livres, nada encontrando n'aquelle ensino dogmatico que se impuzesse á sua razão que os raios da sciencia illuminara já, constituíram-se essa especie de corrente revolucionaria que, no seu perigoso curso, vai arrancando as ultimas illusões aos que ainda hesitam, estancando-lhes no coração essa espiração do infinito que dorme no seio de todo homem, tendendo a modificar as sociedades e dando-lhes esse aspecto de desolação que o atheismo offerece aos olhos do philosopho, enristecido ante essa aberração do espirito humano arrastado, no seu excesso reaccionario, aos extremos da negação absoluta.

Tão grande é o mal da fanatização intransigente como esse outro da eliminação completa de todo sentimento religioso.

Estudando os effeitos d'esse estado deploravel das consciencias libertadas

do dogmatismo envelhecido, as quaes pretendem dirigir sobre as sociedades actuaes o sopro esterilizador de sua propria descrença, Léon Denis lança um brado humanitario de protesto e de condemnação contra tão perigosas doutrinas.

«Com as theorias da escola materialista, diz elle, a responsabilidade moral desaparece. O homem não é livre, nos dizem Büchner e seus discipulos; elle é o escravo do seu meio. O crime se explica pelo atavismo e pela hereditariedade. E' um phenomeno natural; é o effeito necessario de uma causa, a consequencia de uma fatalidade secreta. Em definitiva, não ha nem bem nem mal! E por esse modo desculpam-se as mais graves faltas, anesthiza-se a consciencia, destroe-se toda idéa de sanção moral e de justiça. Com effeito, se o crime é fatal, elle é involuntario, não é punivel, não é infamante. Se a paixão é irresistivel, que vantagem ha em combatel-a? Semelhantes concepções, propagadas em todos os meios, têm tido como consequencia sobrexcitar ao mais alto ponto os appetites, desenvolver o sensualismo e os instinctos egoisticos. Nas classes abastadas, muitos não têm senão um fim: supprimir os deveres e as luctas austeras da vida, fazer da existencia uma orgia perpetua, uma especie de embriaguez, mas uma embriaguez cujo despertar poderia ser terrivel.

«Negase o livre arbitrio e a sobrevivencia do ser, negase Deus, o dever, a justiça, todos os principios sobre os quaes repousam as sociedades humanas, sem preocupação do que pode resultar d'essas negações. Não reparam na influencia deploravel que ellas exercem sobre a multidão, por ellas impellidas aos excessos. E' assim que, pouco a pouco, os caracteres se abatem, a dignidade humana se amesquinha, as sociedades perdem a sua virilidade e a sua grandeza.»

—Urge, pois, dar combate a essas doutrinas perigosas, de aniquilamento do espirito, de abaixamento do nivel moral das sociedades vacillantes. E ninguém o faz melhor do que o Sr. Léon Denis, graças á sua incisiva dialectica enfaixada sempre nas roupagens sedutoras de um estylo brilhante, de que não podem dar uma pallida idéa as ligeiras citações que atraz consignamos.

O materialismo, como o catholicismo, insufficientes ambos, um pelo seu excesso de negativismo, o outro pelo exagero da sua dogmatização absolutista, para responder aos appellos da razão esclarecida e emancipada do prejuizo dos systemas de qualquer natureza, foram pelo autor submettidos ao crivo de uma logica implacavel e analytica, que poz em relevo toda a perniciosidade do primeiro, toda a inanidade do ultimo.

Mas o trabalho do autor não é, nem pode ser, uma obra exclusiva de demolição. Apontando os graves erros com que a igreja romana falseou o ensino do christianismo, de que se fez depositaria, demonstrando á luz da critica racionalista a insufficiencia das escolas materialistas para resolverem o problema do destino do homem, o autor não podia limitar a isso a sua tarefa; tinha que ir até o fim. Golpeado pela poderosa alavanca da sua argumentação o edificio insustentado de erros de um e do outro lado, restava substituir essas ruínas pelos materiaes com que se ha de erigir a construcção do futuro, dar em troca d'esses ideaes aniquilados um ideal superior, capaz de satisfazer todas as solicitações, todas as exigencias do espirito humano avido de luz e de verdade.

Foi o que elle fez. Depois de passar em revista outros systemas philosophicos e religiosos, julgando-os com um criterio e uma imparcialidade que honram os seus intuitos, depois de mostrar a superioridade das seitas dis-

FOLHETIM

(14)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PR MEIRA PARTE

XIV

Como acontece ao caminheiro que se perde da caravana em vasto deserto, onde não se descobrem os sulcos de caminheiros, assim aconteceu aos dois moços que acabavam de receber o grau de doutor, perdendo-se, desde allí, no seio da sociedade, que lhes era vasto deserto, visto que não lhe conheciam os caminheiros e os modos, as condições de seu viver e as regras de sua constituição.

Eram caminheiros perdidos da caravana, porque o homem social não guarda, não pode guardar, os habitos livres, a norma irreflectida da vida do rapaz.

Julio e Martim, dos poucos que não tiveram, n'aquelle dia augusto, um coração, amphora de sublimes affluvios, que sentisse doces estremecimentos por sua elevação ao Capitolio, visto que um não tinha mais paes, e que o outro tinha-os a centenas de leguas da Côte, no Maranhão, donde era filho; Julio e Martim, que em toda a sua mocidade escolastica não prenderam a nenhuma das filhas de Eva seu coração, um por não sentir arrastamentos, outro por não encontrar quem lh'os retribuísse; Julio e Martim, á parte a satisfação que se sente quando se consegue colher o fructo, para cuja obtenção regou-se a terra com o suor de longo mourejar, sentiram-se esmagados pela grandeza magestosa da cerimonia do grau.

Ao discurso do director, que revestia de galas o esposo da sciencia, que lhe abria, n'aquelle dia, as portas do seu santuario — ao discurso, que descreveu a sublimidade do sacerdocio de que acabavam de ser investidos os felizes catecumenos, cruzados do bem e do dever, pelo amor e pela sciencia; Aquelle discurso, que rasgava o véo do templo pondo

em evidencia a magestade da cruz que iam tomar aos hombros os novos iniciados; elles, os dois moços, responderam em seu intimo: tudo está acabado!

Adeus, sonhos ridentes, miragem encantadora, doces gozos de um viver *au jour le jour*, da vida do feliz bohemio; adeus!

E antes de todos, e sem que houvesse quem lhes notasse a ausencia, Julio e Martim se esgueiraram por entre a multidão, tomaram o carro e volveram ao seu sotão, onde encontraram, toda bem ataviada, a boa mãe Martha, que os recebeu nos braços, com lagrimas de pura alegria a lhe bailarem nas palpebras.

Ao ruido da massa humana, mal harmonizado com as musicas festivas, e só em conformidade com as loucas alegrias de dezenas de corações; esse quadro risonho, quasi inebriante, que deixaram, havia momentos, succedia o silencio de seu cubiculo, apenas perturbado pelas explosões de contentamento da pobre preta velha, que agora, como que tomava para si o papel dos vivos e dos mortos, que faltaram aos dois rapazes n'aquelle dia de suas insondaveis emoções.

— Mãe Martha, tudo está acabado!

— Acabado! Porque? Porque já não são os meninos que só encravavam a vida pelo prisma das alegrias infantis? Porque entraram hoje na phase em que o homem tem de dar provas de seu caracter, pela seriedade, pelo criterio, pela firmeza no cumprimento do dever e pela inquebrantavel dedicação ao bem, ao bem que é, de ora em diante, o seu bordão de peregrino? Não, meus queridos filhos; não está tudo acabado. Ao contrario; se finda o tempo dos folgares, começa o do trabalho pela realização do fim para que viemos aqui. Essa quadra, cujo termo tanto os amofina, era o preparo para a grande obra do seu progresso, que Deus lhes confiou nesta vida; — e quem desejará viver sempre a preparar-se para a conquista do summo bem? e a mocidade, quero dizer, a idade juvenil, tem as doçuras da irresponsabilidade, a que se lhe segue, a em que entraram hoje, tem-n'as mais esplendidas, porque não ha prazer que iguale o que se sente quando se cumpre o dever, quando se faz o bem, jogando na lucta todas as armas da intelligencia e da actividade. Deus creou flores para todas as

quadras da vida, e, se as que tendes colhido na que acabou e que passa desculdosa, têm lindo colorido, as que ides colher na que se abre hoje, têm perfumes que embriagam de suavissimos prazeres. São as flores colhidas nos celicos jardins, pelo dever cumprido, em face das que se colhem nos jardins terrenos, pelos prazeres ephemeris! Avante, pois, sem receios e sem vacillação, que lá adiante, lá em cima, no termo de vossa viagem, esperam-vos os risos de contentamento dos que vos amam e o festim do filho prodigo, se bem souberdes usar da arma que vos entregaram hoje, menos em rasgar a terra para arrancar de seu seio o ouro, do que em rasgar os corações para depôr nelles o bálsamo da consolação, pelo amor do proximo e pelo amor de Deus. Não durmam não descancem, que só assim é que o medico exerce o seu sacerdocio e conquista doce e suave dormir, fresco e tranquillo descanso, no seio do Divino Jesus — Pensamento do Pae. Avante — Avante — e não olhem para traz.

Os moços sentiram, aquellas palavras da velha, evidentemente inspiradas, um estranho calor a percorrer lhes a medulla dos ossos, coisa assim pelo que sente o arabe quando fuma o seu opio, ou como a indiscriptivel ebriedade que invade o cerebro do filho do extremo Oriente, quando se enerva com a essencia do hatercis.

E, n'aquelle estado, que nem era o do que dorme, nem o do que está acordado, viram, pelos olhos d'alma, um quadro arrebatador.

Era um vasto campo matizado de flores, lindas como nunca tinham visto semelhantes, e ao pé desse campo, grande extensão de fraguado sobre os quaes se estorciam em dores homens e mulheres, velhos e crianças.

Dentre um grande numero de pessoas, vestidas de borla e capello, que passavam por aquelle sitio e pisavam as mimosas flores e olhavam, sem se doerem, para os tristes que gemiam sobre os fraguados, e seguiam, como em procissão, para uma mina de ouro e de prata, que ficava alem, poucos, bem poucos paravam, tiravam as vestes de gala, tomavam a blusa do simples operario e se atiravam a colher as lindas flores, a extrahir-lhes o succo e a levar-o aos que gemiam nos fraguados.

Era uma faina que durava dia e noite, mezes e annos, de encanecerem no seu mourejar os que deixavam o caminho das minas pelo trabalho de suavizarem os sofrimentos de seus semelhantes pelo amor e pela caridade.

Essa visão, mais do que as palavras da preta velha, abalou os dois rapazes; porem o que os commoveu ao ultimo ponto foi verem ao começo, cravado na fronte de cada um dos trabalhadores, uma coroa de espinhos — e, pelo correr do trabalho, e por cada pessoa que erguia-se dos fraguados sem mais sentir as dores, cahir da coroa um espinho e engastar-se, em seu lugar, uma d'aquellas flores do campo, que exhalava um perfume de aromatizar o espaço em torno dos que as colhem por amor de seus irmãos.

No fim, o quadro transformou-se em outro:

Espessas trevas cobriam a terra, convulsionando até os profundos abyssos de seu seio. Só havia um ponto luminoso e firme como o rochedo que resiste ás tempestades do oceano.

Todos correram para aquelle providencial asylo; mas para chegar-se-lhe era preciso subir por alta escada, e ao primeiro degrau estavam postados dois guardas, cujos olhos desferiam raios de luz que cegavam.

Os togados que passaram pelo campo florido e pelos fraguados cobertos de infelizes chagados e seguiram para as minas, foram os primeiros que correram para a escada; mas — oh desgraça! — os guardas lhes disseram, como em vozes de trovão:

— Trabalhastes pelas grandezas do mundo, não tendes direito de subir onde ellas não dão para comprar um ponto em que possais firmar o dedo minimo do vosso pé.

E elles cahiram por terra e foram engulidos pela terra! Aquelles, porem, que preferiram colher as flores do céu, a amontoar riquezas da terra, foram recebidos com canticos, que diziam:

— Sacrificastes aos pobres de Jesus; recebei as fartas recompensas de vossas boas obras.

(Continúa.)

armas, tendo sido eleito bibliothecario no periodo administrativo de 1895, cargo que exerceu com boa vontade e com dedicacão, deixando-nos de sua fraterna convivencia as mais gratas recordações.

Accomettido de uma affecção de fundo tuberculoso, á que tão breve devia succumbir a sua delicada organização physica, afastou-o do nosso seio a necessidade de procurar no ameno clima do seu Estado natal uma suavização á enfermidade incipiente que o minava, mas nem com isso se julgou no direito de fruir o repouso que o seu estado reclamava e, na cidade de Penedo, que acaba de abandonar empreendendo a grande viagem do infinito, aproveitou elle a sua permanencia, por assim dizer, forçada, para erguer uma humilde tenda votada ao culto das verdades spiritas e alli fundou *A União*, jornal de propaganda, a que elle consagrou o melhor de sua actividade e de sua dedicacão.

No balanço dos serviços prestados á causa do spiritismo no Brazil, é possível que não avulte o saldo em favor d'esse humilde e obscuro trabalhador das primeiras horas, mesmo porque lhe foi exiguo o tempo para a acquisição de um largo patrimonio de serviços; mas o que é verdade, o que nos julgamos no dever de constatar n'estas columnas é que em boa vontade activa e diligente poucos o excederão e que elle soube dignamente aproveitar o seu dia, tão curto quão laborioso.

Simple e bondoso de coração, alma aberta ás santas inspiraões do bem, João Nunes dos Santos conquistava

amigos em quantos tinham a fortuna de se lhe aproximar, contemplando de perto as manifestações espontaneas e sinceras de um espirito aparelhado para a grande obra da regeneração, que foi o seu escudo.

N'elle a Federação perdeu um excellentes companheiro que nutrimos a esperanza de ver de novo um dia ao nosso lado, n'este trabalho de abrir brecha, atravez dos preconceitos da sociedade indifferente, para a passagem da sagrada cohorte dos missionarios da verdade cujo caminho preparamos; mas se, com a Federação, perdeu n'elle a causa spirita um dos seus batalhadores na terra, ganhou elle o premio merecido pelo seu perseverante labor, e no espaço sem termo em que agora irradia livre e satisfeita a sua bella alma, melhor e mais efficaçmente poderá elle objectivar os seus esforços, trabalhando, nos recessos do invisivel, por completar a sua obra começada entre nós.

Rendendo n'estas columnas a homenagem á que tinha direito o nosso bom e saudoso companheiro, o *Reformador* não preenche uma formalidade banal: cumpre um grato e imprescriptivel dever.

PAGINAS DE AKSAKOF

I

Um caso dos mais extraordinarios produziu-se, em dezembro de 1893, em uma sessão realizada em Helsingfors [Finlandia] pela Sra. Espérance, facto que projecta uma viva luz sobre os mysteriosos phenomenos de materialização, e que confirma, pela *vista* e pelo *tacto* de muitas testemunhas,

entretanto que lá, no bairro pobre, foram cabindo na rede uns peixinhos, como dizia o Julio, que, apesar de muito mudado, conservou sempre a jovialidade dos tempos escolares.

Foram cabindo na rede alguns peixinhos, mas, coitadinhos, tão magros que não davam para a consolda dos rapazes. Isto, porem, não fazia que elles se esquivassem á magra pesca, antes parecia concorrer para sua maior diligencia.

E o caso foi que, em pouco tempo, já lhes escasseavam as horas para acudir aos que os procuravam, dando-lhes o mais glorioso dos titulos: o de medicos dos pobres.

Dalli voou a fama de seus nomes para a cidade, onde tinham o escriptorio, já agora insufficiente para a grande concurrencia de consultantes.

Ganhavam aqui para despende ali, tão exactamente que, quando chegava o fim do anno, seu balanço accusava um grande lucro, mas seu cofre estava tísico.

Em compensação, o coração estava cheio de riquezas que a traça não roe e que a ferrugem não come: e a consciencia? Oh! esta exultava, banhada num oceano de effluvis tão leves, tão limpidos, como deve ser o ar que respiram os habitantes dos mundos celestes.

Sim; o céu começa na terra para aquellos que sabem praticar a lei das leis: o amor de Deus e o amor do proximo, donde decorrem todas as sublimes virtudes que constituem a aureola gloriosa dos bem-aventurados, especialmente a caridade, que é a dilecta filha de Deus.

Correspondentemente, o inferno começa na terra; porque inferno é o fogo devorador que se gera das paixões e praticas condemnaveis, e que, portanto, nasce com a culpa e ateia-se até queimar a alma, na razão da persistencia e do maior grau de culpa.

Os nossos bons amigos encontravam agora tanta satisfação em não poder ir ao theatro ou a um baile, por lhes faltar o dinheiro, despendido com seus clientes pobres, quantas era, em seus tempos de rapazes, a contrariedade que lhes causava a falta de qualquer coisa que lhes tolhia o

o que até a presente data não era senão um postulado theorico exigido pela logica.

Em todos os tempos foi reconhecido pelo spiritismo que o phenomeno de materialização se produz a expensas do corpo do medium, que fornece os elementos necessarios, isto é, que um certo grau de desmaterialização do medium corresponde ao começo inevitavel do phenomeno de materialização do espirito. Mas ainda ninguem se tinha decidido a levar esta theoria aos seus ultimos limites, a tirar as consequencias extremas que deviam d'ahi se deduzir absoluta e logicamente.

De um lado escasseavam dados e observações directas que justificassem essa conclusão; de outro, o facto extraordinario de desmaterialização, que é forçoso agora admitir [e que, entretanto, não é mais extraordinario do que o da propria materialização a que já nos vamos habituando], explica sufficientemente porque elle ainda não foi expressamente formulado e admitido em geral.

Temos, entretanto, um *facto* que dá o direito de nos exprimirmos com mais certeza; é o que vamos ensaiar.

O estudo dos factos mediumnicos nos leva a admitir tres especies de materializações:

1.^a A *materialização invisivel*, que devemos admitir indirectamente, vendo-se movimentos de objectos que somente um órgão humano invisivel podia provocar, como o indiquei na obra *Animisme et Spiritisme*, e tendo-se as sensações de contacto que se experimenta nas sessões meio obscuras e que se attribue a u'a mão, embora esta fique invisivel.

Esta supposição está confirmada pelos factos em geral da photographia transcendental e em certos casos particulares d'esse genero de photographia, em que a vista e o tacto das formas invisiveis á vista normal são confirmados pela photographia. Taes são, por exemplo, as photographias de Beattie, assim como as de Mumler, em que a Sra. Conant, o famoso medium ame-

gozo de qualquer daquelles divertimentos.

Não iam ouvir a Lagrú, a Charton, o Tamberlick espalharem as harmonias divinas das composições de Verdi ou de Bellini, mas sentiam soar-lhes aos tympanos accordes muito mais arrebatadores do que os do *Trovador*, muito mais dolentes que os da *Norma*.

Prosavam, se algum desgraçado não lhes vialha roubar aquella agradável distracção, chamando-as para acudir aonde havia dores e gemidos, ao que nunca se negavam, fosse no alto da montanha, fosse á qualquer hora da noite, fosse em noite borrascosa.

O medico, o verdadeiro medico é isto: não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquerir se está longe ou perto o gemido que lhe chega aos ouvidos, a pedir-lhe, ao menos, o balsamo da consolação, que já é summa caridade.

O que não acode, por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, por ser alta noite, ou ser mau o tempo, ou ficar muito longe e muito alto o lugar para onde é chamado; o que, sobretudo, pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, como meio de se esquivar ou de sondar se o chamado lhe rende, e, na falta, diz ao que lhe chora á porta: «chame outro», esse não é medico, é um negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros do que gastou para se formar. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e que lhe trazia a unica esportula que podia saciar a sede de riquezas de seu espirito, porque é a unica que jamais perderá na carreira de suas vidas, embora os vai-vens de todas ellas.

Julio, pois, e Martim tanto como elle, riam com a mais sentida alegria quando tinham a bolsa vazia e a alma cheia dos effluvis do bem que tinham feito, com o ouro que ganhavam, ora deixando-o sob a receita, para seu aviamento, ora, sob a mesma, para a dieta, quando reconheciam, pela miseria que notavam na casa dos que recorriam á sua sciencia, ao sublime sacerdote da medicina, tão sublime como o do padre, que dá de graça o que

ricano, vê uma apparição que lhe toca a mão, e em que a photographia prova ser issorealmente u'a mão pertencente a um ser invisivel á vista ordinaria; ou ainda a photographia do Sr. Tinkham, sobre a qual se vê um pequeno pedaço da roupa ser erguido por u'a mão invisivel.

A photographia transcendental nos fornece a prova da existencia ephemera de formas reaes, objectivas, que não podemos comprehender a não ser pela hypothese de uma materialização em principio, ainda invisivel aos nossos olhos. A materia necessaria é certamente tomada do medium, mas sua quantidade é a tal ponto minima, que o grau de desmaterialização do medium não é perceptivel aos nossos sentidos.

2.^a—O phenomeno bem conhecido da *materialização visivel e tangivel*, mas somente parcial e incompleta. Assim, a apparição das mãos deu-se desde o começo do movimento spirita. Produziu-se em plena luz, enquanto o medium se achava no meio dos assistentes. Mais tarde, nas sessões obscuras, as mãos continuavam a ser sentidas ao mesmo tempo que o medium era agarrado pelas mãos. N'estas condições tambem se obtiveram materializações parciais: cabeças, bustos, figuras mais ou menos fluidicas, mas na obscuridade.

Quando enfim se começou a isolar o medium *atrás da cortina* ou no gabinete escuro, obtiveram-se apparições de mãos, de cabeças, de bustos que eram mais nitidas e que se mostravam mesmo com um pouco de luz. Segundo a theoria, este phenomeno da materialização parcial deve corresponder a uma *desmaterialização parcial* do medium, isto é, de qualquer um dos seus órgãos ou a uma desmaterialização geral mais ou menos inapreciavel aos nossos sentidos.

Não se pode fazer sobre o medium, que, n'estes casos, se achava sempre só no gabinete, observações directas quanto ás mudanças que podiam acompanhar no seu corpo a produção dos phenomenos. Mas, em ultimo logar, no caso das sessões com a Sra. Espérance,

de graça recebeu, a necessidade d'essa soccorro.

E dormiam aquellas almas como dormem as aves do céu, sem se preoccuparem com o dia d'amanha, seguros de que Deus é bom e sua misericordia infinita nunca desampara o filho, embora destrilhado, que procura reparar seus erros, cultivando em seu seio a fé, a esperanza e a caridade, tres luzeiros que alumiam o caminho da salvação.

E erguiam-se do leito abençoado, trocando-se constantemente aquella saudação que já lhes ouvimos: á obra, que a seara é grande, e farta será a colheita para o que trabalha de boa vontade.

A boa mãe Martha, sempre a arranjar lhes o quarto e a pôr em ordem tudo o que lhes pertencia, em vez de pedir-lhes que não se estafassem tanto, era a primeira a estimulal-os ao trabalho, repetindo-lhes, todas as manhãs, quando levavam-lhes o café:

— Vamos, meus meninos, coragem e confiança; que, se é de espinhos o caminho que trilharmos, a vida é curta, e, no fim della, colherão flores e fructos de compensal-os por toda a eternidade.

Era a pobre negra, desprezada do mundo, ensinando seus amados filhos a amar as urzes do caminho, a subir corajosamente a montanha do soffrimento, alcatifada de flores para os que sabem, no seio de Jesus, transformar as lagrimas da dor em risos de amor e de reconhecimento.

— Vão, monologava a velha, quando ficava só, vão trabalhar, que o trabalho vale por prece, e, se é pelos pobres de Jesus, desafia o orvalho celeste a refrigerar as pobres almas requemadas aos raios ardentes do sol de seus proprios erros.

Tambem, enquanto os moços trabalhavam pelos pobres de Jesus, mãe Martha distribuia, parcamente é certo, pelos que a rodeavam, as reservas da dispensa e até, muito ás escondidas, as roupas mais usadas dos seus meninos; e quando elles davam pela falta, contava-lhes uma historia de fazel-os rir, que bem sabiam a verdade da coisa.

Era uma casa bendita dos homens e abençoada de Deus.

(Continúa)

FOLHETIM

(15)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XV

Aquelles quadros diziam perfeitamente com os conceitos da velha mãe Martha, e os moços, tocados por uns e por outros, tomaram consigo mesmos o compromisso de aproveitar a luz que elles lhes deram.

Em vez dos banquetes e dos bailes com que eram nimoseados, naquella dia, os novos doutores que tinham familia na corte, tiveram Julio e Martim um singelo, mas variado jantar preparado pela sua velha Martha, que esmerou-se em produzir maravilhas da arte culinaria.

Em vez das loucas alegrias que enchiam o coração de seus companheiros, tiveram os nossos bons amigos um dia e uma noite de serias e profundas meditações.

Quando rompeu a aurora do primeiro dia de sua vida verdadeiramente social, cumprimentaram-se com a seriedade de espiritos amadurecidos, e elles, naquellas horas de reflexão e de muda concentração, transfiguraram-se moralmente, de modo a substituirem aquella dolorosa exclamação: tudo está acabado, por esta outra, que foi a troca de suas saudações, ao ergueram-se da cama: á obra, que agora é que vamos começar a viver.

Julio era pobre; mas o Martim ia receber a sua legitima de pae e mãe, que, se não era uma riqueza, era de dar-lhe vida folgada, com economia.

Os dois amigos mudaram-se do seu amado soto, com aquella terna saudade com que Phylactes disse adeus á gruta onde viveu por todo o tempo do abandono de seus companheiros de empreza contra Troya.

Estabeleceram residencia no Rio Comprido e escriptorio na rua dos Pescadores. Aqui, no centro do commercio, nem um chamado durante os seis primeiros mezes,

vas lhe remetia. O Sr. Volpi, que, trabalhando com o mesmo medium, tinha conseguido a mesma coisa em Napoles, aceitou logo como reaes as obtidas em Roma.

Uma vez o Sr. Daviso, a Sra. Cornelis, seu marido e o Sr. Volpi se dirigiram á casa do photographo Touker, em Roma, e pediram para ser photographados. Elle escusou-se, por não ter chapas preparadas e estar com os dedos queimados pelo nitrato de prata; mas, á vista da insistencia dos freguezes, cedeu e, mesmo em presença d'elles, preparou tres chapas. Duas foram inutilizadas, isto é, não deram resultado. A pedido do Sr. Daviso, o Sr. Volpi então tomou posição só, enquanto os outros vigiavam tudo o que o photographo fazia. Desenvolvida a chapa, appareceu junto do Sr. Volpi uma outra figura, com as proporções e a forma de um corpo humano, mas denotando não ter a consistencia d'este e ser de natureza fluidica.

Livros e Jornaes

REVISTA SPIRITA, de Porto Alegre, órgão da Sociedade Spirita Allan-Kardek, publicação mensal. — Fomos distinguidos com a visita d'este novo collega que acaba de iniciar o seu ti-rocinio e que — com satisfação o proclamamos — apresenta-se seguramente orientado, com uma rica e variada collaboração que previamente lhe assegura o mais franco successo e é uma garantia da sua longevidade.

São estes pelo menos os nossos votos cordiaes.

CONGRESSO DO ESTADO DE S. PAULO — DISCURSO proferido no Senado, na sessão de 2 de agosto de 1898, pelo Dr. J. L. DE ALMEIDA NOGUEIRA. — Sob esta epigrapha recebemos um interessantissimo folheto de 55 paginas em que o autor, nosso antigo irmão em crenças, enfeixou, dando-lhe publicidade mais ampla, o discurso que proferiu no Senado estadual de S. Paulo, a proposito do fechamento do consultorio do celebre medium Dr. Eduardo Silva, ordenado pela repartição sanitaria do Estado.

O assumpto foi brilhantemente discutido no ponto de vista da illegalidade d'essa diligencia, e o nosso venerando confrade, se não conseguiu a modificação d'aquelle acto violento, cumpriu em todo caso o seu dever de protesto em nome da lei e da justiça, aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para externar desassombradamente os mais lisonjeiros e ponderados conceitos a respeito das modernas investigações tendentes a proclamar a existencia do alma e suas manifestações entre nós, obtendo assim para a nossa doutrina, fazendo-a ecoar no seio de uma culta assembléa, o que se poderia chamar sem exaggero um assignalado triumpho.

Honra lhe seja.

ESPIRITISMO E POSITIVISMO, drama fantastico em tres actos e um epilogo, por JOSÉ BALSAMO. — Recebemos e agradecemos o exemplar que d'essa publicação nos enviou o seu autor.

O grupo spirita Santa Cecilia, constituido á rua do Jockey Club, n. 11, elogeu ultimamente a sua directoria, para cujos cargos recahiu a escolha nos seguintes consocios:

Presidente, Antonio Franco Vieira; vice-presidente, Consantino Golias; secretario, Rufino Sudré Peçanha; thesoureiro, Francisco Medina de Oliveira.

Na communicação que teve a honra de fazer-nos, a joven associação declara aceitar a norma de trabalhos e a orientação com que na Federação, como n'estas columnas, nos temos apresentado, para divulgação da sabia e consoladora doutrina fundada pelo nosso mestre Allan Kardec.

Gratos a esse testemunho de solidariedade, felicitamos os novos eleitos pela sua investidura de graves e serias responsabilidades, e fazemos votos por que os seus esforços sejam objectivados em uma propaganda larga e fecunda dos novos ensinamentos, a que vêm hypothecar a sua dedicação e a sua lealdade.

nasce na terra é espirito que vem pagar, pelo soffrimento, o que deve á justiça do Senhor.

Felizes os que carregam sua cruz, mais ou menos pesada segundo a maior ou menor gravidade de suas faltas, sem desanimar, sem se revoltar, fazendo com o que tem gangrena do corpo, que se submete resignadamente a dor da operação, para salvar a vida.

Nem se diga que soffremos por causa do peccado original; porque essa historia de peccado original foi um conto para embalar a humanidade em sua infancia, quando a palavra do Senhor é: «o pae não paga pelo filho, nem o filho pelo pae; mas paga cada um por suas obras».

E pois, os soffrimentos desta vida só se explicam pelas culpas com que se vem á ella, culpas proprias, accumuladas em passadas existencias.

Vemos, porem, uns começarem a soffrer desde que nascem, e outros passarão alegres e contentes com sua sorte, até uma phase já adiantada da vida, quando desce a roda, no dizer do vulgo, quando as alegrias e contentamentos se transformam em contrariedades e em afflicções.

Dahi a conclusão: uns começam, com a vida, a expiação, outros levam mais ou menos tempo a entrar n'ella.

Eis porque os nossos dois amigos têm vivido, n'um seio de Abrahão, vida folgada e desculpada, como já o dissemos.

Não se illudam, porem, nem nos illudamos, que o dia chegará para elles, como para todos, de beberem o amarguroso calice que a todos offerece a misericórdia do Pai de justiça, que pune para corrigir, que nos dá esta vida para merecermos e subirmos ás altas posições espirituaes.

Felizes, repetimos, os que se emendam pelo castigo e se regeneram pela expiação, colhendo na bendita arvore do soffrimento os fructos de salvação.

Os alicerces do edificio que vieram construir os nossos jovens amigos não podem ser mais solidos; basta servir-lhes de cimento a caridade, que é a virtude das virtudes; mas quantos vão levando a construção com esmerado cuidado e, um dia relaxam a vigilancia e misturam com

BIBLIOGRAPHIA

Jesus perante a Christandade, trabalho spirita dictado por FRANCISCO LEITE BITTENCOURT SAMPAIO, servindo de medium FRANCISCO PEREIRA DA SILVA JUNIOR, tomando o dictado e publicado por PEDRO LUIZ DE OLIVEIRA SAYÃO, — 1 vol. de 201 pags. — Rio de Janeiro, 1898.

(Conclusão)

Occupando-nos recentemente, n'esta mesma secção, da ultima obra de Léon Denis, *Christianisme et Spiritisme*, tivemos ensejo de acompanhar este valente espirito na exposição analytica dos erros que o romanismo introduziu no ensino do Crucificado do Golgotha, tendo como resultado a decadencia do christianismo.

Ora, não é senão pelo christianismo que a humanidade poderá erguer-se do aviltamento a que a rebaixaram as suas proprias paixões; só ali ella encontrará o lenitivo para as suas dores merecidas, o balsamo para as feridas que em sua alma abriram os culposos desvios que a collocaram nas vias da incarnação n'este planeta, porque o christianismo, isto é, a doutrina do Christo, é o código de moral a mais perfeita que já foi offerecida ao homem; porque, simples e meigo como o seu divino modelador, elle é a unica fonte de consolação em que se pode desalterar o peregrino da terra em busca da verdade.

Mas para que elle produza todos os seus abençoado fructos é necessario que seja comprehendido e praticado em toda a pureza dos seus luminosos ensinamentos. O que cumpre, pois, áquelles que aspiram á alta investidura de apostolos da verdade, vendo que esses ensinamentos se acham deturpados por uma igreja que se diz depositaria d'elles, mas que se desviou tanto da missão que se inculcara que, em vez de promover a fraternização dos homens — base d'essa amorosa doutrina — constituiu-se, pela perseguição e pela intolerancia, um verdadeiro flagelo, promovendo não sómente

os bons materiaes madeiras e argamassa da peor qualidade?

Estes fazem obra que não resiste aos temporaes e, se não perdem todo o trabalho, como o que construiu sobre areia, perdem a melhor parte d'elle e têm de voltar á faina de uma penosa reconstrução.

Deus permita que sejam propícios aos nossos amigos mares e ventos, que, assim como têm marchado com passo firme na primeira phase de sua existencia, prosigam com a mesma segurança, guiados pelo sentimento do bem, até o fim desta curta porem arriscada viagem.

Já os nomes dos dois moços voaram nas azas da fama, entre os grandes, por seu saber, entre os pequenos por sua abnegação.

Eram os illustrados medicos dos pobres. Julio dedicou-se, especialmente, á cirurgia, sendo procurado como um dos mais notaveis operadores da corte.

Martim exercia exclusivamente a clinica medica, para a qual sentia tanta vocação, quanto era seu tedio pela arte do curtiço, como chamava a especialidade do amigo, quando disputava com elle, por fazerem a gymnastica do espirito, em passatempos sempre proveitosos ao cultivo intellectual.

«Nem sempre gallinha», diz um adagio muito vulgar, mas que, como todo o conceito popular, encerra uma verdade como nem sempre os sabios podem melhor significar-a.

Nem sempre gallinha é uma locução grosseira que synthetiza o alto principio de hygiene, tanto do corpo como da alma, de não devermos fazer constantemente applicação de nossas forças physicas e moraes ao mesmo objectivo.

A variedade é condição de saúde e de progresso, tanto que definha o que leva a vida sempre na mesma occupação e raras vezes escapa á monomania o que se isola do movimento geral, para preoccupar-se exclusivamente com o estudo de uma sciencia.

A regra, para a tonificação do corpo e da alma, é distrahir as forças por variados

os scismas mas até a incredulidade nos racionalistas emancipados da sua tutela dogmatica?

Não ha que hesitar. Ao que assume a missão de conhecer e divulgar a verdade entre seus irmãos, cumpre levar ao fim corajosamente a sua tarefa; e se o erro se lhe depara no caminho, é seu dever combatel-o, em nome da propria causa á que hypothecou a sua dedicação e os seus esforços.

Citemos, a este proposito, um trecho do valioso livro que temos sob os olhos:

«A confraternização humana, disse o valoroso espirito que o dictou, — tal é o desideratum da doutrina de N. S. Jesus Christo. Mas, para alcançar esse resultado, cumpre que o verdadeiro christão conheça e pratique os ensinamentos do Amado Mestre, e, para conseguil-o, importa-me buscar nas refulgentes paginas do Evangelho esse espirito glorioso que n'ellas se concentra, para apresental-o á christandade, como orientação segura aos seus destinos.

«E, ainda que suspeitem que este humilde livro tem por unico escopo combater o catholicismo, proseguirei até o fim, ferindo mesmo consciencias, pois que nos meus irmãos, em cujos hombros pesa a ardua tarefa de guiar os povos pelo caminho da religião de N. S. Jesus Christo, vejo algo de desvirtuamento dos seus principios da moral evangelica; noto que, dia a dia, elles vão perdendo o terreno precioso que os seus antepassados souberam conquistar na consciencia do homem. E na vertigem, no delirio do espirito que se não pode accommodar ás formulas rituaes, eu observo o empenho de um suito mais grandioso ao pensamento, determinando a criação de escolas philosophicas de uma extravagancia inconcebivel, que são aceitas pelo espirito sequioso que busca encontrar n'ellas alguma coisa que satisfaga a sua razão e a sua intelligencia.

«Não tenho o firme proposito, deixai que o diga, de combater o catholicismo nem as praticas romanas, mas tão sómente, abrindo aos olhos da christandade o Evangelho de N. S.

objectivos, embora se dirijam especialmente a um.

E destarte consegue-se a robustez do corpo e a boa disposição da alma, o que produz muito mais aperfeiçoamento á obra, quer material quer moral; e donde a lei dando em resultado o progresso.

Os dois moços, não sei se instinctivamente ou por arte, punham em pratica esta importante lei, mais importante para o homem de letras do que para o operario ou trabalhador. Trabalhavam com ardor na seara da sciencia, mas reservavam tempo para o estudo da litteratura, que dá lustre ás produções do intellecto e sempre mantiveram o pequeno gremio, onde esgriniam com os antigos companheiros sobre variados assumptos.

Era n'essas intimas discussões que Martim fazia espirito á custa da cirurgia; nunca, porem, sem o devido troco da parte de Julio, que qualificava a parte medica da sciencia que professavam, de *velha arca de hypotheses*, qual dellas mais fallivel, e todas reclamando a arte do hervanario.

Depois d'aquelles torneios, os rapazes passavam ao estudo dos bons livros que, á luz de sua intelligencia vivificada, enriqueciam-lhes o espirito com proveitosos conhecimentos.

Julio nunca perdeu o caracter alegre e jovial, e por isso, embora fossem ambos igualmente estimados e considerados, todos se ligavam mais particularmente com elle.

Martim foi sempre mais concentrado, e pois, não gozava da familiaridade que por toda parte envolvia o seu companheiro.

Tambem não lhe vinha por ali o menor pezar, porque sua alma era limpa de sentimentos egoisticos, de modo que as festas que de todos recebia o caro amigo lhe davam maior gaudio do que se lhes fosse elle o objecto.

Odiava a politica, ao emvez de Julio que tinha paixão por essa vil messalina.

Talvez esteja ali o segredo da expiação de um, que não era a do outro.

Continúa

FOLHETIM

(16)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MASS

PRIMEIRA PARTE

XVI

Paz inalteravel, vida serena, sempre matizada de puras alegrias, coisa é que não se compadece com a missão que trazemos á terra: resgatar pelo soffrimento, levado de boa vontade, as faltas, os erros, os crimes de passadas existencias, para podermos, limpos de toda a lepra do mal, subir e assentarmos-nos á mesa farta da caridade divina, entre os espiritos do Senhor.

Aquelle tão simples quanto descuidado modo de viver dos dois jovens medicos, simples, porque limitava-se ao circulo de suas obrigações profissionais, sem relações, ainda que fossem minimas, com o grande movimento politico-social, — descuidado, porque Deus lhes dava e mãe Martha lhes preparava tudo o que lhes era necessario; aquelle modo de viver quasi edenico, não podia perdurar sempre, salvo se pudesse haver na terra quem viesse a colher flores sem se ferir nos espinhos.

Quem já viu isto? Quem já encontrou um homem por cujo cerebro nunca passasse uma nuvem pesada, por cujo coração nunca fosse sentido o pungir de acerbos dōres?

A universalidade desse facto, tão universal no tempo como no espaço, firma irrevogavelmente uma lei: a lei de estar a humanidade terrestre sujeita ao soffrimento; donde decorre este corollario: a terra é mundo de soffrimento.

Mundo de soffrimento seria coisa incomprehensivel, ante a justiça indefectivel, se os que vêm a elle não tivessem culpas a remir.

Logo, a terra é estação destinada exclusivamente a culpados; logo todo o que

selina branca com pontas de crêpe, á cabeça um véo de noiva que lhe cahia até os joelhos, deslisava como se estivesse com sapatos de velludo, e, visível metade sómente na obscuridade, ella se assemelhava á noiva de Corinhio, de Goethe...

«Depois de haver passado pelos outros espectadores, ella veio a mim, que estava com uma das mãos apoiada no tabique do gabinete, e, acariciando-me docemente a fronte, sentou-se-me nos joelhos, collocou um braço sobre os meus hombros e beijou-me na face esquerda. Seu peso não era maior do que o de uma creança de oito annos, mas senti os seus braços firmes nos meus hombros e os labios que me beijaram eram tão naturais como labios de uma pessoa viva.

«Depois de o ter combinado, penetrei no gabinete, enquanto a menina ficava do lado de fóra; não achei ali o medium, apesar de ter examinado não só todos os recantos, mas também, para melhor me certificar de que não estava allucinado, a cadeira, as paredes e todo o espaço em volta. Só podia haver uma alternativa: ou o espirito não era um espirito e sim o medium, ou o medium tinha se transfigurado á moda dos thaumaturgos orientaes (evocadores dos mortos). Quiz resolver definitivamente esta questão antes de deixar a cidade.

«No dia seguinte á tarde, depois de ter obtido o assentimento da Sra. Compton de submeter-se ella ás minhas investigações, retirei os seus brincos e colloquei-a em uma cadeira, no gabinete, á qual prendia-a passando um fio de linha n. 50 atravez dos orificios das suas orelhas, lacrando e selando as pontas no espaldar da cadeira, sob a qual imprimi o meu sinete particular. Depois fixei a cadeira no chão por meio de barbante, cujas pontas lacrei e sellei de um modo completamente seguro.

«Assim que a luz diminuiu, como é habitual n'essas sessões, e fechou-se a porta do gabinete, contámos durante alguns minutos; logo depois, atravez

da abertura praticada no lado superior da porta, duas mãos fluctuaram da direita para a esquerda desaparecendo em seguida. Tornaram a apparecer ainda duas mãos maiores, e então uma voz me falou (se não era a do defunto Daniel Webster, pode-se dizer que era a sua reprodução exacta, em profundidade, sonoridade e tonalidade), deu-me instruções completas e suggeriu-me medidas de prudencia sobre o modo pelo qual eu devia continuar as minhas investigações.

«Quando eu penetrasse no gabinete, aconselhou-me elle, enquanto o espirito ficava da parte de fóra, poderia tactear e tocar livremente por toda a parte para convencer-me de que o medium não estava ali, mas eu devia ter todo o cuidado em não tocar de um modo mais effectivo na cadeira. Entretanto, era-me permitido aproximar as mãos tão perto quanto o desejasse, por um modo que evitasse o contacto directo com a substancia (da cadeira).

«Em seguida eu devia collocar sobre o estrado da balança uma coberta, não importa de que especie, para que o espirito não ficasse em contacto com a madeira ou com o metal.

«Prometti conformar-me com estas indicações, e em breve tive a satisfação de ver pela porta aberta a menina de vestido branco á que já me referi. Ella avançou, percorreu o circulo, tocou em varias pessoas e aproximou-se em seguida da balança. Eu estava sentado, prompto a agir, com uma das mãos no peso e com a outra no marcador, e, desde que ella subiu, tomei o seu peso, sem perder um segundo. Ella se retirou logo do gabinete; e então li a marcação á luz de um phosphoro. Ella pesava apenas 77 libras inglezas...

«O espirito tornou a sahir e immediatamente penetrei no gabinete; examinei tudo com o maior cuidado, mas, como antes, não achei nenhum signal do medium. A cadeira ali permanecia, mas nenhum corpo n'ella se apresentava. Pedi então á creança espirito que se tornasse, se fosse possível, mais leve, e ella subiu á balança.

«Tão depressa como da primeira vez, puz a balança em equilibrio, e, assim que ella se retirou, li no marcador o peso de 59 libras.

«Ella reapareceu ainda uma vez, e então percorreu todos os espectadores, acariciou a cabeça de um, a mão de outro, sentou-se sobre os joelhos da Sra. Hardy, puz docemente a mão sobre a minha testa, acariciou-me as faces e subiu para o estrado da balança para me permittir uma ultima prova. D'esta vez não pesava mais de 52 libras, apesar de não ter sido notada, do começo ao fim, nenhuma mudança, quer no seu vestuario, quer na sua apparencia corporal...

«Terminado isto, Katie não appareceu mais. Depois de se terem escoado alguns minutos, fomos interpellados pela voz baixa, profunda e guttural do chefe indio que se mos rou á porta. Uma conversação entabou-se entre elle e o Sr. Hardy, que tinha habitado alguns annos entre os indigenas do Oeste e que deu testemunho da authenticidade da linguagem falada pelo espirito-chefe.

«Entrei com uma lampada no interior do gabinete e encontrei o medium exactamente tal como o havia deixado antes de começar a sessão; todos os fios de linha e sellos do sinete estavam intactos. Elle conservava-se sentado, com a cabeça apoiada contra a parede, a carne pallida e fria como o marmore, visiveis as pupillas sob as palpebras entreabertas, sem respiração e sem pulsação. Assim que todos verificaram os fios de linha e os sellos do sinete, cortei-os com a tesoura e levei, segurando a cadeira pelo assento e espaldar, a mulher cataleptica para o ar livre do gabinete. Ella permaneceu assim 18 minutos sem movimento; a vida voltou-lhe pouco a pouco ao corpo, até que a respiração, o pulso e a temperatura da pelle voltassem ao seu estado normal. Colloquei-a sobre a balança: ella pesava 121 libras.»

Como, de conformidade com isso, a forma de Katie Brink pesava 77

libras, segue-se que para o corpo do medium no gabinete restavam sómente 44 libras, um pouco mais de um terço do seu peso normal; e, no entanto, elle já era invisível aos nossos olhos, assim como as suas roupas e os fios de linha. Deve-se, pois, suppor que existia lá um corpo que conservava a posição do corpo do medium, de suas roupas e de todos os fios e que lhes servia de base invisível. Mas a forma de Katie Brink não se assemelhava á do seu medium; tinha a estatura de uma creança de oito annos. Que devia, pois, restar do corpo de Miss Cook, sendo, no dizer de William Crookes, o corpo de Katie King muito maior que o do seu medium?

Temos, portanto, o direito de pretender que esse resto era invisível e que a transição do corpo materializado no seu corpo astral (que estava sentado na cadeira) se fez com uma rapidez incomprehensível. Aquelles que têm examinado as appareções de mãos podem fazer uma idéa da rapidez com que essas mãos apparecem e voltam ao corpo do medium; isto pode fazer comprehender a rapidez da desapparição de uma forma inteira.

William Crookes fez, por diversas vezes, a observação de que, ao entrar ao mesmo tempo que Katie no gabinete escuro, ella havia desaparecido nesse mesmo momento. Como elle mantinha sempre a sua pretensão de ver ao mesmo tempo a forma e o medium, acabou por ser bem succedido, mas uma vez sómente na obscuridade, e então Katie não podia mais falar; ella se achava, pois, n'um estado de semi-desmaterialização.

E' pena que a forma de Katie não fosse pesada; poder-se-hia quasi affirmar que ella possuia nove decimos do peso do medium.

Aqui ainda ajunto um facto da minha experiencia que confirma os dois precedentes.

(Continúa)

FOLHETIM

(17)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

PRIMEIRA PARTE

XVII

A expiação nos vem como a serpente occultando-se por entre a relva, e nós vamos-lhe ao encontro inconscientemente e, ás vezes, de um modo providencial.

Se temos de fazel-a physicamente, se temos, por exemplo, de fazer a prova da morte por submersão, por termos feito soffrer essas dôres a um nosso semelhante, por mais que nos embrenhemos nos desertos aridos e desprovidos de correntes, vem-nos um dia um desejo irresistivel de ir aonde temos de atravessar um rio ou o mar, e... mais um desastre se conta; contam-n'o os que mal sabem que o desastre foi obra da justiça e da misericordia do Paé.

Se temos de fazel-a moralmente, se temos, por exemplo, de soffrer a diffamação do nosso caracter, como fizemos a outro, deixamos, não se poderá dizer porque, a vida placida e remunerativa, como a de Julio, e vamos-nos envolver, não se poderá dizer porque, no dedalo inextricavel e tempestuoso da vida publica, onde despimos nossas vestes, para tomar-nos as que a sociedade nos empresta.

O municipio neutro agitava-se como o oceano, quando longinquos ventos lhe têm convulsionado os profundos selos: aproximava-se a epoca das eleições municipaes.

Naquelle tempo ainda vigorava a tradição, comquanto um pouco desmaiada, de se escolherem, para os cargos de vereadores, homens que fossem bem conhecidos e reputados por toda a sociedade, muitos dos quaes eram eleitos a contra gosto.

Os partidos já começavam, porem, a deixar de parte os caracteres, para toma-

rem influencias parochiaes, nem sempre na altura do alto encargo; e é por isso que eu disse: aquella tradição do maior escrupulo na escolha dos homens para a administração municipal começava a empallidecer; e continuou a empallidecer, direi agora, até chegar ao ponto de se apresentarem e serem bem acolhidos homens de dubio character, verdadeiros arlequins politicos.

Os partidas agitavam-se, pois, no empenho de organizar, cada um, sua chapa com elementos poderosos de triumpho, *sicet*, com as taes influencias, embora incapazes, tanto intellectual como moralmente.

Julio não era filiado a nenhum pagode partidario; mas, em opposição a Martim, sentia um tal ou qual arrastamento para a tal quitanda.

Suas idéas eram conservadoras, e não é preciso dizer que seu espirito não descia ao lodo, mas plainava pela superficie clara da politica. O considerava as idéas, sem demorar-se no estudo das praticas e nos meios de que se serviam os partidos para fazel-as triumphar.

Era um politico platónico.

Por verem-n'o, ainda que accidentalmente, interessado pelas questões politicas que se debatiam, os corrilhos de sua parochia, conhecedores do grande poder que elle tinha sobre as massas, procuravam enredal-o nas malhas chumbadas que prendem e arrastam para o fundo; mas não se atreviam a convidal-o para um gremio, pela consciencia que tinham da grande superioridade do moço.

Um dia, foi-lhe á casa Euzebio de Queiroz, o maior vulto do partido conservador, character espartano em todos os sentidos, e homem talhado para chefe, por ter a sciencia de amoldar-se a todas as classes da sociedade com que tivesse de tratar.

Euzebio não usou de circumloquios, bem informado de quem era o moço; foi direito ao alvo, que era chamar ás suas fileiras todo o moço que fosse distincto pelo talento.

Em poucas palavras expoz o fim de sua visita, concluindo por offerrecer ao doutor um logar na chapa conservadora para a Camara Municipal.

A palavra do grande chefe era, já de si, arrebatadora, quanto mais, no nosso caso, em que se encontrava, como diz o vulgo, a vontade com o desejo.

Julio, tomado de surpresa e tão ex-abrupto, vacillou na resposta, porque não costumava dar um passo, ainda mais de tanto alcance, sem que primeiro sondasse o terreno onde punha o pé.

De um lado da sala, Martim, cuja alma sentira-se triste com a proposta de Euzebio, lançava sobre o amigo olhares que diziam: não deixes o seguro pelo duvidoso, não te deixes fascinar pela perspectiva de glorias, collidas no campo da politica, porque, no da sciencia e, sobretudo, no da medicina, já tens e terás muito mais rica messe; em politica podes conquistar triumphos, mas em luta constante com todas as paixões condemnaveis, ao passo que, triumphos, que levarão teu nome á posteridade, colherás na sciencia, onde teu nome já fez o pedestal de tua grandiosa estatua.

Que tão desencontradas falas! Que arrastamentos tão oppostos!

Alli se debatiam, sem duvida, um espirito amigo e um inimigo, ou, na phrase da igreja, o anjo da guarda do moço e o anjo das trevas, inimigo dos homens.

Alli se chocavam, certamente, as seducções da serpente e as promessas evangelicas.

O momento era solemne para o moço, que abraçava, com sua razão, todo o alcance da verdade que lhe insinuava em seus olhares o querido amigo, mas que sentia o coração palpar com violencia ás seductoras miragens que lhe puzera á vista Euzebio de Queiroz.

O pobre Julio achou-se na posição de quem marcha pela borda de um abysmo e é tomado por vertigem que o arrebatava.

Martim era o estelo a que sua razão dizia-lhe que se arrimasse; — Euzebio era a ave negra que procurava arrastal-o para o abysmo a que seu coração abria-se como a delicioso jardim.

Os dois que o suggestionavam estavam anhelantes, á espera de sua palavra.

Venceu o coração, e Martim, como o anjo da guarda, sentiu verterem de seu in-

timo duas lagrimas, que contrastavam com as alegrias de Euzebio, a serpente d'aquelle momento.

— Agora, sim, disse o moço, logo que o chefe do Julio retirou-se; agora, sim, podes repetir com toda razão aquellas palavras que sultaste aos ventos no dia do nosso grau: « tudo está acabado ».

— Tens razão, Martim; eu conheço que deixo uma vida rica de reaes grandezas, por miragens que fogem e fugirão sempre á vista que encantam. Mas o que queres? Havia em mim uma fibra que tem estado hibernante e que este homem magico soube fazer vibrar!

— Não ha fibras hibernantes, nem homens magicos, meu Julio; o que ha é vaidade tua de fazeres teu nome voar nas azas da fama, como ha de ser em vista de teu talento e de tua illustração.

— Não, Martim, juro-te que não é este, que não foi este o movel que me arrastou, porque bem sei que, pela sciencia, eu poderia fazer mais solido renome.

— Não foi mesmo este o teu movel, meu filho, porque tua alma é limpa de vaidades; mas assim se deu, porque assim era preciso, para que cumpras a missão que trouxeste á vida.

Os dois moços, ainda uma vez, foram surpreendidos pela clarividencia da mãe Martha, de quem foi aquelle conceito que clareou-lhes completamente os horizontes.

— Vês, Martim? E' a tal fibra hibernante que guardava o segredo de minha missão...

— E', é, sem duvida, Julio; e Deus permitta que tenhas força para vencer na luta; porque agora sei que a politica, com seus espinhos, é o teu meio expiatorio. Vai, segue teu destino como te foi traçado; mas peço-te um favor, que será a tua valvula de segurança.

— Dize, dize, meu bom amigo.

— Não abandonarás a tua profissão de medico, qualquer que seja tua elevação na politica.

— Dou-te palavra de honra, meu caro Martim.

(Continúa)

Na sessão de 5 de junho, eu estava sentado, como de costume, muito perto do canto do gabinete em que se achava Mme. d'Espérance, sentada ao meu lado; só nos separava a cortina, cuja abertura lateral se achava muito perto do meu hombro direito; eu não tinha mais que puxar a cortina um pouco de lado para poder ver o medium. A forma materializada que appareceu então sob o nome de Yolanda já se havia mostrado varias vezes, e mesmo, apoiando-se sobre o meu braço, tinha feito a volta do circulo. Uma lampada ao fundo, coberta com varias folhas de papel encarnado, espalhava uma frouxa claridade; mas, assim que eu me achava com Yolanda, mesmo sob a lampada, esta a alumiava sufficientemente para que eu pudesse reconhecer indubitavelmente n'ella os traços do medium. Assim que voltámos ao gabinete, retomei o meu lugar e Yolanda conservou-se metade do lado de fóra, na abertura central da cortina.

Então, não cessando de observá-la, passei cautelosamente o braço direito pela abertura lateral da cortina perto de mim. Não tinha mais que estender um pouco o braço afim de certificar-me se o medium se achava no lugar; foi o que fiz. O medium estava sentado na cadeira de braços muito baixa. Levantei a mão até á altura do encosto da cadeira, e deixei-a em seguida deslizar do encosto até o assento; o medium lá não estava.

Mas no proprio momento em que minha mão se achava já sobre o braço da cadeira, Yolanda entrou no gabinete, u'a mão cahiu sobre a minha e a repelliu.

Immediatamente depois o medium pediu-me de beber; estendi-lhe um copo d'agua pela mesma abertura da cortina por onde já tinha passado o braço; o medium estava no seu lugar com o vestido encarnado de mangas apertadas. Yolanda, um instante antes era visível com um vestido branco, tendo os braços nus até ás espaldas, os pés também nus, com um véo branco que lhe cahia sobre o corpo, desde a

cabeca; entretanto havia desaparecido, exactamente como se fosse o caso com Katie.

Este caso me deu muito que pensar.

Como Yolanda, que estava com metade do corpo fóra do gabinete, ponde notar os movimentos do meu braço no interior do gabinete?

Era-lhe positivamente impossivel, pois a obscuridade quasi completa não lhe permittia ver o movimento do meu braço sobre a cadeira, ou se eu o introduzia atraz da cortina. Ainda menos possivel era ver o que o meu braço fazia lá, ou então o que fazia a minha mão; entretanto, o movimento da mão que repelliu a minha era tão deliberrado como preciso.

Se era realmente o medium em pessoa que, de um modo consciente ou inconsciente, representava Yolanda, e se a cadeira estava realmente vazia, o medium não podia ver e sentir o movimento da minha mão; elle deveria continuar a fazer o seu papel de espirito, permaneceria no seu lugar ou entraria no gabinete ou, ainda, sahiria de novo, como se nada tivesse acontecido.

Mas houve um desarranjo; Yolanda não se mostrara mais e foi preciso terminar a sessão. Quando ouvi dizer, no dia seguinte, que alguma coisa atemorizara o medium, fui interrogar a propria Sra. d'Espérance, sem contudo lhe dizer coisa alguma das minhas observações. Ella me respondeu que, pelo fim da sessão, alguma coisa remexia em volta de si, da sua cabeça, dos seus hombros; que isso a amedrontara tanto que ella involuntariamente havia deixado cahir a mão, sobre a qual apoiava a cabeça, e que n'esse movimento encontrara uma outra mão, o que ainda mais a havia assustado.

Era bem estranho. As impressões da Sra. d'Espérance eram exactamente as que ella devia experimentar, se se achasse no seu lugar. E entretanto a minha mão não havia encontrado a seu corpo na cadeira. Quem, pois, tinha tido essas impressões? Não se deve concluir d'ahi que na cadeira se conservava um simulacro do seu

corpo, imagem dotada de sensação e de consciencia?

A Sra. d'Espérance possui também, como se sabe, o dom da escripta mediumica; assim, ella recebe, no correr ou fóra das sessões communicações d'um tal Walter que se diz o director dos phenomenos de materialização. Eu também me servi d'esse meio para saber que explicações receberia a tal respeito. No dia immediato, pedi á Sra. d'Espérance que tomasse do lapis, e a conversação seguinte teve lugar entre mim e o espirito Walter.

— Vistes o que atemorizou o medium?

— Sim, u'a mão collocou-se diante d'elle, depois pousou-lhe nos joelhos e em seguida na mão. Foi tudo.

— A mão de quem? (pois eu guardava sempre o meu segredo).

— Não a vi, porque minha attenção sómente foi attrahida para esse facto quando o medium se assustou.

— O meu desejo principal era ver Yolanda e o medium ao mesmo tempo. E' isso possivel?

— Tudo depende do estado em que elle (o medium) ficar.

— Se eu olhar immediatamente para o gabinete, verei o medium no seu lugar?

— Provavelmente. Tudo depende da pessoa de quem é retirada a materia para a composição da forma de Yolanda. Se ha uma certa quantidade de materia no circulo, de modo que não a tiremos sómente do medium, vereis o medium tão claramente como n'este momento.

Alguns dias depois, como Yolanda tinha estado varias vezes fóra do gabinete (emquanto que o medium havia sido por mim amarrado com um laço em volta do seu corpo, e laço cujas pontas passavam por um pre-silha firmada no chão e estavam fixadas á minha cadeira), perguntei a Walter:

— Quanto resta de materia no medium, desde que Yolanda sahio?

— Não creio que tenha ficado grande coisa do medium, *exceptuando-se os órgãos dos sentidos.*

— Se, enquanto o corpo do medium tivesse completamente desaparecido, eu passasse docemente a mão no seu lugar, far-lhe-hia mal?

— Poderá succeder isso se apoiardes fortemente a mão. Se se passasse qualquer coisa que pudesse tocar a forma materializada, o medium teria d'isso conhecimento immediato.

— E se eu passasse a mão atravez do corpo do medium?

— Isso o affectaria seriamente, se não estivessemos a resguardal-o para evitar uma tal desgraça. Esse ensaio constituiria uma experiencia perigosa.

— Nesse caso, se eu puxasse pelo laço que prende em volta o medium, cortar-lhe-hia ao meio o corpo?

— Decerto, mas só se daria isso se a sua materia fosse totalmente empregada; não se o faz senão muito raramente, embora muitas vezes pouco reste do corpo.

— Segundo o que dizeis, a invisibilidade do corpo do medium, quando se olha para elle, não é ainda uma prova de que não haja ali um corpo?

— Certamente não; é sómente uma prova de que não tendes a vista assaz penetrante para o verdes.

A Sra. d'Espérance estava estupefacta, enquanto estas respostas eram transmittidas por sua propria mão. Ella não cessava de exclamar:

— E' uma novidade; é uma revelação! E entretanto eu sou sempre a mesma!

— Mas o que é impossivel, lhe disse eu, é que não tenhais sentido nenhuma mudança, enquanto se produzia um phenomeno tão extraordinario, como é o da materialização.

— Effectivamente eu sentia uma mudança, respondeu ella, mas estava profundamente convencida de que era eu a unica a experimentar-a.

— Podeis descrever-me essa mudança?

— Eu tinha no intimo a sensação de que estava no vacuo, replicou ella.

Resposta bem significativa e em perfeita concordancia com os factos já mencionados e com as theorias que

FOLHETIM

(18)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

M. A. S.

PRIMEIRA PARTE

XVIII

Correram as eleições, lucta de selvagens, em que o cacete e a navalha representavam o principal elemento de victoria, — e o foram, até que um homem de bem, verdadeiro patriota, dotou o paiz com uma lei eleitoral digna de um povo civilizado.

O grande brasileiro José Antonio Saraiva não era então conhecido, e, pois, a eleição de que ora trato foi mais uma scena de immoralidades politicas, a escandalizar a pacifica população da corte que, nem por isto, deixava de correr ás urnas, a exercer o sagrado direito do voto — sagrado porque exprime o mais imperioso dever do cidadão.

Julio foi eleito presidente da Camara, facto que produziu contentamento geral, porque muito se esperava de seu caracter e de sua já bem conhecida intelligencia.

O proprio Martim, muito embora contrariado por ver o caro amigo, qual o Laocoon da Eneida envolvido e subjugado pelas serpentes da politica, encheu-se de jubilo, por ver-o triumphante e o primeiro entre seus pares.

O partido conservador cantou a victoria, e o liberal, o menos que perdeu foi a eleição, porque seu maior prejuizo consistiu em tomar posição, no campo adverso, um athleta da estatura moral do joven doutor.

Porque não o foi colher em flôr, como ez Euzebio de Queiroz? — Porque ne-

nhum de seus chefes possuia olhos de aguia, para descobrir o sol antes de surgir no horizonte, como possuia-os aquelle eminente chefe.

Fez-se a calma após a tormenta, e Julio começou a conhecer praticamente que as glorias que dá a politica são, na maior parte das vezes, dolorosas como corôas de espinhos.

Quiz organizar os serviços de conformidade com as necessidades, acabando com as demasias, e levantou-se um brado infernal contra o que chamaram «desorganização dos serviços», por attrahirem o odio sobre o que só tinha em mira moralizar a administração e attender ao bem publico.

Quiz cortar pela raiz os escandalos e abusos encarnados no commercio dos generos de primeira necessidade, com lucta oppressão principalmente das classes desfavorecidas da fortuna, e uma nuvem de harpias, de encobrir a luz da verdade e do interesse publico, levantou-se contra elle, assalhando as mais vis calumnias e deturpando seus herculeos esforços pelo bem publico.

A imprensa, já em declínio para o vergonhoso estado de hoje—vasa immunda onde se deposita o lixo de todas as paixões ignobis, sentina, onde a ralé social tem certeza de encontrar os mercenarios instrumentos de satisfazer seus mais depravados instinctos; a imprensa, o sexto sentido dos povos, como disse Sydes — o fio dourado da transmissáo do pensamento — a sublime instituição que ausculta o coração das gentes, para lhes conhecer os desejos, e transforma-se em espada para conseguir a satisfação dos que são bons, e transforma-se em censor a combater os que são maus; a imprensa, que já fóra uma luz em nossa terra, quando era dirigida pelos homens mais respeitaveis da sociedade, dirigida agora pela vasa social, acolhia e fazia sua a causa torpe dos especuladores sem consciencia, que o nobre presidente da camara tinha por dever enxotar do templo.

— Pobre Julio! Teus inimigos são os de todo o que possui merecimentos reaes; os invejosos, são os de todo o que não tran-

sige com o dever, essas harpias que viviam da podridão que varreste do paço municipal. Aquelles a quem fazes sombra e aquelles a quem aparas as unhas ligam-se, fazem causa commum contra a ti e, desembragados de escrúpulos, jogam contra ti a diffamação pela mentira e pela calumnia. E a imprensa toma a mentira e a calumnia, sopradas por aquelles infelizes, e, n'um tom de austera indignação, espalha a diffamação, como um cano de esgoto, com a differença apenas de que o cano não tem consciencia de seu mister. Pobre Julio! A justiça de Deus se cumpre, na terra, pelas injustiças dos homens. Fazem-te o que fizeste a outrem. Sofre a pena de tuas faltas. E como poderias satisfazer a justiça indefectivel, se não foram as injustiças que soffres? Sentes magua, meu amigo, por veres tão mal traduzido o puro e santo empenho que domina tua alma? Oh! não tenhas magua por isso. Recebe alegre tua provação, essa barreira em que lavas tuas vestes das negras manchas que te impediam de tomares assento na mesa do festim. Se alguma coisa te deve maguar, meu caro Julio, é a desgraça de teus detractores que, embora concorrendo para que a justiça de Deus se cumpra, accumulam responsabilidades, que hão de resgatar com cruéis soffrimentos, pois que disse-o Jesus: «o escandalo dar-se-ha; mas ai do que o der». Ergue a fronte, amigo, e com o olhar sereno do que está em paz com a consciencia, encara essas ondas, que uma falsa opinião levanta, seguro de que a verdade e o bem nunca, jamais, succumbirão aos golpes do espirito do mal. Tempo virá em que teus calumniadores se correrão de si mesmos, em que a verdadeira opinião far-te-ha justiça, e que, consequentemente, a verdade e o bem, obscurecidos por momentos, para que se cumprisse a lei, resurgirão em todo o seu esplendor, para que a lei se cumpra.

Eram estas as falas de Martim, quando via o bom amigo taciturno e meditativo, o que era nelle, com seu genio expansivo e sempre alegre, signal evidente de furiosa tempestade pelo intimo.

— Tens razão, meu caro Martim, e eu, que conheço a lei, nem devia sentir o mais

ligeiro pungir d'estes espinhos; mas que- res que eu veja indifferente um povo de nobre coração ser levado por pobre Messalina, esta imprensa que me ataca, porque lhe pagam bem, e que me exaltaria se eu lhe pagasse melhor; queres que eu veja isto e ria-me?

— Não, Julio. Isto seria uma incaridade; além de que todos temos o dever de concorrer para o bem da sociedade, vasta cadeia de que cada um de nós é um elo.

— Ah! mas, estão, pensas que me abatem essas calumnias nojentas que me atiram todos os dias? Não, Martim. O homem tem em si um reflector infallivel: a consciencia. Quando a alma está limpa, o reflector é tranquillo como as aguas crystallinas de um lago, cujo leito é de branca areia, e por cuja superficie não perpassa nem a ponta da aza de brando zephiro. Queres que te diga? ás vezes, no furor da tempestade, eu sinto, Martim, oh é verdade! — eu sinto como que minha alma receber uns beijos de alguém que lhe é caro e meu coração se enche de alegria em meio das setas hervidas que lhe jogam.

— Graças a Deus, Julio. Eu pensei que fraqueavas.

— Fraqueio, sim, Martim; não por mim mas por esta sociedade, que é nossa grande familia. Aonde vai ella ter, guiada por quem a desvaira? Tu vês: eu tenho lucta do por bem encaminhal-a; mas os velhacos para me tirarem a força de fazer o bem, tornam-me suspeito aos homens serios e aos altos poderes do Estado. E' a renovação da epoca de Augusto, em que a gente vil dominou ao ponto de ser tido por infame o homem de bem, tão reduzido era o numero d'estes! Eu luctarei, Martim; mas o desanimo invade meu espirito e quasi tenho perdido a esperanza de collocar a pyramide sobre sua base. Sabes? E' segredo que te vou revelar: distraio-me destas magoas escrevendo uns romances criticos.

(Continúa)

d'aquella advertencia impressa no cartaz, linhas abaixo: «PREÇOS DO COSTUME...»

Entrámos no theatro. Diante de um publico pouco numeroso, notando-se, todavia, a presença de alguns conhecidos spiritas, o Dr. (?) Alfredo Berendt exhibia as suas habilidades imitadoras. Mas que decepção! o que elle invitava não eram phenomenos spiritas: eram muito simplesmente sortes de prestidigitação e de magia branca, muito vulgares, muito conhecidas, com a unica differença de que, ao fim de cada exhibição, elle explicava ao publico o truque de que costumam servir-se os prestidigitadores para a obtenção de taes effeitos. E nem uma unica sorte de suggestão ou de telepathia, ao menos, como tivemos occasião de ver, por exemplo, no theatro Lyrico, ha algum tempo, sendo operador o Sr. Caseneuve com o concurso de sua pupilla, que era um esplendido sensitivo, mediante o qual tivemos enseo de observar os mais interessantes phenomenos de hypnotismo e de telepathia.

E o tal Sr. Berendt apresentava-se como anti-pirita! Porque? Que tem a doutrina spirita com a prestidigitação?

Será que em alguma parte — que não no nosso paiz — se façam publicas exhibições de pretensos phenomenos spiritas, de envolta com as mais grosseiras farças, mediante entrada paga, em theatros ou logares publicos? Mas o que tem isso com o estudo sério e desinteressado da phenomenologia spirita?

O spiritismo, como as mais sérias coisas, não está ao abrigo, nem da exploração, nem de grosseiras imitações de alguns, mas somente de alguns, de seus phenomenos. A verdade, entretanto, não é menos verdade porque o embuste e a mentira tentem disputar-lhe a preferencia.

Decididamente, pensavamos sahindo do theatro, o Dr. (?) Berendt errou o alvo; deve ir bater á outra porta.

No *Harbinger of Light*, de Melbourne, conta o seguinte a Sra. Batten: «A Sra. A. Foley, de Cristmas Creek,

estava no mez de abril passando uma semana em nossa casa, quando uma noite, entre 7 e 8 horas, achando-nos na sala de jantar, ella, que chegara á janella para apreciar o céu, bradou:

— Ficaí quietas por um momento, minha casa está ardendo e eu quero ver o que ha. A menina deixou cahir e quebrar-se a lampada, e o liquido inflamado derramou-se pelo soalho. Meu marido quer abafar o fogo. Oh! Minha filhinha queimou-se na mão. Se eu pudesse ir soccorrel-a... E' horrivel! Meu marido envolve-lhe a mão. A queimadura é pequena mas ella grita muito. Está extinto o fogo; o prejuizo é pequeno; apenas o soalho ficou queimado no ponto em que a lampada cahiu.

Tudo foi verificado; e entre as duas casas mediava uma distancia de umas cem milhas.»

Extrahimos do *Light*, de Londres: O *Newcastle Daily Leader*, de 13 de julho, refere ter-se reunido em Northumberland Hall, Newcastle-on-Tyne, uma grande assembléa, na qual tomou a palavra a Sra. Cora Richmond para falar, sob a influencia da inspiração, sobre a partida de Sr. Gladstone d'este mundo e sua recepção no mundo espiritual. O espirito que a inspirava declarou ser George Thompson, reformador politico e social e exprimiu-se assim:

— Caros amigos do meu paiz natal, não posso me apresentar a vós com o meu revestimento carnal, pois ha já alguns annos deixei-o; mas esta dama gentilmente consentiu que eu, para vos falar, me utilisasse de seu cerebro e de sua voz; contudo a intelligencia directora é minha.

Elle contou que, como homem e, mesmo, ainda rapaz, tinha entretido relações com homens publicos e politicos ingleses, tinha tomado alguma parte na historia da Inglaterra e na obra anti-escravagista da America; que fôra convidado pelos sabios guias do medium para vir falar sobre a transição e recepção, na vida espiritual, do seu honrado concidadão, W. Gladstone.

Entre os muitos que vieram receber-o, disse elle, estavam John Bright,

Richard Cobden e o orador; que depois de alguns momentos de concentração elle ponde, com calma, ar independente, maravilhado e agradecido, encarar os amigos que o vinham receber.

O orador não pode dizer se o revendo encontrou plenamente confirmadas suas convicções theologicas e as esperanças que tinha da reunião no estado espiritual, mas sim que este espera trabalhar por todos os modos, não só na sua como nas outras nações, pela liberdade e pela fraternidade.

Segundo *The Progressive Thinker*, o Sr. Alleson, da Sociedade Geologica de Berlim, viajando no Pacifico, descobriu ultimamente, isolada no meio do Oceano, uma illota á que deu o nome de Dawson, de origem vulcanica, cuja superficie, quasi privada de vegetação, é tão plana e lisa como se tivesse sido trabalhada pela mão do homem. Na parte central ergue-se uma montanha cujo vertice tem a altura de 300 metros e cujos flancos são dispostos em escada, medindo a altura de cada degrau de 9 a 13 metros. Sobre cada um desses degraus encontram-se centenas de cabeças de pedra, com a forma humana, medindo de 3 a 10 metros de comprimento e talhadas no mesmo durissimo material constitutivo do solo da illota.

Todas essas figuras assemelham-se e apresentam um typo sinistro.

Por toda a ilha se vêem dispersos restos de gigantescas construcções em diferentes graus de decomposição.

São restos identicos aos encontrados na ilha de Paschoa, no extremo sueste do archipelago da Polynesia.

Que civilização foi essa que hoje nos apresentação admiraveis reliquias? Quando figurou no mundo? Que homens gozaram de seus beneficios? Serão ellas um attestado da grandeza dos taitianos, antes de serem subjugados pelos malayos? Serão dos antiquissimos habitantes do Perú, que atingiram um alto grau de civilização antes de serem vencidos pelos yunços, a seu turno subjugados pelos aymorés e quichnos? Serão os restos das construcções do homem terciario desaparecidas com o antigo continente sub-

mergido, por occasião da elevação da cordilheira dos Andes?

Nada ao certo ainda se pode avançar. Só o que podemos dizer é que antes da vinda dos europeus, a America e a Oceania tinham gozado, em varias epocas, das vantagens de uma civilização adiantada.

PAGINAS DE AKSAKOF

V

(Continuação)

Observei em seguida que, esperando um novo phenomeno que tardava a produzir-se, o medium, gozando de um momento de repouso entre as manifestações, juntava as mãos atraz da cabeça como tinha feito antes da sessão. Enquanto permanecia n'essa posição, que reconheci ser motivada pelo seu cansaço da viagem, procurei induzir as pessoas mais afastadas a não interpretarem mal esse gesto das mãos sobre a nuca e seu movimento para estender-se.

Vistos de longe, esses movimentos poderiam ser mal interpretados, porém nunca quando o eram de perto.

Alguns instantes mais tarde as mãos do medium tornaram a cahir sobre os joelhos. Vi-o então tactear-os com as mãos e observei que elle se agitava cada vez mais. Isso me pareceu curioso: inclinei-me então para diante e procurei com o maior empenho comprehender o que se passava. O medium soltou de novo esse profundo suspiro que fazia suppor alguma sensação bem desagradavel.

Ainda alguns segundos, e elle disse ao meu primeiro visinho da esquerda, o Sr. Seiling:

— Dê-me a sua mão.

O Sr. Seiling levantou-se, estendeu-lhe a mão. Elle disse então:

— Toque aqui.

O Sr. Seiling accrescentou:

— *E' extraordinario; eu vijo a Sra. d'Esperance, ouço a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ella não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido.*

O tacteamento parecia produzir uma

FOLHETIM

(19)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

PR. MEIRA PARTE

XIX

O tempo chega para tudo o que quizermos seriamente fazer, assim sabíamos dividil-o convenientemente.

Ao que disser: «não tenho tempo para fazer um trabalho de necessidade», respondi, sem receio de serdes injusto: «o que não tendes e o que vos falta, é o criterio preciso para bem dividirdes o vosso tempo».

A prova dá nos Julio, que acudia, sem relaxar, aos deveres de medico, em satisfação á palavra que dera a Martin, que trazia sempre em dia o expediente da Camara, mais pesado que o de qualquer secretaria de Estado, e a quem ainda sobrava o tempo para ir a bailes e theatros e para escrever romances, como acabava de revelar a seu amigo.

Os romances do joven medico eram variados em um molde que os faziam mui diferentes dos que produziam as escolas vigorantes: tinham um pouco de cada uma e não podiam ser perfilhados por nenhuma.

Eram realistas, mais do genero P. de Kock que do de Zola e de Eça de Queiroz, porém não fariam, nem de leve, a susceptibilidade moral, de modo que podiam ser lidos pela mais casta donzella, sem perigo de fazel-a ceder, nem de levantar em sua alma uma duvida, uma curiosidade perigosa.

Combatiam os maus usos e costumes domesticos, as doutrinas sociaes e as leis civis, os desmandos dos poderes publicos e até os falsos ensinamentos religiosos, mas á luz da logica e da razão, com o respeito devido ás opiniões alheias, de boa fé sustentadas.

Eram matizados de referencias historicas, sobretudo da historia patria, mas não abusavam da licença concedida a poetas, como em larga escala fez A. Dumas, de modo que os factos relatados nem perdiam de seus caracteres, nem de suas relações, no tempo e no espaço.

Eram, sobretudo, evangelizadores, porque aproveitavam o enredo proprio do genero, mas enredo sério e elevado, para insinuar no animo do leitor as verdades fundamentais da sublime revelação spirita, que não é senão a interpretação em espirito e verdade, do Evangelho.

Eram, finalmente, a manifestação de uma nova face do talento do autor que talvez merecesse o titulo de creador de uma escola romantica, embora nada creasse, mas simplesmente porque tirava de todas os elementos para fazer do romance, não um passa-tempo delectavel á imaginação, mas um meio agradável de elevar o senso intellectual e moral, pelos conhecimentos scientificos que punha ao alcance de todos e pelos principios da mais alta moral que insensivelmente inoculava nos corações.

E os romances de Julio, mais valiosos no fundo que na forma, ganharam terreno mais depressa no seio da massa popular que na alta sociedade, no nosso mundo litterario que, seja dito sem vislumbre de pretensão, ainda está bem longe do que deve ser, preocupando-se a generalidade dos nossos homens instruidos, quasi que exclusivamente, com farandulagens litterarias e scientificas, em pura perda da boa e san litteratura e da sciencia em sua austeria comprehensão.

A melhor prova d'esta verdade temol-a no nosso theatro, para o qual não se escrevem peças sérias, dramas de emocinar os bons sentimentos, mas sim e unicamente trabalhos ligeiros e livres, de não provocarem senão a hilaridade dos espectadores.

E tão robusta prova como esta nos dá a nossa imprensa, dirigida pelos taes litteratos, onde se dão ao publico, como diversão ás aridas questões politicas e sociaes, uns romances, em folhetim, escolhi-

dos, em má hora, para perverter o senso intellectual e moral da sociedade, trabalhos que só atacam o interesse pelo bem combinado das scenas, nem sempre inoffensivas da moral, sempre e sempre vazias de instrução e de bons principios edificadores.

Julio, pois, emquanto perdia, politicamente, no animo dos que têm sempre os ouvidos abertos á calumnia, que aceitam com tanta facilidade o que se diz de mal quanto são exigentes em aceitar o que se diz de bem; Julio ganhava equivalentemente, no animo publico, por suas produções romanticas.

Era assim pelo molde dos pombaes, que perdem pela deserção de seus habitantes e ganham pela immigração de outros; e quasi sempre ganham mais do que perdem.

Mantinha, no meio daquellas vacillações, o alto nivel da sua reputação como homem eminente, tanto que sua provincia, a Athenas do Brazil, pela grande copia de homens superiores que produzia, toda enciumada por ver o Municipio Neutro querer roubar-lhe aquelle florão de corôa de glorias, apressou-se em reivindicar seus direitos, elegendo-o, espontaneamente, seu representante na Camara dos deputados.

A estrada se abria diante do possante caminheiro, que deixou o primeiro marco crivado de setas hervasdas no succo de todos os odios, accesos pela inveja dos que esmagava por sua superioridade, pelo desejo de vingança dos que contrariára em seus interesses inconfessaveis.

Todos esses, porém, Barnaves contra Mirabeau, communistas contra os principios de ordem, que garante a propriedade ao trabalhador, vendo-o deixar o posto, donde, como de nuvem carregada de electricidade, despedia raios que os fulminavam, foram pouco a pouco se humanizando, até que todo o lodo que levantaram depositou-se-lhes no fundo do coração.

Julio deixou a Camara Municipal, com uma illusão de menos e com uma experiencia de mais.

— Aquillo, dizia com a mais firme con-

vicção, é arvore que está podre. Ainda ostenta verde folhagem; mas a morte já lhe entrou na seiva. Não resuscitará, nem ao terceiro dia, nem ao terceiro mez, nem ao terceiro anno; porque o veneno que a consome lentamente está na atmosphera que a envolve. Desvirtuou-se, e creou sua atmosphera viciada ao ponto de só poderem respirar em seu seio almas pequeninas e eivadas da consumpção moral. Levado pelo principio de que o elemento municipal é a cellula geradora da verdadeira liberdade e da sã direcção dos povos, eu alimentei a illusão de erguer o templo abatido daquelles principios para mim sagrados. Em vão luctei. A onda, levantada pelo sopro furioso do Euro de todas as corrupções, envolveu o baixel em que me arisquei. Do naufragio somente lastimo ter ficado sepultada no pélago a arca santa da liberdade dos povos, que é ao mesmo tempo a estrella polar que os orienta na procura do porto que lhes é o destino na terra. Quem os trouxe do regimen feudal, em que o povo era servo da gleba, e o senhor era arbitro supremo, com direito de vida e morte, dispondo, sem recurso, de sua honra, de sua propriedade, de sua liberdade? Quem os trouxe do regimen monarchico absoluto, que substituiu o feudalismo, em que o povo ainda era carneiro, mas já tinha o direito de guardar a honra e a propriedade? Quem os trouxe desse regimen ao que já se define pelos direitos do homem e do cidadão? — A communa — a municipalidade. — E quem mantendrá essas gloriosas conquistas, e promoverá a ascensão até o regimen republicano, que já é uma realidade n'alguns pontos do globo e alimenta a aspiração de toda a humanidade terrestre? — Sempre e só a municipalidade. Tu, meu querido Brazil, tens andado sem leme e sem bussola, precisamente porque nunca tiveste, e tão cedo não terás, constituida em larga base, em sua verdadeira base, a municipalidade.

Eu cumpri o meu dever; mais era cedo ainda!

(Continúa)

ção ao seu proprio destino, para essa dolorosa transicção em que o que elle menos perdeu, e menos sentiu perder, foi o seu sceptro de imperante.

Mais funda foi a dôr que o alanceou ao ser proscripto d'esta terra em que o seu coração de filho palpitava e que elle tanto amou que por ella quiz ser coberto, mesmo em plaga estranha. E' este abençoado céo que nos abriga, sob essa constellação brilhante do cruzeiro, symbolo de redempção e de martyrio, é este grande e formoso paiz que foi o nosso berço e o seu calvario, o que continua a fazer o objecto do seu culto e das suas orações. E é porque, indifferentes e desconhecidos, os filhos d'esta região abençoada pelo Creador esquecem-se d'aquelle á cuja tolerante bondade devem largamente a sua libertação politica, que o seu espirito amoroso soffre.

Vamos, pois, ao encontro da sua queixa e da sua terna advertencia. As preces que o nosso coração erguer, por elle, aos pés do Creador, serão mais gratas ao seu espirito do que as faustosas pompas que costumam vassallos tributar aos reis extintos.

O *Reformador*, dando publicidade á communicacão, que nada autoriza a não attribuir ao espirito do velho imperador, julga por esse modo dever contribuir para que os sentimentos de affecto latente, que existem em muitos corações justos, sejam despertados e esse dever de fraternidade, que temos para com todas as almas, seja cumprido a respeito d'aquelle grande espirito.

Eis aqui os versos em questão :

(Recebidos em sessão spirita, na noite de 29 de junho de 1896, pelo medium BALBINA DE SOUZA.)

Como ave foragida
Que volta á varzea querida
As bellezas contemplar,
Volto á patria estremecida,
Onde passei longa vida
A seus encantos gozar.

O berço meu delicioso,
Onde dormitei ditoso,
Vejo-o, sinto-o enfim !
E' a mesma bella fada
De Jesus abençoada
Que se sorri para mim ;

Os mesmos sombrios montes
Onde murmuram as fontes
Que me faziam seismar ;
As mesmas formosas plagas
Onde se quebram as vagas
Do meu esmeraldino mar ;

O mesmo sol dardejante
Dourando o azul brilhante
Do mais puro e lindo céo ;
O mesmo luar formoso
Tremulando silencioso
Da noite no escuro véo ;

Bellas e vastas campinas,
Semeadas de boninas,
Onde lindos passarinhos
Maviosos cantos entoam,
Que no fundo d'alma ecoam,
Em seus delicados ninhos ;

A fresca brisa fagueira
Que espargia da cachoeira
As gottas d'agua d'anil,
Ferve nos peitos anhele ;
... Tudo existe, ardente e bello,
No meu formoso Brazil.

Em nada vejo mudança :
Sómente é morta a lembrança
Do meu nome outr'ora amado...
Como a flôr emmurhecida,
Pelo tufão destruida,
Foi pela ausencia apagado.

E, proscripto em terra alheia,
Nem mesmo na branca areia
O meu nome escripto vi.
Hoje, espirito esquecido,
Das vossas preces banido,
—ô eu não existo aqui !

PEDRO DE ALCANTARA.

PAGINAS DE AKSAKOF

VI

Eu poderia, em rigor, contentar-me com todos os testemunhos e detalhes que me foram fornecidos, evitando assim uma viagem a Helsingfors; mas o caso de que se trata é de tal forma extraordinario, de tal forma inacreditavel e, ao mesmo tempo, tão importante, que eu considerei um dever não desprezar nenhum meio para que a investigação fosse o mais completa possível. N'este ponto de vista, um inquerito pessoal em Helsingfors me parecia necessario, principalmente pelas razões seguintes:

1.º Antes de tudo era-me necessario fazer o conhecimento pessoal d'aquelles que foram as testemunhas do referido phenomeno, e sobre o testemu-

nho dos quaes a questão capital devia ser resolvida: *Teve elle logar ou não?*

O valor de um testemunho depende certamente muito da competencia moral e intellectual d'aquelle que o dá; era, portanto, essencial para mim certificar-me d'isso. Sobretudo em materia de spiritismo é necessario ser-se tão prudente como desconfiado.

Uma longa experiencia n'esse dominio me tem provado que os homens mais serios, mesmo dados ás sciencias positivas, podem ver as coisas de relance quando se trata do spiritismo.

O preponderante desejo de obter certos phenomenos a todo o custo tolhe algumas vezes todo o senso critico e o cega a respeito de tudo que pode invalidar a realidade do phenomeno. Era, pois, urgente assegurar-me se as testemunhas em questão não eram pessoas entusiastas, pouco dignas de fé. A cada uma das testemunhas eu tinha a fazer um certo numero de perguntas afim de verificar e completar o que me havia sido affirmado por escripto.

2.º Era essencial ver o proprio local em que a sessão se realizara, com o mesmo compartimento, a mesma disposição de cadeiras, etc...; porque, muitas vezes, as coisas mais simples, que escapam ás descrições mas que não escapam aos olhos, terão o maior valor para a importancia do facto.

3.º Afim de fazer uma idéa perfeitamente justa dos principaes momentos d'essa sessão memoravel, eu tinha a intenção, uma vez no local, de fazer uma repetição, reconstitui-la tanto quanto possível com o auxilio das principaes testemunhas. O Sr. Seiling (em casa do qual effectuou-se a sessão) me prometeu a sua assistencia para esse fim, e a Sr. Hjelt teve a gentileza de prometter-me fazer o papel de medium durante essa sessão simulada, com um vestido igual ao do medium. Prevalecendo-me d'essa amavel proposta, pedi lhe que encommendasse (á minha custa, bem entendido) um vestido do mesmo feitio, porque, n'este caso, o feitio do vestido exerce um papel bem significativo, como veremos.

4.º Enfim, era para mim de grande

importancia fazer uma idéa exacta da quantidade de luz que havia n'essa sessão e do modo por que a claridade se produzia. Sabemos, quanto ás duas janellas do quarto, que a cortina branca de uma das janellas estava corrida, emquanto a outra se achava erguida. Convinha, pois, tomar em consideração a especie e a quantidade de luz que podia provir de fóra; a porção de luar menor poderia modificar muito a questão da claridade. Mas, segundo as informações colhidas, a sessão effectuou-se quando não havia luar. Eu devia, pois, fazer a minha viagem quando a lua se achasse n'essa phase. Foi o que fiz, indo a Helsingfors em 18 de fevereiro de 1894, lá chegando no dia seguinte, depois de um trajecto de 14 horas, bem pouca coisa, se não fosse estar eu sujeito a algumas enfermidades que tornam as minhas viagens extremamente penosas.

Fui immediatamente á casa do Sr. Seiling, que me apresentou logo á sua esposa.

Receberam-me com a maior cordialidade; havíamos já trocado tantas cartas que até parecíamos amigos de longa data.

Sem perder tempo, passámos ao quarto onde se realizara a sessão e onde tudo havia sido disposto do mesmo modo que durante ella. Ahi achei o mesmo biombo, ou compartimento, coberto do mesmo modo pela cortina; dentro do compartimento assim formado, a cadeira sobre a qual a Sra. d'Esperance tinha estado sentada durante a sessão. Dos dois lados foram dispostas em seus logares respectivos todas as cadeiras que haviam sido occupadas pelos membros do circulo.

A primeira coisa que me chamou a attenção foi a exiguidade do local, onde as quinze cadeiras dos assistentes difficilmente encontravam logar, e sobretudo a ausencia de espaço entre o medium e os seus mais proximos vizinhos; os joelhos e os pés deviam preencher tudo o que estava livre nesse espaço. Eis uma circumstancia de grande valor, porque ella afasta, logo á primeira vista, toda possibilidade de fraude.

FOLHETIM

(20)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XX

O palacete do commendador Muniz, nas Laranjeiras, estava por dentro e por fóra illuminado, e no vasto pateo as mais ricas libras accumuladas, annunciavam á multidão de curiosos que os grandes da terra, grandes pela riqueza e grandes pela posição social, affluíam aos dourados salões do argentario commendador.

A medida que chegava ao largo portão uma d'aquellas brilhantes carruagens, a multidão abria alas, que cerravam-se n'um momento, como as aguas de um lago batidas por um corpo pesado.

E tão depressa unia-se aquella massa humana, uns tantos do meio della erguiam a voz, como arautos, para annunciar aos ignorantes a quem pertencia o faustoso trem, qual a origem da sua grandeza, como se mantinha na alta posição, a historia, em summa, de toda a sua vida, em que se destacavam episodios burlescos de fazerem rir a toda a gente, e escandalosos de fazerem toda ella cuspir de nojo.

Era o jury do povo pequeno, a cujo *verdictum*, sem que o suspeitassem, estavam sendo submettidos os grandes do imperio, que passavam por elle sem o ver.

Oh! sim; a opinião é sempre soberana, plaina por cima das mais altas cabeças e pena é que não seja também sempre firmada na justiça.

Lá dentro do palacete tocava-se, dançava-se e cantava-se; todos eram contentes, todos felizes; mas cá fóra, no meio da rua, apenas illuminada pelas irradiações das luzes da festa, havia muita gente que

divertia-se mais, porque é um gosto assiatir ás festas em plena liberdade, e porque é sempre grato ao coração humano ter occasião de morder, resguardado pelo anonymato, os que se julgam com o direito de pisal-o.

Já estavam quasi extinctos os commentarios, por não apparecerem mais convivas; e eis que surge um coupé bem novo e bem aceiado, porém de modesta catadura.

—Olá! bradou um dos sabios na sciencia heraldica da terra; quem será aquelle que vem tão fóra de horas?

—Pela libré não é coisa conhecida, e pelo trem não passa de um burguez que quer mas não tem geito de apparecer.

—Não é isto, não é nenhum burguez, bradou outro, que tinha melhor olho. O carro é de cocheira e quem vem nelle são os irmãos siamezes: doutor Julio e doutor Martin.

—Fazem mal, exclamaram muitos, em vir confundir-se com os nossos fidalgos sujos, elles que são almas tão limpas.

—Qual o que! exclamaram alguns; quaes almas limpas! São tão sujos como os outros, e é por isso que se entendem.

—Não tem razão; elles são os medicos dos pobres.

—São medicos dos pobres; mas um delles esteve a esfolar os pobres na Camara Municipal onde encheu o bandullo.

—Que ingratitude! O doutor Julio a bater-se pelo interesse do povo, e o povo a dar razão, contra elle, aos que realmente o querem esfolar!

—Era bom que não lessemos os jornaes, onde vem todos os dias as suas velhacadas!

—Se lêem os jornaes, hão de ter lido também o que elle tem escripto, sem replica; porque elle demonstra que a guerra que lhe fazem é porque tem querido cortar as unhas ás harpias municipales.

—E'—é; afastal-as da carniça para tomal-a só para si.

—Se assim fosse, elle estaria rico.

—E quem sabe se o não é!...

A discussão foi se azedando, até deixarem o moço, que esteve em causa, discutido em bem e em mal, e passaram a se bater directamente uns contra os outros: os que o julgavam mal e os que o julgavam bem.

Foi uma algazarra infernal, que dir-se-hia um tumulto; mas, no auge da incandescencia, um gaíto lembrou-se de bradar com toda a força de seus pulmões: «viva sua Magestade o Imperador!», e tal lembrança, provocando geral hilaridade, foi, como se diz, agua fria na fervera.

A multidão, voluvel como toda a multidão popular, como *la dona*, do *Pigoletto*, esqueceu o pobre ex-presidente da Camara e sómente cuidou de penetrar, com olhos de lynce, nos salões do palacete, onde fervilhava, pela musica e pela dança, em calorosa animação, o que havia de selecto na sociedade fluminense. Era uma tempestade n'um copo d'agua.

A razão de todo aquelle reboliço era o anniversario natalicio da filha do commendador Muniz, a bella e encantadora Elisa, que completara os quinze annos e vinha tomar logar entre as flores mais selectas do jardim da corte, ou entre as mais brilhantes estrellas da constellação fluminense.

Elisa, entrando no grande mundo, ao mesmo tempo que entrava na puberdade, não trazia uma alma virgem de todo o pensamento mau e de sentimentos impuros.

Creada no seio de uma familia rica, que do mundo só adorava os prazeres, pelos quaes sacrificava os mais santos deveres, a menina aprendeu a considerar a vida um delicioso passatempo, em que tudo o que dá gosto deve ser satisfeito, e tudo o que contraria os instinctos naturaes deve ser repellido.

Sua natureza, mais propensa para o mal que para o bem, não encontrou o minimo correctivo na educação que lhe deram os que, todo occupados com as vaidades mundanas, nunca sequer pensaram na responsabilidade que pesa sobre os

pues, a quem os filhos são confiados para encaminhal-os ao bem.

Elisa era, desde a mais tenra idade, caprichosa de quebrar a paciencia de um santo, vaidosa de fazer vergonha aos paes, se pudessem ver-lhe os defeitos, orgulhosa de tornar-se repulsiva ás suas proprias amigas.

Estas tres falhas no caracter de um homem arrastam-n'o á perdição, quanto mais no de uma mulher, destinada a ser mãe de familia, fonte onde tem de beber a virtude ou o vicio, a honra ou a prostituição, a salvação ou a perdição, uma geração de que procederão innumeras gerações.

O capricho, a vaidade e o orgulho, principalmente na mulher, cuja delicada organização a torna mais sensitiva, são germen de vicios e paixões que empanam os olhos d'alma e não lhe permitem ver das coisas que a cercam senão a face mais grosseira, mais impura, mais ignobil.

Com effeito, aquella mocinha, entregue aquelles viciosos sentimentos e descurada de qualquer ensino e exemplificação paterna, já tinha no coração o veneno que corroe a mulher perdida.

ra uma alma humana em corpo de anjo, um lago da superficie crystalina, em cujo leito revolviavam-se nojentos animaes!

Nem um principio de religião e de moral tinha ninho n'aquella pobre alma, que não se continha senão pelo respeito ás conveniencias sociais, fragil laço que se rompe facilmente na hora da tentação e aos impetos de uma natureza fogosa.

Elisa era o que a fizeram seus paes, que, aliás, muito a amavam: uma flôr mimosa que podia embalsamar com seus perfumes todo o ar em torno, mas que o mundo, onde penetrou n'aquella noite, facilmente faria enmurcheecer e desfolhar-se, e ser atirada aos charcos, pelo vento das paixões humanas.

E para ella todas aquellas homenagens!

(Continúa)

Hjelt descreveu a referida sessão. Seu conhecimento pessoal não fez mais do que exaltar a opinião que eu já havia formado a seu respeito. Tive o prazer de ver diante de mim a incarnação viva da inteligência humana, activa, pratica e sã; e esta impressão foi plenamente confirmada pelas informações que me foram ministradas sobre esta Sra. Foi ella quem introduziu na Finlândia a marenaria pedagogica e quem abriu assim para as mulheres um novo campo de actividade — o do ensino dos trabalhos em madeira.

Fundou em 1885, em Helsingfors, uma instituição pedagogica de trabalhos em madeira, admitindo ali as crianças e os adultos dos dois sexos, tirados de todas as classes sociais.

Além d'isso, fundou no anno passado, em Aggreby, perto de Helsingfors, uma usina a vapor para trabalhos no ebano. Este estabelecimento confecciona moveis,apparelhos de gymnastica, utensilios, etc.

Porahi se vê que a Sra. Hjelt não estava disposta, nem por natureza, nem por vocação, a deixar-se arrastar para o spiritismo antes de ter adquirido provas incontestaveis.

Considero sobretudo importante o facto d'essas quatro testemunhas já terem realizado antes diversas sessões com a Sra. d'Espérance, porque, quando se conhece o genero e o modo das manifestações á que se assiste, aprende-se a estudar seus lados fracos ou duvidosos e os pontos sobre os quaes deve ser concentrada toda a attenção para chegar-se a uma conclusão definitiva.

No dia seguinte fui visitar o general Toppelius, para lhe agradecer os seus amáveis obsequios para commigo, dando-me desde o principio os testemunhos concernentes a essas sessões, e para lhe fazer ainda algumas perguntas a respeito da Sra. d'Espérance, que, como se sabe, morou em sua casa. Lamentei profundamente que a sua esposa, a sua filha e o capitão Toppelius, os quaes tinham assistido á sessão, se achassem ausentes de Helsingfors. Lamentei, sobretudo, não ter encontrado o capitão Toppelius, filho do general, uma das mais importantes testemunhas do phenomeno de desmaterialização, como o attesta seu testemunho sobre esta questão.

D'ahi fui á casa do general Sederholm, de quem eu já havia antes feito o conhecimento.

Ha alguns annos, elle se tinha dignado fazer-me uma visita, levado pela admiração que lhe inspiraram as obras de A. J. Davis e pelo desejo de me agradecer o tel-as feito apparecer em lingua allemã.

O que ha de notavel no caso presente é que a Sra. d'Espérance foi a Helsingfors depois dos seus pedidos incessantes e repetidos. O general foi em pessoa a Gothenburgo, para induzi-la a ir. Mas a perspectiva de dar sessões no meio de pessoas desconhecidas, muito diferentes e muito pouco versadas no spiritismo, não contribuia para que ella se resolvesse a dar uma decisão.

Além d'isso, essa ausencia de Gothenburgo, que devia tomar-lhe pelo menos um mez (o de outubro ou novembro) importava em serio prejuizo para os negocios da casa commercial que lhe estava confiada. A Sra. d'Espérance não podia decidir-se a aceitar esse convite, quando um acontecimento fel-a mudar de parecer. Ella escreveu-me então o que segue, em 26 de agosto de 1895:

«... Tivemos a satisfação, ha pouco tempo, de receber a visita do general Sederholm. Elle se nos tornou sympathico a todos e tivemos grande prazer com a sua visita, pequena embora como foi. Desejava elle algumas sessões, mas estas não puderam realizar-se então, pois ninguém se achava em casa e eu não me sentia bem. Elle nos enviou alguns livros por elle publicados sobre o assumpto espiritalista e que estavam escriptos em succo.

« Foi para nós uma grande surpresa saber que elle tinha se aprofundado tanto n'esse assumpto e fiquei pezarosa e confusa por lhe haver recusado o meu concurso afim de que elle pudesse fazer mais amplas investigações quando aqui esteve. Sinto isso bastante e tratarei de o remediar, quando me fôr possível... »

Um pouco mais tarde, em 27 de setembro, a Sra. d'Espérance escreveu-me:

«... A epoca da minha visita a Helsingfors ainda não está fixada, e é-me muito difficil deixar de lá ir, pois sinto que não tenho direito de desprezar uma occasião favoravel de agir em beneficio da causa.

— Não tem razão, minha senhora. Quando surge no firmamento um astro, que offusca o brilho de todos os outros, é natural, é mesmo rigorosamente logico, que todos se preocupem com o brilhante presente do céu.

— Mas isto, Sr. doutor, é quando o astro novo offusca o brilho dos que já são conhecidos.

— E é o caso vertente, minha senhora.

— Bem me diziam que o Sr. leva a vida a zombar de todas as moças que, inexper-tas mariposas, aproximam-se e tentam vibrar as cordas de seu coração insensível.

— E a Sra., um seraphim de Deus, descido á terra para nos ensinar o caminho do céu, ponde ver, ponde agasalhar em seu peito o simples pensamento de haver, entre os homens, um que seja capaz de ser indifferente á belleza, á graça, a todos os encantos — petalas da mais perfeita flôr cahida das mãos do Creador?

— Custa a crer, Sr. doutor; mas todas affirmam.

— Ellas dizem assim, minha senhora, porque me vêem sempre rendido a seus pés. E' natural que só ligemos importancia ao que nos é difficil obter, e que tenhamos em pouca conta o que está á mão. A gallinha do nosso visinho é sempre mais gorda que a nossa.

Julio contava com a credulidade ingenua da creança, não porque quizesse fazer-lhe a conquista, mas porque fez capricho de dançar com ella.

Em toda idade, e em qualquer grau de elevação moral, o homem tem momentos de creança.

Aqui, porém, o nosso doutor, em vez da ingenuidade da creança, tinha de bater-se contra a mais refinada velhacaria da mulher.

Elisa fez, tambem, o plano de subjugal-o, e ali a temos empregando o meio mais efficaç, que é inflamar a vaidade, mostrando pouco caso pelo que nunca encontrou resistencia; tem-se na conta de inven-cível.

— Então, perguntou Julio, a concluir o dialogo: posso perder a esperança de obter o minimo favor seu?

— Faço justiça aos seus superiores mere-cimentos, Sr. doutor, e sinto-me orgulhosa de suas homenagens; quanto, porém, ao

Não sei quanto tempo permanecerei ainda aqui, mas sentiria realmente se, podendo lá ir, não fosse... »

Finalmente, a 11 de outubro:

«... Escrevi, ha um ou dois dias, ao Sr. Sederholm para lhe dizer que tinha sentido muito o facto de lhe haver recusado o meu concurso quando elle esteve aqui, mas que estava agora á sua disposição. Minha consciencia já me não deixava em repouso... »

Foi assim que succedeu ir a Sra. d'Espérance a Helsingfors, sendo ella por isso recompensada com um artigo injuriosamente insultante que o general Sederholm publicou n'um jornal de Helsingfors, da maior circulação, onde elle dava claramente a entender que era a Sra. d'Espérance em pessoa que fazia o papel dos espiritos. O amor da verdade cegou o general de um modo tal, que elle esqueceu as noções mais elementares da cortezia, e atirou ao rosto d'uma senhora da mais alta distincção essa pesada injuria com o seu nome impresso em todos os jornaes, sem ter em consideração o facto de que a Sra. d'Espérance não faz profissão da sua mediumidade, e que, se foi a Helsingfors, foi porque havia sido solicitada pelo general afim de dar sessões particulares diante de algumas pessoas que se interessavam pelo assumpto. O que é verdade é que o Sr. Sederholm esperava uma coisa muito differente d'essas sessões. Enthusiasmado pro-avelmente pelas noticias chegadas da Suecia sobre as maravilhosas sessões que a Sra. d'Espérance acabava de dar em Christiania, elle esperava obter os mesmos resultados, sem considerar todos os trabalhos preparatorios que o circulo de Christiania se havia imposto para chegar a esses resultados.

Nada de mais complicado, de mais tenebroso, de mais enganador, que esses phenomenos de materialização! Só uma longa observação, em condições excepcionaes, nos força a admitir a sua realidade. Mas a existencia do fac-o está ainda longe da sua explicação. E' preciso um estudo ainda mais longo e, em geral, uma grande experiencia pessoal em spiritismo, para constatar que a *mystificação* ali nos segue passo a passo, desde o mais simples estalido até ao phenomeno complicado da materialização. Se as illusões

que deseja, ou finge desejar, nada lhe posso conceder, porque não desejo passar por uma das suas conquistas.

— Esta menina, pensou Julio, é matreira como uma velha professora de enredos' do coração! Em tão pouca idade já é prolecta na arte! Quanto é digna de veneração a mulher que ainda guarda a innocencia da infancia, e de causar asco a menina que já tem adquirido a malicia da maior idade!

Enquanto Julio meditava sobre o caso, novo para elle, e lia consigo mesmo o horoscopo d'aquella creatura tão bella e tão degenerada, e via nella uma nova Messalina, a atirar para os abysmos da desgraça todos quantos, attrahidos por seus encantos, não tivessem olhos de ver a negra Circe na encantadora fada, Martin, na sala de fumar, prendia a attenção dos que formavam circulo, por lhe ouvirem os elevados conceitos.

Por acaso, fatalidade, ou providencia, foi ter a selecta reunião o commendador Muniz, que não era illustrado mas possuia uma intelligencia capaz de se prender ás irradiações de um grande talento.

E o commendador ficou preso ás do joven medico.

Ouviu, em religioso silencio, a palavra fluente do moço, que ora chorava e ora ria, como a do ultimo representante dos povos bascos, discorrendo sobre as nossas misérias sociais.

— E' moço de brilhante futuro; conveni-me perfectamente, monologou, em pensamento, o rico capitalista, que não perdeu tempo com discussão, e foi direito ao alvo, convidando Martin a vir ao salão, para apresentar-lhe sua filha, em sua opinião, a moça mais bella que o sol cobria.

Martin riu interiormente d'aquelle meio vituperio; e de muito bom grado acompanh-o pae da tão gabada filha, quasi que contando com um logro, por lhe ter vindo á mente a fabula da coruja e seus pintal-nhos.

Sua surpresa foi, por isso, muito maior, vendo se em face da moça, cuja irradiante belleza captivou-o, por deslumbramento.

— Elisa, apresente-te o Sr. doutor Martin, talento superior, que lhe augura o mais esplendoroso futuro. Quero que o acolhas com a maior cordialidade.

e as decepções têm sido e são ainda a partilha constante da sciencia humana no estudo dos phenomenos *physicos* da natureza, devemos reconhecer que ha muito mais illusões no dominio das investigações *psychicas*. Durante seculos tem-se acreditado no levantar e no pôr do sol; mas ha quanto tempo comprehendem-se isso? A mesma coisa succede em spiritismo...

Vemos esses phenomenos ha meio seculo, e sem duvida elles serão observados ainda por muitos seculos; mas quando serão elles comprehendidos? Os spiritas experimentados, quanto mais o são, tornam-se cada vez mais reservados sobre a theoria e principalmente sobre a doutrina do spiritismo. Mas os neophytos, os simples de coração, os desherdados da sorte, as victimas das attribulações e dos soffrimentos, que elle nos traz, o acolhem de braços abertos. Estavam, igualmente, neste caso particular as necessidades do coração que levaram o general Sederholm a essas sessões. Elle procurava uma consolação, mas não queria se occupar com uma pesquisa sobre o proprio phenomeno. O illustre general esperava ver apparecer sua filha recentemente morta, quando, em vez d'ella, apenas appareceu o *duplo* (corpo astral ou perispiritual condensado) do medium com o nome da menina. As communicações escriptas, coisa tão commum, tão quotidiana em spiritismo, estão cheias de personificações analogas; mas elle não julgou necessario d'mascarar como enganadores os mediums que as haviam escripto. Uma mystificação escripta, ou uma falsa apparencia, nos incommoda menos que uma mystificação sob forma humana.

Parece que o general não estava de modo algum ao facto do que tem sido observado e publicado pelos spiritas sobre a philosophia das materializações que, o mais das vezes, representam o *duplo* do medium. A forma materializada pode ter a mesma apparencia que o medium, e isso não constitue uma prova de fraude por parte d'este. O general ignorava isto! Movido por um sentimento desculpavel, mas tambem por uma indignação imperdoavel no ponto de vista de uma pesquisa seria e prudente, elle se apres-sou a lançar o artigo que atacava a honra da Sra. d'Espérance. Esse artigo

— E' grande o prazer que sinto, Sr. doutor, por fazer tão honroso conhecimento.

— E eu, minha senhora, agradeço a seu nobre pae ter-me proporcionado a felicidade de encontrar-me, na terra, com um dos mais bellos exemplares do céu.

— Fiquem ali a esgrimir finezas, que eu vou a desempenhar as obrigações do dono de casa.

Esgrimiram, com effeito, os dois por algum tempo, podendo quem estivesse de fóra reconhecer que o moço investia com ardor, proprio de quem está encantado, e que a moça, fria e indifferente, aparava os golpes apaixonados com a habilidade rara da que deseja agradar, mas não quer ser presa.

Julio assistiu, sem ser visto, a toda a scena, e tremeu pelo amigo, cujo caracter franco e leal julgava dos corações pelas physionomias.

Tremeu, e com razão, porque aquella alma apaixonada já se tinha aberto, ás escancaradas, aos philtros da belleza que lhe fóra apresentada, quasi que com a declaração formal de dever ser sua.

— Pobre amigo! pensava Julio, enquanto Martin rodopiava em delirante valsa com a linda fada da festa. Pobre amigo! não tens no coração, todo cheio de amor, um atomo da malicia precisa para se poder viver na sociedade, para se cerrar os ouvidos ao canto da sereia, para procurar a mulher, não em sua face ostensiva, mas nos intrincados meandros de sua alma occulta! Esta menina, pobre amigo, fará a desgraça do mais endurecido coração que se lhe prender, quanto mais do teu, que é tão nobre quanto sensível, tão sensível quanto intransigente! Esta menina é a vibora que te ha de envenenar com sua peçonha, se não fugires á sua alma impudica, fascinado por seu revestimento angelico!

E Julio viu Martin, toda a noite, girando como satellite em torno d'aquelle astro, e só com grande difficuldade ponde arrastal-o para fóra d'aquelle antro de sua perdição.

— Estou loucamente apaixonado, Julio.

— Bem o sei, Martin...

— Oh! nunca encontrei uma mulher tão bella!

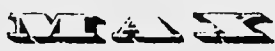
(Continúa).

FOLHETIM

(21)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXI

A' entrada de Julio e de Martin fez-se um ligeiro silencio no salão onde o contagio da alegria já se apossara de todos os corações.

Os dois moços eram muito considerados pela alta sociedade, que os encontrava frequentemente, no lar, quando havia molestia, e nos salões, quando havia alegres e festivas reuniões.

Em poucos minutos tinha passado aquella ligeira perturbação do ruido e do movimento, e tudo e todos eram risos e... loucuras.

Julio foi, como sempre, o conquistador que passa em triumpho pelo meio dos povos submissos. Sómente, no seu caso, os triumphos eram alcançados sobre corações, já sabe o leitor de quem.

O moço, porém, continuava sempre a ser o estudante, insensível ás setas que todos os olhos, como de aljavas, lhe atiravam...

Jogava espirito, manejava a intriga entre os namorados, e ali está como se divertia n'um baile, sem sahir do circulo em que giravam as lindas estrellas dos salões e seus adoradores.

Como era de rigor, solicitou de Elisa a graça de uma quadrilha, que lhe foi recusada, por já estarem inscriptos tantos, tantos, que toda a noite seria pequena para satisfazer os todos.

— Todos querem dançar commigo, Sr. doutor, e eu já me sinto aborrecida de tantas importunações.

onde deveria achar-se. Entretanto, ajuntou elle que certas reflexões o forçavam a concluir que isso podia não ser uma prova de fraude por parte do medium.

O Sr. Boldt não pôde dar-me um testemunho certo, pois não tinha tacteado a cadeira senão apressada e parcialmente. Tudo o que elle pôde dizer-me foi que coisa alguma lhe parecera irregular quanto á posição do medium na cadeira.

Não pude encontrar o Sr. Lonnbon, mas pedi ao Sr. Hertzberg, que o apresentara n'essa sessão, que o induzisse a dar-me um testemunho por escripto.

No dia seguinte entrei em S. Petersburgo, muito contente com o resultado do meu inquerito e felicitando-me por ter podido, não obstante o meu estado moribundo, pôr-o em execução.

Que conclusão devo tirar de tudo o que precede?

Para responder a esta questão, resumamos as razões invocadas pró e contra a authenticidade do phenomeno.

— A principal objecção é que foi a *propria* Sra. d'Espérance quem dirigiu as mãos que apalparam a cadeira, e que por isso o exame não foi livre.

Incontestavelmente é seria esta objecção. Mas colloquemo-nos por um momento no lugar da Sra. d'Espérance e admittamos a authenticidade do phenomeno. Poderemos achar-nos durante esse tempo n'um estado normal? O imprevisito, a anomalia do phenomeno e o temor deveriam ter impressionado o seu espirito, com um horror e uma perturbação indizíveis; era uma questão de vida ou de morte. Compreendamos tambem o estado de excitação nervosa e de terror por que a Sra. d'Espérance declara ter passado e que realmente « n'esse instante ella não sabia o que fazia ». E, se por um lado tomarmos em consideração a dôr terrível experimentada pela Sra. d'Espérance ao menor contacto « n'aquillo que podia muito bem ser uma parte do seu corpo » (dôr essa que a fez comparal-a á dos nervos que, estando a descoberto, eram tocados brutalmente), e, por outro lado, a situação delicada e difficil para uma Sra. que convida homens a se aproximarem e verificarem a desappareição dos seus joelhos e das suas pernas, acharemos muito natu-

ral que a Sra. d'Espérance tenha se servido das mãos para conduzir as dos assistentes que deviam apalpar o lugar onde ella se achava sentada. Tem-se dito que ella ainda se achava com bastante presença de espirito para comprehender toda a importancia do phenomeno, e tanto assim que ella o fez verificar.

Esta objecção se destroe em face da affirmacão cabal de duas testemunhas, os Srs. Seiling e Hertzberg, dizendo que, embora suas mãos tivessem sido seguras pela Sra. d'Espérance, puderam examinar toda a superficie da cadeira, mesmo até o espaldar.

A segunda objecção é que nenhuma das testemunhas se assegurou, pelo tacto ou pela vista, de que não havia ninguem atraz da cadeira do medium, durante a desappareição das pernas.

A objecção é seria, mas está completamente refutada pelos testemunhos contestes de *seis* pessoas, das quaes duas, (os Srs. Seiling e Hertzberg) asseguraram ter visto muito bem a Sra. d'Espérance na cadeira enquanto procediam ao exame, e uma (o capitão Toppelius) affirma que não sómente viu toda a parte superior do corpo do medium na cadeira, mas tambem que tocou-a com as duas mãos desde o encosto até abaixo « descendo dos dois lados ». Que se pode pretender de mais evidente?

Temos ainda os testemunhos de tres observadores, as Sras. Seiling, Hjelt e Tavaststjerna que certificam ter visto o medium, durante toda a sessão, *na cadeira*, e especialmente durante a desmaterialização; que, além disso, observaram que o vestido pendia verticalmente da cadeira, e que elle em seguida se tinha novamente enchido, sem que o medium, se mexesse do lugar. Os testemunhos dos que nada d'isso viram, não podem, portanto, em caso algum, deprimir o valor dos testemunhos tão certos e explicitos dos que o viram.

A terceira objecção poderia ser que uma tal desappareição da metade d'um corpo, vivendo onde tinham desapparecido, por um quarto d'hora, a carne, os ossos, o sangue, é uma impossibilidade, uma anomalia, um absurdo. Como teria podido a outra metade do corpo viver, falar, beber agua em tal estado, etc. etc.?

Ha homens, rarissimos, que, tratando com uma d'estas, têm a intuição da besta de Vandel-Verde; a maioria, porém, a quasi totalidade dorme tranquilla á sombra e ao frescor da lethal mancenilha.

Elisa, já o sabemos, era um d'esses abysmos cobertos de flores, e Martin era um d'esses ingenuos dispostos, muito naturalmente, a se precipitarem na voragem, procurando colher as flores.

— Oh! nunca encontrei uma mulher tão bella; foram as palavras que lhe irromperam do peito entumecido, quando se achou a sós com seu amigo e companheiro.

— E foi por sua belleza que te apaixonaste?

— Que fosse, Julio! O que é a mulher senão o ideal da perfeição? E o que é a perfeição senão a belleza?

— Então, a perfeição da mulher é a belleza?

— Sei onde queres chegar; mas Elisa possui a belleza da alma.

— Estudaste a bem?

— Oh! o brilhante luz em meio das trevas.

— E quantos têm comprado brilhantes falsos por verdadeiros?

— Tu me julgas tão bronco?

— Não julgo nada, Martin; o que te asseguro é que aquella moça é um dos tumulos caídos de que falou o Redemptor.

— Ora! ora! Isto é demais em relação a Elisa.

— Dizes isto, Martin, porque tua alma é simples como a flor do prado. Eu troquei apenas cumprimentos com Elisa, e senti, como por intuição, que a moça é um d'esses espiritos frivolos ao mesmo tempo que volúveis, que não dão valor ao bem, que não dão valor á honra, que já conhecem todas as misérias humanas e que só aspiram da vida o gozo, segundo seus caprichos de occasião.

— E reconheceste tudo isso n'um momento, porque tua alma é maliciosa, é penetrante, é vidente, como a de um physiologista amestrado!

— Para Elisa, fui mesmo physiologista, não amestrado, porém intuitivo.

— Historias! Antipathizaste com a moça; e ali está toda a tua intuição.

— Martin, por tua felicidade, não te

Comprehendendo perfeitamente a força d'essa objecção e tudo o que ha de extraordinario physiologicamente em admittir um tal phenomeno. Mas, no ponto de vista vulgar, *todos* os factos do spiritismo são impossibilidades e, como por ali se repete, em opposição directa ás leis eternas da natureza. Os movimentos espontaneos dos objectos, a appareição momentanea de u'a mão plastica... são, portanto, puros absurdos, meras impossibilidades. A isso o spiritismo nada pode replicar, a não ser que taes factos são constatados por milhares de pessoas e que é necessario estudal-os.

Para o caso presente, a unica objecção seria a que o facto é unico. — Elle é verdadeiro, e seria para desejar que fosse possível ser estudado ainda varias vezes.

(Continúa).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica: a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II — V. 25-35

CANTICO DE SIMEÃO

V. 25. Ora, havia em Jerusalem um homem justo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia na expectativa da consolação de Israel; e o Espirito Santo estava n'elle: — 26, tinha-lhe sido revelado pelo Espirito Santo que elle não morreria sem que primeiro tivesse visto o Christo do Senhor. — 27. Impellido pelo espirito, veio ao templo; e como o pae e a mãe do menino Jesus ali o levavam afim de cumprir a respeito d'elle o que a lei ordenara; — 28, tomou-o nos

braços e louvou a Deus dizendo: 29. «E' agora, Senhor, que deixarei morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra: — 30, pois que meus olhos viram o Salvador que vós nos dais, — 31, e que destinaes para ser exposto á vista de todos os povos, — 32, como a luz que illuminará as nações, e a gloria de Israel vosso povo». — 33. O pae e a mãe de Jesus achavam-se imersos na admiração das coisas que d'elle se diziam. — 34. Simeão abençoou-os e disse á Maria, sua mãe: «Este menino é para a ruína e a resurreição de muitos em Israel e para ser exposto á contradicção dos homens. — 35. E a vossa alma mesmo será traspasada como por uma espada, afim de que os pensamentos occultos no coração de muitos sejam descobertos.»

N.º 41. «Simeão, homem justo e temente a Deus, vivia na expectativa do Messias predito e promettido.»

«Estas expressões: «o Espirito Santo estava n'elle», — «tinha-lhe sido revelado pelo Espirito Santo», — «impellido pelo espirito», eram, vós o sabeis, uma maneira de falar hebraica.»

«Já o explicámos (n.º 9): tudo o que era resultado de uma inspiração incomprehendida pelos judeus, era, a seus olhos, obra do Espirito Santo, isto é, no seu ponto de vista, o espirito do proprio Deus animando e inspirando os homens.»

«Simeão recebeu de seu anjo da guarda a inspiração o que vós chamais, em vossa linguagem humana, o presentimento) de que não morreria sem que primeiro tivesse visto o Christo do Senhor; — por effeito d'essa inspiração houve intuição, convicção da sua parte.»

«Igualmente pela inspiração que recebeu de seu anjo da guarda, foi impellido a ir ao templo onde, esclarecido por essa inspiração, tomou nos braços o menino Jesus, proclamando-o o salvador esperado e pronunciou as palavras do cantico.»

«As palavras propheticas de Simeão inspirado não se cumpriram e não se devem cumprir ainda?»

«Jesus foi exposto no Golgotha, para o presente então, e para o futuro até á consummação dos seculos, á vista de todos os povos como a luz que devia e deve ainda illuminar as nações — as illumina e illuminará ainda. Não foi exposto á vista de todos os povos pelos seus Apóstolos e discipulos até aos vossos dias? Não o vai ser ainda, e cada vez mais, nos tempos da era nova que começa, pelo «espirito de verdade» e

vou a frente e chorou tambem, e ficou imerso em profundo meditar.

Lá, no intimo do seu ser, dava-se uma batalha tremenda: o coração impulsionado pela paixão, contra a razão, esclarecida pelas considerações do amigo.

Este, em morno silencio, esperou que a crise se resolvesse naturalmente, espontaneamente.

— Tens razão! Elisa não é a desejada de minha alma; é um sonho que devo esquecer. Tens razão! Mas eu não posso esquecer a felicidade senão fugindo. Fugirei, antes que o incendio devore tudo, até o meu proprio livre arbitrio, até o meu simples bom senso. Julio, vou deixar-te, vou passar uns tres annos na Europa.

— Feliz inspiração! Parte o mais depressa possível, e Deus abençoe tua resolução.

Enquanto isto se passava em casa dos dois moços, cuja vida serena era a felicidade de ambos, em casa do commendador Muniz dava-se alguma coisa que nos interessa saber.

Elisa estava contrariada por ver que Julio, a quem quiz prender por seus desdens, nenhum caso fez, nem d'ella, nem do seu expediente, tratando-a com a mais glacial indiferença.

Isto feriu sua vaidade, principalmente porque, mal poz os olhos no bello moço, sentiu-se arrastada para elle.

Foi ella quem cahiu na armadilha preparada para o moço!

Entretanto, desde já o digo, aquelle arrastamento não tinha a força de uma paixão ou mesmo de um sentimento amoroso, pois que, se era ardente a natureza da moça, seu coração era frio.

Era capaz de calcar o pudor e a honra, pela vangloria de apresentar, subjugado a seus encantos, o desejado de todas as outras; mas tudo isto fazia sem o minimo impulso do coração.

Sua contrariedade, pois, era filha de sua alma frivola e de sua ambição vaidosa de fazer do moço seu mais submisso adorador.

(Continúa).

FOLHETIM

(22)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAR

PRIMEIRA PARTE

XXII

A mulher foi creada esphinge-esphinge eterna da humanidade.

Quem já descobriu um escaphandro para descer a explorar o fundo d'esse oceano que se chama o coração feminino, onde se volvem e revolvem, com as ondas, mansas ou convulsionadas, tantas especies de seres desconhecidos, mais innumeraveis que as estrellas do céu?

O homem mais hypocrita trai-se a cada momento, e por fim se descobre.

A mulher possui a sciencia innata de parecer e não ser, e de ser e não parecer.

E' de grande profundidade a lição que nos dá a Biblia: foi a mulher, e não o homem, quem entendeu a linguagem da serpente.

Não vão acreditar que eu detesto o bello sexo e que julgo todas as mulheres dignas de execração. Não. Ellas são esphinges, porque sua alma, e principalmente seu coração, não se abrem á nossa percepção; como se abra a flor aos beijos dos ventos; mas essas esphinges podem ser más, de entenderem a linguagem da serpente, e podem ser boas, de receberem, como Maria, a visita dos anjos da Fé, da Esperança e da Caridade.

A questão é distinguir a de uma e a de outra especie. Impossivel, principalmente quando ellas são da especie má, e precisam fingir bondade para illudir os incautos.

Sei e sinto tudo o que se passa fóra do círculo. Vi que estaveis ausente (2), sei quando uma pessoa transita em qualquer parte na casa, e mesmo muito mais nitidamente que nas circunstâncias ordinárias. Ouvi soar o relógio da torre da igreja; podia ouvir os silvos dos vapores no porto, bem como o ruído dos trens que subiam e desciam, o que me seria impossível no meu estado normal.

8.^a Pergunta:— Entendeis o que dizem os assistentes entre si, e especialmente quando se fala com Yolanda?

Resposta:— Entendo os assistentes e me parece também saber o que elles pensam: quando alguém fala com Yolanda, seja em que lingua fór, me parece saber o que se quiz dizer.

Não os conheço pelo que elles fazem, mas pelo que elles pensam.

9.^a Pergunta:— Yolanda vos toca algumas vezes? Que especie de sensação experimentais então?

Resposta:— Quando toco Yolanda sinto como se tocasse a mim propria; mas, como sinto que ahi ha quatro mãos, concluo que ellas não são as minhas. Sabado, quando ella tomou as minhas duas mãos, uma para segurar a guitarra, outra para dedilhar as cordas, tive a sensação de que eu mesma estava tocando as minhas mãos. As mãos d'ella estavam mais frias que as minhas: eis a unica differença notavel.

(Continúa)

(2) Isto se refere ao incidente seguinte:—N'uma sessão, quando tudo estava prompto, a Sra. d'Espérance no gabinete, as cortinas fechadas, cada um no seu lugar, a meia-luz regulada, mas não estando ainda a porta fechada á chave, aproveitei-me d'isso para sahir um momento da camera sem fazer o menor ruido. Logo que voltei, me disseram que a Sra. d'Espérance havia exclamado: «Não se pode ainda começar porque o Sr. Aksakof está ausente.» Devo acrescentar a declaração de que o medium estava sentado no gabinete, com as costas voltadas para mim, por causa da posição da sua cadeira: só a cortina nos separava, mas a minha cadeira se achava collocada ao lado esquerdo do gabinete, um pouco atraz da cadeira do medium, e de modo tal que elle não me podia ver, mesmo se por acaso houvesse uma fenda na cortina.

FOLHETIM

(25)

CASAMENTO E MORTALHA

POE

MAIS

PRIMEIRA PARTE

XXV

Por todos os caminhos se vai á Roma, e o que parece mais longo é, ás vezes, o mais curto.

Aquelle incendio que parecia dever ser, tomado como a expressão de um amor sentido, uma barreira invencível entre a moça e o doutor Martim, foi a mais forte razão para a aproximação dos dois.

E' que Deus escreve certo por linhas tortas.

O commendador, antes do baile do Casino, já tinha falado á filha em ir para a Europa, dando-lhe a entender que queria unila ao distincto moço que na Europa se achava.

E Elisa, presa pela esperança de fazer a conquista de Julio, recusou-se formalmente a ambos os propositos de seu pae.

Foi longa e calorosa a discussão, não cedendo a moça uma pollegada de terreno, não desistindo o pae nem uma linha de seus propositos.

O baile trouxe uma completa mutação de scena, não da parte do commendador, mas nas disposições de sua filha.

Como é muito commum, o amor que não assenta em verdadeira incandescencia de affectos, que é a simples forma, que não a essencia d'aquelle sublime sentimento, esse amor, se tal nome merece, que é mais evaporação da carne do que emanação da alma, desde que não é correspondido, transforma-se em odio—odio implacavel, que só pede vingança.

J. B. ROUSTAIN

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

MATHEUS

CAPITULO II—V. 1-2

ADORACÃO DOS MAGOS

(Continuação)

«Não dizemos que foi uma realidade, pois que, pelo contrario, vamos explicar-vos a natureza d'essa luz que elles tomaram por uma estrella.»

«Certos espiritos fortes que, em seu orgulho, crêem saber tudo e são ainda bem ignorantes, negando a acção e os efeitos de espiritas, a acção e os efeitos de mediumidade, pretenderam que essa «estrella» era uma fabula astrologica: sem duvida alguma, aquelles que não comprehendem senão os efeitos mathematicos e que pesam tudo com o peso que sustentam em suas mãos, devem falar assim.»

«A luz que scintillava, sob forma de estrella, aos olhos dos magos, nada tinha de commum com os astros que povôam a immensidade: Não pode o anjo da guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgar conveniente? — O olho obscurecido da materia está em estado de distinguir a luz que se escapa de um centro fluidico, da luz que envolve os mundos brilhantes por sobre as vossas cabeças?»

O amor de Elisa era aquillo, e aquillo, diante da explicação de Julio, fez-se odio, e pedia vingança.

A moça ainda esperou, como é natural ao coração humano, que não accetia o que o contraria senão quando a evidencia se impõe, que Julio, cuja mudança tanto ferira seu amor proprio, viesse cahir-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão.

E, n'este caso, sua alma seria de uma sobrançeria esmagadora, e, só em pensar n'esta hypothese, já ella fruía as delicias do nectar dos deuses.

Esperou, porém, em vão, por mais de oito dias e esta circumstancia, de lhe falhar a victima para o sacrificio, foi oleo atirado á fogueira.

— Feliz idéa! exclamou em meio das extorsões de sua raiva—feliz idéa! Meu pae quer que eu case com o amigo, por quem sinto repugnancia, tão feio o acho; mas este casamento será a tortura do inferno para o miseravel, que só então avaliará o que perdeu. Denais, isto de amor é sonho. O casamento é uma viagem pela vida, e nem sempre viajam juntos dois amantes, ou amigos, ou mesmo conhecidos. Casando-me, pois, com o doutor Martim, dar-lhe-hei minha riqueza em troca de minha liberdade; serci sua mulher em publico, e é o que basta. Feliz idéa! Os homens consideram a mulher escrava pelo casamento; eu mostrarei-lhes-hei que ella é senhora pelo casamento. Os homens pensam, e Julio mais que todos, que são chammas a atrahir a mulher e a lhe crestarem as flores do coração, em satisfação de suas vaidades; eu lhes provarei que a chamma, a que cresta e calcina corações, só a mulher a possui.

Julio, tens sido até hoje vaidoso colibri, pousando de flor em flor, haurindo o aromatico nectar de todas ellas! Pois bem; encontrei, afinal, a que, em vez de nectar, dar-te-ha fel que amargurar-te-ha a existencia, e dar-te-ha veneno que amofinar-te-ha a alma para as alegrias da vida. Esta flor sou eu, Julio; sou eu, que, como um phantasma, serci sempre em tua mente, nos dias de tuas glórias, nas noites de teu dormir, nas horas de teu sonhar.

Que insania! Pobre menina! A modestia, a simplicidade, a candura e a docilidade, associadas á ternura nos affectos e ao pudor angelico nos sentimentos, são a força, a grandeza, a sublimidade da mulher.

«Deveis comprehender, spiritas, o effeito do perispírito, e sobretudo do perispírito d'um espirito superior, tornado luminoso aos olhos dos homens por um ajuntamento, uma concentração de fluidos e uma modificação, sob a forma de estrella. Não era uma estrella o que viam os magos: tudo, na immensidade, está submettido á lei de harmonia universal: uma estrella, portanto um mundo. Não devia afastar-se do centro de gravitação que lhe era imposto, PARA viajar, no espaço, como uma lanterna na mão d'um conductor.»

«Todo effeito intelligente tem, vós o sabeis, uma causa intelligente. Os magos eram guiados por um espirito superior encarregado de os conduzir para prestarem homenagem ao salvador da humanidade; manifestou-se fluidicamente d'uma maneira luminosa, sob forma de estrella, tal como os magos a designaram.»

«A estrella brillhou aos seus olhos, mas os seus olhos eram de carne: não conheci os efeitos de optica? Vedes, á distancia a que se acham, os mundos que vos cercam, taes como são? A distancia, o afastamento, a luz scintillante, sob forma de estrella atravessando o ar ambiente que os rodeava, a forma e as dimensões affectadas não podiam bastar para illusonar homens que, por mais sabios que fossem relativamente ao seu seculo, estavam muito longe dos vossos conhecimentos actuaes e não possuíam nenhum dos vossos instrumentos tão aperfeccionados e que o devem ser tanto ainda?»

«Certos espiritos fortes pretenderam também ironicamente que «os magos não viajavam senão de noite», não se vendo as estrellas em pleno dia.»

«Não, os magos viajavam, de preferencia, de dia, porque, como vós, descansavam de noite para darem ao somno o tempo necessario.»

«Não sabem os proprios sabios, que descobriram e empregam telescopios solares, que as estrellas se vêem tão bem, em certas condições de raios, durante a claridade do sol como de noite?»

Tu não podes ter nenhum d'esses esmaltes, porque o meio em que vives e a educação que recebeste te fazem orgulhosa, vaidosa, pretenciosa e caprichosa.

Tu não podes ser terna, nem guardar o pudor dos anjos, porque tua alma, triste alveloa dos rios, em vez de banhar-se nas limpidas aguas que correm por leito de branca areia, enchafurdou-se nas represas que cobrem o paul das immundicies.

E' paul, pobre creança, essa vida de salão, cujo unico objectivo é ostentar grandezas, é jogar espirito até em assumptos do maior recato para uma moça: é enredar-se nas intrigas ridiculas e desmoralizadoras de namoricos que cheiram a depravação.

O salão, o chamado high-life, é uma escola de perdição, onde aprende-se, sob formas delicadas, todos os vícios dos alcouces.

Só almas privilegiadas que trazem de existencias passadas, como gravadas no bronze a fogo, as virtudes que são o ornato da mulher digna de ser mãe de familia, passam incolumes por meio da incontinencia dos salões.

Tambem os paes, que amam suas filhas e as querem para as honras da terra e para as glorias do céo, não devem educar-as para o grande mundo, em cuja atmosfera respira-se o virus da corrupção.

Tambem as moças, que comprehendem a vida da familia em toda a sua sublime magestade e que attentam á sua propria felicidade e á honra do seu nome, não devem procurar a companhia do casto leito e do santo lar, n'aquelle meio putrido, coberto de lentejoulas, verdadeiro «tumulo caído.»

Desgraçado de ti, Martim, cujo nobre character, cuja alma angelica, como o alectrin nascido á beira de um charco, foram recurvados pelo tufão, até molhar nas aguas lodosas as singelas petalas nutridas do mais puro ar!

Desgraçado, sim; porque a mulher que encheu de doces affectos teu grande coração, só possui do teu ideal, que é o de todo o moço de tua elevação, o que ha n'elle de mais accidental: a belleza do corpo.

Quando passar a fascinação, e te reconheceres ligado a uma moça de salão, tremas, desesperaras, morrerás de dor e de vergonha.

Tudo, porém, tem sua razão de ser, e o facto d'aquelle cerrar da razão, tão lucida,

«A esses podiamos dizer: Era impossivel dispor a vista dos magos de maneira a que pudessem perceber um pallido clarão apezar do brilho do dia? Prodigios, tão extraordinarios, mas que admittis sem contudo comprehendel-os bem, não dispõem os olhos humanos a preencherem funcções de microscopio?»

«Mas ponhamos a questão em seus verdadeiros termos: A estrella que conduziu os magos não era, repetimol-o, um dos mundos que povôam o firmamento, mas, como vol-o explicámos ha um instante, apenas uma concentração dos fluidos luminosos, sob a forma de estrella scintillante, e modificando as suas clari-dades de tal sorte que os magos, mediums videntes, pudessem distinguir a sua luz; era um effeito de optica chamado a fazer scintillar, a seus olhos, esse clarão vi-
jor, como as estrellas por uma noite pura.»

«Nós vimos para vós com o fim de vos ajudarmos a explicar o que se denomina mysterio na linguagem humana, mas para vos ajudarmos só e só no que é verdadeiramente incomprehensivel para vós; servi-vos de vossa sciencia e de vossa razão no que ellas podem resolver.»

«Os magos foram conduzidos primeiro a Jerusalem, porque deviam seguir o itinerario traçado pela vontade do Senhor.»

«Herodes devia ser avisado do «nascimento» do «rei dos Judeus», convocar a assembléa dos principes dos sacerdotes, dos escribas ou doutores do povo, que deviam, consultando as prophcias, designar Bethlehem de Judá, onde precisamente «o menino», que os magos procuravam, «nasceira», como lugar onde devia nascer o Christo, — esse annunciado chefe que devia conduzir o povo d'Israel.»

«Tudo tem a sua razão de ser: o «nascimento» de Jesus, «menino» isolado n'uma classe pobre, devia ter uma repercussão que preparasse a sua appareição entre os homens e os acontecimentos que, em consequencia d'essa passagem dos magos em Jerusalem e de sua visita a Bethlehem, deviam cumprir-se.»

ante os desvarios do coração, tão bom, tem certamente a sua, que, porventura, ser-nos-ha dado conhecer.

Elisa seria o casamento talhado para Martim?

Enquanto eu medito sobre esta hypothese, cila que se dirige para o gabinete do pae, repetindo: feliz idéa!

Longe estava o commendador Muniz de esperar a filha, que sahira arrufada, e muito menos de recebê-la entusiasta de seu plano, que se lhe tornara monomania.

— Por cá a esta hora, minha Elisa?!

— Venho prevenil-o de que devemos partir, no primeiro paquete, para a Europa.

— A fazer...

— A fazer-lhe eu o gosto de ligar-me ao moço que o Sr. teve a bondade de namorar por mim.

— O que dizes, filha dos meus pensamentos?!

— Digo-lhe e repito: accetto o doutor Martim por esposo; mas isto sem demora, ouviu?

— Ouvi, e rejubilo-me de ouvi-lo.

— Pois, então, a caminho; senão, mudo de rumo.

— Não, não mudes, que eu só demorar-me-hei aqui o tempo preciso para pôr em ordem meus negocios.

— Dou-lhe para isto oito dias, no fim dos quaes estarei embarcada, ou não embarcarei mais.

— Dentro de oito dias deixaremos o Rio de Janeiro; pelo que cumpre-te começares as tuas despedidas.

— Sahira a fazer despedidas é muito burquez. Sr. meu pae, e eu não estou no caso de imitar o vulgacho.

— Como fazer, então?

— Um baile de despedida, tão esplendido que nos faça lembrados na ausencia, que faça todos desejarem nossa volta.

— Será como queres, e hoje mesmo encommendarei os cartões de convite e falarei ao Carceller sobre o serviço.

— Olhe que não quero uma antigualha como o do Merity.

— Oh! mas o do Merity custou-lhe doze contos!

— E' a nossa unidade; multiplique por cinco.

— Está bom, está bom; serás contente com o teu baile.

(Continúa)

colhe para se materializar. Durante o dia, antes da sessão, abstenho-me, tanto quanto possível, de alimentos.

13.^a Pergunta: — Tentastes alguma vez reter, com as mãos, Yolanda ou seus vãos? Era natural que procurásseis obter um pedaço d'esse tecido.

Resposta: — Justamente, n'outro dia, quando tomei a tesoura para lhe cortar uma mecha de cabellos, não conseguise-gural-a; ella era mais forte que eu. A não ser isso, jamais procurei detel-a. Quando ella me apertou os punhos, deixando-me na impossibilidade de movel-os, eu estava desejosa de experimentar a sua força.

14.^a Pergunta: — Alguma vez vistes Yolanda face a face?

Resposta: — Quando ella estava com-migo, fóra do gabinete, *seu busto estava sempre velado*, de modo que eu não podia vel-a então; mas, em Newcastle, vi-a no meio da camara quando a cortina se abriu e a luz cahiu em cheio sobre ella; vi-lhe então as espaldas e os braços tão distinctamente como se houvesse visto os de uma outra pessoa. *Vi a dama franceza, e percebia-a como se me estivesse mirando n'um espelho, de tal modo ella se parecia commigo.*

15.^a Pergunta: — Era pelo rosto, pelas mãos ou por outras semelhanças corporaes e intellectuaes, que vos reconheciis n'ella?

Resposta: — Nunca observei semelhança commigo nos traços physionomicos de Yolanda, ou antes, nunca tive occasião de verificar isso.

16.^a Pergunta: — Nunca sentistes como se estivesseis em Yolanda, como se vossa consciencia estivesse ligada a ella? Por outra: tendes constantemente a consciencia de estar separada d'ella e serdes sempre vós mesma, em vosso logar, no gabinete? Podeis pensar e julgar o que se passa em torno de vós?

Resposta: — Quando ella me toca, a sensação é toda semelhante á que eu experimento tocando-me a mim mesma.

Não sinto como se fosse uma parte d'ella; mas sinto, ao contrario, como se ella fosse uma parte de mim.

O facto de Yolanda se achar em algum outro logar, não me impede de saber que me acho no meu proprio logar no gabinete. E' um facto claro e veridico, e ninguem me poderá jamais abalar esta certeza, pois estou firme n'ella e é mais que uma simples crença. Mas, embora o saiba, me reconheça aqui e saiba que essa parte, que de mim mesma sai e respira, parece escapar á minha verificação, parece-me, entretanto, ser alguma coisa que me pertenceu e que está á disposição de um outro.

Eu não poderia dizer exactamente o que tenho perdido; entretanto sei que não perdi alguma coisa do meu ser e, todavia, sei que o novo ser me pertence.

Considero Yolanda como uma individualidade separada de mim; estou absolutamente certa de que ella possui sua propria individualidade pessoal, seus proprios sentidos, sua propria consciencia, separada de tudo o que me pertence.

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO I

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

(Continuação)

A proposito da tentativa de explicação scientifica que apresentamos, não faltará quem nos observe que não apoiamos as nossas demonstrações senão sobre hypotheses, e que, desde então, ellas não podem bastar para determinar a convicção nos incredulos.

manchar esta viagem, cujo fim é envolver o meu querido Martin na tunica do Centauro, que lhe ha de pôr a moça, a cujos pés roja aquelle Hercules. Vou — devo ir — e Deus me inspire. Mas, que indigno papel volto a representar! Um homem de bem nunca deve descer do plano illuminado pelos puros e claros raios de sua consciencia; e a minha, por mais que me sangue o coração, recolhe suas luzes quando medito em semelhante artifício. E' que o fim não justifica os meios! Não — não justifica; bem o sei e melhor o sinto; porém hei de eu cruzar os braços, quando vejo meu caro irmão, pelo coração, prestes a rolar pelo plano inclinado que vai dar ao abysmo, ao sepulchro de todas as suas glorias, de todas as suas felicidades na vida? Mulher fatal! Tu cravas o punhal envenenado em dois corações cheios dos effluvios do bem e do bello! Porque não havias de ser a virgem pura dos sonhos dourados do meu Martin? Porque, visto que és a torpe Dalila do Sansão da nobreza e da honra, não lhe fugirás, para não sentires o cruel remorso de arrastares a miséria e talvez ao crime aquelle vulto magestoso de homem, que só tem, como Achilles, um ponto vulneravel? Mulher fatal! que me collocas na contingencia impossivel de abandonar o doce amigo a seu doloroso destino, ou de me deshonrar a meus proprios olhos! Oh! a deshonra é peor que a morte — peor que o inferno, quando somos nós mesmos os que a praticamos, que a confessamos a nós mesmos!

Nestes tormentos, de que minha grosseira penna mal pode traduzir a agudeza, levou Julio todo o dia, até que chegou o momento de decidir-se por ir ou não ir, que para elle valia por abandonar o amigo a maior desgraça ou abandonar-se a seu proprio vilipendio.

Como um louco — e louco, de loucura transitoria, foi elle, n'aquelle momento — ergueu-se, resolutu, deixando escapar dos labios estas palavras, que lhe cahiram n'alma como gottas de ferro derretido: cale-se a consciencia — e fale o coração!

O anjo de azas cor de neve, que vela por nós com a solicitude com que a mais terna das mães vela pelo filhinho adormecido no leito da dôr, o anjo da guarda de Julio deixou cahir dos olhos duas lagrimas de pezar, perolas bemditas, que rolaram pelos paramos infinitos do infinito espaço.

Os filhos da luz, que já são, elles mesmos, luz, attrahem-nos para si, pelo carreiro

Responderemos que o terreno pelo qual enveredamos não foi ainda reconhecido, e que nos é forçoso recorrer a hypotheses; teremos, porém, cuidado de as fazer taes que nenhuma experiencia as possa desmentir. E' sómente com essas condições que uma theoria é aceitavel.

Conformamo-nos, além d'isso, com as praticas dos sabios, que estão reduzidos aos systemas para explicar os mais simples phenomenos da natureza, os que se passam aos seus olhos, e cujas condições de produção podem variar á vontade. Não se deve esquecer, com effeito, que as compilações de physica ou chimica não dão senão relações entre as diferentes substancias, sem fazer conhecer a natureza intima d'esses corpos. Fala-se sem cessar da materia, sem poder definir exactamente qual é a sua verdadeira constituição. A força é um proteu de formas multiplas cuja essencia intima é ainda um mysterio. Finalmente, verificamos correlações ou diferenças entre um certo numero de factos, e d'ahi deduzimos leis, mas sem conhecer nem a verdadeira natureza dos corpos sobre os quaes se exercem nem o que são essas leis em si.

O estudo das sciencias é, em geral, muito longo, porque é preciso amontoar um grande numero de observações antes de descobrir as relações que as ligam entre si, isto é, antes de notar as leis que as regem; mas o estudo dos factos spiritalis é complicado por uma outra razão. Não se deve esquecer que estamos aqui em terreno differente do das sciencias puramente materiaes. N'estas pode-se inverter as condições experimentaes, porque, sendo inertes as materias sobre as quaes se opera, os resultados não mudam enquanto as circumstancias são as mesmas. Não acontece o mesmo com o spiritismo; é preciso sempre distinguir as individualidades que intervêm na manifestação; essa influencia é muito variavel, e a maior parte do tempo independente da nossa vontade. E' ainda uma difficuldade que se vem ajuntar ás que já enumerámos.

que seguiram, e sentem agudo espinho em seu purissimo amor, sempre que nos vêem sentir, pensar ou agir menos correctamente; porque o menor desvio nosso retarda nossa ascensão, tolhendo a purificação do nosso ser.

A loucura já era senhora dos salões do commendador Muniz, quando, como um ladrão, esgueirando-se por entre a multidão, penetrou Julio, e foi marchando, corpo sem alma, até esbarrar com Elisa.

O habito da boa sociedade chamou-o aos deveres da civilidade, e o moço, como os ademanos do perfeito cavalheiro, mas sem poder occultar o desconcerto que lhe ia pelo intimo, parou diante da diva da festa e dirigiu-lhe suas saudações.

Vim dizer-lhe o adeus da despedida, minha senhora.

Agradeço-lhe a fineza, Sr. doutor, tanto mais quanto sei que lhe foi isto um pesado sacrificio.

Não no sentido em que fala, minha senhora; mas sim no de ter de soffrir sua ausencia, que vale para mim em ver apagar-se a luz de minha alma.

Sua alma sem esta luz verá melhor o caminho da gloria e da felicidade que o esperam.

Não é assim. Pelo eclipse que um momento de despeito determinou, eu avalio o que será a perda completa do astro que a produz.

Não creio em suas palavras, Sr. doutor; e se pudesse crer n'ellas, eu me sentiria feliz por saber que a perda do astro a que se refere lhe causa pezar.

E' cruel até este ponto?

Não sou cruel; mas tambem não sou ingenua.

Então, minha culpa não tem remissão?

Nenhuma culpa lhe reconheço; pois que, embora muito o considere, nunca fiz do seu amor condição de minha felicidade.

N'este caso, sou importuno falando-lhe uma linguagem que em nada lhe interessa.

Um cavalheiro de sua distincção nunca é importuno, salvo se quizesse obrigar-me a aceitar sentimentos a que não posso corresponder.

Jamais ousarei fazel-o, D. Elisa; prefiro chorar commigo minhas illusões perdidas.

Lastimo que assim seja; mas ha de confessar que, se alimentei por um momento suas illusões, foi o senhor mesmo quem as fez murchar em flor.

Por mais ardua que seja a nossa tarefa, é preciso emprehendel-a, porque é pelo estudo que chegaremos ao conhecimento dos estados da materia que ainda estamos longe de suspeitar.

Os espiritos nos ensinavam, ha trinta annos, a unidade da materia, e o mundo scientifico estava pouco inclinado a adoptar essa idéa; hoje ella tornou-se geral, o que é de bom agouro para o perispirito que, esperamos, será em breve reconhecido como uma das partes essenciaes do homem.

Vimos que o estado de espirito é differente do de incarnado; elle experimenta, n'essa nova vida, sensações que não sente com o corpo, vê a natureza sob um aspecto differente, e seus sentidos, mais aperfeçoados, mais delicados, são capazes de ser influenciados por vibrações mais subteis que as que agem ordinariamente sobre nós.

A sensibilidade é desenvolvida no espirito pela natureza fluidica do seu involucro, que possui uma constituição molecular muito rarefeita, mas, entretanto, uma forma determinada.

E' isso devido á alma que é um centro de forças, representando o mesmo papel para com o corpo como o eixo dos turbilhões de fumaça na experiencia de Helmholtz. A comparação é exacta, porque verificamos que o espirito pode, á vontade, tomar a forma que lhe convem. E' preciso, portanto, admittir que a causa da aggregação perispiritual reside no espirito actuando sem cessar pela vontade.

As propriedades do perispirito são perfeitamente explicaveis segundo o que estudamos precedentemente.

O involucro da alma é invisivel, porque o seu movimento vibratorio molecular é demasiado rapido para que as suas ondulações sejam perceptíveis á vista; mas, se por um meio qualquer se diminua esse movimento, o ser torna-se visivel, não só para um medium, como para todos os assistentes.

— E' verdade; porém desde que o fiz dominado por um sentimento, que é a melhor prova de dedicação, creio que não sou merecedor d'estas durezas.

Ah! eu sou um espirito tão independente que não admitto no homem que me ama outro sentimento que não seja submissão aos meus caprichos.

— Se me tivesse dito isto, eu não a teria incomodado com os meus despeitos.

— Teria sido assim. Sr.: mas expór-me-hia a elles quando lhe pertencesse.

— E conta encontrar alguém que não os tenha?

— Não sei; mas se meu marido os tiver, en ser-lhes-hei tão indifferente, como se pode ser para as folhas secas que o vento leva.

— E se eu me submettesse á sua lei?

— E' tarde; já lhe conheço os sentimentos e prefiro enganar-me com outro.

O signal de uma valsa cortou o dialogo, por vir o par de Elisa reclamar-a.

— Tudo perdido! veio dizendo-se Julio do baile para a casa. Desci á indignidade sem o menor proveito! Martin será a victima d'esta mulher!

— Começa minha vingança, pensava Elisa, rodopiando automaticamente pelo braço do seu cavalheiro. Elle me ama ardentemente, e ha de ser desgraçado com a minha perda, tanto mais que seu melhor amigo é que será o seu verdugo. Eu bem disse que era a flor em que havias de beber o lethal veneno, meu voluvel colibri. Sim; hei de vingar-me cruelmente deste vaidoso, que presume ser o foco de luz em que todas as bellas hão de queimar as azas. Hei de trazel-o de rastos a meus pés, sorvendo elle o calice amarguroso de meus desdems — e eu o oxymel de suas humilhações. Os dois amigos serão meu escabello, e jogarei com elles como com dois titeres. E eu serei a rainha dos salões a desejada de todos os leões do bom gosto e da boa sociedade.

Ignorava a misera menina que é por essa porta falsa que se desce dos salões illuminados aos escuros prostibulos, das azas da fama ao desprezo de si mesmo, depois de ter provocado o da gente seria.

Felizes ventos levaram a familia Muniz ás plagas do velho mundo.

(Continúa)

FOLHETIM

(26)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

DRAX

PRIMEIRA PARTE

XXVI

No dia 7 de setembro de 18., toda a alta sociedade da corte estava em reboliço por causa do baile, que devia ter logar em casa do commendador Muniz — baile que se annunciava como o *non plus ultra* em seu genero.

Julio foi distinguido com um cartão de convite, em que se dizia que a familia Muniz, tendo de partir para a Europa, reunia seus amigos, para fazer-lhes as despedidas.

— Partir para a Europa! scismava o moço, sem largar da mão o cartão, que o queimava como ferro em brasa. Vai, pois, dar-se o encontro de Martin com Elisa! E' mais perigoso do que se elle estivesse aqui; porque lá não terá quem modere os assomos de sua paixão! Todo o meu plano por terra — e desastrosamente! Eu fui um desazado! Eu devia ter continuado a fingir amar a Elisa, até que Martin tivesse cicatrizada a ferida. Agora, o que fazer? O commendador convenceu a filha, despedida commigo — e ali está explicada a razão d'esta inopinada viagem. Se eu pudesse embarcal-a, seria a salvação de Martin; mas como, se a moça já sabe que não lhe tenho amor?

O rapaz cahiu prostrado, como se tivesse recebido golpe violento no alto da cabeça.

— Vou — não vou — devo ir — não devo ir. Meu Deus! O que hei de fazer por meu pobre Martin? Se eu fosse explicar por scena de ciume o que se passou no baile do Merity? Talvez pegasse. E' — é o unico recurso que me suggere a mente no intuito de des-

ou outra figura; não sei de que provém isso; apenas sinto a diferença.

Quando a aparição chamou «Carlos!» fiquei curiosa de saber o que isso era, sem nenhum outro interesse. Sentia que Yolanda era parte e que eu estava no meu estado normal; justamente na ocasião em que vos falei, eu sentia a diferença, e então o fantasma chamado Carlos appareceu.

19.^a Pergunta:— Yolanda alguma vez se manifestou por algum outro modo em sessão que não fosse a de materialização?

Resposta:— Não sei que Yolanda se tenha manifestado alguma vez a não ser nas sessões de materialização. Os outros espíritos que se manifestam nas sessões deram provas de sua presença em outras ocasiões.

Lembro-me de que uma tarde, quando eu vivia ainda na Inglaterra, tendo uma creança sobre os joelhos, e estando eu e ella a cantar, ouvimos uma voz nos acompanhar. A creança perguntou: «És tu que cantas, Ninia?»— Ella respondeu: «Sim.»— A creança subiu a escada a correr, e, como não a achasse, exclamou: «Estás em baixo?»— E a voz respondeu ainda: «Sim.» Ella correu por toda parte a procural-a, até que ficou fatigada. Ouvia a voz por toda parte na casa.

20.^a Pergunta:— Dizei-me quaes foram as vossas impressões sobre a resposta dada por Walter, em 16 de junho de 1890, resposta que considerais uma coisa completamente nova, como uma revelação. Quero falar da vossa desapareição total, quando olhei bruscamente para dentro do gabinete.

Resposta:— Antes da sessão de 16 de junho de 1890, eu tinha a convicção absoluta de que parecia não haver mudanças visíveis no meu corpo. Sentia bem que, durante as sessões, uma mudança se operava, mas acreditava que isso não pudesse ser observado por outra que não fosse eu. Eu podia sempre, pelo que sei, ver, sentir e ouvir, ou melhor deverei dizer que, quando estou no gabinete, meu ouvido é muito mais apurado que em qualquer outra ocasião, porque então percebo o tic-tac de uma pendula na camara ao lado ou no pavimento inferior, posso ouvir o ruído da cidade, por exemplo, as badaladas dos relógios

nas igrejas, e ouço o tic-tac dos relógios de algebeira dos assistentes. É certo que os meus sentidos ficam mais apurados que habitualmente. Posso sentir os pensamentos, ou antes, tenho a sensação de perceber-os; ultimamente tentei fixar os pensamentos assim sentidos e percebidos de modo a poder repeti-los, mas não fui bem succedida.

Se eu soubesse que tinha sido algumas vezes transformada, como Walter parece crer, eu jamais teria ousado dar sessões diante de pessoas que não tivessem cabal comprehensão d'esse estado de coisas.

A's vezes, passei com Yolanda fóra do gabinete, de modo que os assistentes podiam ver-nos ambas ao mesmo tempo.

Em muitas occasiões pude ver Yolanda diante de mim, ajoelhada, tocando o meu vestido ou dando-me um copo d'agua. Falei-lhe, toquei-a e d'esse modo pude convencer-me perfeitamente de que eram duas individualidades diferentes. A primeira vez que notei em mim uma grande mudança, comprehendendo que era real essa mudança, foi nas sessões de photographia do Sr. Hedlund onde um espirito-homem me tocou; fiquei tão amedrontada que até tentei levantar-me e fugir para fóra do gabinete; mas percebi que não podia mover-me.

Os assistentes observaram o espirito que eu mencionei e o viram dissipar-se pouco a pouco; ao mesmo tempo eu sentia que voltavam-me as forças e a sensibilidade.

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES DO SR. AKSAKOF

Eu não poderia completar melhor estas interessantes communicacões do que chamando a attenção dos leitores para a descripção tão simples e viva dada pela Sra. d'Espérance sobre o que ella conhece, pensa e sente durante uma sessão de materialização, estando sentada fóra do gabinete, á vista dos assistentes, e que ella publicou no jornal *The Medium* (annos de 1892 e 1893) sob o titulo:— *O que sente um medium quando os espiritos se materializam.*

Não posso deixar de reproduzir aqui uma passagem que está em relação directa e especial com o assumpto d'este artigo e que descreve um outro caso ex-

cellente d'esse estado de desdobramento em que se acha o medium conservando a consciencia. A Sra. d'Espérance fala por si mesma, e é de notar que tudo isto foi escripto antes do facto succedido em Hel-singfors.

«Então apparece uma outra figura pequena e delicada com os braços abertos. Alguem se levanta na extremidade do circulo, vem, e os dois se abraçam. Dá gritos inarticulados: «Anna! O' Anna! Minha filha! Minha cara filha!»— Então, uma outra pessoa se levanta e lança os braços em torno do espirito; em breve succedem-se soluços, exclamações entrecruzadas de bençãos. Sinto o corpo mover-se d'aqui, d'alli; tudo se torna negro diante dos meus olhos. Sinto o braço de alguem em volta do meu corpo, um coração bater de encontro ao meu peito. Tenho a sensação de que alguma coisa se passa. Ninguém está ao pé de mim; ninguém me liga attenção. Os meus olhos se fixam sobre essa figura branca e delicada nos braços de duas mulheres enternecidas.

Deve ser meu o coração que ouço bater tão nitidamente; mas ha braços que me rodeiam; jamais senti um contacto tão nítido. Começo a espantar-me. Que sou eu? Sou a branca appareição, ou sou a que está sentada na cadeira? Serão minhas as mãos que estão em torno do pescoço da velha dama? Serão minhas as mãos que estão na minha frente sobre os meus joelhos? Serei eu o fantasma, ou como deverei chamar aquella que está sentada na cadeira? Certamente os meus labios foram beijados; o meu rosto está todo molhado das lagrimas que correm abundantemente pelas faces das duas boas mulheres. Mas como pode ser isso? É um sentimento terrível o da perda da sua propria identidade. Desejo apertar uma das suas mãos que estão collocadas sobre os meus joelhos; inutil!—e tocar alguem para saber exactamente se eu sou eu ou somente um sonho; se Anna sou eu, e se de algum modo me perdi na sua identidade.

Sinto os braços tremulos da velha dama, seus beijos, suas lagrimas, as caricias da irmã, e acho-me em mortal angustia. Quanto tempo durará isso? Quanto tempo ali ficaremos juntas? Finalmente, o que succederá? Eu serei Anna ou Anna será eu?

Em breve senti duas pequenas mãos

deslisarem sobre as minhas mãos para-lizadas; isso me deu de algum modo um pouco de animo; e, com um sentimento de viva felicidade, sinto que sou ainda eu propria e que a pequena Joute (2), aborrecida sem duvida de ficar esquecida atraz das tres figuras e sentindo-se isolada, buscava a sociedade.

Como me fez bem esse contacto, mesmo da mão de uma creança! Minhas duvidas, sobre aquillo que eu era ou sobre o meu estado, passaram. Enquanto sinto isso, o fantasma branco de Anna desaparece no gabinete, e as duas damas voltam aos seus logares, chorosas, bastante agitadas, mas muito felizes. » (*The Medium*— 1893, pag. 146.)

(Continúa)

(2) Outro espirito de menina que se materializava nas sessões da Sra. d'Espérance.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II—V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores.—

Explicação, pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á epoca de sua vinda a Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos;— e desde essa epoca até aquella em que co-

volvendo o pensamento ao Rio de Janeiro, encontrava-se com a feiticeira que o transformara com seu olhar de Circe.

E, n'essas horas, Elisa já não era o ente inviolavel, que não podia ser suscitado, mas sim uma mulher bella, adoravel, porém sujeita ás fraquezas humanas como qualquer outra.

E, então, calavam na alma do distincto moço os assisados conceitos do bom amigo Julio, que crescia, a seus olhos, até parecer-lhe um anjo ou um deus protector.

Se Martim, em vez de entregar-se ao estudo, que fazia-o recluso do mundo, tivesse procurado o mundo, com seus prazeres honestos e distracções innocentes, que fazem esquecer as feridas da alma e mesmo até as do corpo, com certeza sua cura seria radical e a exclamação de Julio «está salvo» seria um brado prophético nunca mais desmentido.

Metade, porém, pelo estado morbido de sua alma, e metade pelo desejo ardente de aproveitar o tempo enriquecendo seu espirito, o pobre moço enveredou por aquelle caminho, que só muito lentamente levall-o-hia ao poço de Silóe.

Foi destino ou mau fado, providencia ou acaso? Só o tempo rasgará o véo que encobre aos olhos dos homens os mysterios da vida humana, tão simples e tão complicados.

Em todo o caso, Martim teve uma folga, que seu amigo Julio não teve, julgando-se livre, pela ausencia, da fascinação que o subjugara, enquanto que o outro vivia sob a pressão do maior reccio, pelo que lhe disserra o commendador e pela resolução d'este de ir em busca do fugitivo.

Pode ser que eu erre, mas estou crente de que todo o trabalho se perderá, porque conheço a natureza fraca e impressionavel de Martim, e porque sei que a ulcera mal cicatrizada facilmente se reabre sob o império da mesma causa que a produziu.

Tambem, quem nos garante que a moça não se converterá ao bem, em contacto com aquelle espirito ale vantado?

Tudo será como deve ser.

(Continúa)

FOLHETIM

(27)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAN

PRIMEIRA PARTE

XXVII

Martim partiu com a alma dividida por dois sentimentos, qual d'elles mais arraigado, qual mais empenhado em soffocar o outro.

De um lado o amor—amor vehemente, que lhe irrompera como lavas, resultantes da conflagração das materias inflammaveis que se chocam no ardente seio da terra.

E' a perfeita imagem dos sentimentos affectivos, mau grado seu, conculcados no fundo do coração do moço, e que, por força de uma expansão abrupta, verdadeira conflagração, fizeram aquella explosão que tanto anofinava o espirito clarividente do doutor Julio.

Do outro lado, o conhecimento perfeito de que tal amor ser-lhe-hia fatal, donde a resolução de combatel-o até arrancal-o pela raiz.

Era o coração em lucta com a razão, os dois polos do equilibrio, que é a summa lei da vida—a lei do mundo e a lei do universo.

Razão e coração, unidos, constituem uma força que nos leva pelo caminho do bem e da verdade; desunidos, são ventos contra correntes, que fazem o pobre navio doedar e, muitas vezes, afundar-se nos abysmos do oceano.

Nem a razão deve guiar para onde ao coração repugna, nem o coração deve arrastar-nos por caminhos que a razão condemna. Quer dizer que todos os nossos sentimentos devem ser pesados e raciocinados, e que o peso e o raciocinio devem ser feitos attendendo á naturalidade e boa natureza dos sentimentos; ou mais claro: sentimento esclarecido, esclarecimento sentido.

A alma concorre para isto com o corpo: dá a razão e o corpo dá o coração; e como o que é espiritual sobreleva ao que é corporal, a razão cabe a primazia na dupla funcção que constitue o equilibrio da vida.

Martim rompeu-o desgraçadamente, e agora eil-o a lutar e a soffrir por de novo estabelecer-o, mas já lutando e soffrendo equilibrado, porque conhecia a necessidade de lutar e estava firme no proposito que o fizera ir pedir auxilios a plagas desconhecidas.

Muito lhe custou deixar o doce concheio d'aquelle pequeno lar, onde, como em branca nuvem, aspirava as brisas perfumadas do Eden, onde, como a creança em macio berço, era embalado pelas caricias da mãe Martha, onde, como dois gemeos, pensava, sentia, agia, sempre e em tudo, acorde com o pensamento, o sentimento e a acção do seu terno amigo e adorado irmão, Julio.

Oh! que saudades, quando, sentado ao pé da amurada do navio, á hora do pôr do sol, que é a das vagas e indefinidas meditações, enfiava o pensamento por aquelles espaços sem fim, e sem alma que sentisse as tristezas da sua!

Em leve desprendimento, deixava alli o corpo extático, e voava, nas azas do pensamento, ao ninho seu amado, onde encontrava Julio sentado á janella, triste e meditativo (Julio chorando?) e a velha Martha chorando (pudera rir?) ao canto da cosinha, sem fogo, com o fogão mal limpo, com a louça espalhada, como se tivesse fugido d'alli o genio da ordem e da limpeza que sempre teve assento alli.

— Todos tristes, e eu com elles! Todos chorosos, e eu com elles! Onde se afundaram aquellas horas de alegria, aquelles

pathico, aproveitados com apodamento; o determinismo occupou o lugar do livre arbitrio, a responsabilidade teve de curvar-se diante da anthropologia...

Eram outros os horizontes da humanidade que, tanto na actividade physica, como na actividade moral, devia ouvir somente a palavra da sciencia. O medico julgou-se no direito de escrever sobre o corpo e sobre a alma, que passou a ser synonymo de funcções cerebraes, o direito andou ás tontas, porque lhe retiraram a sua fonte de inspiração, — a moral divina; os homens começaram a andar ás apalpadelas, sem roteiro e sem guia... a miragem da felicidade foi substituída pela da justiça... em seculos muito remotos, quando a sociologia descobrisse as leis que regem a marcha dos povos. Estava tudo subordinado ao processo da experiencia directa, da observação immediata, do facto palpavel e tangivel. Mas, — oh, mysterio da sabedoria divina! — o proprio facto veio derrotar-os por completo, e desta vez para sempre. Ali está elle, diante de todos, a qualquer hora, em qualquer parte do globo, desafiando a sciencia.

As mesas girantes, os phenomenos de penetrabilidade da materia, as manifestações telepathicas, as communicações com o mundo invisivel, são factos e factos reaes diante dos quaes já se curvaram verdadeiros sabios, os que preferem ser sinceros a ser charlatães, os que entendem que não devem recusar o seu testemunho á evidencia. E tornaram-se tão communs, tão corriqueiros, que a sabedoria official foi obrigada a encarar-os de frente; encarou-os; mas o orgulho protestou e as explicações por mystificação, allucinação, effeitos de força nervosa, foram tentadas, mas litteralmente repellidoas. As manifestações tinham um caracter de visivel intelligencia e o principio de Allan Kardec: «todo effeito intelligente tem uma causa intelligente» continua victorioso. E continuam as experiencias feitas por homens do mais elevado criterio, isentos de toda a suspeita e todas ellas augmentam o cabedal da nova doutrina.

Que fazem agora os positivistas, os deterministas, os phenomenistas, os intellectualistas?

Fingem que não sabem de coisa alguma e continuam a formular systemas.

Mas o que é exacto é que a sciencia delles cada vez mais perde terreno.

E n'isso se prova, como sempre, o que disse o Divino Mestre:

«Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-ha, e terá em abundancia; e ao que não tem, tirar-se-lhe-ha até o que parece que tem». S. Matheus — vers. 29 — cap. XXV.

O peor cego é o que não quer ver.

OLIM.

PAGINAS DE AKSAKOF

XII

CONCLUSÕES

Ao começar esta memoria, eu disse que o phenomeno a que era ella especialmente consagrada tinha por fim projectar uma viva luz sobre diversos pontos ainda obscuros e confusos dos phenomenos de materialização. Limitar-me-hei a indicá-los em algumas palavras, sem entrar em detalhes mais amplos:

1) O facto, tão frequente, da semelhança do medium com a forma materializada acha sua explicação natural. Como essa forma é somente o desdobramento do corpo do medium, é natural que tenha todos os traços d'este.

Recentemente ainda, durante as nossas sessões em Milão, com Eusapia Paladino, tive occasião de constatar essa semelhança quanto ás mãos, e mencionei em meu livro *Animisme et Spiritisme* um caso em que a semelhança dos pés foi constatada por meio de moldagens em parafina. Quanto ao que concerne á *physiognomia*, temos as photographias do Sr. Crookes, nas quaes a semelhança de Katie King com o seu medium não pode ser posta em duvida. Por conseguinte (o que é importante para a experimentação e para a critica), é evidente que essa perfeita semelhança não é uma prova absoluta de fraude por parte do medium. Foi assim que o general Sederholm pôde muito bem se enganar quando concluiu que a Sra. d'Espérance é que fazia o papel dos espiritos.

«Feliz, é o que é menos desgraçado». D'este estudo de uma profundeza abysmal, deduz-se, como do fumo a existencia do fogo, que a terra é, por obra da Suprema Vontade, mundo de dor, de soffrimento, de expiação.

E, como é de simples observação que a dor começa a manifestar-se desde o berço innocente, deduz-se, com o mesmo rigor logico, que a humanidade já vem a esta vida inquinada de culpa, que a faz soffrir desde o periodo da innocencia.

Nem se leve isto á conta do chamado «peccado original», lenda fantastica com que se embolou a humanidade no seu berço, visto que Deus disse e está registrado nas sagradas letras: «nem o pae paga pelo filho, nem o filho pelo pae; mas cada um por suas proprias obras».

Os que soffrem, pois, desde o berço, dão testemunho irrecusavel de que os que vêm a este mundo de soffrimento são os que têm culpas passadas a resgatar pelo soffrimento.

Eis, então, justificados os prologios da boa velha mãe Martha sobre existencias anteriores dos dois moços seus amados, e, conjunctamente, a missão que trouxeram de resgatar, cada um d'elles segundo a natureza de suas faltas, os erros de passadas existencias.

Ou isto é verdade ou a vida é um sonho.

Foi firmado n'esta sublime lei, que revela o amor infinito do Pai, dando a seus filhos desviados do caminho da felicidade o meio de rehavel-a e de seguir por elle ás alturas dos bemaventurados; foi firmado n'estas verdades, que já lhe eram crenças, que Julio encarou com animo viril tudo o que pudesse acontecer ao caro amigo.

— Se o soffrimento é o remedio amargo que cura o mal da morte, porque não acceital-o com ambas as mãos?

É o moço, pensando assim, limpou a atmosphera pesada que quasi asphyxiava-o, e voltou ao seu constante bom humor, sem deixar de rogar a Deus pelo bom e querido amigo.

Foi longa a lucta, mas decisiva a victoria!

A mãe Martha é que não queria saber de nada, não achava consolo em nada, e levava os dias a chorar e a rezar.

2) Melhor ainda: — Pode qualquer agarrar a forma materializada, segural-a e certificar-se de que apenas tem em seu poder o proprio medium, em carne e osso; e isso não é ainda uma prova de fraude por parte do medium. Effectivamente, conforme a nossa hypothese, o que se deve passar quando detemos á força o duplo do medium, materializado a tal ponto que não resta senão um *simulacro invisivel* do corpo do medium, sentado atraz da cortina?

E' evidente que esse simulacro essa particula minima, subtil e etherea, será immediatamente absorvida pela forma já completamente materializada, á qual não faltou mais que esse resto invisivel.

Ha perto de vinte annos, o Sr. Harrison, editor do *Spiritualist*, de Londres, exprimiu-se, sobre esse processo, do seguinte modo: «E' claro que as duas formas devem reunir-se e que a parte menor se precipitará sobre a maior.» (*The Spirit*, 1876, pag. 156) Mas não sei como a coisa se passará, se o medium estiver «seguro», com os pés e as mãos solidamente atados. Segundo a theoria, esses laços com os nós, perfeitamente lacrados etc., deveriam conservar-se intactos e presos á cadeia do medium. Seria uma bella experiencia! Mas não conheço caso semelhante, porque, na pratica spirita, nunca se considerou necessario recorrer-se ao constrangimento, quando se está certo de que a participação do medium é nulla. (1)

3) A hypothese em questão nos explica a difficuldade, que sempre existiu, de ver ao mesmo tempo a figura perfeitamente materializada e o medium; porque, como já disse, uma completa materialização exige do outro lado uma completa desmaterialização, resultando d'ahi a invisibilidade do simulacro que supponho existir no lugar do medium. A mesma coisa se passa com relação ás photographias do medium e da forma materializada, que são extraordinariamente rarefeitas. Parece que essa difficuldade resulta do facto de não se saber

(1) Pódo-se, entretanto, consultar, para casos analogos produzidos com os mediums Jean e Emile Schrap e a Sra. Dammier, a revista *Psychische Studien* (junho 1889, p. 258, out. 1892, p. 433; set. 1893, p. 436).

Em vão procurava Julio distrahir a pobre velha; sua resposta era sempre:

— Diga-me o que quizer, a verdade é que meu filho foi-se e que eu não sei o que é feito d'elle.

— Como não sabe, mãe Martha? Pois não lhe tenho dito que elle está em Paris, a grande cidade onde todo o mundo vai apreciar o bom e o bello?

— Bom e bello! Bom e bello só conheço a presença de meu filho, a fazer a alegria do meu coração.

— Então você, mãe Martha, queria a presença d'elle, embora lhe viesse d'ahi uma desgraça?

— Não, isso não; mas olhe, Sr. Julio, quem tem de pagar a Deus, só pode ser feliz pagando, e só paga soffrendo o que fez soffrir. Elle, o nosso querido, foi mulher infiel ao marido que a estremeia e que, em desespero, cortou o fio da existencia.

Martha disse estas palavras n'aquelle estado que Julio já conhecia.

— Meu Deus! exclamou o moço, que se cumpra a vossa justiça, toda amor e misericórdia; mas que o meu caro Martin não agrave suas faltas, em vez de resgatal-as, commettendo o maior dos crimes: o suicidio, a que arrastou um seu semelhante.

— Não, disse como a responder-lhe. A reparação limita-se ao soffrimento. Nunca será exigido um crime para pagar outro igual. Se elle o commetter, será por sua fraqueza, não porque assim lhe seja exigido, para cumprimento da lei.

Julio levou muito tempo a pensar n'aquelles conceitos que n'outros tempos far-lhe-hiam rir e zombar de quem lhes prestasse attenção.

— Martin casará; é preciso que case com a filha do commendador, para soffrir o que a outrem fez; mas aquelle nobre character, aquella alma que põe a honra acima da vida, poderá ter forças para supportar a ignominia?

O futuro do amigo, triste e vergonhoso futuro, estava traçado aos olhos de sua alma; mas o termo d'essa via dolorosa? Era um ponto negro, negro de não permittir um raio infinitesimal de luz.

E desde esse momento, Julio não pensou senão em salvar o amigo, não mais procurando embaraçar-lhe o casamento com

onde existe a possibilidade de guardar o equilibrio necessario na distribuição dos elementos materiaes entre as duas formas.

4) Como o demonstra a experiencia, esse processo da desmaterialização e da rematerialização não abange somente os corpos organicos, mas tambem os inorganicos, resultando d'ahi que os laços e sinetos com que se prende o medium não offerecem garantia alguma. E' aqui que é opportuna a seguinte hypothese sobre o modo por que se dá o facto:

«Ou bem que os laços são desmaterializados, ou bem que o medium o é.» Temos um exemplo notavel no caso da Sra. Compton, que já citei detalhadamente no primeiro capitulo. Temos ainda um exemplo analogo na experiencia do Sr. Crookes narrada pelo Sr. Blackburn. O pescoço, a cintura, as mãos e os braços de Miss Cook foram presos pelo Sr. Crookes com quatro cordões de linho a quatro pontos de uma escala portatil, e os nós cosidos e lacrados. No fim de cinco minutos, o medium saiu do gabinete, livre de todos os laços, os quaes jaziam intactos por terra (*The Spiritualist*, 1874, tomo II p. 285). Tambem posso citar uma experiencia pessoal que obtive com o medium Léon Montet, que eu havia ligado com o maior cuidado e que, num instante, ficou livre de todos os laços, sem que o menor dos nós houvesse sido forçado. (*Psychische Studien*, janeiro 1882, pag. 1).

5) Sendo incontestaveis estes factos, a mesma hypothese explica tambem a penetração da materia pela materia e os transportes que são tão conhecidos na mediumnidade. Elles se ligam evidentemente aos que são mencionados acima. E' ocioso citar aqui exemplos. Chamo a attenção dos leitores para o meu livro *Animisme et Spiritisme* e para a minha experiencia com o anel de ferro que passou atravez do braço do medium Williams, mencionada no *Psychische Studien* de fevereiro de 1876. Baseando-se na mesma hypothese, o Sr. Harrison entrou em alguns detalhes, quanto á explicação dos factos de transportes e da penetração da materia, no seu artigo «Theoria que encerra a explicação de algumas manifestações spiritas.» (*The*

Elisa, porém concertando planos para dispôr-lhe o animo de modo que o golpe fatal não o tomasse de surpresa.

Escreveu as palavras da velha mãe Martha, datou e lacrou o papel, e guardou-o em sua escrivaninha.

— Ainda que me custe romper para sempre esta amizade, que é ar vital de minha alma, eu hei de preparar-lhe o espirito para receber corajosamente a desgraça que lhe é aqui annunciada.

Tomada a resolução, sentiu se como aliviado da pesada carga que parecia esmagal-o.

Não se passa, porém, pelo fogo sem ao menos sapecar-se; e o moço, por obra d'aquellas dolorosas impressões que se aninharam em seu intimo, perdeu, em parte, aquella indifferença com que zombava de todos os accidentes da vida. Já tinha horas de amargas reflexões sobre esses accidentes. E o tempo não mais lhe corria ligeiro, como d'antes, mas já lhe parecia arrastar-se com a lentidão da zorra. E' que chegara-lhe a vez de ter penas no coração e profundos cuidados n'alma!

Passaram-se tres mezes, passaram-se seis, passaram-se nove, passou-se um anno, sem que Martin escrevesse duas linhas dando noticias suas.

Parecia incrível, mas Julio sabia muito bem que o seu amigo preferia a morte á necessidade de escrever uma carta.

Entretanto o caso era excepcional. Era; mas tambem deve ser levado em conta o estado excepcional em que se achava o moço.

— Martin não me escreve senão quando se julgar curado, disse Julio para explicar a mãe Martha o silencio do rapaz.

— Então, elle nunca mais escreverá, respondeu a velha; porque aquelle mal não tem cura.

— Porque dizer isto?

— Porque sentimento que entra n'aquella alma, não ha força capaz de lh'o arrancar.

— Seja como fór, não devemos estranhar que elle não nos escreva.

— E é melhor mesmo que assim faça.

(Continúa)

FOLHETIM

(28)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXVIII

Corre ligeiro o tempo para os felizes da terra e, até, para os do espaço que nem sequer o medem; mas arrasta-se com a lentidão da zorra para os que têm penas no coração ou profundos cuidados n'alma.

Felizes da terra, disse eu; mas onde estão e quem são os felizes da terra?

Subi e descei, descei e subi a escala humana, desde o mais obscuro individuo até ao mais alto personagem, e não encontrei um ser humano que viva contente com suas condições, que tenha satisfeitas suas ambições, que possa conscienciosamente dizer: eu só tenho motivos para rir, eu não conheço o amargo d'essas lagrimas que deramam os que têm dor no coração ou cuidados n'alma.

Quando não temos, em nós mesmos, motivos de soffrir (hypothese irrealizavel), soffremos pelos que nos são caros; e quando nos faltam esses motivos (hypothese ainda mais irrealizavel), procuramol-os, creamol-os, imaginamol-os, para que se cumpra a lei do soffrimento universal na terra.

Um dos mais profundos pensadores do nosso seculo, o padre Manoel Theodoro de Almeida, concretizou n'uma feliz expressão o resultado da mais severa observação da natureza humana, em todos os tempos e em todos os pontos do globo:

de nossa origem, de nossa missão, de no-so destino. Somos apenas a synthese das virtualidades do planeta; a ultima palavra da evolução animal, o degrau superior da grande escada da vida que tem a sua base nas rudimentares manifestações vivas dos vegetaes.

Essa marcha ascencional do inferior para o superior termina no homem; alem d'elle nada. . . o vacuo, o infinito inutil, feito unicamente para nossa contemplação.

E entretanto a astronomia não cessa de clamar bem alto que n'este espaço todo que não podemos conceber, giram eternamente milhares e milhares de corpos, uma verdadeira poeira, que a imaginação a mais arrojada não comprehende, mas que existe, porque a nossa razão nos dá no infinito dos numeros o infinito das coisas creadas e que d'esta poeira é a terra uma particula insignificante!

Mas tudo isso que a sciencia expõe do nada vale! O orgulho incha de tal sorte o espirito que este acredita seriamente poder encher o espaço, elle só. . . tudo mais é vacuo!

Pobre sciencia que a tão pouco reduz a creatura humana, esta miseravel creatura a quem já basta, para soffrimento, a sua sentença de morte lavrada mesmo em seu berço.

O outro ponto de vista curto que pode entrar em paralelo com o materialismo, pela estreiteza da comprehensão, embora accitando um Deus defeituoso, é o catholico apostolico romano.

Para a igreja de Leão XIII a terra é tudo; fóra della, ou uma eternidade de gosos bisonhos, em contemplação insipida e ociosa ou uma eternidade de penas indscriptíveis, de caracter exclusivamente physico.

Este mundo é tudo. . . quem aqui não se aperfeiçoou, inteiramente, que se aperfeiçoasse! Não ha esperança: fóra do globo terraqueo ou o céu dos bem-aventurados, ou o inferno dos reprobos.

Uma infeliz creatura, atirada em um mundo de misérias, tendo de soffrir toda a sorte de torturas moraes e materiaes, ou deixa a pello, para se mudar em archanjo, ou então vac d'aquí em direitura para o inferno.

Quem não possuir a sabedoria e a moral precisas para ser perfeito, como o queria o Divino Mestre, conta como certo que o seu castigo não terá fim.

FOLHETIM

(29)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXIX

Era a hora do chá, e eu me achava com Julio, a quem não via senão de longe em longe, porque os misteres da vida, principalmente para quem tem familia, como eu, tolhem a prorrogação dos doces enlevos e das gratas convivências dos tempos descuidados, em que tudo são risos e flores.

Julio, por sua parte, comquanto não lhe pesassem os cuidados da familia, tinha-os, talvez mais do que eu, nos onus que lhe impunham a clinica, redobrada pela ausencia de Martim e a politica que o envolvera como as serpentes de Laocoon.

Por felicidade pude dispor de alguns minutos, e corri á casa do amigo da infancia a refrigerar a seccura da vida do homem, com as frescas brisas, que são as recordações da vida do estudante.

Depois das alegres expansões, passámos a conversar sobre o que tantas saudades nos causava n'aquelles instantes de alegrias.

Eu conhecia a triste historia do meu amigo, do nosso Martim, e Julio me contava o desfecho prognosticado pela boa mãe

Não será preferivel a hypothese materialista?

A' uma orthodoxia impiedosa não será muito melhor antepor o positivismo cruel, mas em todo o caso consolador, pela possibilidade de um aniquilamento, em vez de uma condenação por *omnia secula seculorum*?

Não vale falar no dogma do purgatorio, creado unicamente para attenuar a monstruosidade de um castigo sem remissão.

No inferno, como no purgatorio, os condemnados não vão regenerar-se; mas soffrer, soffrer muito, no meio de chammas verdadeiras. Deus não pune, vingase barbaramente, como um algoz executando, de creaturas que não lhe pediram para ser creadas.

Deante da orthodoxia inexoravel não é dez mil vezes preferivel ser-se atheu? Em voz de um Deus injusto, não será melhor supprimil-o?

Ao materialismo pretencioso e ao catholicismo feroz, vem felizmente oppor-se, triumphante, esmagador, o espiritualismo, sob sua forma a mais evidente, a mais irrecusavel, a forma experimental. A consciencia individual persiste *post mortem*, gozando a recompensa proporcionada ao seu grau de adiantamento ou debatendo-se nas trevas em que preferio atravessar a existencia planetaria. Os factos são factos a que pessoa alguma pode furtar-se. Ninguém tem mais o direito de duvidar da immortalidade da alma o verifica-se o que diz o Evangelho, que os mortos somos nós: « Mas Jesus lhes respondeu: Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos » S. Mat. cap. VIII—vers. 22.

Em face da evidencia incontestavel que fez o materialismo?

Encolheu os hombros, com desprezo, e estabeleceu systematicamente que tudo era mentira, pela razão muito simples de que a nova doutrina desarranjava as suas theorias preconcebidas.

E o catholicismo?

Vociferou, protestou, excommungou o attribuido tudo ao diabo.

Os primeiros são pretenciosos; os segundos inoffensivos; a todos deve perdoar o espirito que se reconhece firme na humildade ante as eternas leis do seu Creador.

OLIM.

Martha, quando ouvimos, na escada, passos de quem a subia de dois a dois degraus.

De repente, como se fosse um aerolitho, cahiu no meio de nós; quem havia de ser? O Cardoso, o nosso velho companheiro, que nos fez dar aquelle esdruxulo passeio a Itaborahy, da qual resultou-lhe bem bons desconcertos com a sua amada Gertrudinha, que por fim veio a ser Mme. Cardoso.

— Vin matar saudades, rapazes! Que felicidade encontrar juntos os meus caros Julio e Max! Só falta o Martim; mas d'este venho eu, tendo o deixado ha poucos dias! Posso, pois, considerar reunida a patuleia d'aquelles tempos que não voltam mais! Onde está a mãe Martha, que não a vejo aqui, e nem os bolos, os inimitaveis bolos, de que só ella conhece a arte de os fazer? Já sei: a velhura chora o seu cherubim, enquanto o tratante leva vida feliz e alegre lá pelo velho mundo, que é só onde se pode viver.

Nós estávamos ansiosos por fallar, desde que o Cardoso nos disse que vinha do Martim, e a velha mãe Martha, áquellas palavras, surgiu lá do seu recanto ardendo nos mesmos desejos; mas o maldito não dava tempo a nada; parecia uma machina que só cessa de mover-se quando acaba a corda.

Quando acabará a corda d'esta machina, que é a lingua do Cardoso?

— Acabo de chegar da Europa, rapazes, e o meu primeiro movimento, logo que pisei em terras da Patria, foi correr a abraçar os, tendo mandado a Gertrudinha com o pae a tomarem commodos no hotel da Europa. Vocês não se têm lembrado de mim? Não têm tido saudades do Cardoso? Pois olhem: eu digo sempre á Gertrudinha e ao tio Anselmo; depois de vocês, os objectos de meus pensamentos são os meus companheiros de estudos, embora elles sejam hoje uns graúdos e eu não passe de um pobre roceiro. E' que elles tiveram forças para suportar o pigarro de José Mauricio e os ar-

PAGINAS DE AKSAKOF

XII

CONCLUSÕES

(Proseguimento e fim)

N'um caso de simples desdobramento, quando o medium está em *transe*, verifica-se um phenomeno de equilibrio, e de distribuição da materia organica, pertencendo a um corpo, entre dois corpos, conservando a identidade da forma que se deriva do principio individual organisador. — Quando esse phenomeno se opéra sem que o medium esteja em *transe*, temos a prova de que a nossa auto-consciencia não esgota o conteúdo do nosso ser psychico, e que o *eu* organisador póde, fóra do *eu* consciente, agir e constituir um corpo. — Quando o desdobramento se produz com variedade de forma em alguns órgãos, retendo completamente o typo geral (como vimos no caso de *Katie King*, onde as unhas, as orelhas e a cor dos caellos differiam inteiramente dos do medium), temos a prova incontestavel da força organisadora do *eu* transcendente que se adstringe ao modelo do corpo terrestre conhecido de nós, e que ella anima.

Eis um começo de transformação (1). — Si a forma materializada não offerece mais nada de commun com o medium (como no caso de *Katie Brink*, da *Sra. Compton*, do qual faço menção no cap. I), achamo-nos em face d'uma transformação completa ou transfiguração.

Para quem ou para que é ella produzida? Eis a questão espinhosa e principal. E' difficil suppor que isso seja do mesmo *eu* individual, transcendente; e se, no ponto de vista critico, essa forma responde a todas as exigencias formuladas para a verificação d'uma individualidade (vêde o *Animisme et Spiritisme*), temos a prova excellente de que um *eu* individual transcendente, que não é o do medium, apoderou-se sómente da materia organica d'este para transformal-a segundo o seu desejo.

Mas, se assim é, não será mais simples, para esse *eu* transcendente, empregar esse mesmo corpo ou esse mesmo sem-

(1) Os antigos conheciam essa especie de transformação. Jamblico diz, no seu livro *De Mysteriis Egyptiorum* (cap. 5): « Corpus eorum vel concre-scere videtur in altum, vel in amplum, vel per aerem fenni videtur. »

rotos do Torres Homem. Não importa; elles não me hão de desprezar. Não é assim, rapazes? Vocês não sentem, com a minha presença, como que voltarem aquelles tempos felizes dos nossos vinte annos?

Eu vi que o chorrilho não tinha fim, e fui pondo os meus embargos.

— Sentimo-nos felizes por te vermos, Cardoso; mas escuta.

— O que queres de mim, Max?

— Quero que nos des noticias do Martim.

— Pois não, pois não. Está um dandy, um verdadeiro garoto de Paris.

— E não se lembra dos amigos?

— Oh! lá isso, não. Elle não os esquece.

Vou contar-lhes uma historia que ha de fazel-os rir á morrer. O Martim está apaixonado! Não é para rir?

— Conta-nos isto, Cardoso.

— Pois não, pois não. Lá vai verso. A Gertrudinha começou a soffrer umas coisas que nem eu mesmo pude diagnosticar. Parecia molas, parecia solitaria, parecia o diabo. — Tio Anselmo, disse eu, você quer saber uma coisa? Quem quer boa agua, vai á fonte e a fonte limpa para a cura de molestias é a Europa. O velho esgueirou-se, mas não teve remedio senão coçar-se. Fomos para a bella Paris. N'outra occasião eu dir-lhes-hei o que é Paris.

— Sim, sim, n'outra occasião.

— Pois bem. Estávamos em Paris, sem conhecer ninguém na vasta *Babylonia*, e eis que um dia, estando eu a tomar café no boulevard dos Italianos, descobri um focinho que não podia ser senão do Martim. Boto-me para lá, e quem havia de ser? O Martim, em corpo e alma. Foi um gosto. Tão alegre fiquei eu como ficou elle; eramos dois alegres. Entretanto, apesar d'aquella expansão, Martim mostrava-se pesado, como quem tem alguma dor profunda. E o tratante me disse que tinha mesmo, que estava apaixonado por uma beldade, e que para apagar aquelle fogo é que fóra para a

blante, e transformal-o n'aquillo que se deseja, sem recorrer á produção maravilhosa d'um corpo completamente differente do do medium?

Se existissem factos d'esse genero, isso seria a prova notavel e visivel de que a materialização se reduz a um phenomeno de transmutação. Pois bem! Sim, esses factos existem, mas são raros e estão disseminados na massa enorme dos materiaes da litteratura spirita.

Encontramos, a proposito, dois casos n'um artigo de Miss Kislbury (do *The Spiritualist*, de 22 de dezembro de 1876), onde ella apresenta casos de fantasmas em desdobramento, transfigurações e transformações.

Eis o primeiro, extrahido d'uma carta do Sr. Joy (America do Norte), publicada já no mesmo jornal de 17 de setembro de 1875: « A *Sra. Crocher*, um medium muito estimado em Chicago, me contou ha algum tempo os factos seguintes: Sob a direcção do seu guia espirital, ella começou ha alguns mezes uma série de sessões para o desenvolvimento d'uma nova phase de mediumidade; suas sessões eram circunscritas sómente á sua familia. Uma tarde, quando o fogão do quarto projectava um bello clarão, e quando a luz da lua ali chegava tambem, ella foi transformada; sua physionomia mudou completamente de grandeza, de forma e de caracter; uma espessa barba negra lhe appareceu. Todos os que se achavam á mesa viram a mesma coisa.

Seu genro, assentado immediatamente ao seu lado, disse, quando ella voltou a face para si: « Eh! mas é meu pae! » — após isso elle declarou que a imagem era exactamente a do seu pae que estava morto.

Pouco depois, a *Sra. Crocher* ficou transformada n'uma mulher velha de cabellos brancos. Essas metamorphoses operavam-se pouco a pouco e enquanto as testemunhas olhavam constantemente para a dita *Sra.* . . . Ella conservou consciencia de si propria, mas experimentava uma viva sensação de picadas por todo o corpo, exactamente como si segurasse os pólos de uma forte pilha galvanica. »

O outro exemplo é tirado do *Livro dos Mediums*, de Allan Kardec. O facto succedeu em 1858, nos arredores de Saint-Etienne.

« Uma joven de quinze annos gosava a singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar em momentos dados todas as apparencias de pessoas mortas;

Europa — Nunca vi gato fugir a filhós, disse-lhe eu. Se a moça é bella e é rica, como lhe foges? Explicou-me lá por umas razões que não pude bem comprehender; mas que accetei, porque entendo que se deve deixar a cada um ir para onde quizer, ainda que seja para o inferno. Ficou-me, porém, um certo incommodo de ver o meu Martim fugir de uma moça de boa familia, muito bonita e mitorica! Ligamo-nos, de nunca mais nos separarmos em Paris. Já sabem: fallando sempre em vocês, quando prosavamos. Martim vivia agarrado aos livros e frequentando os cursos mais afamados da escola de medicina de lá, que não possui nenhum José Mauricio nem Torres Homem. Eu me aborrecia de ver o rapaz, em vez de distrahir-se da paixão procurando os divertimentos que se encontram por toda a parte, em Paris, levar a vida, como um calceta, preso ao estudo. — Martim, isto não te bota para diante, se queres tirar do coração a paixão pela tal Elisa que te infeitiçou. — Assim é, Cardoso; mas eu ainda não estou em condições de embeber-me com divertimentos. — Ah! não estás? mas olha que para tristezas eu não conheço remedio tão bom como folia. Elle ria e continuava com os demonios dos livros. — Está perdidinho, pensei eu; e, como bom amigo, fiz plano de arrancalo d'aquella vida. Consegui um dia que fosse passar a noite com minha familia, e achei-o mais bem disposto, talvez porque a Gertrudinha, que é lettrada, conversou muito com elle sobre coisas do Brazil. Lembrei-me depois de comprar bilhetes para a Grande Opera, e quasi que o arrastei. Foi uma feliz inspiração, porque lá estava por acaso a sua Dulcinéa, que foi o mesmo que romper a luz para quem está em trevas. Vocês querem saber de uma coisa? Vou tomar chá para depois continuar. Quem chega de longa viagem maritima acha prazer immenso em comer em terra. Venha o chá.

(Continúa)

Elis a prova irrecusavel de nossa fraqueza, eis porque peccamos.

E não saberia o Omnipotente, em sua presciencia, que sua creatura podia succumbir?

Pelo dogma catholico, é o que parece, mas isso repugna á razão mais curta, e ninguém, com certeza, tomará a serio um castigo que a mais arrojada imaginação não pode conceber. Não, o inferno já deu o que tinha de dar; os tempos são outros e outra é a orientação dos homens sobre as coisas divinas, em que elles não podem deixar de reconhecer uma misericordia infinita, condição unica de nossa salvação.

Pois se até Jesus lutou para vencer! Não dirá isso o bastante para comprehendermos a gravidade dos perigos que nos cercam? Quem ousará esperar o triumpho? Não; não é admissivel semelhante aberração do bom senso, que só podia fructificar em epochas em que, para manter o espirito, necessario se tornava dar força á letra. Mas o espirito já vai se destacando do fundo grosseiro da forma, e é por isso que o Evangelho vai se impondo, sublime de verdade, consolador de esperança, fulgurante de consolação. Mas, mesmo no Evangelho, haverá alguma coisa que faça suppor uma punição eterna?

E' o que procuraremos brevemente examinar.

OLIM.

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediumnidade mecanica

(Continuação)

Poder-se-ia estranhar ver um cordão fluidico servir de vehiculo ás vibrações perispiritaes determinadas pelo pensamento, mas não se deve esquecer que esse phenomeno é analogo ao que se produz no photophone imaginado por Gaham

Bell. O celebre inventor americano construiu um apparelho em que a luz serve de vehiculo ao som. No telephone o movimento da placa vibratoria, diante da qual se fala, substitue o magnetismo de um iman. Essa modificação determina um movimento electrico que, reagindo sobre o iman do apparelho receptor, acciona por sua vez a placa, cujas vibrações reproduzem um som identico ao que foi emitido na embocadura do apparelho transmissor. Mas no photophone já não ha fio de communicacão; elle é substituido por um raio luminoso que, deformando-se na embocadura, transporta as vibrações da voz á lamina vibrante de receptor, que reproduz um som identico ao emitido na outra estação.

Podemos, pois, perfeitamente comprehendere como uma vibração oriunda do espirito se propaga, por meio de um cordão fluidico, até ao apparelho receptor, que é o perispirito do incarnado. Chegadas ahí, essas vibrações actuam sobre o cerebro do incarnado do modo ordinario.

Admittido isso, vejamos o que se passa no medium. Elle está, desde que o phenomeno principia, absolutamente inconsciente. Momentaneamente, o seu cerebro está quasi totalmente á disposição do espirito, e este serve-se d'elle sem que o incarnado tenha consciencia das idéas que ahí se agitam. E' uma verdadeira acção reflexa determinada por uma influencia especial, tendo como intermediario o fluido nervoso.

Esta theoria pode explicar porque certos espiritos dão communicacões em que se notam faltas de orthographia ou de estylo, que, quando vivos, não commetteriam.

E' simplesmente porque não encontram no cerebro do medium um instrumento bastante perfeito para transmittir suas idéas. Sabemos, pelas experiencias de Schiff, que as impressões sensorias são localizadas em certas partes da camada cerebral dos hemisphérios, e que quanto mais se desenvolvem, pelo estudo, as faculdades do espirito, tanto mais sensiveis são as cellulas; de sorte que, quanto mais instruido é um medium, tanto mais impressionavel é seu cerebro, e, ao contrario, quanto mais desprezada foi a sua cultura intellectual, tanto menos apto é elle para dar as inspirações dos seus guias.

— Historias da Biblia, meu Martin— invenção dos padres que, por ser-lhes vedado tocar no delicioso fructo, fazem por que ninguém o toque.

Qual! O Martin cada vez mais sorumbático ficava, como quem tinha u'a mão que o puxava e outra mão que o empurrava. Como diabo ha de ser isto? pensei eu. O melhor é atirar com este sujeito á fogueira e deixal-o arder logo de uma vez.

— Sr. Martin, em terra de mouros, os christãos se ligam como se fossem irmãos — e, pois, eu vou visitar aquella gente de minha terra, que encontro n'este mundo desconhecido. Quer vir commigo?

— Deus me livre! exclamou.
— Deus te livre de que, meu patife? Se não queres a moça, não é isso razão para deixares de alegrar teu coração, vendo gente da terrinha. Vamos; trocamos dois dedos de prosa, e ella para um lado, e nós para outro.

— Mas, se eu d'ella fugi, como procural-a?
— Não foste tu que a procuraste, foi ella que te procurou. Ella é que veio atraz de ti.

«Não sei porque estas minhas ultimas palavras causaram tal impressão no rapaz, que estremeceu todo e exclamou: — é verdade! Ninguém pôde fugir a seu destino! Vamos.

«Eu não esperei por segunda ordem e, como estavam n'um entre-acto, parti, levando pela mão o meu imbecil. Chegando á porta do camarote, o Martin tremia como varas verdes e tentou evadir-se; mas pareceu coisa do diabo: mal arrancou a mão da minha, a moçoila surgiu junto de nós, como se nos esperasse, e, n'um contentamento, que podia ser tomado por loucura, cumprimentou Martin e levou-o para onde estavam o pae e a mãe, que de alegria quasi desfalleceram.

«Toda aquella gente adora o Martin, pelo menos tanto como o tio Anselmo a mim.

«Tambem, em pouco tempo, o Martin partilhava o contentamento geral, o que me fez lembrar as bellas lições do nosso

Supponhamos, por exemplo, que o espirito que se manifesta queira exprimir esta phrase: « Deus é a causa efficiente do universo »; elle fará vibrar as cellulas nervosas dos hemisphérios cerebraes do medium de modo a fazel-o escrever essa phrase; mas, se o incarnado não fixou no cerebro a palavra *efficiente*, elle a traduzirá por uma outra expressão, mais ou menos equivalente, como esta: « Deus é a causa actuante do universo »; e, se essa operação se reproduz grande numero de vezes, o espirito terá dictado uma boa communicacão, mas esta terá sido mal transmittida pelo órgão. O mesmo se dá com um musico, por mais perfeito que seja. Se elle não tiver á sua disposição senão um instrumento imperfecto, não conseguirá nunca, apesar de todo o seu talento, fazer ouvir uma melodia pura.

Preveamos aqui uma objecção que não deixarão de nos fazer; é a seguinte: tem-se visto, muitas vezes, mediums receberem uma communicacão em lingua que lhes é desconhecida, como, por exemplo, o inglez, e mesmo escrever paginas inteiras n'esse idioma. Para responder a essa observação, diremos que o medium deve ter, em incarnação anterior, habitado o paiz em que se emprega a lingua de que se serve o espirito, e que guardou no seu perispirito a impressão d'essa passagem. São essas reminiscencias inconscientes que o espirito revela por um instante e de que faz uso. Isso está conforme com o que notámos no capitulo em que tratámos do perispirito, relativamente aos progressos rapidos de que certas creanças dão o exemplo; nós os attribuímos ás faculdades adquiridas, encerradas no perispirito em estado latente.

E' preciso tambem levar em conta, n'esse genero de manifestação, a flexibilidade do medium, isto é, a aptidão que elle tem para transmittir certas idéas. Se o espirito encontra um cerebro bem apparelhado, pode desenvolver seu pensamento; se, porem, quer falar sobre um assumpto absolutamente desconhecido do medium, difficilmente encontra meio de o fazer. Temos exemplos de incarnados que recebem communicacões, apesar da sua ignorancia na arte de escrever; mas são raros, e os espiritos preferem se servir de bons instrumentos para manifestar seus desejos.

Para voltar ao caso mais commum, diremos que devemos nos preparar, pelo

Paula Candido sobre o equilibrio da temperatura.

«Não é? Assim como um corpo frio, em contacto com um quente, rouba-lhe calor até se acharem ambos no mesmo grau de temperatura, assim quem está triste, em contacto com quem está alegre, vai ganhando alegria, até ser tão alegre como o outro. Foi o que aconteceu a Martin mettido n'aquelle foco de alegrias.

«Eu fui muito bem tratado. Já sabem: amigo do desejo, Martin fez proezas! Fez mais do que em Itaborahy, quando tentou bifar-me a minha Gertrudinha, que só não pilhou porque ella não era para seus beijos.

«No fim da festa, o tal Sr. commendador Muniz emprazou-o para ir passar as noites em sua casa, fazendo-me iguaes offerecimentos, que eu bem comprehendi serem *pro formula*. Eu não era desejado. Fui deixar o Martin á casa, e só queria que vocês o vissem: era uma creança para quem o pae tivesse trazido o mais estimado brinquedo. O brinquedo, para o meu Martin, era a bella moça, em quem não fartava-se de falar, perguntando-me que juizo fazia eu d'ella. Ora; só por isso podem vocês avaliar o desconcerto d'aquella cabeça: pedir a mim juizo, exactamente o que Deus não me confiou, nem eu julgo coisa precisa para se viver.

«Assim mesmo, arrumei-lhe com taes bombas de elogios, que acabei por atordoar de todo o rapaz. Chegou a dizer-me: — Julio pensa muito diversamente de ti; mas eu estou convencido de que elle se engana — e tu é que tens razão. — Já ouviram? Martin chegou a considerar-me com mais juizo do que Julio!

«Pobre de ti, meu Julio, se aquillo fosse verdade, porque, em tal caso, podias commungar depois de ter comido o teu e o meu juizo.

«Como era de rigor, fui, no dia seguinte, agradecer o bom acolhimento que recebi da familia Muniz — e lá encontrei o meu Martin, t. do facer e delambido como um dos nossos mais apurados janotas. Ninguém

estudo, para pedir communicacões aos nossos guias. Quanto mais fixarmos no nosso perispirito conhecimentos que modifiquem a contextura do nosso cerebro, tanto mais capazes seremos de exprimir as instrucções dos invisiveis que se interessam pelos nossos trabalhos.

O que parece apoiar esta theoria da acção reflexa, é que ouvimos muitas vezes dizer pelo espirito: « preparámos seu cerebro para receber as nossas impressões, e hoje sómente conseguimos nos manifestar. »

Tal é, a nosso ver, a explicação da mediumnidade mecanica. Ella nos foi suggerida por esta observação: que os mediums pouco instruidos, embora dando muitas vezes esplendidas communicacões no ponto de vista moral, commettiam, no escrever, faltas grosseiras que o espirito não podia commetter, se dispuzesse livremente dos seus proprios órgãos; devem ellas, portanto, provir do intermediario. Pensámos, um momento, em explicar a mediumnidade por uma acção directa do espirito sobre o braço do medium, mas renunciámos a isso pela serie de razões que acabamos de expor.

Passemos agora a uma outra variedade do phenomeno.

Mediumnidade intuitiva

N'estas communicacões não ha mais nenhuma acção reflexa; o espirito não exerce uma acção effectiva sobre o cerebro do medium, não lhe tira a consciencia, contenta-se em transmittir-lhe as vibrações perispiritaes que representam seu pensamento, e o incarnado as sente sob forma de idéas; d'ahi essa denominação de mediumnidade intuitiva dada a esse genero de manifestação.

O espirito estranho não actua aqui sobre a mão do medium, por intermedio do cerebro, para fazel-o escrever; elle não a guia, manifesta-se mais directamente. Sob esse impulso o incarnado dirige sua mão e escreve os pensamentos que lhe são suggeridos. Notemos uma coisa importante: é que o espirito estranho não se substitue á alma do incarnado, porque não podia deslocar-a; domina-a e imprime-lhe sua vontade.

Vimos, acima, que o photophone transmittia as vibrações sonoras por intermedio de um raio luminoso; aqui a acção é identica. O espirito estranho, por sua vontade, imprime ao cordão fluidico movimentos ondulatorios que reper-

diria que era o rapaz que sempre media seus actos e suas palavras pelo estalão da mais rigorosa gravidade. Martin excedia-te, Julio, em fino espirito e polidas jocosidades. A bella Elisa parecia encantada, porém o commendador lançava a barra, na admiração pelo talento do rapaz.

— E' um mimo do céu este seu amigo, disse-me quando nos achavamos a sós; e eu espero em Deus que hei de fazer-lhe a felicidade.

— Bem digno é de sua estima, respondi-lhe; porque tão nobre quanto intelligente — tão intelligente quanto ilustrado, Martin foi talhado para as mais elevadas posições sociaes.

— Aprecio o perfeitamente, redarguiu. Só lhe falta uma mulher bella, rica e bem educada — uma mulher de salão, para ser o vulto da grande sociedade. E essa mulher é a minha Elisa, que lhe destino.

— Dou-lhe os parabens, commendador; porque não podia fazer melhor escolha.

— Estou convencido d'isso, Sr. Cardoso; e só espero o ajuste formal, para voltarmos ao Brazil, onde se completarão os meus mais ardentes desejos.

«Fiquei, assim, sabendo que o grão Martin estava alli, estava preso á bella Elisa pelo modo como eu me liguei á bella Gertrudinha. Um mez depois d'isto, esta cara metade do meu ser começou a fustigar-me para voltarmos a Itaborahy, onde não ha francezinhas arrebecadas.

«Ao despedir-me do Martin, pediu-me elle que não te falasse de seus amores, dizendo-te sómente que brevemente será contigo. Eu prometti, mas não sou bahu de ninguém e, portanto, o que ha de ser sabido amanhã, que o seja hoje.

«Vocês não vão pagar-me a visita? Espero os amanhã, ao meio-dia em ponto, para almoçarmos: hotel da Europa — salão e commodos n. 5.»

Dito isto, Cardoso fez duas piruetas, abraçou-nos e a boa velha mãe Martha, e safou-se, dizendo: a Gertrudinha já me espera, zangada pela demora.

(Continúa)

FOLHETIM

(30)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXX

— *Infandum, regina, jubes*, exclamou o Cardoso, depois de ter tomado duas chcaras de chá, e de ter feito pr fusa apothecose do café e dos bolos da mãe Martha, que já não era quem dantes fora. Vou continuar a minha historia... minha, não, do Martin. Tanto que o nosso amigo deu com os olhos na sua estrella, soltou um brado, que chamou a attenção dos visinhos, felizmente uns ignorantes que não sabem portuguez: — lá está Elisa, Cardoso — olha, lá está ella!

Olhei e vi uma moça quasi tão bella como a Gertrudinha, que para mim é a mais bella das mulheres, principalmente quando fica arrufada com ciúmes.

— Oh! Martin, disse-lhe eu quasi tão entusiasmado como elle: quem possui o coração de uma mulher d'aquellas, e fuge de banhar-se no amor que o enche, ou é tolo ou pede ao diabo que o carregue.

— Não é assim, disse-me, cahindo em profunda tristeza. Eva era linda como o mais limpido pensamento de Deus — e, no emtanto, arrastou o marido á perdição.

ai de um penar immenso, pela ausencia de forças para erer de veras.

Um feliz acaso trouxe-me ás mãos uma das obras fundametaes do Spiritismo, e na parte attinente ao perispírito encontrei a decifração d'aquelle escuro mysterio... Oh! alegria inaudita!... Então riu-se todo o meu ser, de contente; tamanho foi o meu prazer que chegou a ultrapassar a esphera do gozo d'alma, e lagrimas ardentes, mas lagrimas felizes, ungidões de gratidão, me orvallharam o coração dorido, esmagado pela cruciante duvida, ha tanto tempo sentida, e aquelle balsamo de consolo o curou de vez, levando-me a arrancar dos seios d'alma o brado expansivo de «hosanna! hosanna!» á Virgem Mãe Immaculada, tres vezes Virgem: virgem antes do parto, virgem no parto, virgem depois do parto!!! O que diz o meu amigo: foi pequeno o favor que recebi do Céu? Quem foi que com mão caridosa rompeu o véo da desconfiança que me fazia querer menos ao Deus de minha eleição?... De que elementos serviu-se a Providencia para eliminar-me do espirito a indecisão que o pungia?

Ea lh'o digo, meu velho amigo.

Serviu-se de um livro abençoado, que me curou do erro que a simples e turva palavra «mysterio» era impotente para debellar.

Primeiro favor que alcancei da leitura de um livro spirita,—e favor de tanto alcance que para logo decidu-me a um estudo sério de tudo quanto podesse instruir-me sobre o assumpto, que em si tem tanto de generoso que, sem eu lh'o pedir, me fizera um bem tamanho! Não sabia ainda (fui ingenuo, confesso) que a igreja romana, por seus ministros, se oppunha desabridamente á propagação d'essa doutrina, que me parecia santa, porque era nem mais nem menos que a santa e pura doutrina do Christo, o inspirado missionario da Judéa... Soube-o; fiquei triste!...

... Ainda uma razão immensamente poderosa me levou a abraçar com todas as véras d'alma o spiritismo, esta doutrina suave, consoladora.

... De vez emquando, no correr dos annos, uma sensação de esmagadora tristeza, sem origem certa, me precipitava n'um desanimo acerbo, n'um desgosto e tedio de mim mesmo, n'uma saciedade e desprendimento da vida; e n'este sentir importuno, de soffrir sem razão de queixa, deixava-me resvalar por um de-

clive medonho, em cujo termo via a morte abrir-me os braços.

N'este transe doloroso, tinha sempre ao pé de mim minha pobre companheira, D. Joanna, triste com a minha tristeza, por não saber, como eu, o que eu mesmo sentia. Então, por um impulso de vaidade, talvez, que se feria com o espectaculo de minha fraqueza, ou pelo remorso de, sem motivo, martyrizo o coração d'aquella que tem sido sempre a minha alegria, o meu anjo do lar, de um movimento brusco me arrancava d'aquella rampa escorregadia e seductora, e fugia do abysmo que me attrahia. Empreendia uma viagem do dia para a noite, e era o remedio prompto que me curava sempre.

Foi assim que, em 1865, puz em pratica a minha viagem a Pernambuco, em 1867 parti com D. Joanna para a Europa, e em maio de 1893 segui com dois amigos para o Rio; d'essas curtas viagens voltava com certeza curado do assalto suicida que me invadia a razão.

Conectei a ler com gosto o que ainda se pode chamar o A B C da doutrina spirita, e já hoje posso dizer afoito «não temo mais, e desafio mesmo que me invada o sentimento deprimente d'aquella tentação maligna, que me envergonhava diante de minha consciencia, diante do Ser Supremo, que me deu a vida com os thesouros da liberdade, da razão, da vontade.»

Merece censura quem me fez tamanho bem, meu bom amigo?...

Posso, por consideração qualquer, abandonar, ser ingrato a quem me deu a mão que me salvou?...

Responda o amigo a si mesmo...

DR. DYCISIO E. DE MENEZES.

(Continúa)

NOTICIAS

O *Daily Chronicle* conta o seguinte:

Dois medicos da Nova Zelandia, os Drs. Hoeken e Colquhoun, visitaram ultimamente Fiji, localidade em que tiveram oportunidade de assistir á, hoje rara, cerimonia do fogo, ahi feita pelos natuzaes. Essa solemnidade é tão pouco commum que actualmente é privativa de uma familia, residente em uma ilha a 200 milhas da capital. Essa gente tem a faculdade de caminhar, sem vestidos e descalça, sobre a base de pedra de um grande forno, altamente aquecido.

para mais seguramente ser sua presa, encontrando-a onde não mais poderiam contel-o os conselhos de Julio.

Assim falava eu, enquanto Julio, com o rosto mettido entre os braços cruzados sobre a mesa, guardava o mais profundo silencio.

Após minhas palavras, ergueu a fronte e, encarando-me de um modo singular, exclamou:

— Grande é o amor de Deus, Max; porque, se esses factos se dessem antes de me teres dado a luz, pela qual reconheço a lei através dos mysterios impenetraveis da Providencia, eu preferiria ser um condemnado a deixar que o meu bom Martim fosse um desgraçado. Desde, porém, que sei que o soffrimento é o remedio amargo, com que o Medico das almas salva-as da morte, eu louvo e engrandeço ao Senhor, que offerece ao nosso caro amigo o calix, no fundo do qual se encontra o elixir da vida eterna. Sómente peço—e pede-o tu tambem, Max—que forças sejam dadas ao nosso bom amigo, para resistir gloriosamente ao choque, que lhe ha de abalar todas as fibras de sua alma.

— E', Julio, porque Deus nos dá o calix, mas deixa-nos a liberdade de acceital-o ou de recusar-o. Elle que se compadeça d'aquella boa alma, e que lhe dê a força da resignação e da humildade para beber, até as lézes, o calix da ignominia, que é o balsamo para suas feridas.

Conversámos n'este estylo por mais algum tempo e dahi passámos insensivelmente á apreciação do immutavel caracter do Cardoso, sempre jovial e brincalhão, sempre indifferente ás coisas da vida, mas sempre firme no cultivo dos sentimentos affectivos, que uma vez brotaram em seu coração.

E' uma mistura de fumo e de perfume! Mas fumo que não encobre a luz, e perfume que se transforma em luz!

E' verdade em parte; pois que o fumo sempre lhe encobre a luz de ver a fealdade da Gertrudinha, a quem envolve em eternos perfumes.

Fez-se então uma experiencia para conhecer a temperatura, mas foi preciso retirar o thermometro, porque, ao aproximá-lo, á distancia de cinco pés, suas soldas metallicas se derreteram, marcando então esse instrumento 282 graus, sendo que o calculo feito pelo Dr. Hoeken avallia proximalmente em 400 graus a temperatura do forno. Os *pisa-fogo*, em numero de sete, formados em linha, caminharão, sem se apressar ao redor e sobre a base do forno; porções de folhas de malvaesco foram atiradas no recinto, produzindo nuvens de fumo. Sobre essas folhas e no meio do fumo os celebrantes se mostraram de pé, ou sentados, sem apparencia da menor molestia.

Examinados antes, seus corpos e pés nada apresentaram de estranho, e, depois, nem sequer indicaram o menor soffrimento ou vermelhidão; não apresentaram, em resumo, indicio algum de alteração do seu estado physico normal.

Os doutores, crentes na impossibilidade de um milagre, declararam não poder explicar scientificamente semelhante facto.

Não será, entretanto, um caso semelhante ao dos tres jovens, que a Biblia diz terem sahido illesos da fornallia, a rogo de Daniel?

O duque de Normandia, Carlos Luiz, filho de Luiz XVI, rei de Franca, quando banido, na Inglaterra, escreveu, em 1839, uma obra sob o titulo *A doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo*, na qual se lê o seguinte:

« O Eterno é o unico Deus, não é um Deus trino. As almas foram creadas no céo antes da formação da terra, e vieram constituir a humanidade, habitando corpos nascidos do homem. Como Jesus Christo, todos os homens são filhos de Deus, pelo espirito e pela alma, que constituem seu ser immortal, e filhos do homem, pelo corpo mortal, que volta á terra, ao passo que o eu espiritual continua sua peregrinação terrena em outros corpos, até que se cumpra a vontade de Deus. Jesus foi feito Senhor d'este mundo pelo Eterno, nosso Pae Celeste; elle é o nosso irmão mais velho no céo, donde descemos e para onde tornaremos, segundo o merito de nossas obras, galgando successivamente todos os céos, que são os degraus da escada, por que temos de subir, para chegar á morada do Pae Celeste. Todos estaremos salvos dentro de dada epoca da Eternidade ».

E' pela lei: quem o feio ama, bonito lhe parece.

E ai dos feios se tal lei não fôr!

O aragão deu o signal de recolher, e eu disse adeus a Julio e á mãe Martha.

Pelo caminho fui reflectindo sobre aquellas palavras de Julio: se estes factos se tivessem dado antes de eu conhecer a lei, preferiria ser um condemnado a ver o meu caro amigo desgraçado.

Porque a uns é dada a luz a tempo de evitar grandes quedas — e a outros não?

O ponto de partida de nossas cogitações sobre coisas d'esta ordem, deve ser sempre a justiça de Deus, que não tem preferencias nem exclusões.

Ora, diante d'este criterio, como explicar-se o facto de uns terem a luz a tempo e outros não?

Eu só vi uma explicação, que tive por verdadeira, porque senti alegrar-se-me a consciencia, que nunca mente á verdade.

A graça não é dada por favor; ella é sempre provocada por merecimentos.

Assim, pois, os que têm merecimentos aos olhos do juiz indefectivel, recebem a tempo a graça da luz; ao passo que os outros, os que não têm o toque necessario para provocá-la, segundo a lei immutavel e eterna, são d'ella privados.

Julio mereceu a graça que teve.

Ainda tivemos varios encontros com o Cardoso, que nos aviventaram a lembrança dos tempos em que eramos todos como as aves, que constroem seus ninhos sem saber pelo que, ou como as plantas que dão flores e fructos, sem que em taes coisas tenham cogitado.

Aves e plantas obedecem inconscientemente ao instincto natural, ás exigencias de sua natureza.

Assim tambem, o ser humano, antes de possuir a consciencia do dever, é levado por instincto, por simples exigencias de sua natureza.

E' a quadra da juventude, em que tudo são risos e flores, porque o rapaz é borboleta ou beija-flor, que vive sem cuidados, não tendo na terra senão os pés.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64). «A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II — V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores. —

Explicação, pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APARICÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á epoca de sua vinda a Jerusaleem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos; — e desde essa epoca até áquella em que começou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

(Continuação)

N.º 48 Quando se PRETENDE que Maria e José não tinham que recear nenhum perigo quanto a «seu filho», tendo-lhes o anjo annuciado que elle era «filho de Deus», COMO EXPLICAR-SE a sua anciedade quando perceberam que Jesus não tinha voltado com elles, e, quando, depois de o terem procurado entre os seus parentes e conhecidos, não o tendo encontrado, voltaram a Jerusaleem para ali o procurarem?

«Já vol-o dissemos: Maria e José, revestidos de carne, tinham necessariamente a imperfeição das faculdades humanas; Jesus vivia, aos seus olhos, da vida ordinaria, n'este sentido: que os seus actos exteriores não tinham senão um cunho de singularidade relativamente aos homens; que nada assinalava com o cunho proprio a sua origem extrahumana; a impressão produzida pela revelação e pelos factos que se tinham succedido até ao regresso do Egypto, tinha-se pouco a pouco apagado; tudo o que é de carne é obstruido. Se a existencia de Jesus não admirava Maria, quando ella pensava na origem de «seu filho», a sua intelligencia estava muitas vezes velada a esse respeito.»

«Não esqueçais que Jesus, aos olhos de Maria e de José, tinha um corpo de

Que contraste entre essa quadra e a das luctas, das adversidades, que surgem desde que tomamos posição de combatentes no seio da sociedade!

As horas alegres que nos proporcionou o Cardoso foram, pois, motivo de tristeza, por trazer-nos a recordação de um bem que mais não voltaria.

O excellente rapaz chorou quando despediu-se de nós, para recolher-se ao seu lar, em Itaborahy, como se fosse para o fim do mundo.

— O que querem vocês? Eu sei que Itaborahy não está na China; mas estes dias me pareciam os das nossas pandegas de estudantes, e me enchiam a alma de alegria, que só n'aquelle tempo tive sem o mais leve travo. Se não fosse a minha adorada Gertrudinha, eu não os deixava mais, para continuar com a minha doce illusão. Felizmente aquella bella e boa creatura de Deus me compensa das penas que levo de deixal-os.

E foi-se o Cardoso, e nós ficamos realmente sentindo sua falta, porque Julio, com sua maldita politica, já não era o que dantes fôr, e eu... eu nunca tive graça para nada.

Nossas reuniões, aliás raras, por nol-as embarçarem nossas graves obrigações, eram como as de dois velhos, que só falam de coisas serias: critica dos costumes modernos, tão destoantes dos do tempo passado.

A mãe Martha, coitada! levava a vida de uma alma penada, a chorar pelo seu Martim, menos por saber que ia casar e que o casamento lhe era de mau agouro, do que por tel-o ausente — e sabia Deus por quanto tempo.

Sobre o casamento, dizia sempre: tudo o que Deus faz é para melhor.

E com esta consoladora maxima consolava-se do que desse e viesse.

Assim findou-se o anno de 18... em que se deram todas estas mutações.

(Continúa)

FOLHETIM

(31)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXI

— Altos mysterios da Providencia, que encobrem a nossos olhos a razão das coisas, que nos parecem dirigidas pelo acaso! O que ha mais natural do que um rapaz apaixonar-se por uma moça e, por linhas rectas ou quebradas, chegar a possuil-a? Entretanto, no caso de Martim — e, quasi com certeza, em todos os casos, ha uma razão occulta, para se encontrarem, para do encontro romper a paixão, e para da paixão resultar o casamento. Casamento, no céo se talha! Sim; porque é preciso que dois espiritos se liguem para o cumprimento da justiça eterna, e, portanto, é no céo que se talham taes uniões. Martim fez a desgraça de outrem, talvez de Elisa, pelo casamento. Martim deve pagar pelo casamento sua divida, sendo desgraçado pela mulher, porventura a propria Elisa. Se é lei, meu Deus, a que obedecemos inconscientemente, seja feita tua vontade, sempre, movida em bem de teus filhos, mesmo quando lhes fazes sentir o pungir de acerba dor.

Assim falava eu, reflectindo sobre o modo singular, pelo qual Martim fugira á Elisa,

me fazer lembrado e ter a oportunidade de dizer-vos que agora, mais do que nunca, estou convosco. Eu supplico a Deus me conceda, hoje que estou na vida espiritual, continuar na instrução de meus irmãos. Dizei-lhes que não os abandono e que sempre aconselharei o meu digno successor. Deus vos abençoe a todos.»

COMMUNICAÇÃO

Por sua clareza e grande alcance, traduzimos de *Le Progrès Spirite*, de Paris, a seguinte mensagem de um amigo do espaço:

As provas variam com as naturezas. Assim como dizemos que não ha duas pessoas absolutamente semelhantes, podemos com mais razão ainda dizer que não ha do's espiritos com os mesmos gostos, as mesmas tendencias e as mesmas aspirações n'um mesmo grau.

As provas naturalmente são apropriadas, com a maxima justiça, á natureza de cada espirito; os espiritos incarnados devem, na longa serie de encarnações que lhes serve de calvario, soffrer as diferentes provas que os têm de conduzir á sua purificação, mas elles não podem supportar-as todas ao mesmo tempo. Em sua bondade, Deus lhes gradua o peso, e dá a cada um a força de vencel-as, que é a vontade de o conseguir.

Isso vem explicar muitas coisas que parecem obscuras, mas que a reflexão descobre. Se vos fosse dado remontar o curso de vossa existencias passadas, ahí veríeis como em cada uma d'ellas vos fostes libertando de alguma coisa; e se, do mesmo modo, o futuro se vos patenteasse, veríeis igualmente o que vos resta a alijar.

Coragem, meus amigos! Estais no caminho que conduz á verdade; entrevêdes o fim; não caminhais ao acaso, sois esclarecidos e guiados.

Não percais de vista esse celeste pharol que com segurança vos indica o porto; buscai essa luz que irá crescendo á medida que avançardes.

Não está longe para vós a hora da libertação. Passai as curtas horas do vosso

exílio fazendo o bem, e confiai n'Aquelle que vela por todas as suas creaturas.

A presumpção afasta os espiritos do bom caminho. Sede humildes e modestos. A confiança em si mesmo é filha do orgulho; sede simples, e descançai na bondade do Pai que pode supprir a vossa fraqueza.

Sede verdadeiros; que o fundo de vossos corações seja um limpo espelho; mais que tudo, nós amamos a sinceridade e a simplicidade.

É fundamento sincera e real a afecção que vos votamos. Retribui-nos, em confiança e affecto, tudo o que vos damos; só aqui conhecereis o alcance disso, e será uma surpresa e uma grande alegria o que vos dará este mundo desconhecido, que vos reserva tantas outras. — A.

COLLABORAÇÃO

CARTA ABERTA

(Conclusão)

Ocorre ainda razão poderosissima de levantado alcance: é que, quanto mais estudo a doutrina de Allan Kardec, mais se robustece a minha fé christã, mais limpa e pura eu vejo a religião de meus paes, sem uma sombra só de duvida, sem a necessidade de curvar cegamente a fronte á imposição de um mysterio que não se decifra, a um milagre que a razão não pode dar pousada, porque lhe fogem os meios, não possui de certo a sciencia mystica que a reduza a limpo. E quando se pede aos que, sós, possuem o direito de saber ler os livros santos, o que nos dizem elles? Vou ser ousado, me exprimindo assim, confiado no amigo, que me faz justiça. Em grande parte não dizem que se os entenda, por não saberem o que: «é milagre um mysterio que só a Deus respeita» eis a resposta: ou baralham tanto o que nos dizem serios, que ficamos sabendo agora o que já sabiamos d'antes, e assim não desviam das sombras os que lhes pedem luz.

Até aqui só tenho entretido esta palestra com o amigo, diante de quem me habituei a expandir-me, em cujo peito acostumei-me a derramar minhas quei-

xas, para desopprimir-me de maguas, que se azedavam pela prisão duradoura no carcere estreito de um coração em que faltava energia de heróe para supplantar-as sempre. Ao meu vigário, porém, nada direi como tenho feito; continuarei mudo como devo; elle empree ordens que não transgredir nunca, e eu respeito-lhe os zelos como respeito a mim.

Deus me livre de, nem por sombra, tocar nos seus melindres «de representante da Religião», que é a mesma em que creio-me e que fiel professo, «do cura da freguezia» onde resido, e onde soube sempre venerar-o. Mas está me parecendo que mal destaquei uma pessoa da outra, o cura do meu amigo, pois que a palestra já vai tão longa que mais se parece á confissão de um penitente aos pés do seu confessor, e por isto temo bem que não me haja acutelado convenientemente, e que o meu vigário tenha ouvido o que só ao amigo ousava confiar.

Seja como for, já agora, um ou outro me ouvirá até ao fim, e será aquelle que tiver a fineza de fazer-me a mercê. Sim Sr., meu bom amigo, —gratamente apaixonado pela leitura que regenerou-me, senti que era egoismo meu gozar eu só tão doces fructos que me inebriavam a alma, que santificaram-me o espirito de penas que a outros flagelavam ainda; e por isso me veio logo a idéa de oferecer a ficar santo de consolo, justiça, fé, amor e caridade, e não perdi tempo. Mandei inscrever 15 assignaturas, e pedi, avulso, alguns numeros mais do periodico *Reformador*, órgão da Federação Spiritica Brasileira; assim também, fiz virem algumas obras, umas de propaganda, outras fundamentaes—de mais ou menos pulso, de facil comprehensão, como são todas, e fui distribuindo com alguém que a podia comprehend-er, no intuito de não ser eu só o afortunado a quem o acaso quiz dar ventura. Não sei, porém, se os presenteados souberam dar valor aos primores que lhes dei de mimo.

O meu pensamento entusiastico não ficou só ali. Consultei á sociedade Federação Spiritica se era possível vir aqui um dos seus luzeiros que, em conferencias publicas, ensinasse a lição, que mal es-

Vem ella do sangue ou é da educação?

A mais rudimentar observação demonstra que vem de ambas aquellas origens; uns nascem com instinctos de perdicao—outros os adquirem no meio em que vivem —e outros ja os trazem e os consolidam n'aquelle meio.

É questão de transcendental philosophia, que não cabe nos limites de um romance e romance escripto por devaneo, como é este.

Elisa, vendo sua victima abaixar a fronte, julgou opportuno dar-lhe o golpe, provocando-o com estas palavras:

— Já vejo que não me enganai; o senhor ama e não quer dizer-me qual a feliz entre as mulheres que se pode gloriar de ser a senhora de seu nobre coração.

— E a senhora julga, respondeu Martim, erguendo a fronte illuminada pelas irradiações de seu amor, e a senhora julga, deversas, que é feliz e pode gloriar-se a mulher que for senhora de meu coração?

— Falso, doutor, pelo que sinto, pouco se me dando que fale bem ou mal; falo com o coração, que é simples e innocente, mas que diz-me aquillo que me escapou dos labios, que será talvez uma indecencia da parte de uma moça, mas que, em todo o caso, é a voz de seu sentir.

O que mais podia esperar o pobre Martim para romper o véo que suppunha elle encobrir a cratera de seu amor?

Quando o commendador chegou, quando chegaram as visitas costumeiras, Martim e Elisa não eram mais dois estranhos; eram duas almas que se confundiam em pensamento, em sentimento e em volição ou dois corpos, de que já quasi se podia dizer: «carne da mesma carne—osso do mesmo osso».

Pelo menos assim o acreditava Martim, que foi tão feliz e tão alegre, como se tivesse tido uma visão celestial.

A's vezes, passava-lhe pelo pensamento o que lhe ponderava, sobre sua amada, o seu amado Julio; mas do choque de duas forças resultava sempre ceder a menor á maior.

O amor superou a amizade, e Julio foi julgado um visionario, tantas e taes provas dava constantemente a linda moça de sua innocencia e ingenuidade.

Isso não diminuia o sentimento que o ligava ao amigo da infancia; porém lhe

tudo agora, que não é dado ainda repetir inteira a quem quizer ouvir-a.

Eis que vieram dizer-me: «o vosso cura oppõe-se, energico, á propaganda que vos occupa os intuitos.»

Oh! surpresa! desillusão inteira!

E eu que não cogitara da hypothese!!! O meu vigário, correcto como é no cumprimento de ordens superiores, defenderá com certeza a disciplina que tem por lei um código só, pelo qual se regem todos, e ninguém mais que elle respeita a Ordem á que votou obediencia inteira.

Fiquei triste, assustado mesmo!

Os collegas do meu amigo, por desidia ou desprezo do posto de honra que occupam, não estudam (com rara excepção) a doutrina que ensinam; o que farão então elles com a que julgam antagonica ao ensino de Roma? Entendi que se dedicariam já, com empenho e caprichoso esforço, ao estudo das obras fundamentaes da nova doutrina, que os irrita assim, ao menos para conhecerem o campo inimigo e saberem de que armas usam, para opporem, com lealdade, força contra força. Mas não, meu Deus! Como é isto?! Limitam-se os mais estudiosos, ou que se dizem taes, a dizer que o spiritismo é synonymo de diabolismo, que os spiritas, de qualquer categoria, não passam de loucos, que os factos estupendos, que não lhes é dado negar, são obras de Satanaz, que tendem a perverter os seus costumes nas familias, implantar crencas funestas, desviar da salvação os incautos. Dizem ainda que os livros doutrinaes são todos alceivosos, dissolutos, condemnados pela Igreja, porque envenenam a alma do justo, ensinando-lhe o caminho do inferno!...

Meu Deus! Misericordia!...

Quanta calumnia, quanta falsidade! Mas, então, quem querem que seja esse Satanaz, que manda ao spirita amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo? Que aconselha a caridade a todo o transe? Que ensina que sem caridade não ha salvação? Que ordena que se ame o inimigo, que se faça todo o bem a quem lhe faz todo mal? Que segue á risca os Evangelhos todos, contidos nos livros santos? Finalmente que prega aos homens o que aos hebreus ensinou o Misericordioso Nazareno? Que-

era um travo que encontrava na taça de suas exccelsas alegrias.

Esperava, porém, que a convivencia intima desfizesse a impressão mais que injusta que Julio recebera do simples encontro com Elisa — e isto lhe era o antidoto d'aquelle travo.

Elisa enlaçava-o amorosamente com suas caricias, conseguindo brandamente e com arte de Circe, que sua vontade lhe fosse a lei nas pequenas como nas grandes coisas.

E o jugo era assim lançado no tempo do mel, para imperar por todo o tempo do consorcio.

Oh! vós que tendes escolhido a mulher a quem ides ligar, por toda a vida, vosso nome, vossa honra e vossa felicidade, não vos entregueis, como Sansão, á eterna Dalila.

Preveni-vos, principalmente, durante o tempo do mel, porque não vos seja prezo, ciso arrancar mais tarde, e com grande dor para ambos, os espinhos, que vos pareceram flores.

Principis obsta— tudo depende do principio.

Martim entregou, cheio de jubilo, a cerviz ao jugo, que sua amada lhe fez leve pelas caricias com que lh'o impoz e que mais tarde, —quem sabe? —poderá vir a ser insupportavel.

Quando quizer reagir, é tarde — e não o poderá sacudir senão rompendo o laço que fez a felicidade do casal.

Martim ficou, pois, verdadeiramente manequim, que se movia á vontade de Elisa, cuja satisfação era completa, vendo correr tudo á medida de seus desejos, para a realização de seu plano.

Em pouco tempo, toda a colonia brasileira de Paris estava inteirada do proximo enlace da bella filha do commendador Muniz com o nobre e illustrado Dr. Martim — e, em verdade, todos a uma voz auguravam bem d'aquelle união.

O commendador Muniz, que namorara Martim pela filha, ou antes da filha, nadava em delicias, vendo-os tão ligados, que pareciam uma só alma em dois corpos.

E, para sagrar mais depressa aquella união, resolveu voltar para o Brazil logo que se aproximasse o frio.

(Continúa)

FOLHETIM

(32)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAZ

PRIMEIRA PARTE

XXXII

Em Paris o scenario era outro, e outro o caracter da representação.

A casa do commendador Muniz era o ponto de reunião dos brasileiros distinctos que se achavam na capital do mundo, de estadia ou de passagem.

Martim não faltava áquellas reuniões, onde a vida se lhe escovava em meio de inebriantes perfumes.

A viuvez de sua alma, como dissera a Julio, fundira-se em risos e contentamentos, por ter sua alma encontrado o calor vivificante que desfizera os gelos que sempre encontrara nos corações femininos.

Elisa, a deslumbrante filha do commendador, compensava-o, á farta, das privações que soffrera por todo o tempo em que só a Gertrudinha, a bella Gertrudinha do Cardoso, lhe dera ternos effluvios de sua alma.

A moça, sempre firme no proposito de fazer pirraça a Julio, que feriu-a no mais vivo de seus sentimentos—a vaidade, acolhia as timidas manifestações do amor de Martim—e animava-o a mais e mais fazer-o—a fazel-as mais e mais comprometteras.

Um dia, tendo o commendador sahido a visitar um dos seus novos amigos, encontraram-se os dois a sós na sala.

Martim sentiu-se acanhado, de quasi não saber o que dizer; porque, assim como ha

homens valentes nas batalhas e covardes para combate singular, assim seu espirito se animava, até á ousadia, na convivencia geral, e se abatia, até á pusillanidade, n'um tête-à-tête, como aquelle.

A bella menina, perspicaz como toda mulher que tem a alma impudica á que só falta, para ser uma perdida, atirar á corrupção o proprio corpo; a bella Elisa aspirava, como o tigre aspira o cheiro do sangue, o delicioso aroma daquelle enlevo que, melhor que o proprio Martim, podia explicar, mas que fingia não comprehend-er.

— O que tem, doutor, que me parece constrangido?

— Eu... não... não estou constrangido, D. Elisa.

— Então soffre do corpo ou do espirito.

— Não, senhora. Estou completamente são do corpo.

— Sua resposta é capciosa, doutor. Falei-lhe em mal do corpo e do espirito—e o senhor apenas respondeu-me quanto ao corpo. Devo, pois, concluir que soffre moralmente—e, comquanto nenhum direito tenha, seria para mim a maior felicidade da vida, se me julgasse digna de partilhar suas maguas.

— Minhas maguas, D. Elisa, eu mesmo não as sei definir. Como, então, dar lh'as a partilhar commigo?

— Eu nada conheço da vida, porque mal começo, como sabe, a trilhar-lhe o caminho; porém sinto instinctivamente que essas maguas, que o senhor não sabe definir, nascem de seu coração.

Martim abaixou a cabeça, como se tivesse sido surpreendido em falta de deslustrar um homem pundonoroso.

Era digno de profundo estudo para Alibert, ver-se, diante um do outro, um moço formado, em quem a delicadeza dos sentimentos, como a mimosa sensitiva dos campos, resentia-se do mais ligeiro toque do que pudesse ter visos de impureza carnal—e uma virgem, apenas entrada na adolescencia, que sentia-se inebriada ao pensamento de chafurdar-se nas materilidades, cujas delicias prelhevava, arrastando, por seus encantos, a virgindade de uma alma a abraçar-se com a impudicia de outra.

Como é triste esta inversão da ordem natural!

Em abril de 1879, fez alguns trabalhos com Zöllner, em Leipzig, ao voltar de S. Petersburgo, em caminho de Sydney, na Australia.

«Por toda a parte, diz elle, encontrei quem me accusasse de impostura, o que me induziu a provocar ao exame as pessoas serias.»

Deixando a Australia, em principios de 1879, o Sr. Slade teve um ataque apoplectico, o qual deixou-o com uma hemiplegia direita, que tornou-se completa durante alguns mezes; em 1881 essa paralyisa desapareceu, mas um segundo ataque trouxe-lhe outra, da qual ainda hoje conserva vestígios, pois, como pudemos observar muitas vezes, o Sr. Slade arrasta ligeiramente a perna direita, coxeando. Quanto ao braço direito, d'elle se serve com difficuldade, e estamos certos de que, se o Sr. Slade se quizesse servir de tal membro para uma fraude nas suas experiencias, qualquer pessoa o perceberia logo, pois tem pouco movimento para a prestidigitatio.

Examinámos comparativamente a força muscular dos seus braços, por meio do dynamometro da casa Colin & Charrière, e esse exame deu o seguinte resultado: mão direita, 27 kilos de pressão; mão esquerda, 35 kilos.

Como escreveu Zöllner, «a impressão pessoal de Slade é favoravel; seu ar é modesto»; tem um porte magestoso e parece mais um francez do que um anglosaxão, mesmo porque, e talvez por isso, é filho de uma senhora franceza; entretanto, não comprehende senão o idioma inglez.

Foi na qualidade de medico que travámos relações com o Sr. Slade; fomos vel o, uma vez, presa de uma especie de prostração nervosa acompanhada de delirio, e esse estado durou quasi cinco dias.

Graças á sua compleição nervosa especial e também, sem duvida, em virtude da sua hemiplegia, Slade é sujeito a movimentos reflexos e gestos involuntarios assaz frequentes que talvez dêem razão ás accusações que lhe fazem.

Devemos dizer desde já que, conhecendo essas accusações que lhe eram feitas, em principio, fomos sempre muito circumspectos, diremos mesmo, desconfiados, diante d'elle, mas que, apesar da nossa

acurada attenção, nossas infinitas precauções cividas de desconfiança, e, ainda mais, com os nossos sentidos em perfeito estado de observação, nunca surprehendemos em Slade coisa alguma que tivesse indícios de fraude. No que nos diz respeito, não temos mais do que louvar a boa vontade que elle sempre patenteou, prestando-se a todos os exames a que o submettemos, logo que soube qual o fim das nossas investigações.

Nas principaes experiencias que fizemos com elle, começámos por examinar todas as peças em que se produziam os factos (quando não estávamos nos nossos aposentos). Fizemos-o tirar os sapatos para os examinar, como lhe examinámos os pés; revistámos o interior das mangas, das roupas, etc., a tal ponto que ainda hoje lhe apresentamos as nossas desculpas por tantos e tão desattenciosos exames.

Além de algumas sessões que realizámos no salão da nossa residencia, as experiencias principaes foram feitas á plena luz do dia, diante de uma janella que dava sobre uma grande avenida do bairro da Estrella, e junto a uma mesa de madra emnegrecida, que, de cada vez, viravamos e examinavamos em todos os sentidos. Essa mesa media 0.^m74 de altura e 1.^m08 sobre 1.^m02 de superficie.

Na descripção que vamos fazer, dividiremos nossas experiencias em duas categorias distintas:

- 1.^a *Diversos phenomenos;*
- 2.^a *Escripta directa.*

Estas duas especies de phenomenos foram obtidos muitas vezes na mesma sessão, mas desejamos consagrar especial attenção á *escripta directa*, não só pelas particulares precauções de que nos rodeámos para observá-la, e não também porque é precisa uma certa ordem para impedir qualquer confusão.

Para não alongar mais este capitulo com repetições inuteis, daremos alguns apontamentos geraes sobre as condições em que foram feitas as nossas pesquisas; indicámos acima um certo numero d'ellas; resta-nos dizer que tivemos com Slade trinta e tres sessões, tres das quaes em nossa propria casa, e que, sobre essas trinta e tres sessões, mais de dezesseis foram quasi nullas e que duas nenhum resultado deram. Assim, pois, só citaremos as principaes.

proezas e que nunca se levavam de as terem recebido.

Tinha dinheiro, vestia-se bem, fazia prodigas gentilezas, era, portanto, um afamado leão da alta classe da sociedade fluminense, tanto como, entre os dissolutos, era um afamado chefe de todo genero de bilhonagem.

O nome da familia, seus ademanos afadados e o fausto com que se tratava, deram-lhe excellente posição entre os da colonia, em Paris e, por elles, em casa do commendador Muniz, que era chamada a corte brasileira.

O commendador acolheu-o com muita satisfação, por ter relações com o pae e com outros membros da familia, gente da maior respeitabilidade.

Carlos Teixeira conhecia a sciencia dos salões e, em pouco tempo, era o cavalheiro mais estimado e procurado da roda do commendador Muniz.

Elisa sentiu-se chocada pelo olhar magnetico do bello e elegante moço, que, por sua parte, não pôde vel-a sem admirá-la.

Soube que estava para casar; mas o que lhe importava isso, se não sabia o que fosse lei moral?

A moça conheceu logo a impressão que tinha causado n'aquelle coração, e sentiu mais do que a vaidade de atar a seu carro triumphal mais um rei vencido, sentiu algo que lhe era coisa estranha aos sentimentos que lhe passaram pela alma até alli.

Diga-se em honra d'ella: perturbou-se em seu intimo, mas como seu coração estava vazio, pois que nem por Julio nem por Martim sentia amor, não oppoz grande resistencia ao que lhe causara aquella perturbação.

Não amou Carlos Teixeira, mas sentiu por elle e para elle um arrastamento, que sua posição de noiva não lhe permitia deixar transpirar.

Pôde manter equilibrio entre o sentimento e o dever. Não era que rendesse culto de latria ao dever; mas comprehendia que ficaria difamada se de outro modo procedesse.

A força do bem é tal, que os proprios que o repellem não ousam affrontá-lo em publico!

As pessoas que assistiram ás nossas sessões com Slade nos eram intimas; a idéa de *compadresco* deve, pois, ser banida: algumas vezes eram os quatro e mesmo cinco pessoas inclusive o *medium*; nunca, porém, tivemos menos de tres, em todas as circunstancias.

Depois de cada sessão discentiamos as observações com o auxilio de notas stenographadas, que tomavamos durante a experiencia.

Podemos affirmar, após detido exame, que nenhum mecanismo havia nos meios de que nos serviamos.

Temos alguma competencia neste assumpto e podemos garantir o que avançamos.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64). «A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

Matheus, III; V. 7-12 — Marcos, I; V. 6-8 — Lucas, III; V. 7-18.

Exprobrações contra os phariseus. — Aviso ao povo, aos publicanos e aos soldados. — Testemunho prestado a Jesus Christo.

Matheus: V. 7. Mas, vendo muitos dos phariseus e dos saduceos que vinham ao seu baptismo, elle lhes disse: Raça de viboras, quem vos disse que evitasseis a colera que, um dia, deve manifestar-se? — 8. Praticai, pois, dignos actos de penitencia, — 9. e não tenteis dizer convosco mesmos: «Nós temos Abraham por pae»; porque eu vos declaro que Deus pode, até das proprias pedras fazer nascerem filhos de Abraham; — 10. porque já machado ameaça a raiz das arvores: toda arvore, pois, que não produz bons fructos será cortada e lançada ao fogo; — 11. quanto a mim, eu vos baptizo na agua, para vos levar á penitencia; mas aquelle que deve vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos; é elle quem vos baptizará no Espirito Santo e no fogo; — 12. elle traz na mão o erivo, e limpará perfeitamente a sua eira; ajuntará o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha n'um fogo que nunca se apaga.

Elisa queria a fama embora não a merecesse.

Começaram, para ella, os cuidados e contrariedades, que levaram-na a amaldiçoar todo o plano que tão a gosto trouxera até o ajuste de seu casamento.

— Se elle não fôr, pensava, eu seria livre agora, e, se livre fosse, em vez de ligar-me ao m'santhropo do Martim, dar-me-hia gostosamente ao Carlos, que é o typo de homem que sempre imaginei para marido.

N'estes pensamentos e sentimentos, a bella moça era levada por uma lei natural: a da atracção dos bons para os bons e dos maus para os maus.

Os espiritos de uma e de outra classe se reconhecem atravez da materia do corpo — e eis ahi a razão d'aquella atracção e da correspondente repulsão dos de uma pelos da outra classe.

Dir-me-hão: o amor de Martim, espirito de ordem superior, por Elisa, espirito de ordem inferior, destroe a lei que proclama.

Não; aqui o caso obedece á lei superior, á da justiça soberana, pela qual o moço deve soffrer o que só um espirito atrasado lhe pode infligir.

Martim, pois, embora cego pelo amor, ainda teve olhos de ver que Elisa, depois da aparição de Carlos Teixeira, esfriara em suas caricias; e dahi o ciúme, cujas surpresas lhe envenenaram as puras fontes de suas alegrias.

Sem manifestar o que lhe ia pelo intimo, metade por dignidade e metade para melhor poder descobrir a verdade, o pobre Martim levava os dias e as noites em dolorosas cogitações, em fazer e desfazer negros castellos imaginarios, onde se agasalhavam lugubres pensamentos, que lhe produziam tormentos infernaes.

— Se antes do casamento já é isto, o que será depois? Oh! Julio, Julio; tu és propheta! Mas qual! Tudo isto é obra de minha imaginação! Ella é pura como o ar é transparente — e eu a suspeito! Perdôa, meu anjo — e tu, Julio, és injusto!

A hora de ir ver a amada de sua alma, Martim compunha a physionomia, comprava um bouquet de violetas, de que muito gostava ella, e lá ia entre receios e esperanças.

Marcos: V. 6. João estava vestido de pellos de camello; tinha uma cinta de couro em volta dos rins e alimentava-se de galinhotos e de mel selvagem; e pregava, dizendo: — 7. Um mais poderoso do que eu vem atraz de mim, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos, prostando-me diante d'elle; — 8. quanto a mim baptizei-vos na agua; mas elle baptizar-vos-ha no Espirito Santo.

Lucas: V. 7. Elle dizia, pois, ao povo que vinha em multidão para ser baptizado por elle: Raça de viboras, quem vos avisou da colera que deve sobrevir? — 8. Praticai, pois, dignos actos de penitencia; e não vades dizer: «Nós temos Abraham por pae»; porque eu vos declaro que, mesmo das proprias pedras, Deus pode fazer nascerem filhos de Abraham; — 9. já o machado ameaça a raiz das arvores; toda arvore, pois, que não der bons fructos será cortada e lançada ao fogo. — 10. E, perguntando-lhe o povo: Que devemos fazer? — 11. elle lhe respondeu: Que aquelle que tem duas tunicas dê uma áquelle que não tem nenhuma; que aquelle que tem que comer faça da mesma maneira. — 12. Houve também publicanos que vieram a elle para serem baptizados e que lhe disseram: Mestre, que é necessario que façamos? — 13. E elle lhes disse: Nada exijais alem do que foi ordenado. — 14. Os soldados também o interrogaram, dizendo: Enós, que devemos fazer? — Não useis de violencia nem de fraude contra ninguém, e contentai-vos com a vossa paga. — 15. E como o povo e todos imaginavam, consigo mesmos, que João poderia bem ser o Christo, — 16. João disse diante de todos: quanto a mim baptizo-vos na agua, mas virá um mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos: é elle quem vos baptizará no Espirito Santo e no fogo; — 17. elle traz na mão o erivo e limpará perfeitamente a sua eira; e queimará o joio n'um fogo que nunca se apaga. — 18. E' assim que elle evangelizava o povo, ensinando-lhe ainda varias outras coisas.

N. 53. «João era o precursor da verdade, elle proprio o disse.»

«S», a proposito das perguntas a elle feitas pelos sacerdotes e levitas que os judeus tinham enviado de Jerusalem (João, cap. I, v. 19-28), elle não reconhece e não confessa uma incarnação anterior, é que, vós o sabeis, a materia humana limita a intelligencia spirita; espirito superior, em missão, sujeito, do mesmo modo que José e Maria, ás leis estabelecidas da incarnação humana, João perdura a lembrança, e estava no esquecimento completo de sua existencia anterior como propheta Elias; era necessario que elle ignorasse estes mysterios d'além-tumulo; tinha o conhecimento da lei de Moysés; mas as suas aspirações NÃO DEVIAM IR O NÃO IAM alem da missão que tinha de desempenhar.»

«Mediunnicamente, em relação com os espiritos superiores, entre os quaes tinha estado e que o assistiam, o inspiravam, tinha elle a intuição que o encaminhava em todas as coisas, e a humildade que deveria governar-vos, a todos, na terra; tinha a consciencia do que está reservado

A's vezes, voltava alegre como uma criança, que outra coisa não é o homem apaixonado por uma mulher.

A's vezes, voltava com o inferno n'alma, como o condemnado a quem acaba de ser lida sentença de morte.

Tudo dependia do bom ou mau humor que manifestava o idolo de suas adorações — humor que, por sua vez, dependia do rompimento momentaneo d'aquelle equilibrio entre os sentimentos e o dever ou, antes, o desejo de parecer pura.

Tanto se ajunta o fel que chega a extravasar.

Martim não pôde mais conter-se, e um dia disse á sua noiva, que grande diferença notava n'ella, de certo tempo a essa parte.

A moça percebeu, pelo ar, que se havia trahido, apesar de todo o cuidado, e respondeu com encantadora doçura:

— Tem razão: eu não queria causar-lhe desgostos, que alias não lhe poupei — e talvez os tivesse maiores. Este moço, Carlos Teixeira, que meu pae, em má hora, admitiu á sua sociedade, importuna-me com suas caricias mais que suspeitas — e eu sou obrigada a suportá-lo, por evitar escandalos. Saiba, pois, qual a razão da diferença que tem notado em mim; mas, se me ama, guarde este segredo, como o tenho eu guardado, que pouco nos falta para vermos-nos livres de tal constrangimento. E nem repare em que eu o trate, em publico, com certa affabilidade, pois bem sabe que não podemos proceder de outro modo para com aquelles que são recebidos em nossa casa.

Martim subiu ás regiões ethereas, onde sua alma respirou os perfumes que fazem as delicias dos anjos.

Estava tudo explicado, singela e naturalmente, e explicado em maior honra e gloria de sua amada!

Que felicidade! Que alegria!

Elisa não ficou menos contente. Sentia o prazer inundar-lhe a alma.

— Não pode mais suspeitar-me! Enganei-o com a verdade!

A paz reioa, pois, entre os noivos.

(Continúa)

FOLHETIM

(33)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

PRIMEIRA PARTE

XXXIII

As flores da alegria são como as rosas de Malherbe, duram o tempo de uma manhã.

Chegou a Paris e tomou posição distincta, entre os mais distinctos brasileiros, um moço do Rio de Janeiro, de familia respeitavel por sua fortuna e posição social, o qual fôr tratar-se, como os mestres da sciencia, de molestia que não puderam combater os clinicos do Brazil.

O sr. Carlos Teixeira, filho de um dos mais ricos fazendeiros da provincia do Rio, contava bem sua historia; mas de facto não passava de um dos mais aprimorados bilhontras da rua do Ouvidor.

Não era dos que davam facadas de dois e de cinco mil réis nos conhecidos que encontrava, porque seu pae lhe dava á farta para gastar; mas era dos que faziam rolos nos cafés e, nos dias de festa, atiravam ao chão as cartolas dos que por aquella rua passassem, sem respeito á idade e á posição e envolviam as familias, para descaatarem, no tumulto proposital, moças respeitaveis, cujos paes tinham a imprudencia de expô-las a taes horas e em taes logares.

Carlos Teixeira não tinha profissão, mas inculcava-se engenheiro, immiscuindo-se com esse titulo, e com ares de seriedade, nas melhores rodas, que desconheciam suas

cessivas respostas negativas, disse sorrindo:

— Oh! está mais burra ainda.

O inglez pareceu ter comprehendido e retirou-se sem se despedir.

Ultimamente, estando o Sr. M. com sua familia, sua senhora cahiu em transe, manifestando-se por ella um espirito bastante agitado e só falando em inglez, lingua que essa senhora não conhece.

O Sr. M. disse ao espirito que falasse em portuguez, pois elle não comprehendia o inglez, e por essa occasião emprêgou as expressões amigo e irmão para ver se o acalmava.

O espirito, porém, repelliu o dizendo:

— Não sou teu amigo nem teu irmão; offendeste-me e eu te odeio.

Procurava o sr. M. saber como e quando o havia offendido, e elle accrescentou:

— Eu fui uma vez á tua casa de negocio e, como respondesses negativamente á pergunta que te fiz, sobre se falavas o inglez, disse ao meu companheiro, sem pensar que o comprehendesses, que eras burro. Tu então, dominado pelo orgulho, perguntaste se eu falava o francez, o hespanhol e o portuguez, e como eu respondesse sempre que não, tu disseste, com raiva, que eu ainda era mais burro.

O Sr. M. declarou-lhe que o fizera brincando, sem intenção de offendê-lo. Fez por elle uma prece, e o espirito retirou-se calmo.

Indagando o Sr. M., soube que P. havia fallecido.

Outra vez a mesma senhora cahiu em transe, manifestando-se por ella o espirito de uma negra mina. A linguagem, os gestos, tudo era perfeito. O Sr. M., que conhece essa lingua, pôde conversar com o espirito, e convencer-se de que era uma mina que se manifestava, pois sua senhora não conhece essa lingua.

O espirito disse:

— Ha trinta annos, em uma casa da rua de S. Pedro morava um menino, caixeiro, que muito me offendeu. No andar terreo residia uma familia de negros minas, que durante o dia fazia o seu negocio de hortaliças. De noite, confesso, os minas faziam muita bulha e queimavam o cisco e aservas murchas que não tinham vendido. O menino do primeiro andar mostrava-se com isso incommodado e queixou-se ao proprietario por mais de uma vez; e como não fosse attendido, lembrou-

se; uma noite, de derramar agua pelo soalho, a qual foi cahir no andar terreo, molhando as roupas e tudo o que pertencia aos pobres pretos. Eu era a mulher do chefe d'essa familia, e tenho-te atrapalhado bastante; porque tu foste esse menino.

O Sr. M., que ia-se lembrando de tudo, á medida que o espirito falava, confessou que era real tudo aquillo; aconselhou ao espirito que não fizesse o mal e se lembrasse de que quem o offendera fora um menino. O espirito prometeu não mais persegui-lo.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

II

PRIMEIRA CATEGORIA

Phenomenos diversos

PRIMEIRA CLASSE

Phenomenos de percussão — Pancadas — Sons diversos

Na mór parte das experiencias que fizemos com varios mediums, ouvimos, no proprio movel em que collocavamos as mãos, fracos estalos ou pancadas secas, algumas vezes a pedido nosso; mas com Slade esses phenomenos de percussão se ouviam distinctamente e eram, em certos casos, bastante fortes. Hoje seria uma infantildade dizer-se que os musculos peroneos de Slade contribuiam para esses rumores.

Logo que collocavamos as mãos sobre a mesa, ouviam-se, ao mesmo tempo que se sentiam, pancadas surdas n'esse movel, pancadas que partiam, ora da cadeira de Slade, ora das nossas, como se alguém estivesse dando soccos no espaldar. De cada vez que isso se dava, nós nos certificavamos de que contacto algum havia entre nós e o medium ou entre o medium e outra pessoa, e o obtinhamos sempre a pedido nosso.

E' assim que, na sessão de 11 de maio de 1886, ás 10 1/2 horas da manhã, em casa de Slade, uma forte pancada foi dada no centro da mesa, e depois, a pedido, outra ainda mais violenta, como se a tivessem dado com um martelo no intuito de quebrar o movel. N'essa occasião as mãos e os pés do medium estavam á vista de todos e nem um movimento partia d'elle.

propriamente de perder as graças do seu eleitorado só tinha quando era chamado por algum comprovinciano vindo á corte para alcançar uma patentesinha da guarda nacional, ou um logar de carcereiro lá de Fory-Assú, que a centralização asphyxiante do imperio fazia dependente do governo central.

Entretanto, pelo facto de tersido vereador pelo municipio neutro, por gosto ou contra a vontade, era o mais procurado pela gente fluminense.

— Diga, respondeu ao continuo, que tenho de falar sobre importante questão da ordem do dia, e que, por isso, a ninguém posso attender.

— O moço mandou lhe dizer, voltou o continuo, que é seu amigo, chegou de fóra, e que, visto não poder falar-lhe, vai esperar-o em sua casa.

— Pois bem, pois bem, que vá lá para casa, e que me deixe trabalhar aqui, monologou Julio, sem mais pensar naquella incidente.

De volta á casa, pelas seis horas, dividiu da rua a mãe Martha, toda refestelada e sacudida, em grande uniforme, quer dizer, de vestido branco e com tursa preta, que significava o distinctivo das vestimentas de gala das mulheres velhas.

— O que terá a mãe Martha que, desde a chegada do Martin, nunca mais sahio do seu vestido de chita escura? — pensava e andava.

E pouco andou para descobrir o segredo das galas da mãe Martha, porque, como uma torrente que se precipita por alcantis, Martin atirou-se da escada a baixo, até vir cahir nos braços do querido amigo.

— Meu caro Julio!

— Martin meu querido amigo!

As profundas emoções, quer expansivas, quer deprimidas, traduzem-se por interjeições e, quando muito, por phrases interjectivas, como acabamos de ver.

Oh! e n'esses assomos do coração, para as quaes não ha linguagem que não seja banal, vai um mundo, um infinito de sentimentos, de dôres, ou de alegrias.

Julio e Martin tinham tanto que dizer-se, que nada puderam dizer por largo tempo.

No mesmo dia, ainda a pedido, ouvimos o arrastar de um lapis escrevendo na mesa.

A 27 de maio, na nossa sala de jantar, onde Slade entrava pela primeira vez, foram mais curiosos os phenomenos de percussão. Dir-se-hia que em torno do medium, sentado e isolado á plena claridade de duas fortes lampadas de intensa luz, estava uma porção de gallinhas beliscando o soalho. As pessoas da nossa familia ouviam pancadas, e nós mesmo as sentimos sob as solas das nossas botinas, effeito esse que não era dos mais agradaveis.

SEGUNDA CLASSE

Movimento de corpos com contacto do medium

O mais curioso effeito obtido n'este sentido por Slade, e por diversas vezes, foi a levitação completa da mesa que servia para as suas experiencias (sem mecanismo, bem entendido). Pela simples apposição das mãos, a mesa se erguia, virava-se e ia tocar o tecto com os quatro pés, por sobre as nossas cabeças, isso em menor tempo do que gastamos para dizê-lo. Sem fazermos força ou mostrarmos agilidade — e podemos dizer que temos vantagem sobre o medium n'essas duas coisas — ser-nos-hia impossivel imitar esse phenomeno.

TERCEIRA CLASSE

Movimento de corpos mais ou menos pesados, sem contacto com o medium.

Assistimos muitas vezes a esses notaveis phenomenos. Citemos alguns d'entre elles.

— A 29 de abril de 1886, n'uma sessão diurna, estava Slade sentado diante de uma janella, com os pés voltados para o nosso lado; assim, quando ficava em frente da mesa, nós estávamos á sua direita. De repente uma cadeira collocada a 1,20 (medimos exactamente a distancia com uma fita) descreveu um semicirculo sobre si mesma e foi arrojarse contra a mesa, como atrahida por iman.

— A 11 de maio de 1886, estando Slade na sua posição ordinaria (como acima) em pl no dia, 3 1/2 horas da tarde, um bahu collocado a 0,75 da sua

até que a mãe Martha os veio chamar para a mesa de jantar.

Esta, sim; de contente ria para as paredes e não se fartava de olhar para o seu querido filho, que, dizia, tinha voltado mais bonito e mais gordo.

Com effeito, os barbeiros de Paris tinham arranjado a barba do rapaz de modo que dava-lhe uma configuração, se não graciosa, pelo menos attenuada em relação á sua natural fealdade.

Podia-se olhar para elle, sem ter pena d'elle.

Receita: — quem fór feio como um urubú, vá a Paris e barbeie-se.

O jantar era dos primorosos, que a mãe Martha sabia preparar para os dias de festa em casa de seus filhos.

Estes fizeram-n'a sentar á mesa, o que encheu de gaudio a boa velha, que parecia elevada ás alturas de que havia cahido, no mundo social, ou material.

— Falta o Sr. Max, disse com verdadeiro pezar a velhinha, que acrescentou: elle é nosso e bem nosso pelo coração.

— Como vai elle, Julio? interrogou Martin.

— Vai bem, levando sua cruz, a que elle e tu me ensinastes a carregar, com coragem e boa vontade.

— Esteve aqui n'outro dia, quando nos veio da Europa o Cardoso.

— Ah! o Cardoso. Esteve aqui? Então tiveram noticias minhas.

— As unicas que tivemos; porque tuas cartas o maldito correio transviou-as todas.

Martin riu-se, e respondeu: — Pois olha, não deixei de responder a uma, sequer, das que me escreveste.

— E' assim; mas a ti cumpria romper a marcha, por todas as razões.

— E' certo, meu caro Julio; porem os que se amam não se atêm a rigores convencionaes.

— Seja como queres, e não contemos as cartas que escrevemos e de que não tivemos resposta.

— Está dito: jublleu pleno; mas Cardoso contou-te minha vida em Paris; não é?

— Desde o seu encontro contigo no bo-

cadeira poz-se em movimento, a principio lentamente, afastando-se da parede em que estava encostado, como que para mostrar que nenhum contacto havia entre es e movel e os objectos que o rodeavam; depois foi bater violentamente contra a mesa junto á qual estávamos; Slade deu as costas ao bahu, ficando de frente para nós e para o Sr. A... Não podemos dizer que effeito produziu em nós esse movel solido, massiço, parecendo momentaneamente animado de vida propria!

No mesmo dia, uma cadeira collocada ao lado do movel em questão foi arreimada, pouco depois, a perto de 2 metros do medium.

— A 12 de maio, a pedido nosso, uma cadeira moveu-se, como sob a acção de uma mola, e elevou-se a 1,50 de altura.

Cada vez que se dava um d'esses phenomenos nós nos certificavamos da não existencia de fraude por um minucioso exame do soalho, das paredes e dos moveis, dos quaes por nenhuma lei physica ou mecanica se poderia explicar de modo satisfatorio as projecções a que acabavamos de assistir.

Em varias sessões, sendo uma lousa, em que repousava um lapis, sustentada por Slade embaixo da mesa, vimos o lapis descrever uma linha curva, semicircular, e vir de *debaixo* do centro da mesa cahir *em cima*, no mesmo centro. Esse facto notavel produziu-se em presença da senhora de B., que assistiu á sessão de 24 de julho de 1886. Igualmente vimos muitas vezes uma louza Faber n. 7 fugir das mãos de Slade, passar por baixo da mesa, atravessando-a em toda a sua largura — 1,08 — para cahir mansamente nas nossas mãos, e logo que a seguravamos, experimentavamos a sensação de resistencia produzida por outra mão que a estivesse puxando.

Durante esse tempo não perdiamos de vista as mãos do medium e viamos os seus joelhos, que se conservavam fóra da mesa.

Experiencia igual a es a foi feita em presença nossa e do nosso amigo Sr. L., redactor-chefe de um jornal politico de Paris.

Uma vez o mesmo phenomeno se produziu para a senhora de B., a 24 de julho, e estávamos á direita de Slade, cujos movimentos não podiam-nos escapar: a louza caminhou por baixo da mesa, fez um trajecto de mais de um metro,

levard dos Italianos, até á despedida para partir com a sua cara e bella esposa.

Martin annuviou-se e perguntou:

— Ficaste surpreso com o que ouviste?

— Não. Eu contava com tudo o que me elle referiu, á parte o modo como se deram os successos.

— Contavas?

— Certamente; porque te conheço e...

— E?...

— E porque casamento e mortalha não se talha.

— Então estás fatalista?

— Não. Conheço a lei das expiações e reparações.

— Manda chamar o nosso Max, para conversarmos a este respeito.

— Não é preciso, respondi da escada. Soube ha dez minutos que tinhas chegado e corri a abraçar-te.

Nova effusão de contentamento a lavar aquellas almas das mortificantes saudades do seio da mais pura e sincera amizade.

Por quem soubeste, Max, que eu já era chegado?

— Eu sahia do Club Liberal, para tomar o bond e, no largo de S. Francisco de Paula, esbarrei me com um rapaz que era meu cabo eleitoral e que, ha muito, não me apparecia. Disse-me que tinha estado na Europa e que acabava de chegar, dando-me, ao mesmo tempo, a noticia de ter vindo contigo no mesmo paquete. Não quiz saber de mais nada e corri para apertar-te os ossos. Agora, que dei alegrias ao coração, é justo que as dê também ao estomago.

Deixem-me acabar o que vocês começaram.

— E', Sr. Max, é; porque o Sr. era o que nos faltava, disse a velha recompondo os pratos.

Martin, porem, não sei porque, ligou importancia ao caso de me haver o moço dado aviso de sua chegada, e voltou a elle, dizendo-me: mas eu, Max, não vim com pessoa alguma conhecida a bordo.

— Como? Pois não conheceste, em Paris, o Carlos Teixeira? Elle disse-me que dava-se contigo, da casa do commendador Muniz.

(Continua)

FOLHETIM

(34)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXXIV

Seriam tres horas da tarde, quando um continuo da camara dos deputados veio dizer a Julio que um moço pedia-lhe que fosse lhe falar.

Os deputados são tão acoçados por importunos, a lhes pedirem um emprego, a lhes pedirem dinheiro, a lhes pedirem tudo, tudo o que se possa imaginar, que, se fossem sollicitos em acudir aos chamados, nem um instante lhes sobriaria para attenderem aos deveres do alto cargo.

Mas, tambem, se não acodem ou, mesmo, se se demoram em acudir, coitados d'elles; apanham pelas costas, e ás vezes cara a cara, uma chuva de imprecações, de maldições e até de descomposturas.

Os da corte, então, coitados! ou vêm correndo, ou chimpam-lhes na bochecha: cá os espero!

E assim falam, tanto os que valem por sua influencia, como os que fazem do voto mercadoria, como os que n'elles não votam.

Julio, como sabemos, era deputado pelo Maranhão, sua terra natal, e pois, perigo

(pois que não podemos adivinhar), longe d'isso, preferem silenciar sobre taes casos, ou remetter de preferencia suas narrativas a folhas estranhas, votando-nos desdenhosamente a uma exclusão, que—valha a verdade—nem de leve nos magoa, mas que, em todo caso, dá lugar a essa gratuita accusação de nos não preoccuparmos com o que vai *pro domo nostra*.

Não significam estas linhas um desabafo, que seria desarrazoado; traduzem apenas a nossa justificativa diante da increpação á que não temos escapado.

Eis agora os importantes factos:

«Havia eu feito experiencias sobre a fabricação da faiança—refere o Sr. Varley—e os vapores de acido fluorhydrico, de que tinha feito um largo emprego, haviam-me produzido espasmos da garganta. Achava-me seriamente doente e muitas vezes me acontecia ser despertado por contracções da glotte. Tinha-me sido recommendado trazer sempre á mão ether sulfurico, para o aspirar e me proporcionar assim um allivio immediato. A isso recorri seis ou oito vezes, mas o cheiro d'essa substancia me era tão desagradavel que eu acabei por me servir do chloroformio. Collocava-o ao lado do meu leito e, quando d'elle me devia servir, inclinava-me sobre elle em tal posição que, quando sobrevinha a insensibilidade, eu tombava para traz, enquanto que a esponja rolava por terra. Uma noite, entretanto, dei-me de costas, retendo a esponja que me ficou applicada á boca.

«A Sra. Varley, amamentando um filho doente, achava-se no aposento por cima do meu. Ao cabo de alguns instantes, adquiri a consciencia da minha situação: via, em cima, minha mulher, e via-me a mim deitado de costas, com a esponja á boca e na impossibilidade absoluta de fazer qualquer movimento. Fiz convergir toda a minha vontade no sentido de fazer penetrar em seu espirito uma noção clara do perigo que eu corria.

«Ella despertou, desceu, retirou immediatamente a esponja e ficou extremamente assustada. Empreguei todos os esforços para lhe falar e disse-lhe;

— *Eu vou esquecer tudo e ignorar como se passou isto, se m'o não recordares pela manhã*, mas não deixes de me dizer o que te fez descer e eu

então serei capaz de recordar-me de todos os detalhes.

«Na manhã seguinte ella fez o que eu lhe havia recommendado, mas, a principio, de nada me pude lembrar. Entretanto fiz durante o dia os maiores esforços e cheguei por fim a me recordar de uma parte e, com o correr do tempo, da totalidade dos factos. O meu espirito achava-se no aposento ao pé da Sra. Varley, quando lhe transmitti a consciencia do perigo que me ameaçava.

«Este caso facilitou-me a comprehensão dos meios de communicação dos espiritos. A Sra. Varley viu o que pedia o meu espirito e experimentou as mesmas impressões. Um dia, tendo cahido em transe, ella me disse:

—Neste momento, não são os espiritos que te falam; sou eu propria, e sirvo-me do meu corpo do mesmo modo que o fazem os espiritos, quando falam pela minha boca.»

Eis agora o outro facto occorrido com o mesmo Sr. Varley. Mas d'esta vez elle proprio agiu, por meios directos, sobre a sua personalidade adormecida. E não é menos interessante e extraordinario esse, do que o precedente.

«Acabava eu, refere o Sr. Varley, de assentar o primeiro cabo atlantico. Quando cheguei a Halifax, foi o meu nome telegraphado para New York. O Sr. Cyrus Fied transmittiu a noticia a St. John e ao Havre, de modo que, quando cheguei, fui em toda parte cordialmente recebido, e no Havre encontrei preparado um banquete. Foram pronunciados varios discursos e demorámo-nos bastante. Eu devia tomar o paquete que sahia na manhã seguinte e tinha viva a preocupação de não acordar a tempo. Empreguei então um meio que sempre me tinha produzido bom resultado: era formular, em mim mesmo, energicamente, a vontade de acordar no momento preciso. Clareou o dia, e eu me via, a mim mesmo, profundamente adormecido no leito.

«Tentei despertar-me, mas não o consegui. Depois de alguns instantes, como procurasse os mais energicos meios de sahir da difficuldade, lobriguei um pateo em que se via uma grande pilha de madeira, da qual se aproximavam dois homens. Elles subiram a essa pilha e retiraram uma prancha bem pesada. Tive então a idéa de, em mim mesmo, provocar

mim, lá mesmo onde me fui occultar. Tu me advertiste de que Elisa não é a mulher que pedem meus sentimentos, meus pensamentos, meu modo de considerar as coisas, minha natureza moral, enfim. E eu comprehendí a razão de teus conceitos; porque, de facto, o homem que encara a vida conjugal com a seriedade com que deve ser encarada a mais alta questão de sua honra, não pode ser feliz ligando-se a uma loureira. E eu senti que teu juizo a respeito de Elisa é verdadeiro; porque ella, embora devido aos seus verdes annos, não guarda a compostura da mulher que deve ser esposa e mãe—e que deve levar ao marido e aos filhos um passado de virgem, onde nenhum d'esses entes amados possam descobrir de que corarem. Eu comprehendí, eu senti tudo isto, meu Julio, mas o vendaval arrastou-me num rodopio vertiginoso tal que me cegou, que me fascinou, que me obsecou a razão e me ensombrou a consciencia. Fui automat! Aquella menina jogou conmigo como com uma peteca, e eu sentia pesar em vella distribuir, por outros, affagos que pareciam calculados, quando me eram destinados. Sentia pesar, Julio; mas ouvia tua voz ecoando em meu intimo. Tenho vivido assim: entre um amor louco e um ciúme desesperado, que me pressagiam, bem o sei, um futuro... Mas a rá caminha, consciente do perigo, para as fauces escancaradas da serpe, que lhe vai roubar o ar, a luz, a liberdade e a vida. Isto é o quadro visto com oculos de cores carregadas. E quem nos diz que assim será? Porque não virá aquella creança a tornar-se casta no seu borboletear, amante em sua indifferença, esposa e mãe exemplar, retirada d'esse turbilhão em que vive? Julio, eu vivo entre um recio e uma esperança—entre a cabeça e o coração; mas confesso-te que o coração domina a cabeça.

— Bem comprehendo a tua posição, meu caro Martin; mas é preciso sobretudo que prepares teu espirito para o peor, afim de que se vier o tufão não te encontre desesperado.

— Não posso, meu Julio. Se o tufão vier,

o sonho de que tivesse sido contra mim lançada uma bomba, de que sibilasse ao sahir do canhão e de que explodisse e me ferisse no rosto, no momento em que os homens lançavam a prancha do alto da pilha. Isso despertou-me, deixando-me a lembrança bem nitida dos dois actos, consistindo o primeiro na acção do meu ser intellectual impondo ao meu cerebro a creença na realidade de ridiculas illusões provocadas pelo poder de vontade da intelligencia. Quanto ao segundo acto, não perdi um segundo em saltar do leito, abrir a janella e constatar que o pateo, a pilha de madeira e os dois homens eram exactamente taes quaes o meu espirito tinha visto.

«Antes d'isso eu não tinha conhecimento algum da localidade. Era noite, quando cheguei, na vespera, a essa cidade e eu não sabia absolutamente que alli houvesse um pateo. E' evidente que o meu espirito viu tudo isso, enquanto o meu corpo repousava adormecido. Era-me impossivel ver a pilha de madeira, sem abrir a janella.»

A essa interessante narrativa o Sr. Gabriel Delanne accrescentou uma nota, indicando que houve, no caso, ao mesmo tempo auto-sugestão e clarividencia.

Estamos de inteiro accordo com a classificação dada ao phenomeno pelo nosso eminente collega, e o submettemos particularmente ao conceito dos negadores da alma. Que nos digam elles que *principio* foi esse que agiu consciencientemente fóra do individuo e sobre o proprio individuo adormecido.

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMNIDADES SENSORIAS — MEDIUMS VIDENTES E MEDIUMS AUDITIVOS

A mediumnidade vidente é positivamente uma das mais curiosas manifestações dos espiritos. Não ha melhor prova da sobrevivencia da alma do que a que permite a um espirito tornar-se visivel. Para chegar a esse resultado, elle deve fazer no incarnado algumas modi-

arrebata-me. Se Elisa não fór a mulher que deve ser a mulher de um homem de bem, eu não resisto.

— O que farás em tal caso?

— Em tal caso... em tal caso... entregarei minha alma a Satanaz.

— Covarde! Não foste tu que me ensinaste a lei da evolução dos espiritos, de que decorre a das expiações? Como, então, esqueces esta, aggravando as culpas que pedem reparação, com o mais hediondo dos crimes!

— E'... é... é como dizes; mas o golpe no coração não deixa lume para a vida.

— E, se o golpe no coração fór a tua expiação—fór a prova que Deus exigiu de ti, para dares testemunho de tua conformidade com as leis de sua misericordiosa justiça, o que será de ti, se fraqueares, se fugires á prova? Não sabes que tel-a-has de fazer de novo e em mais duras condições?

— Tu me horrorizas, Julio.

— Pois não tens razão para isto, pois que sabes que teu destino, feliz ou desgraçado, depende de tua resolução diante d'essa prova.

— Será assim? Será fatalmente assim?

— Não te falo por mim, falo por aquelle espirito de que mãe Martha é instrumento.

— Elle te disse isso, Julio?

— Tanto que nada mais tentei, nem tentarei para embaraçar tua união com Elisa.

— Meu Deus, que desgraça! e eu sem forças!

— Só não as tem quem não quer, pois que para o bem nunca são ellas negadas ao que as pede.

— E' assim, Julio. Eu vou pedir—eu pedirei sempre; mas... se Deus não me ouvir?

— Louco! Bem sabes que Deus não intertem no nosso livre arbitrio, mas que sempre que, agindo livremente, lhe pedimos força para firmarmos uma resolução no sentido do bem, elle nos ouve e nos dá o que lhe pedimos.

— Sim, elle ouvirá, e eu farei a minha prova; mas que dura prova!

— Dura, porque? Porque não te podes matar, no caso de tua mulher te ser infiel?

ficações perispiritaes que é preciso estudar. Distingamos antes de tudo os dois casos seguintes:

1.º O medium vê com os proprios olhos;

2.º O medium vê no estado de desprendimento.

Existe um meio bem simples para um medium saber se está em um ou outro caso. Quando elle vê um espirito, se, desviando o olhar ou fechando os olhos, a apparição é sempre visivel, é que está desprendido; se, ao contrario, elle não vê mais o espirito, é que o vê com os olhos do corpo.

No caso de desprendimento da alma a visão se opera fóra dos órgãos, dos sentidos e d'isso não nos occuparemos, porque sabemos que os desincarnados vêem, ouvem e, de um modo mais geral, percebem por todas as partes do seu perispirito. A vista para a alma, no estado de desprendimento, entra, portanto, no caso geral da visão dos espiritos entre si.

O que importa notar é que, entretanto, o espirito é obrigado a agir sobre o medium para obter o desprendimento d'este. O que é, portanto, desprender-se? E' para a alma estar menos identificada com o corpo. Sabemos já que durante a sua passagem na terra o espirito está ligado ao seu involucro material pelo perispirito, o qual tambem actua sobre o systema nervoso. Quanto mais activa é a vida do incarnado, quanto mais abundante é a circulação nervosa, tanto menos o espirito pode se desprender; mas se, como notámos na theoria do magnetismo, pode-se paralisar momentaneamente os laços, retendo a alma ao corpo, produz-se uma irradiação do espirito incarnado que, n'essa condição, goza de quasi todas as faculdades que possui na erraticidade. Pode, pois, ver os espiritos, descrevel-os e dar assim provas da sua existencia.

Este estado particular apresenta-se frequentemente para nós durante o sonho. Os sonhos não são, na maior parte das vezes, senão a lembrança que guardamos das nossas viagens no espaço; quando mesmo não haja, ao despertar, lembrança dos factos de que se foi testemunha durante a noite, não se deve concluir que a alma não se tenha desprendido.

Deixaremos de parte este aspecto da questão, para nos occuparmos especialmente das manifestações visuaes que

Sabes de uma coisa, Martin? Isto é orgulho, orgulho de não queres passar para o mundo por um marido ludibriado.

— Não é, Julio; é porque não ha mais meio de ligar o meu amor rompido.

— E matando-te ligas esse amor?

— Não; mas ao menos não verei mais...

— Não verás mais?! E teu ser se extingue pela morte do teu corpo?

— Tens razão, meu Julio. Eu não tenho para onde fugir.

— Tens. E' collocar-te na situação que pediste: receber o golpe e dar graças a Deus.

— Mas não é uma ignominia?

— Que seja; o que importa, se essa ignominia é a paga do que infligiste a outrem, se sem beberes esse calice, não entrarás no reino de Deus?

— Sim, porém...

— Porém o teu nome, o teu amor proprio, não é o que ias dizer? O que te importa o juizo dos homens, se tiveres por ti o de Deus, pela boa prova que deres? Elles viram-te a cara, mas Deus olha para ti; elles cospem á tua passagem, mas Deus sorri para ti; elles te desprezam, mas Deus te ama.

Quem não querará estar no teu caso? Demais, meu amigo, quem tem a felicidade de conhecer estas coisas, não vive no mundo para o mundo, onde a vida é um minuto da eternidade. Bemaventurados os que soffrem por amor da justiça. Bemaventurado tu, Martin, se soffreres, resignado, tua humilhação, porque ella é precisa para que se cumpra, na terra, a justiça do céo.

— Oh! que balsamo derramaste na minha alma, Julio! Obrigado, meu amigo, porque tua boca transmittiu-me os conselhos de minha santa mãe.

— E de alguns que te amam, entrou dizendo a velha Martha. «Filho de minha alma, o christão em Christo louva a Deus no meio das maiores atribulações; louva-o nos mais dolorosos martyrios; louva-o no meio de suas mais degradantes misérias, sem o que não ha glorificação».

(Continua)

FOLHETIM

(35)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

PRIMEIRA PARTE

XXXV

Ouvindo minhas palavras sobre Carlos Teixeira, ou antes, sobre ter elle vindo no paquete em que viera a familia Muniz, Martin cahiu em pesadume.

Levamos algum tempo a conversar sobre a vida parisiense, mas elle distrahiu-se frequentemente, como se alguma força lhe arrastasse o pensamento para longe d'alli.

A chegada de visitas interrompeu nossa intima convivencia, e eu retirei-me, levando nos seios d'alma um toque de tristeza, quando só tinha motivos para alegrias.

Não era novo para mim este phenomeno psychologico, cuja lei é determinada na philosophia spirita: a lei das intuições.

— Pobre Martin! Deus te dê forças para lebares a bom tenno a tua provação n'esta vida.

Julio, segundo me disse, notou igualmente a perturbação de Martin e, quando se recolheram, interrogou-o a respeito.

— O que hade fazer a folha que o vendaval arrancou da arvore, senão voar para onde elle a arrasta? Minha alma, meu caro Julio, é aquella folha, e a paixão que me tomou é o vendaval que me arrasta—para onde? Não sei. Queria fugir ao meu destino; mas elle foi tomar-me e apossou-se de

brilhos. Ouviu-se uma voz, ora perto, ora afastada, que disse ser a de Jenny Armstrong; mensagens de amigos foram recebidas com os nomes correctos, bem como avisos sobre os trabalhos das sessões privadas do noticiário e sua senhora, explicando os resultados n'ellas obtidos, e conselhos sobre um trabalho scientifico daquelle. A Sra. Waterhouse ouviu e reconheceu a voz de sua mãe, que lhe havia promettido vir a essa sessão.

Depois mostrou-se a forma perfeita de afghan materializado, esclarecida por uma ardosa illuminada. Suas feições eram perfeitamente distinctas e muito diversas das do medium. Veiu ainda a figura luminosa de uma dama de alta estatura, só materializada em parte. Suas mãos eram muito delicadas e seus vestidos de um tecido extremamente fino. Ella deu varias mensagens á Sra. Waterhouse, ouvidas por todos os presentes, e respondeu á diversas questões.

Durante essas materializações a figura era por todos vista projectada sobre a cortina, quando a ardosa luminosa passava por traz della.

Enquanto se cantava, ouvia-se na sala o som de uma corneta.

FACTOS

Os spiritas fanaticos admittem que todas as nossas enfermidades, sejam mentaes, sejam corporaes, procedem de más influencias do mundo espirital.

Comquanto admitamos que muitos dos males physicos que nos affligem são a consequencia de lesões do organismo, produzidas por causas perfeitamente conhecidas pela sciencia medica, e que essas lesões tambem possam affectar, muitas vezes, a livre manifestação do espirito, ha um numero de enfermidades que tem sua origem na fonte supramencionada.

Como prova d'isso apresentamos alguns factos dados em bem conhecido grupo spirita d'esta capital, dirigido pelo Sr. A., attestados por pessoas dignas de toda a confiança.

Em uma de suas sessões apresentou-se uma velha queixando-se de uma dor nas

cadeiras (região lombar), que a não deixava descansar. Dominado de subita inspiração, o Sr. A. perguntou-lhe:

— Que questão é essa de uma cadeira, que a senhora teve com um seu visinho?

— Não ha questão, respondeu a consultante. Uma visinha minha, retirando-se brigada com a pessoa com quem vivia, me fez presente de uma cadeira, que essa pessoa vem hoje reclamar como sua. Ora, eu não furto; deram-me a cadeira e, portanto, é minha.

— Minha filha, respondeu o Sr. A., você bem sabia que sua visinha lhe dava o que não lhe pertencia, e por isso tornou-se cúmplice de um furto. Furtar é um crime. Você deve agradecer a lição que recebe. Restitua a cadeira, e sua dor de cadeiras desaparecerá.

A velha fez a restituição e o seu mal desapareceu.

Em outra sessão apresentou-se um italiano conduzindo um seu amigo, hespanhol, surdo e mudo, dizendo que alli, n'aquelle lugar, elle tinha sido curado de uma enfermidade corporal e recebido a luz da creença, e por isso trazia o seu amigo, já de ha muitos annos surdo e mudo, afim de ver se por elle podiam fazer alguma coisa.

O Sr. A. pediu a todos que, concentrados, erguessem a Deus uma fervorosa prece, para que aquelle irmão pudesse ouvir e falar por cinco minutos, afim de dizer a todos qual a causa do seu mal. Elle fazia a oração em voz alta, quando o enfermo bradou:

— Jesus! Eu estou ouvindo tudo.

Então o Sr. A., dirigindo-se ao enfermo, e inspirado, disse:

— Meu irmão, você soffre ha dezenove annos. Diga a todos qual foi o facto delictuoso que você praticou, poucos dias antes de ficar surdo e mudo.

O consultante negou que tivesse praticado algum acto mau, mas mostrava-se perturbado.

— Pois bem, replicou o Sr. A., eu digo o que foi.

Elle contou o facto a que se referia, acontecido em Hespanha. O consultante então confessou tudo.

das notabilidades da corte, em saber, em fortuna e em posição.

O commendador gozava de muita consideração, e Martim era um nome respeitado entre os homens de letras e sciencias.

A alegria era geral nas fileiras dos convidados, que applaudiam a união da bella Elisa com o nobre e distincto Dr. Martim.

O Muniz, não sei como não enlouqueceu, vendo satisfeito o seu mais ardente desejo de dar á sua adorada filha um esteio seguro para toda a vida: a espuma dos moços distinctos, como dizia falando do Martim.

Este, porém, embora prazenteiro, empalideceu, de parecer desfallecido, quando pronunciou as palavras sacramentaes: «recebo a vós por minha legitima mulher», o que levou uma senhora velha, presente, a dizer ao seu cavalheiro:

— Com certeza a bella Elisa tem de ficar viúva.

A bella Elisa é que não manifestou a menor emoção: nem pesar, nem alegria.

Diz-se-hia que era uma espectadora, em vez de ser a protagonista.

Encontrando-se, pela primeira vez depois de seu rompimento, com Julio, endereçou-lhe um olhar esmagador que, bem entendido, queria dizer: assim o quizeste, assim o tiveste.

O moço não pôde sustentar aquelle olhar, que lhe fazia sangrar o coração pelo caro amigo, e baixando os olhos, cumpriu-lhe-a, dizendo:

— Eu peço a Deus, minha senhora, que desfolhe sobre sua cabeça as rosas dos cellos jardins, e que faça de seu amor pelo meu caro Martim, philtro divino que lhe torne a vida um sonho delicioso.

— Peça antes, respondeu asperamente, que me livre dos ciúmes de seu amigo e das impertinencias dos amigos de seu amigo.

O moço ficou como fulminado. Vinha mais cedo do que podia imaginar a borrasca que esperava.

Com a voz tremula, de quem está sob a pressão de tão profundo abalo, mas erguendo magestosamente a fronte, redarguiu:

— Não se arreceie das impertinencias dos amigos de seu marido, minha senhora, porque elles tem bem viva a consciencia de sua dignidade, para descerem a representar semelhante papel. Quanto aos ciúmes do meu amigo, se elles não tem razão de

— Agora, continuou o Sr. A., já você sabe a causa do seu soffrimento. Viu o valor da prece, e fica conhecendo que Deus pode tudo. Arrependa-se do mal que fez, e peça perdão a Deus, que o seu mal desaparecerá.

O homem retirou-se surdo e mudo, mas conhecendo a causa do mal e os meios de combatel-o.

Ainda em outra sessão apresentou-se um homem, queixando-se de grande dor na cabeça e confusão nas idéas.

O Sr. A. lhe disse:

— Meu irmão, não procedeu bem enganando e abandonando uma moça, que havia pedido em casamento.

O consultante negou com todas as forças.

— Então, retorquiu o Sr. A., eu nada lhe posso fazer. Fique certo de que todos os nossos actos são testemunhados pelos invisiveis e elles podem contal-os.

O consultante retirou-se, mas voltou dias depois, e disse:

— Eu já não posso. Meu mal se agrava. E' tudo exacto; confesso: fiz mal a essa moça e abandonei-a.

— Bem, disse-lhe o Sr. A.; fique agora sabendo que os espiritos continuam a amar os que elles amaram na terra; que muitos d'elles são maus e vingativos, e que Deus permite que elles actuem sobre os homens, para que estes se corrijam. O seu mal procede da acção de um espirito, que na sua ultima incarnação foi parente muito proximo da sua victima. Procure acalmal-o reparando o mal que fez.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

III

SEGUNDA CATEGORIA

Escripta espontanea

Uma palavra, antes de encetarmos a narração d'essas experiencias.

Fizemos os nossos trabalhos, rodeados de enormes precauções, que indicaremos á proporção que formos expondo os seus resultados; entretanto, se o leitor surprehender entre elles alguma brecha por

ser, coisa é que a senhora com elle liquidará. Eu estou muito acima d'essas coisas!

— Não presumo tanto de si, Sr. doutor.

— Nunca esquecerei que V. Ex. é a mulher de meu irmão.

Dizendo isto, Julio afastou-se e veio ter commigo, tão azoado como nunca o vi.

— O que tens, que te vejo transtornado?

Por unica resposta, Julio referiu-me o incidente e perguntou-me: o que pensas?

Eu fiquei talvez mais transtornado do que o pobre Julio e, quasi automaticamente, respondi:

— O sacrificio do nosso Martim está summado.

— Está, Max; porque aquella mulher não o ama, tomou-o para vingar-se de mim

— e, para mais completa ser sua vingança, procurará fazel-o desgraçado.

— Felizmente, Julio, elle conta com isso e não será abatido pela desgraça.

— Infelizmente, meu caro Max, elle ama e amará sempre loucamente aquella mulher.

Martim aproximou-se de nós e, com lagrimas na voz, nos disse:

— Adeus, risonho passado, meus queridos amigos, — alegres sonhos que me enchião a alma.

— E' verdade, respondeu Julio, forçando o riso, adeus ao passado, em que choravas a viuvez de tua alma.

— Oh! Não lumbres, não lumbres estas coisas, que me fazes mal. Viúva e triste será sempre minha alma.

— Bane de teu cerebro esses pensamentos, disse eu. Elles são incompatíveis com o facto que todos festejam e que se deu tão de boa vont. de tua.

— Max, tu bem sabes que n'este favo de mel ha uma gotta de amargo fel. Deixa que eu derrame no seio dos meus unicos amigos, um pouco das lagrimas que tenho de verter, para que ellas me não suffoquem.

— Para um noivo, acudiu Julio, querendo apagar aquellas tristes impressões, para um noivo, casado por amor, tua linguagem é incorrecta, Martim. Eu calculo que se deve sentir pesar, quando se deixa a vida livre, para se entrar na que é sobrecarregada de encargos; mas, para compensar e desfazer esses pezares, ali está a imagem da vida conjugal, que tem o seu anjo, as suas galas, as suas alegrias, que hão de te embeber, meu Martim.

onde o erro se possa filtrar, ficaremos em extremo agradecidos se nol-a assigular.

Enquanto isso, desafiámos qualquer prestidigitador a produzir, por meio da sua arte e em identicas condições ás em que nos collocámos, a escripta em lousas como obtivemos nas nossas investigações.

Após as primeiras sessões que fizemos com o medium americano, não pudemos acreditar que a escripta produzida por esse modo fosse artefacto de prestidigitação, que não podiamos admittir, dadas as condições de observação em que nos haviamos collocado. Para nos esclarecermos sobre este ponto consultámos um dos mais habéis prestimanos do theatro Robert-Houdin, o Sr. J..., a quem narrámos as experiencias a que haviamos assistido e que elle mesmo, por vontade propria, havia apreciado, e esse senhor declarou que todos os prestidigitadores do mundo, com toda a sua arte, nada produziriam de comparavel, e no album existente na mesa da sala de Slade, onde os visitantes escreviam as suas impressões, o Sr. J..., depois de haver assistido a uma sessão, com sua esposa, escreveu as seguintes linhas, das quaes conservamos o caracter original que lhe deu seu autor no momento de emoção que se seguiu ao espectáculo a que acabava de assistir:

« Affirmo, Srs. sabios, eu, prestidigitador, que a sessão do Sr. Slade é verdadeira, verdadeiramente espiritalista e incompreensivel fóra de toda manifestação occulta. E de novo o affirmo. (Assignado) J..., do theatro Robert-Houdin—abril 1886.»

Alguns confrades, aos quaes demos noticia das pesquisas que faziamos sobre os phenomenos obtidos com Slade, disseram-nos: « Tenham cuidado; esta gente é tão esperta...! (referiam-se aos prestidigitadores). Hoje já se escamoteiam até bacias com agua e peixes encarnados! Até uma mulher é escamoteada em varios theatros de Paris; não poderão ser escamoteadas tambem as lousas, nas quaes escrevem qualquer coisa?»

N'um theatro, perante muitos espectadores que nada podem constatar, sim;

— Hão de... Mas porque me dizes isto, quando sabes que as galas e as alegrias se hão de transformar?...!

— Em luz irradiante de teu espirito, se quizeres amar as urzes do caminho, se souberes transformar as lagrimas em risos, por amor de Deus.

— Sim, é isto; mas ouçam a minha confissão: eu me sinto tão cheio de amor que, se agora acabasse, meu ultimo suspiro seria um hymno de graças a Deus e um adeus de infinda saudade para Elisa. Hoje, eu sou feliz, meus bons amigos; mas saber que amanhã algo surgirá que virá toldar o azul transparente do meu céu, é desde já sentir o travo na doçura.

— Sim, acudiu Julio; mas todos nós, todos os peregrinos d'este valle de lagrimas, devemos saber que a felicidade de hoje ameaça a tristeza d'amanhã.

— Assim é, meu Julio; mas eu quizeria soffrer em tudo e por todo o modo, menos em meus affectos — n'este amor que tenho á Elisa.

— Compreendo, adiantei-me — compreendo teus sentimentos, Martim; mas já é muita misericórdia ser-te revelado que é ali que está tua expiação, para que te prepares para receber o choque com a coragem e a resignação do christão.

— Coragem e resignação! Meu Deus, dai-m'as por Jesus!

Martim afastou-se, e eu e Julio sahimos da festa, que nos torturava, conversando sobre o caso, incompreensivel ao mundo: de ser-se um desgraçado em meio da felicidade.

A festa continuou até o romper do dia, e os convidados sahiram da casa do commendador applaudindo a feliz união, com excepção das moças, que diziam ser execravel o noivo, e dos velhos, que acharam muitos senões no serviço da mesa.

— Como hão de ser felizes! — diziam os homens; ricos, bem educados, cercados de estima e ligados por amor!

— Não era eu, dizia cada uma das moças, que teria a coragem e o gosto de Elisa — casar com um homem que parece um jacú!

— Se eu soubesse, — isto era dos velhos — tinha me prevenido em casa, para não estar agora com o estomago a tocar matinas!

O que diria a noiva?

(Continua)

FOLHETIM

(36)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXVI

Assim como, no mundo physico, tudo marcha de conformidade com as leis eternas e immutaveis, por Deus postas, assim marcha, sob o imperio de leis, igualmente eternas e immutaveis, o mundo moral; assim marcha e marchará eternamente tudo o que constitue a creação universal.

Se notamos aberrações nas leis que conhecemos, é porque não conhecemos o systema de leis em que ellas se dão.

Já foi para a sciencia uma aberração da lei de gravidade subir, em vez de ir ao fundo, um corpo mergulhado n'agua. A ultima descoberta da lei do peso especifico chamou o phenomeno á ordem natural, como os aerostatos, como a fumaça, como a ascensão d'agua em tubos de encanamento.

Ainda é uma aberração da lei da justiça divina soffrer, na vida, dores e misérias, quem nunca se afastou, na vida, do caminho do dever e do bem; mas ali vem a lei da pluralidade de existencias chamar á ordem, á mais sublimada harmonia, o phenomeno que a tantos intriga e conturba.

Martim, como todo o ser humano que vem a este mundo de expiação, tinha passadas culpas a remir: devia, apesar de seu bom coração e de sua clarissima comprehensão do dever e do bem, remil-as em proprio proveito.

E, porque a expiação é sempre da natureza da culpa, Martim devia soffrer pelo casamento, como pelo casamento delinquira. Nós já o sabemos, e elle tão bem como nós o sabia.

Foi deslumbrante a festa do casamento, para a qual concorreram as mais conheci-

stincto de conservação inherente á materia. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do espirito de tal animal, e por consequência, como a entendem, a metempsychose não é verdadeira.

P. O espirito que animou o corpo de um homem poderá incarnar-se n'um animal?—R. Seria retrogradar, e o espirito não retrograda. O rio não remonta á sua nascente.»

Não sabemos que possa haver desmentido mais formal.

Examinemos agora a ultima das falsidades arguidas:

4º «Elle (o spiritismo) só admite uma moral puramente natural.»

Para contradictar victoriosamente esta falsidade, se não bastassem os ensinamentos moraes dos espiritos encarregados de espalhar por toda a terra a nova revelação, — ensinamentos que, reportando-se aos nossos deveres para com o Creador e para com todos os nossos irmãos, de accordo com a maxima evangelica, *que encerra toda a lei e os prophetas*, resumem de todos os livros da doutrina spirita, bastaria dizermos que entre estes se acha incluído *O Evangelho segundo o spiritismo*, no qual os ensinamentos moraes do Christo são expostos e interpretados em espirito e verdade, e ficaria solvido o nosso compromisso de repellirmos aquella calumniosa arguição. Faremos mais, porém, no proposito de oppôr a toda accusação um trecho que comprove as nossas affirmativas.

Eis aqui como começa o mencionado livro:

«Pode-se dividir as materias contidas nos Evangelhos, em cinco partes: os actos ordinarios da vida do Christo os milagres, as predições, as palavras que serviram para estabelecer os dogmas da igreja e o ensino moral. Se as quatro primeiras partes deram motivo a controversias, a ultima ficou inatacavel. Diante d'esse codigo divino, a propria incredulidade se inclina; é o terreno em que todos os cultos se podem encontrar,

a bandeira sob a qual todos se podem abrigar, quaesquer que sejam suas crenças, por nunca ter sido causa de disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões de dogmas; e se os discutissem, decerto n'elle teriam as seitas encontrado a sua propria condemnação, porque a maior parte dos sectarios adhiere mais á parte mystica do que á moral, que exige a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, é uma regra de conducta abrangendo todas as circumstancias da vida privada ou publica, o principio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é finalmente, e alem de tudo, o caminho infallivel da felicidade futura, uma ponta do véo que se ergue sobre o porvir. Esta é a parte que faz o objecto exclusivo d'esta obra.»

Cremos não ser possível offerecer uma refutação mais categorica do que a que acabamos de oppôr ás velleidades accusadoras do Rvdm. Dr. Julio Maria. Apenas faremos notar que nos occupámos exclusivamente das inverdades essenciaes, voltando ao mais justo desprezo outras de semenos importancia contidas na, já agora, celebre 2ª conferencia da terceira serie, as quaes não resistem á mais ligeira analyse, como, por exemplo, a affirmativa de que os espiritos que se communicam são os *demonios*, — puerilidade sedicã que, nas fronteiras do século XX, é um escarnio lançado á face de um povo culto.

Poderíamos dar aqui por finda a nossa tarefa; mas ella não ficaria completa se não fizéssemos melhor conhecer aos nossos leitores a força do nosso adversario que, na sua frivola preocupação de adquirir celebridade, quando não immola a verdade ao seu prurido de destruição, sacrifica a logica com uma leviandade indigna de um collegial.

Vejam os leitores, no seguinte trecho da mesma conferencia, logo em começo,

E eis porque a virgem só o era materialmente.

E eis porque a noiva olhava para todo aquelle apparato sem lhe dar importancia, sem sentir emoção, vendo aproximar-se o momento de cahir-lhe da frente a nivea corôa, symbolo da pureza immaculada de seu corpo.

Passaram os dias, já tinha decorrido mais de um anno, que em nada diminuiu o amor de Martin, tanto mais ácceso, quanto mais esfriava o sentimento, que levava Elisa a solicitar do pae o casamento.

A moça acreditou que Julio, vendo-a unida ao amigo, viveria em brasa, e esta foi, como sabemos, a razão de sua resolução.

E, nos primeiros dias, vendo pesadão o moço sempre alegre, julgou conseguido seu fim, rejubilou-se, dando parabens a si mesma pelo golpe que desfechára, certo, no orgulhoso, que achou aberta a porta de seu coração, e foi andando, em seu eterno zombar de todas as moças.

O caso, porém, foi que Julio, pela lei do suetismo, que domina a natureza animal, se familiarizou com a idéa da triste sorte do seu caro amigo, e, no fim d'algum tempo, voltou á sua natural jovialidade, o que muito valia para suavizar os pezares d'aquelle amigo.

Elisa é que não foi contente com a inesperada mutação. Contava tel-o em penas, penas eternas, e via-o, qual sempre fôra, alegre e prazenteiro, mettendo á bulha até mesmo os arroufos de Martin, o que provava ter ella perdido o seu latim.

A jovialidade de Julio era a delitente dos laços que prenderam Elisa a Martin—laços de occasião, que facilmente se desfazem.

Martin a procurar estroital-os, e sua esposa a mais e mais afrouxal-os.

Por algum tempo o pobre moço fez-se a illusão de que tudo o que lhe mostrava de indifferença a querida de seu coração era devido á sua natureza fria que, embora o amasse, não lhe permitia expansões.

Uma circumstancia, porém, veio ferir-lhe

qual e o poder de dialectica do celebre orador:

«Mas, senhores, moral sem dogma! a moral sem dogma é uma série de erros, de absurdos e de males!»

Uma série de erros, porque a moral, é certo, é distincta do dogma, mas não pode ser separada do dogma.

E a moral não pode ser separada do dogma por tres motivos, por tres razões capitales: primeira — a razão plena da moral está no dogma; segunda — os meios de praticar a lei moral são fornecidos pelo dogma; terceira — a sancção completa, definitiva da moral está no dogma.

E é com taes argumentos, verdadeiro circulo vicioso em que elle proprio se encurrala, que pretende o Rvdm. Dr. Julio Maria erguer a sua igreja da decadencia em que se arrasta! Mas seria o caso de perguntar: a quem é que S. S. se dirige? Aos imbecis ou aos racionalistas? Se aos primeiros — exercito bem pouco digno de uma cruzada pelo restabelecimento da fé — porque perder o tempo com declamações que elles não percebem? — Se aos ultimos, chega a ser irrisorio que se procure convencer-os com uma tal argumentação, que seria offensiva se não fosse simplesmente estulta.

E, todavia, não é o zelo pela conservação da sua igreja o que increpamos ao Dr. Julio Maria — se alguma increpação temos porventura o direito de fazer-lhe.

— Esse zelo é natural e justo, excepto no sacrificio da verdade, mesmo porque, amparando os interesses do romanismo, são os seus proprios interesses que S. S. defende. Ah! Mas como é difficil a obra de reerguimento moral d'esse edificio, que começou a ruir lentamente desde que deixou de ser o asylo dos ensinamentos de Jesus, cujo reino «não é d'este mundo», para voltar as vistas sobre esse mesmo mundo a cujas seducções tão cegamente succumbiu! Não será tentando prestigiar os dogmas

o coração de modo a abatelo, a não lhe permittir illusões.

A mãe Martha, esse ente que Martin amava como poderia amar sua propria mãe, vivia em casa do filho, embora não tivesse deixado seu ubi, em casa de Julio.

Elisa conhecia a profundidade do amor que seu marido votava á boa velha, que lhe fazia tantas caricias, como se lhe fosse ella tambem filha pelo coração.

Maus modos eram a retribuição que lhe dava a desalmada, ao ponto de lhe prohibir que continuasse com suas liberdades junto de seu marido, que deixasse o logar dos negros, a cozinha, para vir á sala, que é logar dos brancos.

Mãe Martha sentiu pungente dór com semelhante procedimento da parte da moça que lhe era tudo, por ser o tudo do seu Martinzinho; porém devorou suas lagrimas no maior silencio, por não perturbar a paz do casal, para a qual pedia incessantemente a Deus benções e graças.

Cumpriu, porém, fielmente a ordem de quem tinha o direito de lh'a dar, e, muito sorrateiramente, foi-se recolhendo a seu commodo, na casa de Julio, a quem nada do occorrido revelou.

Não vendo Martin apparecer-lhe, por dois ou tres dias consecutivos, a sua querida mãe Martha, perguntou á mulher se ella estava doente.

— Sei cá?! respondeu sobranceiramente. Acaso deseerei, como o Sr., a me occupar de uma negra?!

O moço sentiu doloroso pungir; mas replicou com a maior brandura:

— E os negros não são gente como nós?

— Serão como o Sr.; como eu, não.

— E que differença vai de mim para a Sra.?

— Vai a de quem se julga tão bom como um negro, para quem sabe dignificar-se.

— Minha Elisa, o negro e o branco não se distinguem pela cor da pelle, verdadeiro accidente que nada influe sobre o espirito, que não tem cor. O que distingue, não somente o preto do branco, como o branco do outro branco, é o caracter, são as qualidades da alma, são o saber e a virtude.

— creações humanas, puramente de concilios — com viciosos raciocinios, que nada provam, que conseguirá o clero fortalecer a sua igreja desmoralizada.

Porque, na phrase de um eminente publicista e um dos mais denodados paladinos da doutrina spirita na França, «se ella abandonasse os seus palacios (1), as suas riquezas, o seu culto faustoso e theatral, o ouro e a purpura; se, envolvidos no burel, com o crucifixo na mão, os bispos, os principes da igreja, renunciando aos seus bens materiaes e tornando-se, como o Christo, nomades sublimes, fossem pregar ás multidões o verdadeiro evangelho de paz e de amor, talvez então a humanidade acreditasse n'elles.»

D'outro modo, esteja certo o Dr. Julio Maria de que nada produzirão as suas apotheeses ao dogma, nem as suas calumnias contra o spiritismo, nem mesmo a campanha a que incita S. S. os seus collegas n'estes termos:

«Contra a pratica de tão monstruosa seita precisamos levantar uma cruzada n'esta capital, onde o spiritismo lavra tão escandalosamente.»

Tudo é inutil, creia S. S. Nem a campanha do odio, nem a da mentira, desmoralizando apenas os seus promotores poderão destruir a verdade que surge e contra a qual nada prevalecerá. Pois que a igreja não se sente capaz de adoptar aquellas sabias advertencias, que se resigne a morrer envolta nos andrajos moraes, que já foram a sua opulencia nos primeiros poucos seculos do christianismo.

E se, com uma intolerancia egoistica e feroz, ella conserva inscripto em sua bandeira negra o «lôra da igreja não ha salvação», nós, para contrapôr a esse desafio a tolerancia por excellencia, sem hostilizar nonhumana crença, porque todas são salutaes, desde que sinceras, temos arvorado este lemma desinteressado: «lôra da caridade não ha salvação.»

(1) Léon Denis, *Christianisme et Spiritisme*.

Ha negros que valem mais do que brancos. — Isto, Sr. são idéas que só podem medrar em almas, ou espiritos, como o Sr. diz, da mais baixa esphera. Jamais admittirei que me confunda com o mais distincto dos seus negros.

— Não se trata de ti, Elisa, que bem sabes quanto vales para mim, quanto te julgo acima de toda a humanidade.

— Obrigada pelo valor que me dá; mas eu é que não dou valor ao muito ou pouco que me queira o Sr. dar.

Martin ficou estatelado. Todo o seu ser moral se revoltou, seu corpo tremia convulsivamente, como se tivesse recebido um profundo choque electrico.

Sem dizer uma palavra, recolheu-se a seu quarto, onde, vestido como estava, atirou-se á cama, sem mais consciencia de si.

O golpe foi fulminante; mas infelizmente não o fulminou.

Só á tarde, á hora do jantar, é que se notou a falta de Martin, cuja esposa poucos dias teve de tanta alegria como aquelle.

O commendador, verdadeiramente amigo do moço, foi só, n'aquella casa, quem notou sua ausencia á mesa do jantar.

Perguntou por elle á mulher, que respondeu:

— Não sei delle; parece que está deitado.

— Vão chamal-o. Quem sabe se não está doente?

E dizendo isto, levantou-se elle mesmo, e foi ao quarto, onde encontrou o moço sem sentidos.

Foi um tumulto em casa, onde todos amavam o doutor, menos a que mais amor lhe devia.

O commendador mandou correr por toda a redondeza em busca de medico e, elle mesmo, partiu para a casa de Julio, que, em verdadeira agonia, voou em soccorro do amigo.

Já encontrou uma duzia de medicos, cada um com sua opinião; porém elle chamou a si o caso.

(Continua.)

FOLHETIM

(37)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAZ

PRIMEIRA PARTE

XXXVII

A noiva olhava para todo aquelle apparato, sem lhe dar importancia, como se se tratasse da coisa mais commun da vida.

A emoção que sente a virgem, vendo aproximar-se o momento de desprender o véo, que é o symbolo da pureza immaculada de seu corpo, não agitou, nem de leve, as fibras da linda moça, cuja alma encarava aquelle momento como quem lhe conhece todos os segredos e mysterios.

Que emoção pode sentir quem assiste á representação de um drama, cujas scenas lhe são familiares, pelas muitas vezes que o tem lido?

A pureza da virgem, perdem-na muitas pelo pensamento e pelo conhecimento das coisas vedadas á innocencia, que, entretanto, devido a uma educação descurada e, principalmente, á convivencia nos collegios, com meninas sem nenhuma educação, logram penetrar no sanctuario da alma, varrendo d'elle o pudor, que é, para a mulher, o que, para a flor, é o perfume.

Honra seja feita ao commendador Muniz e á sua senhora; em sua companhia, a amada filha só podia beber exemplos moralizadores; mas a lepra da escravidão e, ainda hoje, a da creadagem, inocula-se facilmente e contamina, principalmente, os corações juvenis.

Além disto, que as mães nem sempre procuram afastar das filhas, Elisa, natureza propensa ao mal, teve no collegio que frequentou larga fonte onde bebeu o veneno da corrupção.

3ª EXPERIENCIA

A 12 de maio de 1886, ás 8 1/2 horas da noite, entre outras manifestações, ditas espiritualistas, embaixo de uma lousa que me pertencia e que repousava sobre a mesa, tendo por cima meu braço, e na qual *Slade não tocava*, senti escrever (com a pontinha de lapis) e, terminada a operação, encontrei na sua face inferior, onde dois minutos antes nada havia ainda sido escripto, uma phrase em inglez cuja traducção é a seguinte: «Conserva isso como prova da nossa promessa; mais tarde, mais vos daremos. — W. Clark.»

Logo ao terminar a sessão, Slade tomou uma das minhas ardosias, sobre uma das faces, em plena luz, deitou um pedaco de lapis e preparou-se para fazel-a correr sob a face inferior da mesa; sua mão, porém, foi como que arreMESSADA para o meu lado, por uma força invisivel, e a ardosia, sem auxilio de outrem, veio collocar-se sobre a minha cabeça; senti e ouvi escrever; pouco depois li estas duas palavras «*Good bye*» (adeus). Notei que a phrase começava do lado opposto ao em que estava a mão de Slade e que a ponta de lapis parara exactamente sobre a ultima letra da palavra *bye*.

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMNIDADES SENSORIAS — MEDIUNS

VIBENTES E MEDIUNS AUDITIVOS

Allucinações

(Continuação)

No estado normal do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos se accumulam no cerebro, graças á propriedade de localizaçãodas células cerebraes. Esses diversos conhecimentos se classificam segundo o genero de idéas

FOLHETIM

(38)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXVII

Uma febre cerebral quasi prostrou em terra a parte mortal do ser humano, que o era de Martim, levando-lhe a immortal, a essencia d'aquelle ser, sem que tivesse preenchido o fim para que viera á vida corporea.

Talvez para que tal não se desse, permittiu a misericordia do Pai que a sciencia de Julio triumphasse da lei da morte, e que o reditivo continuasse a carregar a cruz da sua redempção.

Julio levou oito dias á cabeceira do amigo e irmão, só descansando, por momentos, quando eu o ia render.

A mãe Martha, rompendo com todas as considerações, collocou-se aos pés da cama do querido filho, chorando e orando, quasi sem comer e sem dormir.

O commendador passava alli tambem o tempo que podia roubar ás suas obrigações, e desculpava a filha de não apparecer, dizendo que ella não tinha coragem de ver o marido n'aquelle estado.

O bom homem estava realmente mortificado, a nosso ver, por causa do perigo do moço, que amava, mas — soube-mo-lo depois — igualmente por ver que a filha levava as horas em alegres palestras com Carlos Teixeira, que vinha todos os dias á casa, por saber noticias do seu estimado amigo, doutor Martim.

Chegou mesmo o desolado pae a reprehender a moça, por tão censuravel procedimento, recebendo em troco respostas espirituosas, com gargalhadas cynicas da filha, que não acostumara a respeito-o.

a que pertencem; são materiaes de que o espirito se serve quando necessita. A alma de um homem sadio tem uma acção preponderante e directora, que se exerce indistinctamente sobre todos os elementos submettidos ao seu imperio. Mas, se, em virtude de uma circumstancia qualquer, a harmonia entre a alma e o corpo se torna menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral, e certas idéas, certas formas, certos odores, etc., adquirem uma tendencia para predominar sobre outras; em geral são as impressões que actuam mais fortemente sobre o individuo que o affectam, produzindo esses phenomenos da allucinação, que são, na maior parte dos casos, o prologo da loucura. Differentes coiza, porém, é um phenomeno spirita, que faz ver ao medium um objecto, uma pessoa real. O espirito que ali está pode ser minuciosamente descrito, e não é senão quando essa visão é reconhecida, por ser a descripção exacta de uma pessoa morta, desconhecida do medium, que admittimos que haja uma intervenção espiritual.

As verdadeiras appareições têm um caracter que a um observador experimentado, não permite confundil-as com um jogo da imaginação. Como podem ter logar em pleno dia, deve-se desconfiar das que se julga ver á noite, com o receio de ser victima de uma illusão de optica. Dá-se a respeito das appareições o mesmo que a respeito dos outros phenomenos spiritas: o caracter intelligente é a prova da sua veracidade. Toda a appareição que não dá nenhum signal intelligente e que não é reconhecida, pode ser resolutamente collocada na classe das illusões. Como se vê, somos muito circumspectos na apreciação d'esses phenomenos, e queremos antes de tudo confirmar precisamente que os spiritas, longe de approvar as divagações dos cerebros doentes, são minuciosos observadores dos factos, e positivistas na plena accepção do termo.

Como fizemos notar, a mediumnidade vidente pode-se exercer de dois modos: quer no estado de desprendimento, quer pelos orgãos do corpo. Para dar um exemplo de cada genero, vamos referir os dois factos seguintes que encontramos na *Revue Spirite* de 1861:

— Quer que eu morra, porque o seu amado vai morrer? Morra o Sr. por mim, que eu poderei bem viver sem elle.

— E parece que tambem sem mim!

— Não está em causa a sua perda, pois que o Sr. está com boa saude.

— Mas, se eu estivesse no caso de Martim, ser-te-hia indifferente, visto que me mandas morrer por ti!

— Ora, papae, não apuremos isto; mas se quer, dir-lhe-hei que nãoerei eu a primeira filha que perde o pae.

— E se perdesse marido e pae, o que seria de ti?

— Acredite que não me ia atirar ao mar, da barca de Nitheroi.

— Tu não tens coração, minha filha.

— Tenho-o e bem grande, respondeu a moça deitando um terno olhar para Carlos Teixeira.

O commendador sahio amofinado; mas, como pae, continuou a desculpar a filha por não ir ver o marido.

Ao oitavo dia da molestia, Martim, cujo delirio era sempre com a mulher amada, a quem accusara de ingrata, dormiu somno physiologico, tendo cedido a febre.

— Felizmente está salvo, disse Julio para mim e para mãe Martha, e acrescentou: salvo para soffrer os tormentos do inferno; porque esta molestia foi causada por Elisa, e marca o inicio da sua via dolorosa.

Tens razão, disse-lhe eu; porque Elisa, enquanto o pae a desculpa de não ter coragem de ver o marido neste estado, passava a rua do Ouvidor em companhia de Carlos Teixeira, segundo hoje mesmo m'o disseram.

— Quem salvará meu filho? exclamou mãe Martha, n'aquelle estado que lhe era peculiar. Quem o salvará de si mesmo? Oremos e confieemos.

A convalescença foi longa e, durante toda ella, Martim apenas trocava conosco algumas palavras, sem nunca perguntar pela mulher.

Esta, enfim, veio visital-o; mas tal foi a commoção que lhe produziu, que voltou-lhe a febre, de prostal-o ainda por tres dias.

A vista d'isso, Julio disse terminantemente ao commendador que seu genro seria victimado, se continuasse alli, e que, portanto, era indispensavel retiralo-o, até que tivesse forças para ir, n'outro clima, refazer-se.

« Um dos nossos collegas (diz Allan Kardec) nos contava ultimamente que um official seu amigo, estando na Africa, viu subitamente diante de si o quadro de um enterro. Era de um dos seus tios, que habitava na França, e que elle não via ha muito tempo. Elle via distinctamente toda a cerimonia, desde a partida da casa mortuaria á igreja, e o transporte ao cemiterio; *notou mesmo diversas particularidades de que não podia fazer idea*. N'esse momento estava despertado, mas em certo estado de prostração, de que não sahio senão quando tudo desapareceu. Impressionado por essa circumstancia, escreveu para a França, afim de obter noticias do seu tio, e soube que este, tendo morrido repentinamente, fora enterrado *no dia e á hora* em que a appareição teve logar, e com as particularidades que elle vira.»

Está bem evidente aqui que foi a alma d'esse official que se desprendeu, porque, passando-se o facto exactamente na França, no dia e á hora em que o official o via na Africa, era preciso que sua alma irradiasse á distancia, para ver o que se passava ao longe.

Eis a segunda historia:

« Um medico do nosso conhecimento, M. Felix Malo, tinha tratado uma joven senhora; mas julgando que os ares de Paris lhe fossem nocivos, aconselhou-a a ir passar algum tempo na casa da sua familia, na provincia, o que ella fez. Seis mezes tinham passado sem elle ouvir falar mais d'ella, e já não pensava mesmo n'isso, quando uma noite, ás dez horas mais ou menos, estando no seu quarto de dormir, ouviu bater á porta do seu gabinete de consultas. Suppondo que vinham chamal-o para ver algum doente, mandou entrar, e ficou muito surprehendido, vendo diante de si a joven senhora em questão, pallida e com o costume que elle lhe conhecera, a qual lhe disse com muito sangue frio:

— Senhor Malo, eu venho lhe dizer que morri; e depois desapareceu.

O medico, tendo verificado que estava bem acordado e que ninguem tinha entrado, mandou tomar informações, e soube que essa joven senhora tinha fallecido na propria noite em que lhe apparecera».

— Para onde retiralo-o, doutor? Diga e disponha de minha bolsa, que eu nada pouparei para salvar este caro filho.

— Agradeço-lhe por elle, commendador; mas dispense sua bolsa, porque, se me permittir, levo-o commigo e nada lhe faltará em minha casa.

— Se é para bem delle, porque não o permittir?

N'aquelle mesmodia, Martim foi transportado para a casa de Julio, onde, ao entrar, derramou duas lagrimas por entre um sorriso de satisfação.

— Oh! como me sinto bem aqui! disse sentando-se n'uma cadeira de balanço. Parece-me que volto aos felizes tempos...

Mas, porque sempre esta nuvem negra? Afasta-a, Julio, e tu tambem, Max. Só vocês e mãe Martha têm neste mundo o poder de me fazer voltar ao que eu fui aqui.

Mãe Martha chegou-se a elle, dormindo, e disse-lhe:

— Essa nuvem, tu a dissiparás com humilde resignação; porque ella é constituída pelos erros que vieste resgatar.

— Já sei, e vai livremente ser o instrumento de Deus, sobrecarregando sua alma de responsabilidades, o ente que adorei... que adoro... que adorarei até morrer. Pergun a Deus por ella e por mim.

No fim de tres mezes, Martim estava em condições de fazer viagem para outro clima, e resolvemos que fosse para os Estados Unidos, onde deveria passar dois a tres annos, impostos por Julio, menos no interesse da cura do corpo, que não reclamava tanto, do que da do espirito, que de mais precisaria.

Nas vespas da viagem, o moço foi despedir-se de sua familia, de que só via constantemente o bom commendador, sempre desculpando a filha, por não vir vel-o; mas de sua visita, voltou n'um estado de agitação indisciplinavel.

Achava-se com o commendador, que lhe dissera ter Elisa sahido a compras, quando, já cansado de esperal-a, meio disposto mesmo a dormir já, viu-a entrar, riado e galhofando pela escada, com o joven Carlos Teixeira, que a tinha acompanhado.

N'este caso foi perfeitamente o espirito da mulher que veio procurar o medico. Os incredulos não deixarão de dizer que o doutor podia se ter preocupado com a saude da sua antiga cliente, e que nada havia de admirar em que elle previsse a sua morte; seja; mas, então, que expliquem o facto da coincidência da sua appareição com o momento da sua morte, quando, havia muitos mezes, o medico não falava mais n'isso.

Suppondo mesmo que elle acreditasse na impossibilidade da cura, podia prever que morreria em tal dia, á tal hora?

O doutor viu com os olhos do corpo, porque a appareição era tangivel, tendo batido á porta do gabinete.

E' esse caso de visão que vamos agora examinar.

Vista mediumnica pelos olhos

Tendo eliminado a vista da alma pelo desprendimento, é preciso estudarmos agora a vista pelos orgãos da visão.

Quando um medium vê um espirito, pode-se, *a priori*, estabelecer a questão seguinte: foi o medium quem soffreu uma modificação, ou foi o espirito? Com effeito, no estado ordinario, nós não vemos os espiritos, porque os nossos orgãos são muito grosseiros para nos fazerem perceber certas vibrações que lhes escapam.

Quando, porem, a visão tem logar, ou os nossos orgãos adquirem maior sensibilidade, ou o espirito fez passar o seu involuero por certas modificações que, diminuindo a rapidez das vibrações moleculares perispiritaes, podem tornal-o visivel. Se este ultimo modo de encerrar o phenomeno fosse exacto, o espirito seria visto por todas as pessoas presentes; haveria ali uma appareição collectiva; era o que se dava no caso das materializações que estudámos com Crookes; mas quando, no meio de uma assembléa, só uma pessoa vê os espiritos, é que ella soffre uma variação organica do sentido da vista, que é interessante estudar.

(Continúa).

« E diante de um penedo, outro penedo ». Elisa, vendo o marido, ficou sem sangue, talvez com receio de uma vindicta, talvez pelo horror de lembrar-se que lhe pertencia.

Martim, vendo-a em companhia, alegre e folgazã, do moço que lhe despertara o ciúme desde Paris, ficou negro, talvez de colera, talvez de dôr, da maior dôr que pode o homem sentir.

Carlos Teixeira, embaraçado de não saber o que fazer, nem ousou sentar-se; deu boa noite a todos e saou-se, esgueirando-se como creado que furtou o relógio do amo.

Os tres, Muniz, Elisa e Martim ficaram, diante uns dos outros, como corpos sem alma, cada um por suas razões, sem se olharem, e sem pronunciarem uma palavra.

Foi Martim quem quebrou o insupportavel silencio, dizendo, em tom lugubre e aterrador, estas palavras:

— Sendo forçado a partir para a America do Norte, no intuito de refazer-me do mal que por pouco deixei de victimar-me, eu quiz, embora a senhora não me tivesse dispensado, durante minha convalescença, uma visita de minutos, dizer-lhe o adeus, que talvez seja o supremo e, porventura, saber se me queria ser companhia. Apesar de sua falta, eu supuz encontral-a, senão triste, pelo menos recolhida á casa. Vejo, porem, que nem uma, nem outra coisa se dá; e, portanto, retiro-me levando em minha alma a dôr de me haver enganado.

Dito isto, ergueu-se, sem esperar resposta e, abraçando o commendador, pelas provas de amizade que sempre lhe dera, sahio com passo firme, mas sómente por força de vontade, que todo o corpo lhe vacillava sobre os pés.

Parecia um cadaver, quando nos chegou á casa, e cadaver seria, se não o animassemos, disfarçando o que de mal julgara sobre o procedimento de sua mulher, e animando-o com a esperanza de que mais tarde volveria á comprehensão do seu maior dever.

Quasi reanimado, o infeliz nos deixou, entregando a Julio uma carta, para este entregal-a á mulher.

(Continúa)

Publicações

Os nossos confrades da Sociedade Spiritista Anjo da Guarda, de Santos, nos obsequiaram com um exemplar dos seus estatutos, recentemente publicados, e em cuja confecção se nota o critério que presidiu ao referido trabalho. Completam esses estatutos o regimento interno da referida sociedade, no qual se acham regulados os deveres de directores e socios, bem como a ordem das suas sessões.

AS MANIFESTAÇÕES DO SENTIMENTO RELIGIOSO *através dos tempos* é o título de uma brochura que o nosso venerando confrade Dr. F. R. Ewerton quadros acaba de lançar á publicidade e que virá attestar mais uma vez — estamos certos — a competência do nosso antigo e prestimoso collaborador n'esses estudos de philosophia, por assim dizer, retrospectiva, particularmente no que respeita á historia, de que elle é aprofundado cultor.

Mais de espaço emittiremos o nosso juízo, desautorizado, mas sincero, a respeito d'essa obra.

Varias outras publicações temos recebido, e entre ellas os volumes *Une échappée sur l'infini* e *La vita di Gesù*, sobre as quaes nos pronunciaremos opportunamente, por isso que necessitamos de tempo, de que infelizmente não dispomos com abundancia, para taes leituras, indispensaveis, antes da enunciação de qualquer juízo.

J. B. ROUSTAING
OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

N. 56. Em presença d'estas palavras: «A criação do primeiro homem é uma figura decida á necessidade de apropriar os ensinamentos á in-

FOLHETIM

(39)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXIX

A carta deixada por Martim, para Elisa, dizia:

«Elisa,

«Toda a minha vida tem sido um sonho, em que deslumbrante miragem me attraí para, ao abeirar-me della, desfazer-se a meus olhos e ir apparecer cadaver mais longe de mim.

«Julguei tel-a, enfim, apauhado, sob a forma gentil e vaporosa de uma fada, que seria o meu desvelo, o meu anjo, o meu Deus, o meu tudo, e a quem dedicasse culto de latria, mais puro e mais sentido que o de uma mãe ao seu primeiro filho, que o de uma virgem ao louro cherubim de seus castos enlevos, que o do peregrino ao casal arruinado, onde deixou, como encerrados em tumulo, as gratas recordações das innocentes alegrias de sua alma.

«Semelhante fada, que me appareceu, como sahindo de um mar de vapores, por minha imaginação iriados, foste tu, Elisa, e eu dei-te de minha alma o que Deus lhe deu de mais fino, delicado, de mais doce e perfumado, de mais candido e suave; o philtro divino, que é a perspiração do ser humano purificado, o amor, que seria infinito, se não fora o infinito do Creador.

telligencia humana; quão poucos ainda entre vós estão aptos para comprehender uma existência que não teve começo e que jamais terá fim!», a genealogia de Jesus, espirito de pureza perfeita e immaculada, remonta a Adão, por figura, como a criação do corpo formado do limo remonta a Deus; segui a genealogia espiritual e remontarei a Deus, creador immediato e unico de tudo o que é puro e perfeito: qual é, segundo a verdade, segundo a sciencia divina, despojando o espirito da letra, a REALIDADE, quanto á criação do espirito e do corpo do homem de nosso planeta. — A REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesus, espirito de pureza perfeita e immaculada? »

«A vossa pergunta, complexa pelo duplo aspecto sob que é apresentada, por um lado quanto ao homem e por outro quanto a Jesus, exige a solução da questão de um modo geral, relativamente á origem do espirito, ás suas phases, ás suas vias, aos seus destinos, desde o instante d'essa origem até á epoca em que chega á perfeição.»

«Na criação, tudo tem uma origem commum; tudo procede do infinitamente pequeno ao infinitamente grande — ate Deus, ponto de partida e de reunião.

«Não o esqueçais nunca: Tudo provém de Deus e a elle volve, — de Deus uno, creador increado, pae de tudo e de todos, — de Deus, o grande motor de tudo o que existe, a columna inabalavel sobre que assentam as multidões de mundos disseminados no espaço, como os atomos o estão no ar.»

«O fluido universal, reportando-se a Deus e d'elle partindo, é, por suas quintessencias e com o concurso de todas as suas combinações, modificações e transformações, para a intelligencia suprema, o instrumento e o meio, pela omnipotencia de sua vontade, no infinito e na eternidade. De todas as criações espirituas, materiaes e fluidicas, para a vida e a harmonia universaes, na criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo o que se move, vive, é.»

«O apóstolo Paulo sentia a potencia creadora do Senhor, quando dizia:

«Tudo é d'elle, tudo é por elle, tudo é n'elle: *ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia* (1). — «E' n'elle que temos a vida, o movimento e o ser: *in ipso vivimus et movemur et sumus* (2).»

«O espirito, em sua origem de formação, essencia espiritual, principio de intelligencia, sai do todo universal; — o que chamamos todo universal é o conjunto dos fluidos disseminados no espa-

(1) *Actos dos Apóstolos*, c. XVII v. 18.
(2) *Epistola aos Romanos*, c. XI, v. 36.

«Pude chamar-te minha, e n'esse dia minha alma, em extasis, beijou os pés de Deus, a agradecer-lhe o celestial presente.

«Elbrio de tanta alegria, não me lembrei, Elisa, de que toda a minha vida fora um sonho em procura de uma miragem, que me fugia tanto mais quanto mais della me aproximava.

«Um dia, a fada repelliu, com dureza, as minhas adorações. Oh! se eu tivesse acabado n'esse dia!

«Mas não; não, que sinto o coração tão cheio de amor por ella, que mil repulsas não seriam bastantes para esgotal-o, como todas as ilhas de Danau, não poderiam abaixar de uma linha o incommensuravel nivel do Oceano.

«Não me separou de ti a morte, que me repudiou com rigor semelhante ao teu; mas separa-me o rigor de minha sorte, mais inexoravel que o teu.

«Refrigera com um pouco de clemencia a sede ardente que me abrasa, por um sorriso meigo e adoravel de tua alma.

«Dá-me o balsamo santo, para as chagas do meu coração, n'um raio tenuissimo de teu amor.

«Dize-me, ao menos, ainda que seja por compaixão, que derramaste uma lagrima de saudade por minha ausencia.

«Se soubesses, minha adorada, quanto é negro e triste o meu viver, ausente de ti e sem esperança de haver em ti uma fibra, uma só, que vibre acorde com as vibrações de todo o meu ser: corpo e alma; se soubesses, se pudesses ver as trevas que me envolvem, sem que as penetre um raio de luz oh! de rocha serias, se não te commovesse.

«Deixa que minhas lagrimas amollem teu insensivel coração, e vem, vem a mim, que te amo, como a relva ama o orvalho do céo, como a ave ama a floresta, como todos os seres amam a luz.

«Vem, vem a mim, que tenho em meu coração um altar, onde arde perennemente o fogo do mais acrisolado amor. Vem a mim, que ancoo por tua vinda, como a rola dos bosques pelo terno e roubado companhe-

ço; esses fluidos são a origem de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluidico, quer no estado material.»

«O espirito é, em sua origem, como essencia espiritual, principio de intelligencia, formado da *quintessencia* d'esses fluidos, parte de tal maneira subtil que nenhuma expressão pode d'ella dar uma idea, sobretudo ás vossas intelligencias acanhadas; a vontade do Senhor Deus todo poderoso, como só e unica essencia de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar o ser, isto é, fazer d'elles graças a *uma combinação subtil, cuja essencia* não se acha senão nas irradiações divinas, essencias espirituas, os principios primitivos do espirito em germen e destinados á sua formação.»

«A vida universal está assim em germens eternos por toda parte na natureza: por essa quintessencia dos fluidos que Deus anima, por sua vontade, só para as necessidades da harmonia universal, de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as creaturas, no estado material ou no estado fluidico.»

«Em sua formação, os mundos primitivos são compostos de todos os principios constitutivos, na ordem espiritual, material e fluidica, dos diversos reinos que os seculos devem elaborar.»

«O principio intelligente se desenvolve ao mesmo tempo que a materia; progride com ella, passando da inercia á vida; Deus preside ao começo de todas as coisas; segue, com olhar paterno, as phases de cada progresso e attraí a si tudo o que attingiu a perfeição.»

«Essa multidão de principios, que estão latentes, aguarda, no estado cataleptico, que o soberano senhor, segundo as leis naturaes, inmutaveis, eternas, que estabeleceu no meio e sob a influencia dos ambientes destinados a fazel-os nascer, lhes dê um destino e os aproprie ao fim que devem preencher, de conformidade com essas leis.»

«Soffrem então passivamente, atravez das eternidades, e sob a direcção e a vigilancia dos espiritos propostos, as transformações que devem desenvolver-os, passando successivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e especies intermediarias entre cada um d'esses reinos.»

«Chegam, seguindo uma progressão continua, ao periodo preparatorio do

ro. Vem, vem, vem, senão eu morro, e morrerei amaldiçoando-te.

«Mas não; não creias que, mesmo atirado a uma fogueira por tua causa, possa eu esquecer que és a fada em que se incarnou a miragem deslumbrante que me embalou, em sonho, por toda a minha vida.

«Rasga-me embora o coração, que apazar de tudo eu serei sempre o teu — MARTIM.

Julio recebeu do caro amigo essa carta para sua esposa, sem que suspeitasse que continha a confissão da maior fraqueza humana, e como a recebeu, fechada, seguiu a leva-la a seu destino.

De volta da casa do commendador Muniz, o bello rapaz vinha desfigurado; parecia um convalescente de longa enfermidade.

«Nunca imaginei, me disse atirando, com indignação, o chapéo para o sofá — nunca imaginei que Martim descesse até á ignominia de chorar tristezas aos pés da sua infiel esposa, mendigando della uma palavra de amor, sabendo que esse amor ella o tinha dado a outro! Mas o que julgaria impossivel é que houvesse uma mulher, a mais mundana das mulheres, que fosse capaz de escarnecer de tão sentida quão profunda dor!

«Por que me dizes isto? Leste a carta de Martim?

«Li, sim, porque a indigna mulher, sem duvida para me causticar a alma e dar-me ao mesmo tempo a idea de seu cynismo, deu-m'a a ler, depois de tel-o feito a rir de mofa e de desprezo.

«Pobre Martim exclamei.

«Dizes bem, Max, pobre Martim, que esqueceu-se, até escrever aquella Messalina uma carta em que dizia:... (e Julio me repetiu, de memoria, o conteúdo da carta).

«Como?! disse eu, um homem da estatura moral de Martim pode aviltar-se ao ponto de se fazer ridiculo aos olhos de uma mulher indigna de beijar-lhe os pés?!

«Queres saber, Max? Martim, ou pela febre que teve, ou pelo que lhe causou aquella molestia, ficou leso das faculdades mentaes.

estado de espirito formado, isto é, ao estado intermediario entre a incarnação animal e o estado espiritual consciente; depois, transpondo esse periodo preparatorio, chegam ao estado de creatura na posse do livre arbitrio, tendo uma intelligencia dotada de razão, independente e responsavel por seus actos, chegam assim ao fastigio da intelligencia, da sciencia e da grandeza.» (Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUMS

VIDENTES E MEDIUMS AUDITIVOS

Vista mediumnica pelos olhos

(Continuação)

O olho, como se sabe, é uma verdadeira camera escura, sobre cujo fundo se desenham as impressões luminosas. A retina, formada pela dilatação do nervo optico, transporta ao cerebro as vibrações luminosas; ali são ellas transformadas em sensações. Os physiologistas não se contentaram com estudar a participação da retina na função visual, remontando dos effeitos ás causas; procuraram mesmo a explicação d'esses factos.

Para explicar a sensação da cor e a do claro e escuro, admittiram velocidades diferentes nas ondas de um fluido (ether) que estivesse espalhado por todo o universo. Essas ondas impressionariam de um modo differente a retina, e a natureza da percepção, de que a alma tem consciencia, estaria subordinada a essas impressões variaveis. Nessa theoria se admite que os phenomenos da visão são simplesmente o resultado da percepção, pelo sensorio, de um estado determinado da retina, e a sensação do escuro é explicada pela ausencia de toda sensação, e pelo proprio estado da retina.

O que prova, alem d'isso, a existencia de uma modificação operada na retina durante a percepção dos objectos luminosos, é a possibilidade de reproduzir as mesmas sensações por um excitante que não seja a luz. Toda causa capaz de determinar uma mudança no estado da membrana nervosa do olho, determina sensações intimas, ou por outra, *subjectivas* da luz. Comprimi o olho com o dedo, e vereis figuras de formas diversas, ora annulares, ora irradiadas.

(Continúa).

«Antes seja assim, meu Julio, porque, em tal estado, nulla talvez se torne sua responsabilidade quanto ao desfecho fatal d'este horrivel drama.

«Assim pensa o mundo, Max: mas nós outros, que sabemos não poder o espirito, que é no ser humano o responsavel por seus actos, ser atacado de loucura, devemos ter por certo que o nosso pobre amigo nada luctra com as perturbações do orgão, por onde se manifesta a razão. O homem pode ser um louco, mas nunca o espirito que o anima.

«Tens razão, Julio. Eu deixei-me levar pelas idéas mundanas que, não sei se diga, antes fossem as verdadeiras, por amor do nosso Martim.

«Nunca, veiu dizendo a mãe Martha, de olhos fechados. O que cai, levanta-se e segue; mas acima de tudo o que Deus dispensou de seu amor a suas creaturas humanas, está a liberdade, por isso mesmo acompanhada da responsabilidade. Meus filhos, o que vale a sciencia humana para ousar apreciar a obra da sciencia infinita? Vosso amigo não estará irremissivelmente perdido, se succumbir á sua prova. Cai por obra de sua liberdade, e reerguer-se-ha por obra da mesma liberdade, para o que terá á sua disposição o tempo na eternidade. Oraí por elle, e confiai no amor de Deus por todos os seus filhos.

Aquelles conceitos foram para nós balsamo e orvalho refrigerante.

Orámos por Martim, e eu despedi-me de Julio e da mãe Martha.

Pelo caminho, e em casa, logo que fiquei só, comeci a remoer tudo o que Julio me contara, e firmei a convicção de que duas almas iam-se despedaçar contra as montanhas de seus proprios erros: Martim e Elisa, sendo esta a causa das desgraças de ambos.

Se, ao menos, o moço, apenas perdesse a prova, não a recebendo com resignação, seria dos males o menor; o peor seria se elle levasse a revolta até o extremo de pôr termo á vida, porque isso seria agravar as faltas passadas, com a maior das faltas.

(Continúa)

a vossos olhos, independente do genero de espirito que o corpo encerra, no passo que o temperamento fluidico é a consequencia das tendencias do espirito.»

«Os fluidos são attractivos, uns em relação aos outros, o que estabelece as relações entre os espiritos segundo a natureza de suas tendencias boas ou más, de suas inclinações, de seus sentimentos, bons ou maus.»

D'ahi resulta a influencia attractiva dos fluidos similares, sympathicos, que são o laço que atrai um para outro dois espiritos, se não da mesma ordem, pelo menos animados das mesmas inclinações, dos mesmos sentimentos.»

«Assim os espiritos, pela natureza de seus sentimentos e de suas inclinações, bons ou maus, attrahem a si espiritos similares, sympathicos a esses sentimentos e a essas inclinações, e com os quaes são postos em relação por essa influencia attractiva dos fluidos.»

«Entrados na posse do livre arbitrio e podendo escolher o caminho a seguir, os espiritos são submettidos a espiritos pre-postos ao seu desenvolvimento; é então que a vontade do espirito o leva a seguir uma via de preferencia á outra.»

«Chegados a esse ponto, os espiritos são mais ou menos doces para com aquelles que são encarregados de os conduzir e desenvolver.»

«E' então que esse poder de vontade no exercicio do livre arbitrio toma uma direcção melhor ou peor; podem fallir, ou segurar, simples e gradualmente, a marcha que lhes é indicada para progredirem.»

«Muitos fallham; alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja.»

«A perda de todos os espiritos é o orgulho, que tem por derivados a presumpção e a inveja.»

«O orgulhoso é invejoso, porque nada pode supportar acima de si; é egoista, porque tudo se lhe deve reportar; é presumpçoso, tendo uma confiança tão erronea como condemnavel em suas forças e sua intelligencia, revoltando-se muitas vezes contra a sabedoria d'aquelle que lhe interdiz os actos acima de suas forças.»

«Não védes essas creancinhas, — espiritos, que têm soffrido ha tantos seculos expiações e reencarnações successivas, e não ainda purificados, — apresentando esses symptomas de orgulho, de presumpção, de egoismo, de inveja, signaes e

causa da queda primitiva, tentando executar todas as vossas obras, — jactando-se de o fazerem tão bem como vós, — tendo, em sua força e intelligencia, uma confiança tão erronea como condemnavel, — e muitas vezes revoltando-se contra a sabedoria do pae que interdiz ao temerario actos que estão acima de suas forças e podem arrastal-o a graves accidentes?»

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUMS VIDENTES E MEDIUMS AUDITIVOS

Vista mediumica pelos olhos

Supponhamos que fazemos passar através de um prisma um raio de sol; se tomarmos sobre um cartão esse raio refractado, notaremos que elle forma um feixe luminoso composto de sete cores que se denomina o espectro solar. Os coloridos extremos são vermelho e violeta; além d'essas duas cores a vista não percebe mais sensações luminosas. Entretanto, se se collocarem saes de prata n'essa parte escura, elles se decomporão, o que prova que, além do violeta, existem radiações particulares que o olho não é capaz de perceber, a que o thermometro é insensível, mas cuja actividade chimica é poderosa. Além do vermelho existem ondulações calorificas invisíveis. Chegamos assim a esta conclusão necessaria: que o espectro completo, formado pelas irradiações solares, se prolonga além do violeta e além do vermelho, e que é sómente a parte media do espectro total que os nossos olhos podem distinguir.

Existe, portanto, luz que não vemos, vibrações luminosas inapreciáveis para a vista, porque a retina, que é o apparelho receptor, não pode registrar essas vibrações luminosas muito rapidas para ella. Calculos recentes demonstraram que as ondulações ethereas, tendo menos de quatrocentos trilhões por segundo, ou mais de sete centos e noventa, são impotentes para affectar a. Acontece o mesmo a respeito do ouvido e dos outros sentidos,

rada pelo publico, á vista do seguinte facto, que o desolou:

Um dos seus mais intimos amigos, amigo de infancia, deu um baile, que foi um successo, e não se lembrou de mandar-lhe um convite.

Seria mesmo esquecimento?

O homem é sempre propenso a crer no que fala a seus desejos, e Muniz, não desejando que outro fosse o motivo da falta, acolheu com satisfação aquella hypothese, n'outras circumstancias bem offensiva.

Curto foi, porém, o seu desagrado pelo prazer, porque illisa inconscientemente viu tudo esclarecer.

— Sabe dizer-me, Sr. meu pae, qual a razão de não nos ter convidado para seu baile o Sr. Antonio da Cunha, seu muito particular amigo?

— Sei tanto como tu: esquecimento, tão natural quando se tem o cerebro a arder em milhar de fogos.

— Esquecimento! E o Sr. entende que é pequena a offensa esquecer o amigo ao amigo intimo, e amigo da nossa ordem!

— Ora, minha filha, a memoria não depende da vontade, nem tem intelligencia para discernir as ordens sociais.

— E' verdade; mas attenda a que a memoria do seu amigo nunca nos esqueceu, collocando sempre, sempre que reunia seus amigos, *in capite rotis* o commendador Muniz e sua familia.

— Pois então? se confessas que elle nunca nos esqueceu, reconheces que o esquecimento actual foi um simples accidente.

— Seria assim, se não fôra a circumstancia de excluir elle, tambem, do numero dos seus convidados o Sr. Carlos Teixeira, que é quasi um filho da casa.

— Mas que relação ha entre o facto de não nos ter Antonio convidado, e a de ter igualmente deixado de convidar o Sr. Carlos Teixeira, como tel-o ha feito a meio mundo?

— O Sr. pergunta? Pois não sabe que os miseraveis assoalham que eu sou amante do Sr. Carlos Teixeira?

— O que me dizes, filha?! Tua honra na praça publica!

— E que me importa o que dizem de mim?

de sorte que o homem é uma machina animal dotada deapparelhos receptores que não funcionam senão entre certos limites muito fracos, se os compararmos á infinidade da natureza.

Esta idéa é capital para a comprehensão dos phenomenos spiritas. Nós não percebemos, pela vista, a materia senão quando as vibrações d'essa materia não passam de setecentos trilhões por segundo, mas, como vimos, ha vibrações mais rapidas que existem realmente e que nos escapam. Ora, os fluidos perispiritaes, sendo materia em estado de rarefacção extrema, possuem um movimento vibratorio muito rapido, de sorte que no estado normal os nossos olhos não podem ver os espiritos. Se pudessemos, porem, dividir o numero das vibrações perispiritaes, se conseguissemos trazel-as aos limites que comprehendendo a visão, veriamos os espiritos.

Este resultado pode ser attingido de dois modos: 1.º diminuindo o numero das ondulações luminosas; 2.º augmentando o poder visual do olho.

E' possivel diminuir o movimento vibratorio de um raio de luz? Não hesitamos em responder affirmativamente, porque experiencias notaveis feitas ultimamente vieram pôr fóra de duvida essa verdade.

Os raios luminosos ultra-violetes do espectro, invisíveis até então, tornam-se visíveis quando se os deixa cahir sobre uma especie particular de vidro contendo silicato de um metal denominado uranio. Esse vidro tem a propriedade de tornar visíveis os raios que, sem elle, não feririam nossa vista. Se tomar-se um pedaço d'esse vidro na mão e se o illuminar successivamente por meio da luz electrica, de uma vela, ou de gaz, ou se se o collocar no campo de um espectro prismático de luz branca, ver-se-o ha brilhar *segundo a cor da luz que cai sobre elle*. Se o illuminarmos mediante raios ultra-violetes, vel-o hemos brilhar com uma cor mysterica que revela a presença de raios invisíveis até aqui aos olhos mortaes.

Examinemos o caso em que o poder da vista pode ser augmentado; essa operação terá ainda por fim fazer ver os espiritos. A alma, já dissemos muitas vezes, é uma essencia indivisível, immaterial e intangível, que constitue a personalidade de cada individuo: ella é cercada de materia quintessenciada que forma o seu involucro e mediante o qual entra em relação com o mundo exterior. Esse

— Não é assim. A mulher, mil vezes mais que o homem, deve muito se importar com o juizo da sociedade, e isto porque esta aceita o homem perdido, que se rehabilita, mas não admite reabilitação para a mulher que cahiu, ou passa por ter cahido.

— Ainda bem que o Sr. justifica o meu desprezo pela sociedade, dizendo que ella aceita a reabilitação do homem, mas não da mulher, o que envolve uma tyrannia moral e uma desprezível injustiça.

— Não é tanto quanto pensas. Do homem, a quem se presta menos reverencia, exige-se menos; da mulher, porem, a quem se rende culto especial, quasi divino, exige-se mais.

— Ora, isto são argucias dos homens, para opprimirem as mulheres!

— Não são; mas quando fossem, que remedio senão submettermo-nos á lei da sociedade?

— O remedio é não fazermos caso d'ella, nem de suas leis parciaes.

— Infeliz do que assim proceder, minha filha, porque a sociedade pode muito bem ser sem esse, mas elle não poderá ser sem ella.

— Pode, sim, e aqui estou eu, que posso.

— Pode-se, como podes tu, mas soffrendo o seu veredictum inatacavel, porque ninguem pode abalar o juizo do mundo, para fazer desaparecer o desprezo que delle procede.

— E o que me faz o juizo do mundo, se eu fôr contente e feliz, affrontando-o embora?

O commendador baixou a cabeça, para não romper com a filha amada, e duas lagrimas, que traduziam a dor de sua alma, por e nhecer que a filha era uma mulher perdida, lhe rolaram pelas faces.

— Cala-se, continuou a moça; é porque não pode rebater as minhas razões.

— Não é por isto, gemeu o pobre homem. De que tuas razões não partem de tua consciencia, a prova é que te sentes incommodada, humilhada, irritada, vendo-te... esquecida d'aquelles que sempre te cercaram de consideração. Não é porque não possa eu rebater as tuas razões, que me calo, mas sim porque agora conheço a verdadeira razão, que teve o meu bom amigo Antonio

corpo fluidico, em virtude da sua rarefacção, possui um movimento molecular mais rapido que o dos gazes e vapores que são já invisíveis para nós; logo elle não é visível tão pouco, senão porque o olho não contém no estado normal fibra que possa vibrar harmonicamente com elle. Mas, se um espirito quer manifestar sua presença, elle entra em relação fluidica com o incarnado, como vimos precedentemente, e, uma vez estabelecida a comunicação, accumula, pelo magnetismo espirital, no nervo optico uma quantidade de fluido nervoso maior que o ordinario, que sensibiliza certas fibras, que podem desde então entrar em vibrações correspondentes ás do involucro do espirito. Desde que esse phenomeno é produzido, o ser assim modificado vê o espirito e o verá enquanto este ultimo continuar a sua acção.

Pouco a pouco, renovando-se essa operação grande numero de vezes, as fibras adquirem uma aptidão vibratoria maior, as ondas luminosas se propagam no organismo, seguindo a linha a que Herbert Spencer deu o nome de *linha de maior resistencia*, de sorte que a onda caminha cada vez mais facilmente ao longo della, e que, afinal, essa linha mesma acaba por tomar naturalmente esse movimento vibratorio desde que a primeira molecula é agitada. O medium tem portanto na realidade um sentido novo que é devido á extensão do apparelho visual.

Nós o sabemos: quando o espirito quer se tornar visível a muitas pessoas é sempre obrigado a tomar fluido nervoso a um medium, mas a manifestação se opera sobre elle e não mais sobre os olhos dos assistentes. Vimos que uma simples mudança no movimento molecular de um corpo pode fazel-o passar de um estado transparente á opacidade. O mesmo se dá com um vapor que se condensa, isto é, cujo movimento vibratorio diminue e torna-se rapidamente visível na forma de nevoeiro, finalmente, como o vidro de uranio, que permite ver os raios do espectro que, sem elle, seriam invisíveis.

O espirito pode, portanto, agir de um modo analogo. Esse phenomeno nos explica finalmente o que se passa no caso da photographia dos espiritos. Estudemos esse novo genero de manifestações.

(Continúa)

Cunha para não me admittir á sua festa, e isto me mortifica duplamente: por mim e por ti.

— Por mim! Por mim não se incomode.

— Pode falar assim quem não sabe e nem sequer imaginar pode o que seja o amor paternal. O pae é um louco, é um cego, é um surdo, é... é... é tudo isto ao mesmo tempo. Louco, se faz a illusão de que o filho ha de ser um rei na terra e um anjo no céu. Cego, elle jamais reconhece que o caminho seguido pelo filho leva-o a um abysmo. Surdo, nunca ouve as vozes amigas que lhe dizem: teu filho vai perder-se. E, por esse amor louco, cego e surdo, elle accumula tremendas responsabilidades, quaes as de não ter todo o cuidado, toda a vista, toda a audição ao serviço de seu maior dever: dirigir e encaminhar o objecto de seu amor pelos caminhos do bem, vigiando-lhe os passos para corrigir-o do mal que fizer. E' por isso que eu me calei, minha filha, para me concentrar em mim mesmo, e ler em minha consciencia a responsabilidade que me cabe de ter concorrido, por minha fraqueza, para tua perdição, — perdição, na vida transitoria, perante os homens, e perdição, na vida eterna, perante Deus. Sim, meu Deus, eu sou a causa de ver hoje este anjo, que me destes, atafalhado no lódo, que, com aprazimento meu, accumulou. Vai, filha desgraçada, e Deus se amerceie de ti.

Elisa quasi estourou de raiva e de desprezo por seu pae; deixando-o, foi monologando: este mundo é composto de parvos, e dahi mais uma razão para me parecer grande e luminoso o Carlos Teixeira, que não se prende n'essas teias de aranha!

O commendador Muniz, feito o seu acto de contricção, que acabamos de ouvir, retirou-se ao seu gabinete e escreveu uma longa carta a Martim, pedindo-lhe perdão de ter envenenado sua vida, unindo-o a uma mulher que não sabia comprehender o seu valor e o valor dos puros deveres da esposa e da mulher.

(Continúa).

FOLHETIM

(40)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XL

Seis mezes se passaram, sem que o moço desventurado desse noticias de si aos seus bons amigos, seis mezes durante os quaes Elisa deu escandalo a toda a sociedade fluminense, ao ponto de lhe recusarem accesso as casas de familia que rendem culto ao mais alto predicaço da mulher: a virtude.

A desgraçada, porem, longe de se retrahir diante de tão mortificante repulsaço, fazia, por capricho ou orgulho ferido, maior os tentações do seu desvairamento.

Nunca foi vista na rua do Ouvidor senão em rodas de rapazes libertinos e, nos theatros, seu camarote era sempre e exclusivamente visitado por gente da peor nota: corvos que sentiam de longe o cheiro da carnica.

Tambem, a alta sociedade, de que fôra ella, por sua peregrina balleza, distinctissimo e desejado ornamento, não mais incluiu no rol de seus convivas, para as alegres festas, o estimado commendador Muniz, para que lhe não trouxesse elle sua mundana filha.

Disto já suspeitava o bom homem, cujas occupações, menos que o cego amor de pae, não lhe permittiam ver no desbragamento da filha, mais do que algum excesso na liberdade que cabe a uma senhora casada.

Suas suspeitas, porem, se traduziram em dolorosa certeza de que algo de mais do que attribuía á filha, a fazia mal conside-

Os leitores que a desejarem compulsar no original francez, deverão dirigir-se á livraria Ernest Flammarion, 26 rue Racine, Paris, onde se encontra á venda pelo preço de 3 francos.

Eis aqui a traducção do documento que o autor nos enviou :

«Pelo presente documento, o abaixo assignado concede á Federação Spirita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito exclusivo de fazer traduzir em lingua portugueza a obra *Le psychisme expérimental*, de que é autor, e de promover a impressão e a venda no Brazil, ou em outro qualquer paiz cujo idioma seja portuguez. — Paris, 24 de outubro de 1899. Alfred Emry, — 31 rue Labruyère.

Entre outros «factos psychicos espontaneos», relatados pelo *Religio-Philosophical Journal*, destacamos os seguintes, realmente interessantes :

Em uma noite tenebrosa, regressava á casa uma mãe com seus dois filhos, em carruagem, receosos de se transviarem no caminho e confiados apenas ao instinto do cavallo, habituado áquelles sitios. Esse receio augmentava com a idéa de passar em uma estreita ponte, sem guarções, e posto que o não communicassem entre si, todos se achavam vivamente apprehensivos. Eis senão quando, ao se aproximarem d'essa ponte, uma doce e radiante claridade a illuminou, assustando um pouco, ao principio, o cavallo que, porfim, a transpoz com segurança.

—O que é isto? — perguntou um dos filhos.

—E', accudiu sua mãe, a resposta á prece mental que ha meia hora envio ao céo.

O jornal que divulgou esse facto accrescenta que não se trata de um relampago, nem de uma projecção electrica, impossivel n'aquella região.

Eis o outro caso :

Achava-se, ha alguns annos, um gentleman inglez entredido a examinar uma peça mecanica, em uma fabrica que empregava a agua como força motriz, e trabalhava no fundo de um cylindro, acreditando-se em perfeita segurança, pois que a represa estava muito bem fechada, quando ouviu que uma voz feminina o chamava.

Olhou para cima e não viu pessoa alguma ; entretanto notou que as rodas do

machinismo giravam. E' que a represa estava mal fechada, e elle não teve tempo senão de pular e suspender-se fortemente a uma barra, até que o viessem soccorrer. Um minuto mais, e elle estaria perdido.

No primeiro d'esses casos, se evidencia a efficacia da prece, poderoso elemento que todas as creaturas podem utilizar com segurança, assim o sabiam fazer com um coração puro e uma fé sincera.

No segundo, ainda uma vez se demonstra a intervenção dos habitantes do mundo invisivel entre nós, toda vez que essa intervenção entra nas vistas da Providencia, como no caso narrado, para impedir que a nossa prova seja interrompida antes do seu termo natural.

Quem, de facto, n'aquellas condições, poderia ter intervindo tão providencialmente em favor do gentleman citado ?

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

8ª EXPERIENCIA

Chamamos toda a attenção do leitor para esta experiencia, á qual deixamos, como á precedente, a redacção primitiva.

30 de junho de 1886. — Fiz hoje, ás 5 horas, em casa de Slade, uma observação mais curiosa do que as outras, porque o «phenomeno» da escripta se produziu em duas ardosias minhas, nas quaes Slade não poz as mãos.

Eu trouxera diversas ardosias, duas das quaes estavam embrulhadas em papel, amarradas juntas, selladas e presas por um parafuso. Desajava obter a escripta n'essas ardosias e indaguei de Slade se isso era possivel.

—Não sei, respondeu; vou perguntar.

Propuz então recebermos a resposta em duas outras ardosias que eu trouxera envolvidas em uma toalha, no que concordou.

N'uma das sessões anteriores um visitante obteve em casa de Slade, disseram-me, a escripta em duas ardosias que elle prendia com os pés.

Pedi e obtive permissão, — depois de collocar entre ambas a pontinha do lapis já tradicional, — para sentar-me sobre as lousas. Tendo-as posto, então, sobre a minha cadeira, segurando-as sempre, sentei-me e não tirei as mãos senão quando senti sobre ellas todo o peso

Elisa era, pois, um anjo cahido, que porventura arrastaria em sua queda outro de muito maior grandeza : o meu amado Martin.

— Mas este ? O que será feito d'elle ? Seis mezes decorridos depois de d'aqui partiu, e nem uma carta, para mim ou para Julio, que, bem sabe elle, anciamos por ter noticias suas !

Um dia, achando-me em casa de Julio, conversavamos tristemente sobre as desditas do bom amigo e, principalmente, sobre as desastrosas consequências que d'ellas receavamos ; e eis que a velha mãe Martha surgiu entre nós, de olhos fechados, naquella estado de completo somnambulismo em que nos revelava o que as nossas pobres almas não podiam divessar.

— Meus filhos, disse-nos com uma voz tão doce de nos embriagar a alma em angelicos enlevos ; meus filhos, demos graças ao Pai de amor que, deixando a seus filhinhos o livre arbitrio, para terem merito, não lhes fecha, contudo, as portas de sua sacrosanta casa, se elles mal usam daquelle sublime dom. Vosso irmão e amigo, já o sabeis, recebeu a graça de uma nova existencia, para remir nella suas passadas faltas, soffrendo o que fez outrem soffrer. Sua união conjugal, também o sabeis, não foi casual, mesmo porque nada é casual na vida humana ; aquella união foi o meio offerecido ao seu espirito para lavar-se da macula que o privava de assentar-se á mesa farta da caridade divina. A mulher á que se ligou, tinha todas as condições, por indole e por educação, de vir a ser o que elle mesmo foi em sua passada existencia : esposa infiel. Elle, para mais sentir a dor do soffrimento que curasse a chaga cancerosa do mal de que inquinou sua alma, amou-a com extremos que lhe apuraram a susceptibilidade moral. Levou sua prova entre bem e mal, ora resignando-se, ora revoltando-se ; mas assim mesmo, devido a seus merecimentos allunde adquiridos, Deus lhe deu, em graças de perdão, a um por um. Pouco faltava para o bom

do meu corpo. Colloquei as mãos sobre a mesa, ao lado das de Slade e senti e ouvi claramente que a escripta estava sendo traçada na ardosia com a qual eu estava em contacto.

Acabado isso, retirei — eu mesmo — as ardosias e li as dez palavras seguintes, muito mal escriptas, afinal, mas... escriptas e mesmo assim legiveis : «E' difficil influenciar as ardosias ; faremos, porém, o que pudermos.»

Slade não lhes tinha tocado. Não pude obter mais do que isso.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica ; a carne de nada serve : as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

« Os espiritos que fallem, indocéis, rebeldes á influencia e aos conselhos dos espiritos que são encarregados de os conduzir e desenvolver, attraem, pela natureza de suas tendencias más, de seus sentimentos e de suas inclinações más, espiritos maus, sympathicos e essas tendencias, a esses sentimentos e a essas inclinações ; mas notai-o bem, porque as nossas palavras devem ser exactamente comprehendidas : A queda tem logar pelo proprio feito dos espiritos e não porque a ella são arrastados ; os espiritos seguem, ha um instante que acabamos de vol-o dizer, *livremente*, uma via de preferença á outra ; é, pois, por sua propria vontade, seu proprio movimento, que por ella enveredam ; e a sympathia que experimentam pelos espiritos inferiores e que os arrasta, provém de sua propria disposição ; não é, pois, senão depois da queda que estabelecem com elles relações similares. »

« Aquelles, ao contrario, que, docéis a seus guias, seguem, simples e gra-

xito da empreza : faltava só que a fraca creatura, embalada na esperança de serem falsas as apparencias de prevaricação da mulher amada, supportasse corajosamente o golpe cruel do desengano. No espaço, milhares de espiritos, que o amam, quer d'esta, quer de outras vidas, em dorredor do seu anjo protector, elevavam ao Pai de misericordia ardentes preces, por que lhe desse forças para resistir ao tremendo choque, cujo momento fatal já soava no relógio da eternidade. Acaba de ter logar a dura prova. Foi o pai de sua mulher o instrumento, participando-lhe que a filha não era mais digna d'elle : — é uma mulher perdida para o mundo e para Deus, se alguém para Deus jamais se perdeu. O triste, que em vão tem esperado uma palavra de amor d'aquella a quem offereceu, á hora da partida, as mais mimosas flores de sua alma, lê, neste momento, a palavra de desengano, proferida pelo pai de sua amada, que lhe quebra as restantes forças, que lhe escurece os horizontes da alma, que lhe apaga a consciencia do dever ! Ora — ora por elle, como nós aqui oramos, para que não desespere, não se revolte, não se prenda á funesta idéa, que lhe passa pelo pensamento, de pôr termo ás suas desgraças, que mal sabe serem esmoladas do amor infinito, — de pôr termo a tudo pelo suicidio.

A mãe Martha acordou em pranto, e com a consciencia de tudo o que lhe deram para dizer.

Cahiu, pois, de joelhos, e nós, com o coração traspassado de dor, acompanhá-mos a mais sentida prece que jamais subiu da terra ao céo.

Levantámo-nos alliviados ; mas torturava-nos a alma a consciencia do que se dera ou ia dar-se com aquelle grande espirito, que tão caro nos era.

Mãe Marta nada mais nos disse, nem então, nem depois, como se tivesse esgotado de vez sua mediumidade.

Ficámos quasi nas condições dos troyanos, a quem o sublime mantuano emprestou estas expressivas palavras :

dualmente, a via que lhes é indicada para progredirem, attraem os espiritos bons, sympathicos ás suas boas tendencias, aos seus bons sentimentos, ás suas boas inclinações. »

« Para o espirito conservado puro até que tenha chegado á perfeição, como para aquelle que falliu, e até que tenha chegado a essa perfeição, os fluidos do perispírito, sob a influencia attractiva dos fluidos, variam, de um modo incessante, para seguirem, em sua marcha progressiva, o espirito que revestem e que assimila os que estão mais em relação, — segundo a natureza de suas tendencias e o estado de seu progresso, — com a sua intelligencia e suas necessidades espirituales. »

« Quanto mais inferior é o espirito, tanto mais opacos e pesados são os fluidos do perispírito ; na natureza do perispírito entram mais ou menos puros, segundo o espirito é mais ou menos elevado. »

« Assim os corpos fluidicos que constituem o perispírito, são mais ou menos fluidos, mais ou menos densos, segundo a elevação do espirito encerrado *nessa materia*, porque *para o espirito é materia*. »

« Para o espirito que falliu, como para aquelle que permaneceu puro, o perispírito se modifica forçosamente, segundo as phases da existencia e das provações. »

« Não é senão, e então somente, quando elle chegou á perfeição, que modifica voluntariamente o seu perispírito, segundo as necessidades do momento, as regiões que tem de percorrer, as missões que lhe são confiadas pelo Senhor, permanecendo, porém, *a mesma a essencia purificada* do perispírito. »

« Entre os espiritos que fallem, ha os que, no decurso do seu desenvolvimento e, ás vezes, quasi em seu principio, abusam, com obstinação, do seu livre arbitrio, são obstinadamente orgulhosos, presumposos, invejosos, obstinadamente indocéis e rebeldes a seus guias, e se revoltam. »

« Esses espiritos presumposos e revoltados, que falliram ao ponto de serem relegados ás condições mais materiaes da humanidade, são *EXTÃO humanizados*, isto é, incarnados nas terras primitivas, para serem domados e progredirem, sob a compressão da carne, n'essas terras primitivas, virgens ainda de toda appareição do homem, mas *preparadas e promptas* para essa appareição ;

« *Una salus victis : nullam sperare salutem.* » Aos miseros vencidos, só um recurso: nada mais terem que esperar.

De facto, o que esperarmos, nós que vimos o pobre Martin fraquear diante do que nada era, comparado com aquelle golpe sem par, para uma alma como a sua ?

Todas as noites nos reuníamos, para orar por elle, esperando, sempre e sempre em vão, uma palavra, por mãe Martha, que nos tirasse da duvida afflictiva, em que nos achavamos.

Aquelle silencio, que já se prolongava por tres mezes, e a falta de cartas de Martin, geraram em nosso espirito a convicção de que tudo estava acabado, e acabado desastrosamente.

Se assim não fora, os nossos amigos do espaço correriam a dar-nos a boa nova.

Era este o nosso pensar, e, n'elle engolphados, esquecíamos que o facto podia ser devido á perda da mediumidade da mãe Martha, donde a impossibilidade da communicação com os espiritos.

E razão havia para tal hypothese, visto como a boa velha teve da ultima vez a consciencia de tudo o que disse, coisa que nunca antes lhe fora dada.

Logo, houve alteração em sua faculdade mediumica.

Não ter Martin escripto, comquanto o caso fosse excepcional, não era coisa de causar-nos estranheza, conhecendo nós seu inveterado habito a tal respeito.

— Dir-nos-ha o que houve, quando vier, disse eu.

— Quando vier ! exclamou Julio. Esperas acaso vel-o ainda ? Não te lembras do que nos disse o espirito sobre passar por seu pensamento a idéa do suicidio ? Martin poz fim a seus dias, Max, e é por isso que não nos escreve, e é por isso que nada nos vem do espaço.

Esta convicção gravou-se-nos no animo, e levava-nos a concluir: eis porque se diz que o casamento se talha no céo, bem como a mortalha.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

FOLHETIM

(41)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XLI

Eu via muitas vezes a bella Elisa fulgurando no theatro, e nunca pude forrar-me ao pungir de acerba dor, vendo-a sempre rodeada de gente canalha.

— Eis um anjo cahido ! Nasceu em dourado berço, e marcha por onde a mulher perdida acaba n'uma enxerga, tendo tido apenas alguns minutos de borboletear pelas flores da vida. Nasceu na alta sociedade, e eil-a a descahir das alturas, até chegar, perdidas as graças do corpo pela perversão da alma, ás mais despreziveis camadas da sociedade. A scena biblica do anjo decahido, pensava eu aquella vista, não é senão isto, e isto se repete na terra, em todo tempo e em toda parte. O anjo é o espirito humano creado para a perfeição ; a queda é a transgressão das leis de Deus. Uns observam religiosamente aquellas leis e a sua sombra e a sua luz, atravessam o deserto das vidas, e chegam á terra da promissão. — São os anjos fieis. Outros se embrenham pelos desvios, attribuem-se o poder e o saber, esquecem, até negar, aquelle que os tirou do nada e lhes deu o ser ; não pensam senão em gozar materialmente a vida, sem se lembrarem do *lendemain de la mort*, e apodrecem moralmente, e acabam na podridão. — São os anjos cahidos ou rebeldes.

No seio da propria humanidade, nas scenas de sua elevação e de sua degradação, é que o autor biblico tomou o tipo de sua lenda, impossivel, tratando-se de seres creados perfeitos ; porque seria preciso, para que tal se desse, que não fosse o Creador infinitamente intelligente e poderoso,

Efeitos phisicos.—Transportes

A nossa habitação ficava situada na encosta da serra do Andarahy, perto das cachoeiras que abastecem a zona comprehendida entre os bairros de Villa-isabel, S. Francisco Xavier e Andarahy Grande. A' rua da Serra, estreito caminho que vai ao alto da Tijuca e Jacarapaguá, por entre o matto, fértil de extraordinárias arvores e de rara beleza, no numero 6, ali moravamos, havia tres annos, sem que nenhuma contrariedade mais forte nos aborrecesse, a não ser o estado doentio de uma idolatrada filhinha e a perda de um outro filho, de sete mezes, victima de enterocolite.

Alli, n'aquelle canto, longe do meio ruidoso, quem diria que, depois de tantos annos de apparente tranquillidade, a nossa casa seria theatro de scenas que jamais tinhamos observado?!

*

Começou o nosso desassocego com a vinda para a nossa casa de um pequeno, afilhado de uma parenta nossa, o Nelson.

Orphão de mãe, Nelson Gonçalves, rapaz de côr, de constituição fraca, de onze annos de idade e natural de Itagua-hy, Estado do Rio, precisava da protecção da madrinha, que, de facto, o agasalhou, tratando-o como filho, nada absolutamente faltando de confortavel, para que deixasse de ser considerado uma creança feliz.

Notavamos, eu e minha mulher, que o Nelson exercia sobre a nossa filhinha uma acção poderosa; o que elle queria que a menina fizesse, ella fazia, obedecendo humildemente.

*

Os mezes de maio e junho foram, então, para nós de uma crueldade atroz. A 24 de maio, commemoração do feito brilhante de armas nos campos do Paraguary, Tuyuty, estava minha mulher dando leite á filhinha, na sala de jantar, quando lhe atiraram uma bola de barro, nas costas. Não tardou muito que lançassem outra, depois outra, e successivamente foram cahindo bolas em minha mulher, em minha filhinha, em minha tia, no chão, nos moveis, etc.

FOLHETIM

(42)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

I

A's 5 h 14 da manhã tomei o trem, chamado o mineiro, com destino a S. João d'El Rei, onde ia tentar a virtude das Aguas Santas, para o que dispuz da estação calmosa, cá na corte.

Encantadora viagem! Na rapidez quasi vertiginosa do «cavallo de fogo», passavam-me pelos olhos, como sombras fugitivas, os objectos mais proximos; lá, ao longe, porém, onde o céu se desprende das alturas e vem tocar a terra, como se esmaltava de verde e azul, cambiantes, o horizonte que se descortinava á minha vista!

Eram campos e planicies, a que não punham limites meus raios visuaes, cobertos de fina pennugem, aloirada aos raios do sol, ou da grossa cabelleira esmeraldina, donde, por imaginação, firmada na associação de idéas, me assaltavam os ouvidos doces accordes dessa harmonia deliciosa que sóbe da terra ao céu, em singelos hymnos entoados pelos mimosos filhos de Deus, volateis habitantes das florestas.

Eram, de outro lado, gigantescas montanhas, ainda cingidas do azulado véo com que se nos apresentam de longe, por encobrir-nos a feia catadura de seu corpo mal conformado e brutalmente composto de rocha e terra, com reentrancias e saliencias pavorosas.

Nós caminhavamos acceleradamente para um daquelles monstros que parecia quererem tolher-nos a passagem tão alto, tão ingreme se erguia diante do nosso trem.

Foi ousadia, igual á dos Titães, lembrar-

A principio suppuz que viessem dos terrenos fronteiros á casa. Fechei as janellas, portas, etc.; mas continuavam as bolas de barro a attingir-nos. Mudámos de sala, fomos para a de recepção, e continuámos a ser alvo das bolas. Minha filhinha, muito nervosa, impressionada que estava, custou a conciliar o somno, vindo dormir pelas oito horas, hora em que, felizmente, acalmou e, como por encanto, socego de todo o que vimos de narrar.

O tempo estava humido. No dia seguinte, fazendo as minhas observações, fiquei certo de que aquellas bolas eram devidas aos maribondos, que construíam suas casinhas nas paredes, de modo que desprendendo-se o barro, determinavam aquelle acontecimento. E não se falou mais no caso, nas nossas conversas.

*

A nossa criação de gallinhas passava por ser uma das mais bonitas do logar. Andavam soltas e, de facto, admiravamos não ser o nosso gallinheiro victima de algum animal do matto, porquanto a nossa casa ficava perto da floresta.

Não posso precisar a data. Ao chegar á casa, em um dia de sol quente, soube que uma irãra, bracaia, ou outro animal, tinha matado seis gallinhas, sem, contudo, carregal-as.

O Nelson tinha visto o animal; ninguém o vira. Um caçador chamado para ver se, de facto, seria bracaia, o Sr. João do Amaral, nosso visinho, ficou cerca de duas horas, escondido, espreitando, de espingarda á mão, e nada viu. Apenas o Nelson ficava sósinho, gritava «que o bicho lá estava». E nada viamos: tudo calmo; o menino parecia mentir.

No dia seguinte continuou a mesma balburdia. Ora corria eu, ora corria outra pessoa da familia, distribuíamos vigias pelo matto proximo, nada se observava; sómente Nelson, quando deixavamos os postos de observação, via um bicho malhado de branco e preto e cauda curta.

A nossa criação desaparecia. Era um inferno!... Era de mais, não tinhamos socego, viviamos perseguidos, a alegria tinha desaparecido de nossa casa,urgia deliberar...

se o homem de investir contra aquella tremenda barreira, posta alli pela mão de Deus, para quebrar-lhe os impetos, ou para provocar-lhe maior esforço!

Foi para isto, sim; porque, do contrario, elle já mais poderia superal-a.

Mas como fazer subir a tão desmedida altura, um comboio de enorme peso, puchado por força dinamica, descoberta do nosso seculo?

Vamos ver o prodigio. Estamos em Belém, e a montanha ergue-se diante dos nossos olhos, a dois passos de nós.

Tomámos mais possante locomotiva e affrontámos o impossivel.

O impossivel começa a desconfiar de seu valor, vendo a locomotiva, com sua longa cauda, enfiar triumphalmente pelas primeiras linhas de suas eternas trincheiras.

E' o trem que, por curvas, quebradas e zig-zags, vai conquistando a encosta, a parecer uma lagartixa escalando alta parede. Já se vêem as planicies do sopé tão de alto, que o homem parece uma creança lá embaixo; mas, não canteis o triumpho, oh vós, que tentais o impossivel.

Ahi se eleva, em frente a nós, uma escarpada fortaleza, que não é das que podeis galgar pelo methodo seguido até aqui.

Mas o trem, a locomotiva, avança sem se perturbar, e o impossivel treme. A natureza lucha com o homem!

O que pretende o homem? Levar a locomotiva entre a massa granitica, fendel-a, abrir caminho e passar?

Oh! loucura! loucura! Serás esmagado pela força bruta! O impossivel, a natureza, triumphará!

Mas a locomotiva avança sem se perturbar, e o impossivel treme até o grande seio da natureza e, n'um momento, as trevas não nos permittem ver o que se passa; e poucos minutos após estavamos em plena luz, estavamos além da muralha, que a natureza levantou, como orgulhosa pretensão de ser eternamente inexpugnável!

—Meu Deus! meu Deus! foi o brado que irrompeu de meu peito, vendo o impossivel da natureza estendido e exangue aos pés do homem! Meu Deus! perdôa aos que acreditam que esta centelha divina, que subjugou as forças da natureza, não passa de feitura da propria que ella domina e dirige. Creatura superior ao Creador!

Foi o que fizemos. Separámo-nos das poucas cabeças que nos restava e, então, pudemos gozar um pouco de tranquillidade.

*

Treze de junho, dia de Santo Antonio, dia frio. Chego á casa ás 5 horas da tarde. Minha mulher ali não se achava. Recebo um bilhete seu, dizendo que se retirava com a filhinha, porque as bolas tinham reaparecido com mais força e mais assiduidade.

*

Vou jantar. A' noite leio A Noticia, á mesa da sala. Sinto que alguma coisa me cai nas costas: uma bola de barro cai sobre o jornal. Levanto-me, fecho a casa, quero observar.

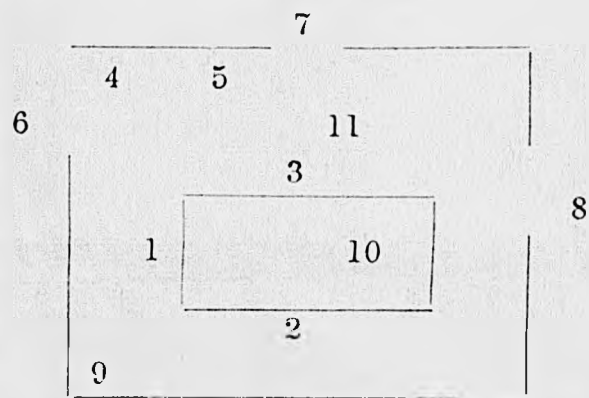
Abro os guarda-roupas, commodas, dou uma busca minuciosa na casa e prendo-me com minha tia e um primo em um pequeno quarto.

Que horror! As bolas cahem de encontro aos vidros da porta, succedem-se com força. Saio e examino-as: são amassadas com feijão e arroz, comida dos gatos, que estava na cosinha. Prendo-me novamente. Continua o bombardeio, vejo luzes, abro a porta e deparo com um brazeiro, um grupo de brazas que tinham sido arremessadas do fogão.

Immediatamente dou ordem para que seja apagado o fogo.

Tive uma desconfiança. Atribui á Amancia, a empregada, e ao Nelson o que se passava na minha casa.

Comecei a observal-os. Fil-os sentar, de modo que os visse (4 e 5). Colloquei-me na extremidade da mesa (1), tendo ao meu lado direito (2) minha tia e do lado esquerdo (3) meu primo Pericles, conforme o seguinte desenho:



Quando chegámos ao alto da serra, eu tive impetos de soltar aos ventos um brado de louco, louco de entusiasmo, proclamando a grandeza do engenheiro brasileiro!

E a locomotiva, com fleugma verdadeiramente britannica, continua, serena, sua marcha, como marcha, pelo meio das selvas o possante e intemerato leão, terror dos bosques.

Lá adiante, corre o comboio margeando o formoso Parahyba, que aqui nem de longe se parece com aquelle que admirei em Campos, magestoso como um sultão percorrendo os paços das suas odaliscas.

Encanta, assim mesmo; ao menos eu me sentia alegre de vel-o, em suas furias infantis, talvez porque não ha para mim quadro mais encantador do que o de aguas correntes.

A' sua margem descortinam-se, espalhadas pelos campos ribeirinhos, habitações ruraes, cujos rusticos typos servem de agradável diversão a quem vai da corte.

O typo das casas se harmoniza perfeitamente com a moldura que lhe empresta a natureza campestre.

O homem tem mais viva do que outro qualquer animal a faculdade de assimilar os elementos que o cercam e de se afazer ás condições do meio em que vive.

E' por isso que, nos grandes centros civilizados, onde impera a arte, elle constroee artisticamente seu ninho, e nos desertos sertões, onde não se conhece arte, elle o prepara ao gosto da natureza local.

Embora rusticas, eu amo aquellas habitações, que condizem com o solo accidentado em que assentam, com a desordem na distribuição dos montes e valles, dos bosques e clareiras, dos rios e lagos, de tudo enfim, que a natureza espalha, sem cuidado de preparar harmonia, mas que, no entanto, concorre para a harmonia universal.

Aquelles quadros bucolicos me arrebatam a alma, enojada d'esse viver da corte, comparavel ao Mar Morto, onde nada vegeta e nada vive, porque suas aguas, como os sentimentos dos nossos homens, são betuminosas.

Aqui, nestes campos que percorro com a vista, tudo é risonho e fecundo; porque a natureza ainda impera sobre o coração hu-

Da cosinha (6) atiraram n'esse momento uma panella de barro á sala de jantar (11). Logo em seguida, sobre a mesa (10) lançaram uma caneca cheia d'agua, depois outra caneca cheia de milho e um punhado de guando, que la servir para o almoço do dia seguinte e que estava sobre a mesa da cosinha.

Do outro lado, do meu quarto, (8) arremessaram uma bola de biscuit, que adornava o meu lavatorio, vindo ella quebrar-se na sala, e, em seguida, uma boneca de louça de minha filhinha.

Da esquerda (7) veio uma cestinha de costura, a tampa e outra cesta, grande, tambem de costura.

Então, como fosse a primeira vez que presenciava aquelle mysterioso facto, tive medo, senti a verdade do que, em conversa, amigos de outras creanças narravam.

Tudo varejavam: panellas, louça, uma garrafa que veio quebrar-se aos meus pés, um alguidar de ferro, cisco do depositado, facas, pedras, etc., etc.

A's onze horas foi minha tia fazer a cama para o Pericles. Das sandalias que estavam no quarto, uma pulou no cortinado, a outra no toilette. Corro para ver mais esse phenomeno, quando da sala (9) atiraram uma laranja ao meu quarto, (8) uma peneira de bananas e, por fim, a trempe de ferro, onde se aquecia o leite para minha filha. Vendo que não podia dormir, estando a casa n'aquelle estado, decidi-me a me plantar novamente onde estivera (1) antes.

Novos objectos são jogados, novas bolas de feijão, de arroz, são arremessadas, isto até á meia noite, quando fomos para a varanda da casa, fugindo aos horrores da lucha travada com os desconhecidos. Chovia fortemente, lá fora; mesmo assim affrontámos o tempo ingrato e permanecemos na varanda, protegidos com cobertores, julgando que ficaríamos livres dos nossos perseguidores.

Enganados que estavamos!

Não sabíamos por onde, pois tinhamos cerrado a porta, passavam laranjas, bananas, e as arremessavam contra nós. Causa admiração o apparecimento da cesta grande de costuras na varanda. Foi preciso prendel-a para deixar-nos tranquilllos. A' uma hora fizemos um reco-

mano, e o homem ainda vive abraçado com ella.

Vêde aquella singela habitação, situada n'uma bella collina, cercada de fructeiras, de roseiras e jasmineiros, tendo, além do campo, uma larga cortina de matta virgem.

A' porta dorme o cão fiel, enquanto seu senhor está acordado, para vigiar enquanto elle dormir.

E' melhor policia do que a nossa, que mais nos ameaça do que nos defende.

No campo, um rebanho de mansas ovelhas, cujos filhinhos ensaiam forças, em carreiras e corcovos, e voltam ao seio maternal, para descansar do esforço que fizeram.

Ao lado, bois de carro, deitados a remorem, cogitando, porventura, no pesado trabalho a que os obriga o homem, que não pode, aliás, medir forças com qualquer d'elles.

E' a representação da eterna scena: de um homem submeter á sua vontade uma nação, um povo, muitos milhões de seus semelhantes.

Além, muitas vacas de leite, tosquiando a relva e chamando de vez em quando os ternos filhinhos, por que se não afastem muito, com zelo que nem todas as mães sabem ter.

E, no meio de tudo isto, um grupo de cabritinhos, a saltarem de pedra em pedra, fazendo artes gymnasticas, que pareciam impossiveis.

De carreira, mal pude apanhar os traços geraes daquelle moldura do quadro vivo que representa os habitantes daquelle meio paraíso.

Ah! se eu pudesse! Mas o homem, apezar de livre, é como o vento: obedece ás condições da vida, como este ás da atmosphera; não vive onde quer e como quer, como o vento não sopra indifferentemente nesta ou naquella direcção.

O nosso destino nos arrasta. Os desequilibrios de temperatura arrastam os ventos.

São 2 h 12 horas da tarde. A locomotiva deve estar fatigada da lucha homérica que sustentou.

Eil-a que pára. Onde parou? Estamos na estação do Sitio, termo de nossa viagem pela estrada de ferro D. Pedro II.

Continúa).

- D'onde viera?
- Da Germania.
- Ha quanto tempo?
- Ha tres dias.
- Como viera?
- Pelo ar.
- Quanto tempo se demorava?
- Tres semanas.

Como este systema de conversação tivesse proseguido por algum tempo, ella modificou extraordinariamente as suas maneiras, mostrando-se um tanto arrependida e confidencial, dizendo querer ser sincera, dando o seu verdadeiro nome.

Não era uma mulher; o seu verdadeiro nome era Willie.

Tendo-lhe sido perguntado o nome de seu pae, respondera «Pedro Canning,» mas que seu verdadeiro nome era Willie Canning, e que era moço; accrescentou que, fugindo de casa, cahira em difficuldade, tendo mudado muitas vezes de nome e que finalmente morrera e se achava agora alli porque precisava estar, etc.

Cansada então de responder e de entrar em detalhes, voltou-se para o Dr., com uma perfeita chuva de perguntas como estas: «Como vos chamais? Onde viveis? Sois casado? Quantos filhos? Quantos meninos? Quantas meninas? Qual a vossa occupação? Que especie de Dr. ? Porque viera a Watseka? Já estivera no polo Sul, na Europa, na Austria, no Egypto, Ceylão, Bonariz, illhas Sandwich? — e, por uma longa serie de perguntas, mostrou conhecer a geographia. Por ultimo, perguntou por habitos de moralidade de Dr., formulando do seguinte modo as suas perguntas:

— Mentis? gostais de beber, roubar, praguejar? Usais do tabaco, chá, café? Ides á igreja? Oraís? etc., etc.

Disse então ter de fazer as mesmas perguntas ao Dr. Roff, mas que deixava de fazel-as já por si mesma, pois as faria por intermedio do Dr., devendo tambem ser ellas repetidas por elle á Sra. Vennum, oppondo n'essa occasião algumas replicas muito desagradaveis.

Quando, cerca das cinco e meia da tarde, os visitantes se levantaram para partir, tambem ella se levantou e, deixando cahir as mãos, precipitou-se sobre o soa-lho, erecta, entorpecida e rigida, como os sensitivos (mediuns) que cahem influenciados por um espirito, nas reuniões methodistas de incorporação: e, acreditando o Dr. ser esse facto da mesma natureza, teve occasião de o verificar, como já havia feito quanto a essas influencias, exercendo autoridade sobre o corpo e o

espirito, restituindo-os a um estado racional e normal, a despeito da mediumnidade.

Sentando-se de novo os visitantes, tomou as mãos da moça, as quaes estavam como que amarradas em barras de ferro, e, por meio da acção magnetica, dentro em pouco havia submettido o corpo á perfeita sujeição, segundo as leis da sciencia spirita, em franca communicação com o sao e feliz espirito da propria Lourença Vennum, que conversou com a jovialidade e docura de um anjo, declarando estar no céu.

N'esse estado, respondeu ás perguntas do Dr. relativamente a si mesma, sobre a sua molesta e influencias predo minantes, com grande discernimento e raciocinio. Pesava-lhe ter tão más influencias sobre si, dizendo conhecer os maus espiritos, denominando-os Katrina, Willie e outros. O Dr. continuou a suggestionar-lhe o espirito, em ordem a preparar uma orientação que lhe fizesse mudar as influencias, esclarecendo-a e instruindo-a, enquanto se achava n'aquellas boas disposições; e então perguntou-lhe se, a ser dominada, não seria muito preferivel que o fosse, em caso possivel, por uma influencia mais elevada, mais pura, mais feliz, mais intelligente e razoavel.

Respondeu-lhe ser preferivel que tal coisa fosse possivel. Sendo então convidada a olhar os que lhe estavam em torno, os quaes via, descrevia e nomeava, afim de procurar encontrar alguém que quizesse obstar a que a cruel insanía viesse incommodal-a, assim como a sua familia, respondeu immediatamente haver muitos espiritos que ficariam satisfeitos em vir, e de novo começou a citar nomes e fazer descrições de pessoas ha muito fallecidas, algumas das quaes ella nunca conhecera, mas que eram conhecidas das pessoas presentes.

— Ha, porem, um anjo, disse ainda, que desejava vir e precisa vir.

Interrogada se sabia quem era, respondeu chamar-se «Maria Roff». Estando presente o Sr. Roff, disse ser sua filha que, havia doze annos, estava no espaço; que, se ella viesse, ficariam todos muito satisfeitos com a sua vinda.

O Sr. Roff certificara Lourença de que Maria era boa e intelligente e que a auxiliaria em tudo que pudesse, expondo-lhe, alem disso, que Maria costumava estar nas condições em que se achava. Lourença, depois de deliberar e aconselhar-se com os espiritos, disse que Maria tomaria o logar da má e desarrazoada influencia. Replicou-lhe o Sr. Roff:

Que esplendidas paisagens as dos chamados «campos geraes»!

Lá para o norte, quem diz campos, diz terrenos planos ou planicies, em que não avultam, aos olhos do observador, os pequenos e raros monticulis, que possam ali existir.

Os campos geraes mineiros são coisa de outra ordem; são uma ininterrupta successão de morros, entre os quaes raros e insignificantes são os terrenos planos ou planicies, que se possam encontrar, na extensão de leguas e leguas.

A direita, pois, e á esquerda da linha que seguimos, descendo do Sitio para S. João, sempre e invariavelmente morros ou campos geraes, talvez assim chamados pela notavel circumstancia de serem cobertos de pastos, com raros arbustos e ainda mais raras arvores.

Aquella falta de bosques, que são o ornamento dos campos, poderia fazer desagradaveis á vista os de que tratamos; mas essa mesma singularidade encanta e deleita.

E' pelo meio d'esses accidentes que se atira em vertiginosa corrida, sem duvida mais rapida que a marcha do trem, que é brigado a fazer mil zig-zags, o famoso rio das Mortes.

Se não fôra elle tão fraco, em volume d'agua, n'aquellas paragens, palavra que eu preferiria atirar-me a uma piroga e fazer assim a viagem para S. João, a cujos pés se espreguiça, já então volumoso e carrancudo, como para metter medo.

A viagem seria mais rapida.

Chamou-me a attenção a multidão de pyramides de barro vermelho, que desordenadamente se elevam pelos morros, á direita e á esquerda da via ferrea, sendo umas da altura de um homem, com uma base de forma circular e de mais de um de diametro.

Ainda não tinha eu visto aquellas coisas, nem durante o trajeto na E. de F. D. Pedro II, nem mesmo na Oeste de Minas, até

— Tendo vossa mãe vos trazido á minha casa, Maria provavelmente virá, e um mutuo beneficio pode resultar da nossa primeira experiencia com Maria.

Assim, impressionando o espirito são da moça e, por seu intermedio, attrahindo as boas disposições de uma melhor classe de espiritos, fez-se um convenio, ou contrato, sagrado pelos anjos nos céos e agentes celestes na materia, pelo qual um organismo devia ser restituído á saude; um espirito infeliz na vida terrena, com doze annos de experiencia na vida espirital, reparar uma provação terrena; uma moça ser mediumnizada e transformar-se em excellente medium, uma cidade zombadora e sem fé, confundida; e a maior verdade do mundo, jamais vista, foi observada no meio da duvida e da contestação. Por quanto tempo foi o contrato feito pelos espiritos e colaboradores terrenos, a continuação d'esta narrativa o dirá.

Tendo conseguido nessa occasião o fim de sua visita, perguntou á moça o Dr. Stevens:

— Quanto tempo precisais conservar-vos n'esse céu?

— Sempre, respondeu ella.

— Tendes, porem, que voltar, por causa dos vossos amigos?

Respondeu-lhe affirmativamente.

— Quando voltareis?

— A' meia noite.

— Mas a familia precisa descansar. Não podereis vir mais cedo? Podereis vir ás nove horas?

— Sim.

E cumpriu.

Na manhã seguinte, sexta feira, 1 de fevereiro, o Sr. Vennum foi chamado ao escriptorio do Sr. Roff, onde o preveniram de que a moça dizia ser Maria Roff e precisava ir para casa. Empregando as proprias palavras do Sr. Vennum, «ella se assemelhava a uma verdadeira creança, atacada de nostalgia, desejando ver o papá, a mamã e os irmãos.»

A 11 de fevereiro, mandaram a moça para a casa do Sr. Roff, onde encontrou seus paes e todos os membros da familia, dando as mais expressivas demonstrações de amor e afeição por palavras e abraços. Sendo-lhe perguntado quanto tempo ficaria, disse «que os anjos deixariam que ella ficasse até maio»; e considerou alli a sua casa até 21 de maio, durante tres mezes e dez dias, feliz como filha e irmã estimada, em um corpo emprestado.

Depois que se achava em casa do Sr. Roff, o Rev. Baker disse ao Sr. Vennum:

certa distancia do Sitio, e foi isto mais um motivo para intrigar-me a descoberta.

Parecia a tal novidade, pela regularidade de sua forma geometrica, obra das mãos do homem e eu me perdia em conjecturas por descobrir-lhe a razão de ser.

Não pude chegar, por mim só, a saber o que era aquillo e para o que servia; mas um companheiro de viagem, o capitão Zeca, como ouvi chamal-o, disse-me muito mais do que me era mister para não ter eu mais duvida áquelle respeito.

Fiz-lhe uma simples pergunta, e o homem respondeu-me com um arrazoado que me tomou quasi o resto da viagem.

— Aquillo é casa de cupim, — raça damninha, que domina toda a zona dos campos geraes, como o Sr. vai ver daqui até o fim de nossa viagem. disse-me o capitão. — e parece que estava tudo dito; mas o homem tinha o prurido de falar; e o peor foi tel-o eu provocado.

— Alli, n'aquellas casas de cupim, continuou, vem muitas vezes se alojar uma cobra ou um casal dellas, que se alimenta, não sei se de tal insecto, mas principalmente de leite.

— De leite? Onde vai ella buscar leite?

— E' uma historia muito curiosa, meu senhor, mas verdadeira, como se o senhor estivesse vendo. Não sei porque artes o demonio da cobra acostuma uma vacca parida a vir ao cupim todas as tardes, antes de ir para o curral, a dar-lhe de mamar. A vacca, á hora certa, deixa o pasto e vem mugindo, como se fosse para o bezerro, e encosta-se ao monticulo e deixa a cobra tomar-lhe os peitos, até sugar-lhe todo o leite do ubere, sem precisar sahír da toca, fóra da qual não deita mais que a cabeça e uma parte do corpo. Assim que a vacca se sente desmamada, volta ao pasto ou segue para o curral, onde o filho embalde procura o que lhe é devido, ou somente encontra o sobejo da esperta cobra. Isto é tão sabido por estes campos, que os fazem

— Eu só quero ver quando quereis mandal-a para o asylo.

O Sr. Jolly referira que, se ella voltasse, viria peor do que nunca; um outro parente, mais religioso do que humano, disse que acompanharia mais facilmente uma de suas filhas á sepultura do que deixaria ir á casa de Roff e tornar-se uma spirita. O Dr. Jewett denominava aquillo «catalepsia em segundo grau», o que é tão exacto e sufficiente como explicação do caso, como é a fraude, como explicação de qualquer nova descoberta scientifica, verdade inaceitavel pela ignorancia popular.

(Continúa)

Experiencias do Dr. Paul Gibier

VI

Pode ser notado que não publicamos os nomes dos nossos confrades ou amigos que assistiram ás nossas experiencias; alguns delles, porém, nos prometteram autorização para isso, caso se tornasse necessario. Foi, sobretudo, graças a esse facto que comprehendemos o procedimento de sabios que, tendo observado as mesmas coisas que nós, guardaram a esse respeito absoluto silencio. Medimos tambem o perigo a que nos expunhamos, projectando publicar as pesquisas que fazem o assumpto da presente obra e, não dissimularemos, sentimo-nos tomado de certa apprehensão, que mais de uma vez se reflecte n'estas paginas.

Sabemos que o Sr. W. Crookes passou pelas mesmas provas, como se vê da seguinte nota contida em sua obra, depois de uma passagem em que, citando uma experiencia analogá ás outras, elle diz: «Os investigadores presentes eram: um eminente physico altamente collocado na Sociedade Real, ao qual chamarei Dr. A. B., um doutor em direito bem conhecido, que chamarei C. D., meu irmão e meu ajudante de chimica.»

O Sr. W. Crookes accrescentava: «E' má prova da independencia de opinião, tão apregoada, de certos homens da sciencia, que elles tenham por tanto tempo se recusado a emprehender explorações scientificas sobre a existencia e a natureza de factos affirmados por tantas testemunhas competentes e dignas de fé, uma vez que se os tem convidado frequentemente a examinal-os, onde e quando lhes aprouvesse. Pela minha parte, gosto muito de procurar a verdade e a descoberta de alguns factos novos da na-

deiros, sempre alerta, quando vêm um bezerro definhir, já sabem qual é a causa, e acompanhando a vacca, descobrem e matam o ladrão do leite.

— E a vacca nada soffre?

— Absolutamente nada. A cobra precisa della, e põe todo o cuidado em não ferir-lhe o peito com as presas por onde corre o veneno.

— Sim, senhor, pensei eu. Ha no animal mais do que o instinto: ha visiveis signaes de raciocinio. Com quem aprendeu aquelle ophidio, cujo instinto é atacar, ferir e matar, a deixar esse instinto e não atacar, não ferir, não matar, porque precisa da vida do animal que o alimenta?

Vendo-me pensativo, o capitão procurou distrahir-me, contando-me que os povos d'aquelles logares, muito amigos de pães de milho e de outras preparações que se assam em forno, usam aproveitar as casas do cupim para aquelle fim; fazem dellas seus fornos, das dimensões que precisam.

Aquella massa é compacta, como se o barro tivesse sido bem cosido, e, pois, elles destacam-na do solo e a brocam até lhe darem as disposições de um forno, menos a base, que fazem á parte e sobre a qual assentam e ligam com barro aquella especie de campanula.

Abrem de um lado a bocca e, sem maior trabalho, ali têm muito bem aproveitado o trabalho do cupim.

— Isto não faz a cobra, disse, como para responder ao meu pensamento, e, portanto, o homem é sempre superior a todo o animal.

N'estas conversas, chegámos a S. José de El Rei, hoje Tiradentes, velha cidade banhada pelo rio das Mortes, que já teve seus dias de glorias e prazeres, e que hoje parece mais um cemiterio do que habitação de vivos.

O capitão deixou-me ahi, e eu meia hora depois cheguei a S. João, termo da minha viagem.

(Continúa)

FOLHETIM

(43)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

II

Parou o mineiro na plataforma da estação do Sitio, donde já se poderia olhar para esta cidade, como se estivessemos nas nuvens, muitas das quaes pairam abaixo dos nossos pés, — dos pés de quem se acha no formoso e saudavel Sitio.

Do lado opposto ao armazem, começa a encher-se de forças para galgar, em quatro horas, o espaço que vai dalli a S. João de El-Rei, a locomotiva da Oeste de Minas, que tem de partir ás 3 horas.

Tomar as malas, dizer adeus aos companheiros, que continuam a viagem no pesado trem em que embarcámos na cidade, e passar para o outro lado, para o trem da Oeste, foi e isa de dois minutos.

E eis-me repimpado no novo carro, em verdade, limpo e de agradável aspecto, donde teria de apreciar a nova secção da minha viagem.

Como era da pragmatica, tres horas soando, e o trem largando, o que me causou boa impressão, acostumado a considerar a pontualidade em nossa terra a *avis rara* de que falam os philosophos e poetas.

Quasi posso dizer que só isto me dispoz tão benevolamente para com a administração da estrada, que fechei os olhos a certas faltas, como a de não haver agua ao trem, a de dar elle bem rudes solavancos, ou por falta de nivelamento da linha, ou por defeito dos mancaes, e outras *quidem jurturis*.

um confuso e estranho rumor, provindo das colinas arenosas.

Leve e grave a principio, elle se torna depois mais intenso e agudo, passando por diversas gradações. Primeiro parece que se escuta o ruído de trovões longínquos, o som produzido na terra pelo galopar da cavallaria, depois os graves acordes do violoncello e, afinal, os mais agudos e doces sons da harpa colea. Muitas vezes todos esses sons se misturam e combinam, ora formando estranha confusão, ora um maravilhoso concerto de intensidade bastante, para que o viajante o perceba com verdadeiro assombro.

E' de notar que esse phenomeno nem sempre se verifica com a mesma forma e intensidade, mas parece ter tão mysteriosas relações com o estado da atmosphera que, segundo o calor e a humidade d'ella, a hora e o vento, os sons produzidos pelas arcas são mais ou menos distinctos. O beduíno, sempre supersticioso, crê que são os genios o os espiritos bem-fazejos que o avisam da mudança do tempo, da vinda da chuva ou da secca.

EXTRACTOS DE DISCURSOS:

De Victor Hugo no centenario de Voltaire:

Inclinemo-nos ante os veneraveis. Pegamos conselhos áquelle cuja vida, util aos homens, se extinguiu ha cem annos, tendo realizado uma obra immortal. Pegamos tambem conselhos aos outros immortaes pensadores, aos auxiliares d'esse glorioso Voltaire, a Rousseau, a Diderot, ou Montesquieu. Concedamos a palavra a essas grandes vozes. Detenhamos o deramamento de sangue humano. Basta, basta, despotas! Ah! A barbaria persiste; pois bem, que a philosophia proteste.

Os philosophos, nossos predecessores, são os apostolos da verdade; invoquemos suas illustres sombras; que diante das monarchias, fazendo soar o clarim de guerra, elles proclamem o direito do homem á vida, o direito da consciencia á liberdade, a soberania da razão, a santidade do trabalho, a bondade da paz; que a noite desça dos thronos e a luz saia das tumbas.

De Emilio Castellar:

A verdade é que não se pode ir contra as leis da natureza, contra as leis da consciencia.

O espirito é um só, como a natureza é uma só essencia.

Mas o espirito e a natureza têm suas leis, fóra das quaes elles não podem mover-se.

A lei do espirito é a contradicção, porque elle é livre. Se não houvesse o bem e o mal, não haveria a moral; se não houvesse verdade e erro, não haveria sciencia; se não houvesse fealdade e formosura, não haveria arte; e se não houvesse materia e espirito, não haveria homem. O homem deve, sim, dominar, vencer tudo quanto lhe seja contrario, tudo quanto tenda a perdê-lo; mas não deve dizer: «Meu Deus, tira-me a razão, porque pode pensar errado; tira-me a consciencia, porque pode justificar um vicio; tira-me a imaginação, porque pode idear a fealdade; tira-me a liberdade, porque pode levar ao mal; destróe o meu corpo, a minha organização, porque pode manchar o meu espirito».

A harmonia dos contrarios, a synthese da antithese é a força, é a vida do homem. O conhecimento que elle tem da existencia do mal é como um pharol que lhe assignala o bem; a consciencia da maldade, do vicio, o leva á virtude; a existencia da fealdade o inclina a amar mais a formosura, e o erro faz resplandecer a seus olhos, com uma luz mais viva, a verdade.

FACTOS

Um caso celebre

CURA DE LOUCURA PELO SPIRITISMO

(Traduzido do *Religio-Philosophical Journal*, de Chicago, pelo Dr. Antonio Costa)

(Continuação)

A moça parecia perfeitamente feliz em sua nova residencia, conhecendo a todos e tudo o que Maria conhecia em seu corpo original, de doze a vinte e cinco annos, reconhecendo e designando pelos nomes os amigos e vizinhos da familia, de 1852 a 1865, época em que Maria fallecera, chamando a attenção para factos e accidentes aos centos, que se passaram durante a sua vida natural.

Enquanto esteve em casa do Sr. Roff, não conhecia ninguém da familia Ven-

num, amigos ou vizinhos, se bem que o Sr. e a Sra. Venum, assim como seus filhos, visitassem-na, sendo-lhe apresentados como estranhos. Depois de frequentes visitas, e de ouvir falar d'elles tão favoravelmente, aprendeu a estimar-os como conhecidos, e visitou-os, juntamente com o Sr. Roff, por tres vezes. De dia para dia, ella apparecia natural, alegre, affável e dedicada aos affazeres domesticos, procedendo como uma filha ajuizada, cantando, lendo, ou conversando, quando se offerecia oportunidade, sobre assumptos da familia, de interesse privado ou geral.

Tres dias depois da sua vinda para a casa do Sr. Roff, encarando este e parecendo estar em uma especie de lucubração retrospectiva, perguntou:

—Oh! pae, quem é que costumava dizer «atrapalhaste»? E riu-se muito alegremente, quando viu que elle percebia ser o proprio que usava d'essa expressão, habitualmente sua, no tempo em ella era mocinha, cerca dos doze aos vinte annos.

Uma vez encontrou uma velha amiga e vizinha do sr. Roff, que ficara viuva quando Maria era apenas menina. Alguns annos depois, esta senhora casou-se com o Sr. Wagoner, com quem ainda vivo.

Pois bem, encontrando-se ella com a Sra. Wagoner, abraçou-lhe o pescoço, dizendo-lhe:

—Oh! meu Deus, voce não mudou nada; está a mesma coisa, desde o tempo em que a vi até á minha volta.

A Sra. Wagoner estava de algum modo aparentada com a familia Venum, mas vivendo separada, Maria podia apenas chamal-a pelo nome por que era conhecida ha quinze annos e não podia parecer-lhe que ella fosse casada. Morava bem defronte da rua em que residia o Sr. Roff, já ha muitos annos, alguns mezes antes da morte de Maria, e eram muito intimos, pois que pertenciam á mesma igreja methodista.

Alguns dias depois de sua estada na nova casa, a Sra. Parker, que fóra vizinha da familia Roff em Middleport, em 1852, e que actualmente, em 1860, morava muito proximo, em Watseka, visitou-a juntamente com sua cunhada Nellie Parker.

fresco, leve e puro, de regalar os pulmões de quem vinha de uma terra onde se respirava um ar na temperatura de 34 graus e, mesmo assim, pesado e cheio de miasmas, como as exhalações das historicas Lagoas Pantinas, graças á nossa municipalidade, de mãos dadas com a nossa junta de hygiene.

O povoado está n'um valle accidentado, por meio do qual corre um bello ribeiro, em verdade bem mal cuidado, estendendo-se de um e de outro lado, pelas encostas de altos morros, excavados pelos exploradores das minas de ouro, dos quaes ainda se vê, para lembrança, na subida do Bomfim, uma longa fila de casebres por elles edificadas e que foram os primitivos germens da grande cidade de hoje.

As casas, com rarissimas excepções, são de gosto da roça; mas as igrejas são de boa architectura, especialmente a de São Francisco de Assis, que é um monumento sem superior no seu genero.

E, entretanto, architecto e operarios foram todos curiosos da terra.

Está nas actas da irmandade, do seculo passado, está claro, o seguinte curiosissimo facto:

Cogitava, sem poder sahir dos apuros de obter uma imagem do orago, digna do grandioso templo, a irmandade como alcançar o grande desideratum, e eis que apparece-lhe um homem, aleijado ou privado da mão direita, a propor-lhe a feitura da imagem, esculpturada em granito.

Dizem as actas que esse homem, de ninguém conhecido no logar, encarregou-se da empreza, sem ajuste previo, deixando á irmandade pagar-lhe o trabalho pelo que valesse a obra, e não exigindo senão pão e agua enquanto trabalhasse.

Puzeram-lhe um bloco de cantaria n'um telheiro fechado, que ainda vi, ao pé da igreja, e ali encerrou-se o tal esculptor, que ninguém via, e não se sabia se era vivo senão pelo tinar do escopro na rocha.

Não sei quanto tempo tiniu e retiniu o ferro lá por dentro do telheiro fechado, que o povo curiosamente espiava; e o que sei, porque dizem as actas, é que um dia os curiosos não ouviram o tinar do escopro,

Maria immediatamente reconheceu ambas as senhoras, chamando a Sra. Parker de «Auntie Parker» e a outra de «Nellie», como quando conhecidas, havia dezoito annos. Em conversa com a Sra. Parker, Maria perguntou-lhe se se lembrava de quando Nervis e ella iam á sua casa cantar.

A Sra. Parker refere que era a primeira vez que se falava em tal assumpto, nada se conversando a esse respeito com pessoa alguma, e que, de facto, Maria e Nervis tinham por costume vir á sua casa, sentavam-se e cantavam «Maria tinha um carneirinho», etc.

A Sra. Nervis disse lembrar-se d'esse facto muito bem, quando o Sr. Roff era administrador do correio, e que não podia ter sido anterior a 1852, doze annos antes de Lourença ter nascido.

Uma manhã, em fins de março, estando o Sr. Roff no quarto, á espera do chá, lendo um jornal, estando Maria no pateo, perguntou elle á sua mulher se podia encontrar um certo toucado de velludo que Maria costumava usar um anno antes de morrer. Se o achasse, que ella o deixasse sobre a estante, não lhe dizendo coisa alguma, a ver se ella o reconhecia. A Sra. Roff promptamente o encontrou e deixou-o no ponto indicado. Logo que chegou, a moça immediatamente exclamou, ao aproximar-se da estante:

—Oh! eis o toucado que eu usava quando tinha os cabellos curtos.

E perguntou á mãe onde estava a sua caixinha de cartas, e se ainda as conservava.

Respondeu-lhe a Sra. Roff possuir ainda algumas, e immediatamente apresentou a caixinha contendo muitas cartas.

Logo que Maria começou a examinal-as, exclamou:

—Oh! minha mãe, aqui está o collar de que eu gostava! Porque não me mostraste ha mais tempo?

O collar havia sido conservado entre as reliquias da chorada creança, como uma das bellas coisas que usara antes de Lourença haver nascido. E, d'esse modo, Maria continuamente reconhecia todas as coisas e se lembrava de cada incidente de sua meninice.

(Continúa)

FOLHETIM

(44)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

III

Pouco mais de 7 horas seriam, quando o nosso trem tocou a gare de S. João.

Os dias eram grandes, tanto que ainda estava claro, e eu pude ver a plataforma da estação litteralmente cheia de gente, principalmente de familias, vestidas como para uma festa.

Boa impressão deixou-me aquelle facto, apesar de que em todas as estações, desde a corte, observei a affluencia do povo do logar, para ver chegar o trem, coisa aliás que já devia ser velha para toda a gente, pois que se repete todos os dias.

O caso, porém, é que, se é sempre a mesma a vista do trem, varia sempre e a dos viajantes que vêm nelle, e o povo de pequeninos logares se regozija com qualquer novidade, á falta de distracção.

Em S. João, porém, a affluencia era muito superior á toda que eu tinha visto na viagem, inclusive em Juiz de Fora, até mesmo na qualidade da gente que veio receber os novos hospedes, em quasi sua totalidade selecta.

Era a nata da sociedade. vim a saber, que fazia da estação, á hora da chegada do trem, o seu passeio publico, visto que a cidade não tem uma praça que sirva de recreio a seus habitantes.

E, entretanto, é digna d'essa attenção da parte de seu governo, pois que é grande e populosa e tem um movimento como ainda não vi em cidade nenhuma do interior do Brazil, e mesmo nas capitaes que tenho percorrido, com excepção do Recife e da Bahia, e dizem que de S. Paulo, onde nunca fui,

Como é triste chegarmos a um centro populoso, onde nem u'a mão conhecida se estende a dar-nos as boas vindas!

Parece que somos desterrados, ou condemnados, que todos procuram evitar e que em meio de um povo vivemos n'um deserto.

Nunca tive, em mim mesmo, mais perfeita prova de que o homem foi creado para a vida social. Eu me achava cercado de povo, e era triste, porque ninguém, alli, me dizia uma palavra de saudação, e não tinha a quem dizel-a.

Chamei carregadores e dirigi-me para o grande hotel Oeste, cujo agente foi o primeiro a convidar-me.

S. João é a cidade dos hoteis, e pode-se ufanar de tel-os tão bons como os da corte; mas o de Oeste é um estabelecimento sem rival no Rio de Janeiro.

Foi ali que pela primeira vez tomei o gosto da cosinha mineira, realmente propria para formar homens de vigorosa organização.

O soberbo entrecosto de porco, com o feijão da terra, superior em sabor ao que se come aqui, e o famoso angu de milho, feito com o finissimo fubá miúdo, tudo adubado com a legendaria couve á mineira constituem a base da alimentação de toda a terra dos incontinentes.

Ajunte-se-lhe o leite, o queijo e a manteiga, de que aqui não se faz nem pallida idea, e proclamem os bahianos os seus vatapás e carurús, que eu, sem vacillar, entrego-me aos mineiros.

Até as creanças vão commigo pela patria de Tiradentes, pois que tanta variedade de doces e biscoitos nunca vi senão em Campos.

Está claro que eu não vou com ellas por esse lado, para que meu corpo, depois de morto, não seja roído pelas formigas, com detrimento dos direitos sagrados dos vermes.

Ao romper do dia ergui-me da cama e sahi a ver a velha cidade, que já foi o entreposto do commercio da grande provincia.

Apezar de estarmos no verão, o ar era fresco, como nos nossos bons dias do Rio—

que o mesmo silencio houve no dia seguinte, e que, julgando ter o homem adoecido, a gente da irmandade, depois de ter batido á porta, sem nenhuma resposta, fez arrombal-a.

Apezar de achar-se a chave por dentro, não se achava dentro o architecto maneta; mas, em compensação, alli se via, ostentando a perfeição que se lhe admira, a imagem do glorioso santo.

A irmandade, em mesa conjuncta, marcou o preço da obra e determinou que vencesse juro, até que fosse reclamado pelo esculptor ou seus legitimos herdeiros, o que até hoje, tendo já decorrido coisa de seculo e meio, ainda não se deu.

Em poucos dias, habituei-me á rusticidade d'aquella cidade das cercanias, onde já se encontra, de mistura com os costumes sertanejos, uma tal ou qual sociabilidade de gente civilizada.

Assim, por exemplo, o puritano sãojoanense ainda sai a passio ou a visita, sem gravata e sem meias, ainda compra e vende por sua velha moeda: o *cobre*, embora se sirva do papel, do nickel, da prata e do ouro; mas a nova geração já se ri dos que lhe dizem: isto custa tantos cobses, e apresenta-se convenientemente vestida.

Duas foram as maiores impressões que recebi n'aquella terra: o incançavel trabalho dos sineiros, e não haver, nunca ter havido, alli, destacamento de policia.

Os sineiros badalam de manhã até á noite; e como S. João é a cidade das igrejas, calculem o que será dos ouvidos de quem ainda não está acostumado áquelle divertimento de tão bom gosto, como o de ter uma araponga em cada janella de casa, para gozar as delicias do seu infernal martellar e limar o ferro.

A policia tiraria á cidade seus costumes patriarchaes, e fal-a-hia tão livre degatunos como a nossa capital.

Assisti a uma procissão de enterro, cuja massa devia orgar por quatro a cinco mil pessoas, e ninguém, de toda aquella gente, faltou ao respeito ou perturbou a ordem.

Eu sempre entendi que o maior perigo para a sociedade é a policia.

(Continúa)

20 de fevereiro, na qual assim se expressava :

«Ainda aqui me acho. Frank está melhor, Nervie ficou para jantar com-nosco, Allie Alter partiu para demorar-se toda a noite, a Sra. Marsh esteve aqui hoje e leu-nos uma excellente carta. Desejo que venhais passar a noite com-nosco. Desejaria ter vosso retrato para contemplar-o. Quando dispuzerdes de tempo, peço-vos a bondade de escrever ao pae. Todos nós vos enviamos as expressões de nosso affecto. Gosto muito d'isto aqui e vou demorar-me todo o tempo. Fui ao céu e estive cerca de uma hora... Parece-me que ha já muito tempo que não vos vejo. Não vos esqueçais de mim. Até á vista. — Maria Roff.»

De novo escreveu ella ao doutor, em 21 de fevereiro, uma carta, cujo extracto é o seguinte :

«Acabo de finalizar uma carta para meu irmão Frank. Elle voltou á loja, sentindo-se muito bem. Os rapazes sahiram afim de tocar para dançar. A' noite fui ao céu e vi algumas coisas bellas e conversei com os anjos... E fiquei certo de que não me esqueço de voltar quando vou ao céu... «Teme a Deus... desvia-te do perigo» — Maria Roff.»

Vem a proposito referir que mui frequentemente, quando Maria ia ao céu, como ella dizia, outros espiritos ás vezes, com permissão, vinham se apresentar, falavam livremente sua propria lingua e expunham seus sentimentos. O Sr. Roff escreveu em março a seguinte comunicação do espirito de uma outra moça em sua casa :

«Manifestou-se uma moça em nossa casa, dizendo ter vivido e morrido em Tennessee, e disse que soffrerá 8 annos até os 25, quando morreu de igual molestia e com a mesma modalidade com que Maria fallecera. Disse que Maria tem influencia sobre Lourença Vennun, e tel-a-ha até que volte ao seu estado normal, e então deixal-a-ha. Maria é feliz como uma calhandra, e dá diariamente, quasi todas as horas, provas de ser seu o espirito.

Desconhece inteiramente a familia e os amigos de Lourença. Entretanto conhece e reconhece tudo quanto a nossa Maria sabia. Actualmente fica mediumnizada, sem nenhuma rigidez muscular, muito serenamente e por sua propria von-

tade, e descreve scenas celestes, etc., etc. Julgamos que tudo irá bem, e Lourença será restituída aos seus amigos orthodoxos... Alguns dos parentes se submettem quando Maria lhes chama a attenção para factos passados ha treze annos, os quaes se deram entre ella e elles; então desperta-se-lhes a memoria. É admiravel. Precisariamos um volume para reproduzir as importantes observações que têm occorrido.»

(Continúa.)

Experiencias do Dr. Paul Gibier

CONCLUSÕES

Como vimos acima, a questão do espiritualismo experimental tem sido tratada por diferentes formas pelos sabios. Aquelles que se deram ao trabalho de examinar os factos de perto e não desanimaram, desde o começo das suas pesquisas, por um insuccesso ou qualquer outra causa, constatarem factos analogos aos nossos e affirmaram sua existencia.

Os sabios que, ao contrario, não abor-daram o estudo dos phenomenos em questão senão com idéas preconcebidas e se contentaram com as experiencias pouco satisfatorias que fizeram logo em principio; aquelles que, mesmo sem observarem coisa alguma do todo, se contentaram com pedir a outros uma opinião concorde com suas proprias idéas e escreveram que os phenomenos chamados espiritualistas não existem, ou — o que dá no mesmo — são o producto exclusivo da fraude, foram bem imprudentes e devemos pedir-lhes contas da sua attitudé.

Se os factos annunciados eram falsos, convinha desmascarar sua falsidade por meio de serias demonstrações e não se firmar em simples conjecturas. N'esse caso, a desobediencia ás regras scientificas enfraquecia os principios do methodo experimental, é certo, mas as consequências d'esse esquecimento do bom caminho não seriam graves. De outro modo seria se, como acreditamos, a existencia, a realidade d'esses mesmos factos estivesse provada. Não se pode dissimular: seu alcance é immenso e, mesmo com reservas, mesmo avançando n'esse terreno a passos contados, com toda a prudencia de um explorador que busca

um caminho firme n'um solo movediço, é permitido perguntar-se—*in pello*—o que haverá por trás d'esses estranhos phenomenos, cujas manifestações perturbadoras vão atormentar a sciencia moderna mais que qualquer outra descoberta de que ella se tenha occupado até o present.

Então, aquelles que, revestidos de um caracter scientifico, nos têm vindo dizer que esses factos não existem, são culpados de lesa-progresso e arautos do obscurantismo.

Diz-se que Salomão ainda terá razão por muito tempo, e hoje, como em seu tempo, elle poderia achar que «nada ha de novo sob o sol»; as maiores descobertas feitas no nosso mundo moderno foram, em seu começo, negadas, repellidas, conspurcadas; os maiores bemfeitores da humanidade foram ridicularizados, perseguidos, antes de serem sagrados grandes homens (os que o foram) depois da sua morte. Era preciso que a descoberta (ou antes a redescoberta) dos factos expostos n'este trabalho soffresse a mesma sorte de todas as outras, sem o que difficilmente lhe prestaríamos attenção quando chegasse a sua vez.

E' certo que estas coisas, novas para nós, vão nos obrigar a reflectir e ampliar consideravelmente os limites do nosso campo de estudos da physiologia psychologica.

Eis-nos longe da senda traçada por Schopenhauer e os da sua escola. Devemos lastimar-o? Por acaso devemos considerer esse philosopho, arauto da melancolia, como o apostolo infallivel da verdade? Nunca. E, afinal, não foi elle quem nos poz em guarda contra elle mesmo? Ouçamos antes suas proprias palavras, reelitadas por um dos seus mais illustres discipulos: «A verdade, disse Schopenhauer, não é uma corteza que salte ao pescoço de quem a desdenha; ao contrario, é uma dama tão orgulhosa que mesmo aquelle que tudo lhe sacrificaria não pode ter a certeza de a possuir!» (1)

E elle a terá possuido?

E' evidente que os recentes factos que se têm produzido na ordem psychologica, a começar pelos da suggestão, fazem singularmente perder terreno aos

(1) Buchner.—Discurso proferido por occasião da inauguração da estatua de Diderot. Paris.

N'um sentava-se o saber—n'outro a virtude.

O saber, porem, de nada vale, ou vale o mesmo que o fumo. se não é sobreerguido nos mesmos principios que constituem a virtude.

E, pois, no meu extase, a que me arrebatou aquella scena tão sem valor aos olhos do mundo, eu vi, junto aos dois thronos, a lhes disputarem o accesso, aquelles pobres ignorantes, mas limpos de coração.

Sim-sim-sim; pode-se conquistar a bem-aventurança, vivendo se em meio das grandezas terrenas, mas isso é mais difficil do que um cego achar uma agulha em palheiro.

Eu vinha todos os dias de manhã passar por alli, a visitar de passeio o rancho improvisado dos carreiros, e ardendo em desejos de ouvir-lhes as conversas.

Um dia, lembrei-me de entrar dentro do circulo formado pelos carros, afim de pedir fogo para accender o meu charuto, e, uma vez dentro da fortaleza, não sem difficuldade, porque o mineiro é desconfiado, achei meios de travar conversa com os meus homens.

Serviu-me de pretexto dormirem ao relento, o que poder-lhes-hia causar gravedamno.

— Não é assim, patrão, o ar aqui, quer de dia quer de noite, é muito branco, não faz mal a ninguém, tanto que a gente, quando accorda e levanta-se, nem espirra.

Reflecti que elles tinham razão; pois que a temperatura, n'aquellas paragens, é quasi invariavel durante uma estação. Alem de que o habito forra aquella gente contra as influencias das intemperies.

Por alli fomos, até ficarmos camaradas, e me deram de presente o delicioso fumo dos seus sertões.

E enquanto conversavamos, a panella de ferro fervia, assentada sobre tres pedras, e o sacco de algodão aguardava a agua fervendo para dar o café que, não se admiram, ainda não bebi melhor.

Já era eu freguez do rancho, que gostosamente visitava todos os dias, com a liberdade de ser alli completamente desconhecido, e eis que, em meio de uma conversa sobre coisas do sertão, appareceu-nos uma mulher, descalça e mal vestida, parda e representando ter uns quarenta annos.

metaphysicos materialistas; mas pode-se dizer que os *metaphysicos espiritualistas* tenham avançado?

Façamos algumas perguntas :

Os phenomenos chamados espiritualistas teriam a pretensão de nos dar a prova *material* da existencia da alma? Sabemos que um escriptor, Emilio Zola, se não nos falha a memoria, disse algures que, se houver um Deus, a sciencia o descobrirá; mas o sabio, ajudado pelo *fakirismo* ou *moderno espiritualismo*, que é a mesma coisa, dirá um dia com o poeta: *non omnis moriar*—(alguma coisa em mim não morrerá!), demonstrando a existencia da alma humana ao mesmo tempo que descobrirá a alma do mundo?

Já provámos que o spiritismo e o fakirismo são uma e a mesma coisa, assim como a base da religião dos brahmanes da India era a evocação da alma dos antepassados e o estudo de phenomenos analogos aos publicados tanto por William Crookes como por nós. Deve-se dizer ainda que os sacerdotes de Brahma um dia se apossarão das nossas igrejas christãs para transformal-as em pagodes consagrados ao culto da humanidade posthuma?

Não! não! Temos confiança na sciencia e cremos firmemente que ella libertará para sempre a humanidade do parasitismo de todas as especies de brahmanes, e que a religião, ou antes, a moral tornada scientifica, será representada um dia por uma secção particular nas futuras academias de sciencia.

Quem sabe se não será pelo estudo dos phenomenos psychicos que chegaremos a pôr em pratica o famoso «conhece-te a ti mesmo» que em vão nos pregam ha alguns milhares de annos, sem saberem ao certo o que quer dizer?

Não importa! Ha factos, não nos cansamos de dizer, factos positivos, indiscutíveis; Robert Hare e uma centena de outros os têm trazido a lume; Russell Wallace, Boulenger e Zollner, depois W. Crookes e a Sociedade Dialectica de Londres, os têm espalhado ás mãos cheias; nós mesmo trazemos nosso contingente de observações e de experiencias. Não podemos mais recuar; os factos ali estão nos impellindo; em vão nos debateremos dizendo: «não é possível»; elles nos respondem: «Não!

Entrou e, dirigindo-se a um dos meus amigos, o Sr. Carlos, disse-lhe com voz tremula: ao menos me dê café, que estou morrendo de fome.

Aquelle «ao menos» feriu-me os tympanos de um modo singular, maxime vendo immediatamente mestre Carlos erguer-se e desaparecer.

A mulher, como se nada d'aquillo lhe interessasse, olhou para os outros carreiros e repetiu o pedido.

Os companheiros de Carlos, tão surpreendidos como eu, deram promptamente á mendiga café e pão, que ella, parecendo não sentir fome, foi comendo a olhar para todos e para tudo, sem aliás fixar a vista em coisa alguma.

Terminada a refeição, sahiu, como entrou, sem dizer: Deus te salve.

— E' uma pobre louca, disse eu, realmente compungido, porque reputo a perda da razão coisa mais dolorosa que a da vida.

Os carreiros ficaram pensativos, e um delles disse-me:

— Eu conheço essa mulher, porque de dois em dois mezes venho aqui; o que não sei é porque razão Carlos disparou. Só se é porque vem pela primeira vez, e, reconhecendo que ella é louca, ignora que a loucura della é mansa.

— Conhece-a? perguntei. O que sabe della?

— Não sei senão que chama-se Maria, que o vulgo a conhece por Maria canivete e que vive n'esta cidade, penetrando em todas as casas e colhendo aqui e alli o pão e o vestido. Já me disseram que teve fortuna, mas que soffreu desastre em materia de honra, e por isso enlouqueceu.

— Pobre mulher! Não terá pae ou mãe ou irmãos que a agasalhem?

— Parece que tem mãe; porem ella não pára em casa, nem para passar as noites.

— Dorme então por casas estranhas?

— Não; leva as noites a vagar e quando lhe aperta o somno, estende-se no adro de uma igreja.

Sahi triste com a apparição da Maria canivete.

(Continúa)

FOLHETIM

(45)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

IV

Perguntar-me-ha o leitor o que têm com o romance minhas impressões de viagem.

Se têm ou se não têm, não sei dizer; o que sei é que o romancista é livre, como o jornalista, de escrever o que lhe vem ao bestunto, o que não tolhe ao leitor a plenissima liberdade de atirar ao cisco livro e jornal que não lhe agradarem.

Continuemos, pois, por mais um pouco, a fazer obra para o cisco, se, comtudo, não fôr esse o triste fado de toda ella.

Da casa que tomei e á que me recolhi com minha familia, á rua da Praia, assim chamada por correr á margem do ribeiro que divide a cidade em duas, eu me deleitava em ver passar, de manhã á noite, a entrar e a sahir, pôde-se dizer, uma fila ininterrupta de comboios de todo genero.

Eram os colonos italianos, da varzea do Marçal, a pé ou a cavallo, carregados de seus productos, de lavoura e criação: fructas — hortaliças — batatas — gallinaceos — aves — etc., etc.

Eram os empregados de pequenos centros de criação, proximos da cidade, trazendo ao mercado o succulento leite, a manteiga e o queijo frescos.

Eram, finalmente, os carreiros do sertão longinquo, transportando de algumas dezenas de leguas, em carros de bois, o toucinho e a carne salgada de porco, o queijo, o fumo, a aguardente, o assucar, etc., etc.

Minha gente, nascida e creada na corte, desadorava com o som monstruoso d'aquelles carros *cantadores*, puxados por *vinle* e mais juntas de bois.

Eu, porém, rejubilava-me á recordação dos tempos da minha infancia, passados nos sertões deliciosos, onde a vida corre placida e suavemente, sem as tempestades levantadas pelas ambições, nos grandes centros do nosso chamado progresso.

Ha, com effeito, ahi inquestionavel progresso, para o bem e para o mal; mas eu não sei se a alma lucra mais n'esse meio, do que n'aquelle, onde se vivifica ao calor da lei do amor para com Deus e para com o proximo, que lhe incutem, pela palavra e pelo exemplo, o pae que tem por timbre a honra e o dever, — a mãe que ensina a fazer o bem e a caridade, em nome de Jesus e de Maria.

Marcha, peregrino do infinito. Atravessa, *aquo pede*, as risonhas planicies, onde foi o berço da humanidade, os desertos abraçadores da Africa, que um dia repousará a cabeça nas viridentes campinas, que se divisam do cimo do Hymalaia!

Que saudades se alvorçaram em minha alma á vista do carro de bois, que o de fogo ameaça extinguir!

Transportei-me, em espirito, ao sitio bem amado, onde meus caros paes me acalentavam ao seio, como eu hoje acalentos meus adorados filhinhos; onde eu corria sem receio pelos prados cobertos de verde relva, matizados de flores tão variadas na forma como na infinita combinação de cores; onde a garça real, branca como a neve das montanhas suizas, passava a meus olhos encantados com os donaires de uma princeza em seus salões de festa; onde o nascer do sol era annunciado pela sublime alvorada de saudações de um milhão de cantores, lindos e innocentes habitantes da floresta; onde tudo era grande, sentimental, arrebatador, divino!

E quando, ao romper do dia, eu sahia ao meu passeio hygienico e encontrava, no meio do boulevard, os carreiros de cocoras, em torno do fogo que accendiam para fazer o café, em pleno ar, fumando seu cachimbo e conversando, muito entretidos, sobre os altos feitos de seus lares! Oh! á vista de tão rustico quadro, meu pensamento se sublimava e descobria lá nas regiões ethereas dois thronos, qual mais brilhante.

irresistível, e os seus adeptos, quando provocados, sabem levantar a luvá. E' Aksakof reduzindo Hartmann ao silêncio; Gardy refutando Young, e Chiaia provocando Lombroso ao estudo, etc. E' certo que actualmente já não negam os factos; mas d'elles procuram tirar conclusões diferentes das dos spirítas.

Em vão se obstinará a sciencia nos seus envelhecidos methodos; dia virá em que será forçada a render-se á evidencia e a enveredar pelo sulco traçado pela Sociedade Dialectica de Londres, por Wallace, Crookes, Lodge, Myers, Dale Owen e tantos outros. Se se recusa a nos acompanhar a essas alturas em que espelha a immortalidade, será então uma vez mais do seio do povo que partirá o impulso libertador, e tal como o christianismo, propagado pelos humildes, a gloriosa certeza da vida de além-túmulo ha de alcançar, um a um, todos os paizes civilizados, abrindo caminho através de todas as almas rectas e puras que não ambicionam senão a posse da verdade.

Passando em rapida vista as objecções dos nossos adversarios, o Sr. Léon Denis estabelece que a suggestão, a transmissão de pensamento, o desdobramento da consciencia, operando-se sem sciencia do evocador, não podem se applicar a todos os casos, e que essas hypothèses são falsas quanto á maioria dos phenomenos observados. A natureza diabolica das manifestações não poderia ser tomada a serio hoje em dia, porque o pensamento humano já se libertou d'esse espantoso de remotas épocas. Isso não passa de um pretexto para dissimular o embaraço dos padres, pois que o christianismo é precisamente baseado sobre factos semelhantes aos que agora se observam.

Na segunda parte da sua conferencia, o orador expõe o papel do spiritismo no ponto de vista scientifico. Mostra que o seu fim é nos fazer conhecer melhor a nossa natureza íntima e orientar o nosso espirito no sentido de um ideal supremo que parece ter sido eclipsado aos nossos olhos, absorvidos que vivemos nas pesquizes terra á terra. Demonstra o caracter hypothetico da pretendida revelação divina, a qual não se baseia senão em textos obscuros e, na maior parte das vezes, falsificados. O spiritismo, ao contrario, toma como base o facto scientifico, sempre verificavel, e demonstra que a alma é a verdadeira realidade; elle

descerra aos nossos olhos os nossos futuros destinos e nos conduz para Deus, pela liberdade e pelo amor, em lugar de nos submeter ao jugo da superstição e do terror. Que poder de convicção traz consigo essa doutrina, tão popular e tão accessivel a todas as intelligencias! Ella assignala um marco na eterna senda do progresso. As grandes vozes inspiradas de Davis, de Allan Kardec, de Stainton Moses, nos provam que os grandes espiritos do Alem se communicam connosco e, a despeito de todas as perseguições, amparam a inabalavel energia dos que collocam a confiança acima dos horizontes da terra.

A historia nos attesta que os povos evoluem progressivamente, e o spiritismo nos ensina que nós somos os mesmos seres que vivemos no passado. A crença nas vidas successivas faz desaparecerem os prejuizos de castas, de época e de patria. Em definitiva, somos os cidadãos do universo, que ante nós desdobra as suas perspectivas insondaveis.

A alma se purifica passando por esses cadinhos que a devem desembaraçar das lías que a maculam, e todos, nos prestado apoio mutuo, nos elevamos lentamente, mas com segurança, para as felicidades futuras. Auxiliemos esses grandes antepassados que por nós trabalham; não repudiemos essa nova distribuição de graças que prudentemente nos é feita, e veremos então a humanidade avançar a grandes passos para os seus novos destinos, regenerada por uma fé pura, forte e inquebrantavel.

O orador foi repetidas vezes interrompido pelos «braves!» dos assistentes. Sentia-se que a sala inteira se achiava subjugada pelo encanto da palavra tão impetuosa, tão eloquente e tão persuasiva do Sr. Léon Denis.

Posto que se tivesse offerecido a palavra aos contradictores, ninguém julgou dever acceitar o repto. Esta simples constatação attesta a autoridade adquirida pelo spiritismo.

Depois d'essa bella peroração, o Dr. Moutin, em nome do conselho administrativo, agradeceu ao auditorio a benevolente e sympathica attenção com que não cessara de escutar o brilhante apostolo do spiritismo, agradecendo igualmente de um modo caloroso ao Sr. Léon Denis o ter se dignado iniciar, assim, em Paris a serie de conferencias que em-

prehende este anno, tendo em vista dilatar o campo de cultura das nossas idéas, para maior bem da humanidade, e o ter finalmente sabido comunicar ainda a todas as pessoas, que reputaram ao mesmo tempo um dever e um prazer vir escutal-o, como que um pouco da ardente chamma que o anima a elle proprio.

Tendo então a assembléa sublinhado com freneticos applausos esse elevado testemunho do seu reconhecimento, o Sr. Léon Denis julgou dever retomar a palavra para dizer que o cobriam de muitissimas flores e que elle se permitia renunciar a uma parte d'ellas, que eram merecidas pelos que, como o Sr. Gabriel Delanne, sabem tambem, mediante um labor, tão esclarecido quão perseverante, manter alto e firme e desdobrar amplamente o pavilhão do spiritismo, cujas bemfazejas dobras estão destinadas a abrigar e proteger, em pouco tempo, a grande maioria dos seres civilizados.

(*Novos applausos prolongados.*)

Elle terminou assignalando que o Sr. Gabriel Delanne, de resto, deve por seu lado emprehender proximoamente uma excursão de conferencias que comprehendera quasi o mesmo itinerario que a sua.

FACTOS

Um caso celebre

CURA DE LOUCURA PELO SPIRITISMO
(Traduzido do *Religio-Philosophical Journal*, de Chicago, pelo Dr. Antonio Costa)

(*Continuação*)

A Sra. Alter, em 16 de abril de 1878, escreveu acerca de Maria o seguinte:

«Nossa angelica irmã diz que em breve retirar-se-ha d'entre nós, mas que estará muitas vezes connosco; que Lourença é uma excellente moça, que a vê quasi diariamente, e que de dia para dia vai melhorando. Oh! as lições que nos são ensinadas são bellos thesouros de raros diamantes; são estampadas em nosso espirito tão firmemente que será mais facil que passem o céu e a terra do que um jóia ou um til serem esquecidos. Tenho aprendido tanta coisa bella e elevada que não o posso dizer. Calo-me. Ha dias, estando Maria a acariciar os paes, ao ponto de levemente fatigal-os, estes lhe perguntaram porque os abraçava e

beijava. Ella fitou-os com certo ar de tristeza, dizendo: preciso vos beijar emquanto tiver labios para o fazer, e abraçar-vos enquanto tiver braços para vos estreitar, porque em breve tenho que voltar para o céu; somente poderei estar connosco em espirito, e nem sempre poderei saber quando venho, e nem posso vos acariciar como o faço n'este momento. Oh! Quanto vos amo, a todos vós!»

Em 7 de maio, dia em que escreveu a ultima carta, Maria chamou a Sra. Roff a um aposento particular, e ali, banhada em lagrimas, lhe referiu que Lourença Vennum ia voltar. Parecia muito triste e não podia dizer se ella vinha para ficar ou não; se, como julgava, vinha para ficar, ella precisava ver Nerve, o Dr. Alter e Allie e despedir-se d'elles. Sentou-se, fechou os olhos e em alguns momentos deu-se a troca e Lourença teve certeza da posse do seu proprio corpo. Olhando duramente em torno do aposento, perguntou com ansiedade:

—Onde estou eu? E' a primeira vez que aqui venho!

A Sra. Roff lhe replicou:

—Estás em nossa casa e foste trazida por Maria, afim de curar o teu corpo.

Ella gritando disse:

—Quero ir para casa.

Perguntou-lhe a Sra. Roff se não podia ella ficar até que sua gente mandasse buscá-la.

—Não, disse ella.

Interrogada se soffria de alguma dor no peito, (isso se dava durante o periodo em que Maria soffria dores no lado esquerdo do peito e estava continuamente passando a mão e comprimindo-o), respondeu:

—Não, Maria era quem soffria.

Passados uns cinco minutos fez-se novamente a troca, e Maria se apresentou muito alegre, por lhe ser permitido voltar, e recordou, como tantas vezes fizera, a canção favorita da sua primeira infancia: «Viemos, irmã Maria».

A moça parecia compenetrada de todo o affecto natural que uma filha e irmã, de sentimentos delicados e gosto cultivado, se supõe possuir, depois de uma ausencia de doze annos, e teve muitas vezes occasião de o demonstrar por expressões ternas e palavras meigas.

Quando em passeio com a Sra. Alter,

Isso, porém, não é a causa miraculosa das curas que alli se obtém.

O maior bem provem das aguas do ribeiro, que se bebe em casa e de que se faz uso na cozinha, as quaes são arsenicaes.

Gostei tanto d'aquelle local, verdadeiramente selvagem, mas de um ar tão fino como puro, que removi meus penates para lá.

Regalava-me com os passeios pelos morros e fazendolas vizinhas.

De manhã e de tarde sabia a fazer aquellos passeios, e—obra do clima ou das aguas, ou de ambos— em pouco tempo eu, minha mulher e filhos nos sentimos reconstituídos.

Tambem concorreria a alimentação, que consistia em soberba carne de vento, do sertão, angu de milho e leite, mas leite de fazer coalhada com uma pollegada de nata.

Era uma ociosidade; mas eu, que sempre repelli a ociosidade, rejubilava-me alli, como se tivesse encontrado o meu paraíso terrestre.

Quando me lembrava da corte, sentia como uma nuvem pesada a passar-me pelo cerebro.

—Que vida egoistica; mas que alegrias! Nem dos meus bons amigos, quasi, me lembrava.

Martim, o meu caro, bom e infeliz Martim, quando me vinha a lembrança, era um pesadelo que me amofinava.

Julio mesmo, apesar de suas felicidades, pois que fora eleito presidente da camara dos deputados, não me vinha senão muito raramente a lembrança.

Eu vivia só para mim!

Nesse estado d'alma, tendo ido a cidade, recebi uma carta de Julio, em que elle me dizia:

«Oagido pela solicitação de um amigo, tenho de ir a S. João, para operar um fazeleiro de ferro, que ali se acha. Sinto prazer, porque vou abraçar-te. Prepara-me um commodo, que lá estarei no dia 20 do corrente.»

(*Continua*)

FOLHETIM

(16)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

V

No dia seguinte, quando os raios do sol começavam a dourar os montes que en-sombram a valla onde os velhos mineiros plantaram a cidade, e os passarinhos, refugiados no pomar do asylo, á falta de mattas e florestas talvez uma legua em torno, já modulavam seus simples hymnos ao rei supremo de toda a natureza, eu sahi de casa, no empenho de ver romper o dia, do morro da Forca, em cujo cimo edificaram a igreja do Bomfim, donde se devassa toda a cidade e, longe, muito longe, as habitações ao redor.

Aquelle templo não tem a recommendação senão a posição e a antiguidade, tendo sido construido com paredes de taipa, e tudo o mais em relação.

Fazem-lhe ainda companhia, após os longos annos, dois pés de coqueiros, já caraqueiros, mais amigos ou mais fortes que os que formam, segundo a tradição, uma alameda do planalto do morro ao sopé, onde se encontra a igreja de S. Francisco de Assis.

Efectivamente gozei momentos deliciosos, lá das alturas do Bomfim, não só por assistir d'alli ao acordar da vida dos campos, tão rica de episodios bucolicos, como por ver igualmente o despertar da cidade, linda e preguiçosamente.

Quando voltei, cheio d'aquellas doces emoções, encontrei os meus amigos carrieiros no seu posto: fumando de cocoras seu cachimbo, em torno da panella posta ao fogo sobre trempes de pedra.

—O seu companheiro Carlos? perguntei. Já tiveram noticias delle?

Aquelle que me disse conhecer a Maria Canivete, olhou-me, pezaroso, e respondeu:

—Voltou á noite e foi-se pela madrugada. Veja que o carro d'elle não está ali.

Nem uma palavra sobre o caso da vespera, sobre as relações de Carlos com a Maria Canivete!

E, no entanto, eu estava realmente intrigado com o tal caso.

Havia, porventura, alli sobejá materia para um romance, em que pudesse eu entreter as horas, enquanto as levasse ociosas, em S. João d'El-Rei.

Foram-se os meus carrieiros, sem me referirem o mysterio, que bem percebi ter-lhes o Carlos revelado.

Fizeram bem, e cada vez mais os julguei dignos de estima e consideração. N'estes tempos em que a honestidade de caracter está desterrada da alta sociedade.

Muitas vezes encontrei, no seu triste lidar, a Maria Canivete, e nunca encontrei quem me dissesse quem era e porque vivia assim.

O meu amigo Estevão, um octogenario, que ainda percorria os sertões a cavallo e que se afficou por que eu lhe comprava ovos e generos na casa commercial de um neto, fez-me cahir das nuvens, contando-me um dia a historia simples da pobre mulher, em que eu julguei ter encontrado o protagonista do meu drama de sensação.

Maria Canivete possuia uns cobres, que recebera por herança de seu pae, e vivia com sua mãe, sem grandezas, mas sem privações.

Fez-lhe cocegas um rapaz (certamente o Carlos), que tirou-a de casa, gastando-lhe os cobres e abandonando-a.

Ella amava, e, vendo-se sem fortuna e sem amor, não teve forças para resistir ao abalo e ficou apatetada.

Era uma historia muito commum para que a levasse eu a altura de um romance.

Fiquei, pois, na situação de quem sonha com um thesouro enterrado e, correndo ao lugar, só encontra carvão.

e a mulher, a Sra. Twing, do Oregon, as Sras. Alter e outras, assim como do escriptor d'esta narração, deram-se manifestações de um caracter muito particular, dignas de attenção.

Maria, vindo por ultimo reunir-se á sociedade, na sala, sentou-se na unica cadeira vazia junto de um cavalheiro amigo da casa. O Dr. Steel tornou-se influenciado por um dos irmãos das pessoas presentes e fez uma admiravel allocução pathetica e cheia de energia. Quando a mediumidade ia se dissipando e elle entrava na conversação geral, Maria voluntariamente desincorporou a sua força predominante e, imprimindo ás feições de rapariga a apparencia de um cadaver com a cabeça apoiada aos hombros do seu amigo, immediatamente tomou conta do Dr. Steel, e por todos os modos queria provar que era ella; e então, atravez d'aquellas formas viris, tomava uns modos joviaes e ria-se da posição d'aquelle corpo aparentemente desoccupado, da sua posição difficil, tudo isto no meio de muito gracejo, por causa do corpo do amigo que a supportava. D'ahi a pouco, todavia, ella voltou ao seu primitivo logar e pareceu satisfeita com o gracejo que tinha feito com a influencia do cavalheiro.

Em alguns momentos mostrou-se natural, chamando a criada para acompanhá-la ao quarto. Voltou pouco depois vestida com trajos antigos, com saia, toucado e capa fóra da moda, trazendo oculos e apoiada ao braço de Carlota, como que vergada ao peso dos annos. Nenhum traço de moça transparecia na cutis d'aquelle rosto ainda joven. Sentando-se em uma antiga cadeira de braços, começou a conversar como se fóra uma velha dos tempos d'outr'ora, apresentando-se como avó de Carlota, dando seu nome, perguntando pelos parentes, velhos e moços, e falando no nome d'aquelles que pertenciam ás familias que a moça não podia de maneira alguma conhecer. Disse ter morrido em consequencia de um cancro, perto do olho direito, na região temporal. Pedindo agua tepida e pannos macios, que lhe foram dados, começou, com o modo o mais natural, a banhar e fazer o curativo do cancro. Pediu alimento, comeu e, apparentemente sem dentes, mascarou a comida, como costumava fazer a velha, porque dizia que, se o não fizesse, se magoaria.

FOLHETIM (17)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAIS

SEGUNDA PARTE

VI

Na fazenda da Cruz, cerca de 20 leguas de S. João d'Elrei, reinava a maior desolação, causada por grave molestia do fazendeiro, o barão de Montenegro.

O coronel José da Silva Ribeiro Montenegro era um homem rustico, porem de um coração de fino ouro, pelo que todos os que o conheciam lhe eram presos por sincera dedicação.

Tambem em torno de sua fazenda não havia lagrima que não corresse elle a enxugar, não havia miséria que não corresse a soccorrer.

Era o pae dos pobres, e este titulo lhe dava mais nobreza e lhe falava mais docemente ao coração do que o heraldisco, que seus amigos politicos lhe offereceram como recompensa de sua dedicação á causa publica.

Tinha uma unica filha, em cuja alma lançara desde a mais tenra infancia as sementes do bem, educando-a cuidadosamente nos principios da religião do Calvario.

Para fazer a sua joia digna da admiração do mundo, como trabalhava por faz-la digna das graças do Senhor, transportara seus penates para a Europa, logo que a sua Carolina, conhecida por Yayá, chegara á idade de 7 annos, e levou-a ao *Sacré Cœur*, onde as boas disposições moraes e a não commum intelligencia da menina colheram os mais selectos fructos.

Pediu para fazer meia. Sendo-lhe fornecidos os preparos, achou difficuldade, pois que a fazedora de meia desconhecia a maneira de faz-la; mas, desfiando e tomando de novo as agulhas, o fez e ao mesmo tempo referia á Carlota como se trabalhava em meia sem precisar olhar. Por ultimo pediu para remendar e fazer outras coisas, examinou a confecção dos vestidos das moças, perguntando os preços, etc., etc. Foi á janella, olhou para fóra e observou quão agradável era aquelle logar, e assim continuou durante uma hora, não apresentando nenhum signal de decepção, mas mostrando ser uma honesta velha, verdadeira dona de casa, cheia de experiencia. Numerosas outras personificações podiam ser relacionadas, mas esta é bastante. Perguntada como se produzia a materialização, disse ser esse facto uma verdade, se bem que nunca experimentasse, porque ignorava, mas que o aprenderia quando tivesse oportunidade.

Durante a sua estada em casa do Sr. Roff, as suas condições physicas continuamente melhoraram, estando sob o tratamento e cuidados dos seus suppostos paes, e conselhos e indicações de seu medico. Era sempre obediente á direcção e praxes da familia, como uma menina cuidadosa e ajuizada, conservando-se sempre em companhia de algum membro da familia, sem se afastar mesmo dos visinhos distantes do lado fronteiro da rua.

Era frequentemente convidada, e ia com a Sra. Roff visitar as primeiras familias da cidade, que logo ficavam satisfeitas por verem que não era uma demente, mas sim uma moça de boas maneiras e fina educação.

O seu modo de proceder por tanto tempo, depois que viera para a casa da familia Roff, tornara-se extraordinario para muitos.

Sentando-se em uma occasião á mesa do chá, o Sr. Roff perguntou-lhe:

—O que posso, agora, mais te desejar, Maria?

Ella respondeu:

—Oh! nada; eu te agradeço; vou ao céo, ao meu chá.

Alliando a acção ás palavras, ella cahiu em placida mediumidade, ou foi para o céo, como dizia, e assim se conservou até que a familia terminasse a

Aos 15 annos, Yayá era uma mocinha de belleza deslumbrante, ou antes era uma triplice belleza inexcédível: physica, moral e intellectual.

O excellente pae era todo orgulho de possuir uma filha sem igual, pensava elle em seu desmedido amor, mas realmente distinctissima em todas as relações humanas. Yayá, por seu lado, sentia-se feliz de ter por pae um homem em quem talvez o unico defeito a notar-se seria esquecer-se completamente por ella.

Eram duas almas dignas uma da outra, e unidas por laços tão estreitos do mais puro e santo amor que a nuvem, que passasse pelo firmamento de uma, ensombrava necessariamente o da outra.

Ora, o barão não queria sepultar nas brenhas desconhecidas do grande mundo o brilhante que com tanto esmero lapidara, e, pois, tendo vindo da Europa para a fazenda, fez plano de estabelecer sua residencia na corte.

Yayá, porem, oppunha-lhe embargos, sendo toda apaixonada pela vida da roça, onde lhe era dada liberdade que não teria na cidade, e gozava o prazer de ser amada por toda a gente da fazenda e da circumvisinhança, para quem era o anjo da caridade.

—Como, minha filha, preferes esta vida morta á vida activa da cidade!

—Morta, a vida que se alimenta do bem que se faz! Activa, aquella que se enreda por entre todos os vícios e todas as paixões! Não, papae; aqui, no meio de boa gente que não sabe o que é inveja, nem adulação, nem interesse, a alma goza como o passarinho que respira o aroma das innocentes flores do campo. E lá? Não ha flores, nem aromas; só ha uma luta eterna pelo egoismo.

—Mas, filha, havia eu de dotar-te com tão esmerada educação, moral e intellectual, para esconder-te onde só te podem ver os que não te podem comprehender?

—E foi para mim ou para o mundo—e foi por amor ou por vangloria, que o Sr. tanto fez para me dar essa educação de que fala?

refeição, voltando então ao seu estado normal.

Sendo novamente interrogada, disse que tinha ido para o chá; e então lhe perguntaram:

—Maria, o que é que você comeu, e de que modo comeu?

Responden:

—Mãe, se eu pudesse dizer-te, tu não poderias comprehender.

E assim, durante algum tempo, só se alimentou d'esse modo, á excepção de uma vez ou outra, e muito pouco, apenas para acalmar a inquietação da familia. Como o seu systema lhe conviesse, ella comia com maior liberdade; e durante muitas semanas, até á ultima vez que se alimentou, bebeu e dormiu como uma pessoa de boa saúde o poderia fazer.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI. v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

N. 59. Que se deve pensar d'esta pretensão, a saber: Que para o espirito formado, intelligencia independente, tendo a consciencia de suas faculdades, a consciencia e a liberdade de seus actos,—o livre arbitrio, e achando-se no estado de innocencia e de ignorancia, a incarnação humana em as terras primitivas PRIMEIRO, DEPOIS nos mundos inferiores, e nos mundos superiores, até que tenha attingido a perfeição. É —da mesma sorte que, para o espirito no estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas especies intermediarias entre esses dois reinos, e a incarnação no reino animal e nas especies intermediarias,—uma necessidade e não um castigo como sendo o resultado de uma falta?

«Não; a incarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já vol-o dissemos; e o castigo não pode preceder a culpabilidade.»

—Sim; porem uma moça precisa apparecer, para encontrar o que lhe é mister ao complemento de seu destino na terra: o casamento. E podes tu encontrar aqui um homem digno de ti?

—Ainda não cogitei disso, papae; mas sempre dir-lhe-hei que o casamento, como tudo na vida humana, tem sua razão de ser; é sempre a consequencia de um principio ou lei, que não conhecemos, mas que dá a cada mulher o marido que lhe está talhado, e a cada homem a mulher que lhe está igualmente talhada. Ninguém casa por obra do acaso: e é por intuição desta grande lei que o vulgo diz: casamento e mortalha no céo se talha.

—Acreditas então...

—Que meu marido, o que me está destinado, em cumprimento da lei de Deus, me encontrará na cidade ou aqui, ou em qualquer parte, esteja eu no fim do mundo, venha elle do fim do mundo.

—Isto é fatalismo!

—Não; é providencialismo.

—Não te comprehendo.

—Supponha que já vivemos outras vidas, na terra, unica explicação para os casos de nascerem crianças cegas, mudas, surdas, aleijadas; de virem umas com boas disposições para o bem e outras com disposição para o mal; e de trazerem umas intelligencia superior e outras intelligencia rudimentar; supponha que, em nossa passada existencia, commetemos faltas em commum com um ente adorador, que soffremos como elle, o mesmo castigo, no espaço, e que temos, como elle, de voltar á vida corporea para repararmos aquellas faltas; não é natural que os co-reos venham fazer juntos sua expiação? Pois ahi tem uma das muitas razões pelas quaes os espiritos se procuram, para cumprirem, juntos, sua missão nesta vida. Não ha, pois, fatalismo, mas providencialismo.

—Muito bonito, Sra. doutora; mas onde foi a Sra. descobrir estas novidades?

—Em nossa viagem da Europa para o Brazil, não me viu tanto conversar com aquelle velho americano, que é um sabio, e todos o julgavam paleta?

—Ah! foi elle?

«O espirito não é humanizado, também vol-o explicámos, senão quando a primeira falta o tornou sujeito á incarnação humana; é então aparelhado para soffrer-lhe as consequencias.»

ESSA PRETENSÃO É ASSIM formulada: Segundo um systema que tem alguma coisa de especioso á primeira vista, os espiritos não teriam sido creados para ser incarnados materialmente, e a sua incarnação humana NÃO seria SENÃO a resultante de uma falta; este systema cui por esta unica consideração: que, se nenhum espirito tivesse fallido, não haveria homens na terra nem nos outros mundos; ora, como a presença do homem é necessaria para o melhoramento material dos mundos, — como elle concorre, pela sua intelligencia e actividade, para a obra geral, é um dos meios es essenciaes da criação, não podendo Deus subordinar a execução da sua obra á queda eventual de suas creações, a não ser que contasse, para isso, com um numero sufficiente de culpados para alimentarem os mundos creados e por crear; o BOM SENSO repelle um TAL pensamento.»

«A ultima phrase deve-se supprimir; o bom senso, ao contrario, indica que a presciencia de Deus o poz em estado de saber que, no numero d'aquelles que elle cria simples, ignorantes e falliveis, usando de seu livre arbitrio, havel-os-ha sempre que succumbirão á sua fraqueza, que se deixarão arrastar pelo orgulho, que depende da ignorancia, tem por derivados a presumpção, o egoismo e a inveja, e que fallirão, porque abusarão do seu livre arbitrio.»

«É mais justo pensar que Deus, que vos representam como o typo perfeito de toda a perfeição, a justiça do justo na eternidade, crie seres fracos, PROPOSITAMENTE para lhes fazer adquirir a força na dôr das provações; que os crie innocentes, AFIM de lhes ensinar a pratica da innocencia no homicidio, na indignidade e em todos os vícios das incarnações humanas primitivas,—vícios que se enraizariam na creatura sahida EXPRESSAMENTE das mãos do Senhor, a tal ponto que os milhares de seculos que se escoam sobre ella não bastam para a polir; — torrente impetuosa correndo incessantemente sobre os calhaus rudes e escabrosos, sem poder lhes desbastar a superficie, sem poder lhes gastar a superficie, pois que, no dia que surge para vós, tantas indignidades ainda affligem a humanidade?»

«Deus teria então concedido o livre arbitrio ao espirito com a condição de que esse livre arbitrio seria submettido a uma lei uniforme,—a do peccado, submettendo assim a um supplicio igual (a incarnação humana) o espirito que, no

— Elle me desenvolveu um systema completo, que minha razão acceitou e minha consciencia abraçou com entusiasmo, porque não ha doutrina que tanto exalte o Creador.

— Nesse caso, teu marido ha de cahir das nuvens?

— Pode dizer assim, porque do espaço vimos todos.

O barão ficou longo tempo embebido a pensar n'aquelles conceitos da filha, sem comtudo encontrar-lhes por onde acceital-os.

La travar discussão, em defeza da igreja romana, cujos ensinos relativamente a penas eternas eram rechassados pela lei das reincarnações, mas chegou-lhe, a esse tempo, um chamado, para acudir a um pobre homem que se achava gravemente doente.

O barão, á falta de medicos n'aquelles logares, era o refugio de toda a gente d'alli, empregando a therapeutica homoeopathica com o mais brilhante resultado.

Levou o dia e a noite em casa do doente, a quem proveu de tudo que lhe faltava, e voltou contente por ter salvado a vida de um seu semelhante.

Se os maus pudessem provar, por um momento, as alegrias que só o bem pode dar, não haveria no mundo quem não fosse ou não trabalhasse por ser discipulo do divino Jesus.

Ao apear-se, o bom homem fez maior esforço, porque estava fatigado da viagem, e sentiu como um estalido no pescoço, bem ao pé da clavícula direita.

Apalpando, sentiu um pequeno tumor do tamanho de um caroço de feijão, que estremeia debaixo do dedo.

Comprehendeu que tinha um principio de aneurisma na carotida, mas occultou-o á filha, para evitar-lhe sustos e agonias.

Inventou uma viagem a S. João, e ahi consultou os medicos, que lhe confirmaram a suspeita.

O tumor cresceu até não poder mais ser occultado, e eis porque na fazenda, e muitas leguas em torno, reinava a desolação, correndo a noticia de ser aquillo mal sem cura.

(Continúa).

Pelo seu partido foi eleito pela quarta vez, em 1876 e, de novo subindo o partido liberal, em 5 de janeiro de 1878, foi novamente eleito deputado.

Em 1878 o eleitorado da Corte dirigiu uma petição aos conselheiros Affonso Celso e Octaviano, solicitando d'elles a inclusão do nome do Dr. Bezerra de Menezes na lista senatorial do Ceará.

Essa lista já estava organizada, de modo que o nome illustradissimo do Dr. Bezerra de Menezes n'ella não poudesse ser incluído, mas, apesar disso, os liberaes do Ceará deram-lhe uma votação brilhante.

Em 1880 foi presidente da camara municipal da Corte e deputado geral pela provincia do Rio de Janeiro. Era membro effectivo da Academia Nacional de Medicina, honorario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, membro do conselho e socio benemerito da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, membro do conselho do Lyceu de Artes e Officios, presidente da Sociedade de Beneficencia Cearense e fôra presidente da Companhia Carris Urbanos.

Era casado com D. Candida Augusta de Lacerda Machado.

Ha, entre muitos outros, um facto interessante e que merece especial menção na vida do Dr. Bezerra de Menezes.

Afirmamos a sua veracidade, pois nos foi contado por pessoa merecedora de toda a fé.

Quando o Dr. Bezerra de Menezes desembarcou no Rio de Janeiro, trazia consigo apenas a quantia de 38\$000 e logo, para se poder manter, tratou de ensinar particularmente philosophia e mathematicas.

Era chefe da *republica* onde residia em companhia de alguns amigos, pobres como elle.

Quando chegava o fim do mez, o pagamento do aluguel da casa era feito pelo Dr. Bezerra de Menezes. Mas, um mez, elle, por escassez absoluta de verba, não poudesse satisfazer, no dia do vencimento, esse compromisso, e devêras incommodou-se, não sabendo que desculpas daria ao proprietario da casa, quando viesse receber o respectivo aluguel.

Bateram á porta e o Dr. Bezerra estremeceu de pavor, suppondo que era o seu senhorio; enganou-se: era um moço que lhe disse querer aprender mathematicas, pagou-lhe adiantadamente tres mezes, a despeito do escrupulo com que o

Dr. Bezerra se quiz oppôr a essa larga antecipação, e... nunca mais appareceu para receber as lições.

Quem foi esse moço nunca elle o soube!

Os chefes do partido em opposição ao Dr. Bezerra de Menezes nomearam muitas vezes comissões para fiscalizar o seu procedimento nos cargos de que era investido, porém delles o Dr. Bezerra de Menezes sahio sempre com o seu caracter impoluto, immaculado.

D'estas notas se depreheende o engano que involuntariamente commettemos, afirmando, segundo referencias mal comprehendidas, que a fortuna que o Dr. Bezerra de Menezes possuia lhe proviera de herança. Agora, melhor informados, sabemos que essa fortuna fôra laboriosamente adquirida na exploração da Estrada de Ferro Macahé e Campos, a qual viera por fim a tornar-se sorvedouro dos seus bens, graças á má vontade e perseguições do governo imperial, que pela independencia de caracter do illustre brasileiro nunca morreu de amores, negando-lhe todos os meios de desenvolvimento da empresa e obrigando-o a sacrificios em que naufragou a sua fortuna.

Outra, muito maior do que essa, poderia, entretanto, é certo, ter o Dr. Bezerra accumulado em 30 annos de clinica, posto que com intermitencias, se pela sua alma branca pudesse passar um momento essa vil preocupação de accumular ouro.

Mas não. Para maior realce da sua virtude era preciso que um dia a fortuna lhe tivesse lançado o seu bafejo, como uma seducção, e que depois, tendo elle todos os elementos de reconquistal-a, a desdenhasse com a mais edificante indiferença, para não cuidar senão do exercicio do seu sacerdocio e de repartir a caridade por todos os desherdados.

Por isso foi o seu enterro aquella apothecose a que ante-hontem assistimos, e por isso temos fé que os seus concidadãos, que já começam a se mover, saberão saldar a divida contrahida com a sua memoria.

Ha ainda uma rectificação a fazer nas notas biographicas acima, enviadas a *O Paiz* e uma omissão a notar nas homenagens prestadas á memoria do nosso mestre.

A rectificação é do nome da companhia

— Não, minha filha, é o que me ensinaste.

— Eu! Eu ensinar que o doente não procure o remedio?

— Pois então? Não vale por isso o teu «casamento e mortalha no céu se talha»? Se esta molestia me deve trazer a mortalha, para que me incomodar?

— Ora, casamento explica-se; mortalha, não.

— Não me disseste que a gente vem com uma missão reparadora das passadas culpas?

— Disse; mas o que tem isso com o nosso caso?

— Tem muito — tem tudo. Imagina que um espirito já acabou a sua missão. Para que mais viver?

— E o senhor pensa que já acabou a sua?

— Estou muito longe e, portanto, não posso morrer.

— Pode, sim, para que se cumpram as leis que regem a natureza...

— N'este caso, fica prejudicada a reparação.

— De nenhum modo; porque o espirito terá nova existencia complementar da que perdeu.

Longa foi a discussão, que ha muito desejava o barão ter com a filha sobre aquelle assumpto; — e sobre ella apenas direi que, embora não convencido de todo, o homem ficou muito abalado em suas crenças.

— Se não fôr assim, só assim é que Deus se nos apresenta em toda a grandeza e magestade de seu amor e de sua justiça.

Sahiram meio conformes quanto a idéas religiosas, porém quanto a sahirem da fazenda não andaram nem um passo um para o outro.

E, no meio da mais profunda desolação d'aquellas almas, appareceu-lhes em casa, de viagem para a Corte o deputado do districto e intimo amigo do barão.

Conhecido o caso do imminente perigo do seu amigo, o moço deputado falou-lhe com enthusiasmo da pericia cirurgica de Julio, seu collega na Camara.

de carris de que elle fôra director, e que é a Companhia de S. Christovão e não a de Carris Urbanos. Quanto á omissão, involuntariamente commettida decerto, foi a da seguinte circumstancia caracteristica e tocante:

Penetrando o cortejo funebre no cemiterio, onde uma multidão, talvez mais numerosa que aquelle, aguardava a chegada dos preciosos despojos e ao acercar-se do tumulo que os deveria receber, notaram todos os circumstantes que a sepultura se achava toda enfeitada de flores naturaes. Mão piedosa e incognita alli fôra semear em profusão aquellas flores, que elle tanto amava, como uma tocante homenagem de affecto e reconhecimento, mais valiosa ainda pela sua espontaneidade, discretamente vela la nas dobras do anonymato.

Esse tributo silencioso e expressivo de um coração ignorado dá bem a medida do culto que teve na terra — e maior virá decerto a ter — aquelle grande espirito.

Agora, para terminar esta serie de homenagens, não nos podemos subtrahir ao dever de reproduzir a *Palestra* que o applaudido e notavel litterato Arthur Azevedo escreveu n'*O Paiz* do dia 13, rendendo assim um espontaneo preito pessoal á memoria do extraordinario brasileiro, cuja individualidade elle soube apreciar em uma linguagem tão simples e desprestenciosa na sua forma quão synthetica nos seus conceitos philosophicos, como de resto o sabe fazer, como ninguem, o brilhante escriptor.

Eis o que foi essa bellissima *Palestra*:

Que dia mais apropriado que sexta-feira da Paixão para falar-se de um grande morto? Refiro-me a Bezerra de Menezes, que acaba de descer ao tumulo entre hymnos de apothecose, e era, não ha muitos annos, a creatura mais injuriada que cobria o céu carioca.

Foi um martyr da vida publica. O voto popular amarrou-o durante muito tempo ao cargo de presidente da Illustrissima Camara Municipal da Corte, como a um pelourinho infame. Ouvi

— Conheço-o muito, acudiu Yayá.

— Conheces! Onde o viste?

— Nunca o vi, mas não se lembra de que o Sr. mesmo tem me mandado vir todos os seus romances?

— E' verdade; mas não sabia que era medico.

— Medico de poder competir com os primeiros da Europa, exclamou o deputado. Olhe, barão, o doutor Julio é capaz de cural-o, e, se elle não o conseguir, ninguem no mundo será capaz de o fazer.

— Sim; mas eu não posso ir á Corte sujeitar-me a tratamento — e elle não pode vir cá.

— Porque não pode ir á Corte?

— Não lhe sei dizer; mas tenho em mim algo que me impede.

— Deixe-se disso, meu amigo. Vá salvar sua vida.

— Não falemos n'isto, doutor; é questão resolvida.

Yayá não deixou o seu hospede, a pedir-lhe, em lagrimas, que convencesse o caro pae a vencer aquella repugnancia.

O moço prometteu-lhe, e não houve meio que não empregasse para chegar ao desejado fim. Tudo foi baldado.

Um spirita diria que espirito inimigo, senhor da vontade do barão, tolhia-lhe o livre arbitrio. — Uma obsessão.

— Então, disse Yayá ao moço deputado, faça com que o doutor Julio venha cá. Não faça questão de preço. Meu pae é muito rico.

— Também Julio não a fará. Elle é muito nobre e caridoso.

— Bem o sei, que em suas obras derrama sua grande alma.

— Faz d'elle o merecido juizo, e eu lhe prometto fazel-o vir tratar seu pae. Só se de todo lhe fôr impossivel.

Sahiu o deputado amigo, deixando um raio de esperança no coração da moça.

Um raio de esperança — e mais alguma coisa, porque ella sentia por seu joven romancista muito mais que sympathia.

Parecia-lhe que o ideal de perfeições physicas e moraes, que toda a moça aspira, em seus sonhos de encontrar o par de sua alma, devia ser perfeitamente realizado por

dizer a muitos dos seus concidadãos que elle era um ladrão, e diziam-no com a facilidade e o desassombro com que no Rio de Janeiro — só no Rio de Janeiro — se dizem essas coisas. Outros o defendiam afirmando que elle não roubava, mas apenas consentia que os amigos roubassem.

Um periodico de caricaturas muitas vezes o representou vestido de saltador da Calabria, com o classico chapéo pontudo e de trabeco ao hombro.

Entretanto, não consta que Bezerra de Menezes accumulasse riquezas nem construísse avenidas; não consta que algum dia fosse além da *aurea mediocritas*; não consta que o dinheiro lhe servisse para alguma coisa que não fosse acudir ás necessidades mais urgentes da existencia; não habitou palacios, não comeu em pratos de ouro, não dormiu sobre colchas de damasco, não viveu em sumptuosos salões, entre custosos moveis, alfaias e objectos de arte; não andou de carruagem, não percorreu o mundo, não leu bailes, não foi visto em festas e saraus, não jogou, não teve amantes, não auferiu nenhum dos gozos materiaes da vida.

Se, quando lhe lançaram em rosto esse tremendo labéo de ladrão, Bezerra de Menezes não fez o mesmo que o infeliz Carlos Costa, foi porque era uma alma forte, um espirito orientado, um philosopho preparado para todas as luctas moraes. Só agora respondeu aos seus aggressores, — e respondeu como? morrendo pobre. Felizes daquelles que incumbem da defeza de sua honra os seus proprios cadaveres!

Não venho engrandecer os serviços de Bezerra de Menezes: elle foi durante muitos annos o director do nosso serviço municipal, e a cidade do Rio de Janeiro é o que é. Todo o seu tempo era pouco para tratar de politica, paixão que o dominava e o absorvia e acabou, felizmente, por enfastial-o do mundo.

E foi tal o seu fastio, que elle procurou a sociedade invisivel dos espiritos, e entrou a viver n'outro mundo melhor, onde não havia camaras municipaes, nem eleitores, nem periodicos de caricaturas.

Mas ainda ahi a paixão, pois que elle era um impulsivo, o arrebatou até o apostolado, até o sacerdocio, até o fanatismo, e fez d'elle, entre nós, o mais fer-

aquelle moço, cuja grande alma, como disse, se derramava, sensível, intelligente e nobre, em cada um dos seus livros.

E tanto se lhe prendeu pelo coração, apesar de nunca tel-o visto nem saber qual era seu estado, que acompanhava, pelos jornaes, todos os seus passos na carreira politica, com o empenho que só podem ter mãe, irmã e amante.

E era por temer que Julio fosse casado ou não correspondesse aos anhelos de sua alma, que fugia á simples idéa de ir viver na Corte.

Antes a illusão que o desengano!

Ao pensamento, pois, de vir o illustre moço salvar o caro pae, ligava-se, como esmalte, um sentimento intimo, que lhe fazia pulsar com violencia o coração e tingirem-se-lhe de carmim as faces.

Correram os dias, depois da sahida do deputado, levando-os a moça n'um desasocego, a si mesma inexplicavel.

Seria receio de não poder vir o medico de quem esperava a salvação do amado pae?

Seria por sua causa, por se ir encontrar, face a face, com o homem em cujas mãos estava, porventura, a chave de seu destino na terra?

Quasi se pode afirmar que ambas aquellas causas commoviam sem cessar aquelle mimoso ser.

Um dia trouxe o correio uma carta do deputado, em que este dizia que muito a custo, por ter sido Julio eleito presidente da Camara, obtivera d'elle fazer uma visita ao barão, para concertarem os meios de tratamento. E accrescentava que muito desarranjo causaria a seu amigo ter de ir á fazenda, pelo que pedia que viessem para S. João d'El-rei, onde facil seria a Julio ir visitar o doente, sem faltar a seus deveres parlamentares.

« Quando elle tiver de ir, eu avisarei, concluia a carta; mas previno-os de que a viagem será este mez. »

O barão ficou muito satisfeito e resolveu, desde logo, ir para a cidade, onde tomou aposentos no hotel Oeste.

(Continua)

FOLHETIM

(48)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

VII

A bella e pura filha de Montenegro, para quem aquelle pae era o ar, a luz, a vida, ficou um corpo sem alma, a vagar pela terra, imaginando não haver no mundo meios de salvar a vida de sua vida.

Diante do adorado pae era o anjo da esperanza, alentando-lhe o animo por mil modos, qual mais insubstistente.

Isolada em seu quarto dava expansão a suas dôres, e era a propria a não esperar recurso algum que a pudesse livrar do golpe de morte, pela perda do ente em quem concentrava todos os affectos de sua alma.

O pae bem comprehendia o que se passava no intimo d'aquella alma adorada; mas fingia-se animado pela esperanza de que o mal ficasse estacionario, ou mesmo de que se operasse a cura espontanea, o que não era sem exemplo.

Viviam assim os dois a se enganar, estando ambos desenganados.

Agora estavam os papéis invertidos. A bella menina instava por que fossem para a Corte ou para a Europa, a consultar os mestres da sciencia; — e o Barão, convencido de que só de Deus lhe viria o remedio, caprichava em permanecer na fazenda, onde nascera, onde se creara e onde queria ver, pela ultima vez, o bello céu do amado torrão.

— Mas, papae, isto é quasi um suicidio!

se, diríamos: *Compadeci-vos das vossas esposas: não repudiéis vossa mulher por princípio algum.* A creatura não pode repudiar os seus sentimentos.

Se as convenções do mundo, se as susceptibilidades mandam que não façais convivência com as vossas esposas adulteras, essas leis não podem impedir que na expansão dos sentimentos do vosso coração, que no segredo da vossa alma, leveis o pão da caridade á desgraçada.

Meus filhinhos, comprehendêr a linguagem do Evangelho é difficil, mas não impossível, quando no intimo de vossa alma pedirdes a Jesus a luz que vos illumine. *Riscai dos vossos espiritos a palavra repudio*, e obedecêi ás leis do mundo; mas obedecêi também ás leis de Jesus: *tende compaixão da infeliz esposa*.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica: a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 63).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6.)

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

«Já vol-o explicámos (n. 56) e o repetimos:

«O ponto de partida originario para todos os espiritos é o mesmo: — Formação primitiva e rudimentar do espirito pela quintessencia dos fluidos, parte de tal maneira subtil que nenhuma expressão pode d'ella dar idéa a vossas intelligencias limitadas; — quintessencia que a vontade de Deus anima para lhe dar o ser e que constitue a essencia espiritual, (princípio de intelligencia) chamada a tornar-se, por uma progressão continua, espirito, espirito formado, isto é, intelli-

gencia independente, tendo o livre arbitrio, a consciencia da sua vontade, de suas faculdades e de seus actos:»

«Incarnação ou, para melhor dizer, materialização d'essa essencia espiritual na materia inerte, PRIMEIRO no reino mineral e nas especies intermediarias que participam do mineral e do vegetal; DEPOIS no reino vegetal e nas especies intermediarias que participam do vegetal e do animal, operando ASSIM, seguindo uma marcha progressiva continua, o seu desenvolvimento que a prepara e a conduz aos limites da consciencia da vida;»

«Incarnação no reino animal, — DEPOIS nas especies intermediarias que participam, no ponto de vista do involucreo material, do animal e do homem, operando, sempre por uma progressão continua, a consciencia da vida activa exterior e de relação o desenvolvimento intellectual que conduz o espirito, no estado de formação, aos limites do periodo preparatorio que precede a recepção do livre arbitrio, da vida moral, independente e responsavel que faz o *livre pensador*.»

«Chegados a esse ponto de desenvolvimento intellectual, em que recebem o dom precioso e tão perigoso do livre arbitrio, os espiritos, — iguaes sempre, — todos no estado de innocencia e de ignorancia, são revestidos do perispírito que envolve a intelligencia independente, — para todos então incarnação fluidica que esse perispírito constitue e que, no vosso ponto de vista material, se deveria chamar: *involucro*.»

«Todos, puros no estado de innocencia e de ignorancia, igualmente submettidos a espiritos encarregados de os conduzir e desenvolver, têm a liberdade dos actos e podem ASSIM progredir no estado fluidico para, do estado de infancia e de instrução, chegar, com o auxilio de progressos successivos e continuos, á perfeição; fazer como o alumno que, constantemente docil e attento á voz, aos conselhos e ás lições de seus mestres, passa pela fiação de todas as aulas e chega a obter as suas graduações; podem, ao contrario, commetter uma falta e ASSIM provocar e receber o castigo, a punição devida ao culpado, mas ao culpado só; fazer como o alumno que, indocil, culpado e revoltado, provoca, por sua propria falta, e recebe a punição, o castigo, sendo expulso e indo, numa penitencia, percorrer, em outro meio e

n'outras condições, a fiação de todas as aulas, chegando sempre a obter as suas graduações.»

«Muitos espiritos fallem (já vol-o dissemos), porque quasi todos abusam do seu livre arbitrio; alguns, docéis aos espiritos encarregados de os conduzir e desenvolver, seguem simples e gradualmente a via que lhes é indicada para progredir.»

«Os que fallem, soffrem uma punição, um castigo *que podiam ter evitado*; para soffrerem as consequências de sua falta, uma vez preparados, como já vol-o explicámos, para serem *humanizados*, — são submettidos á incarnação humana segundo o grau de culpabilidade e as condições apropriadas ás necessidades de expiação e de progresso, ou nas terras primitivas, ou em outros mundos habitados pelos espiritos que falliram.»

«A incarnação humana, em principio, é a pena da primeira falta que determinou a queda. A reincarnação é a pena da reincidencia, da recadida; porque todas as vossas existencias são solidarias entre si, e todo espirito reincarnado traz consigo a pena secreta de uma incarnação precedente.»

«Os espiritos que, docéis aos espiritos encarregados de os conduzir e desenvolver, não fallem, continuem a progredir no estado fluidico.»

«Os espiritos que falliram, e os que ficaram puros, trabalham, uns e outros, em seu proprio adiantamento, pela sua actividade e intelligencia, preenchem a sua missão providencial n'esta grande unidade da criação, onde, para todos os espiritos tudo é reciprocidade e solidariedade, no intento de se elevarem para Deus, segundo as leis geraes do progresso, pela sabedoria, a sciencia e o amor.»

«Os espiritos que falliram desenvolvem, no estado de incarnados, a sua actividade e a sua intelligencia, não sómente para proverem á sua vida e ao seu bem-estar e, n'esse intento, ao melhoramento material dos mundos que habitam, o que é o lado material, mas também para trabalhar em seu adiantamento moral e intellectual e no desenvolvimento moral e intellectual das humanidades que povoam esses mundos.»

«A' incarnação material, como castigo necessario para a expiação e o progresso,

succedem, nos mundos elevados, e cada vez mais elevados, as incarnações cada vez menos materiaes, — porque a materia segue os progressos do espirito, — mais fluidicas e cada vez mais fluidicas — quando o espirito, pela elevação adquirida, livre de todo o contacto com a carne, volve para as regiões superiores, percorrendo as camadas de ar e de mundos, — aprendendo de um lado, instruindo do outro.»

«Os espiritos que ficam puros desenvolvem também a sua actividade e a sua intelligencia, para progredirem no estado fluidico, pelos esforços espirituaes que são chamados a envidar, affin de chegarem, *infallidos* — do estado de innocencia e de ignorancia, de infancia e de instrução, á perfeição! — O trabalho é grande, incessante e custoso, sob esse involucreo que constitue o perispírito, que é para o espirito, *materia*, já vol-o dissemos, e que, — notai-o bem, — ao mesmo tempo que é o instrumento e o meio do seu progresso, pode também a todo instante ser o instrumento e o meio da sua queda, — como para o espirito que falliu, — foi o instrumento da sua queda, talvez a todo o instante, o instrumento de recadidas, e é o instrumento e o meio do seu progresso nas incarnações humanas.»

«Desenvolvem também a sua actividade e a sua intelligencia, na medida da elevação adquirida, para a vida e a harmonia universaes, pelo estudo e o trabalho, mas sempre no estado de espirito, nos mundos habitados por seus irmãos — os espiritos incarnados que falliram, e nos mundos onde estão espiritos no estado de erraticidade, por toda a parte no espaço.»

«Os mundos se multiplicam ao infinito; a sua multiplicidade e a sua multiplicação deslumbrar-vos-hiam; nada pode, no quadro estreito da vossa intelligencia, vos fazer comprehender a sua extensão; mas os espiritos são ainda mais innumeraveis.»

«Os espiritos, chegados a certo grau de desenvolvimento moral e intellectual, os *infallidos* até ahi, como os que já falliram, são chamados ao estudo dos mundos, de seus principios e de sua organização; é então que, sob a direcção d'esses espiritos de uma pureza perfeita, que se perde na noite das eternidades, se

FOL HETIM

(19)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

VIII

Julio me havia escripto, dizendo que viria no dia 20, e, pois, eu tinha tenção de ir á cidade no dia 18, para tomar os commodos que elle me encomendara; entretanto, tendo, a 17, cahido o ministerio, e, por isso se suspendido o trabalho das camaras, aproveitou elle aquellas ferias parlamentares, que promettiam ser de alguns dias, pela difficuldade de uma nova organização, para fazer sua excursão.

D'ahi resultou chegar elle a S. João no dia 15 á noite, sem me encontrar, por me achar eu muito tranquillo nas minhas Aguas Santas.

E foi causa de soffrer o meu caro amigo serio desgosto, felizmente sem consequências.

Logo que chegou o trem á estação, os agentes dos diversos hotéis cercaram os passageiros, convidando-os, cada um, para o seu, como é costume.

Julio perguntou-lhes qual era o mais proximo, que estava fatigado da longa viagem e coberto de poeira, e á resposta de ser mais proximo o d'Oeste, seguiu para lá.

Tomou um bom commodo, pediu um banho, e, tendo descançado um pouco e ouvindo tocar magistralmente piano, na sala, ergueu-se da cama e dirigiu-se para onde se fazia musica tão encantadora, como nunca ouvira melhor na corte.

A sala estava cheia de damas e cavalheiros, que mostravam ser de boa sociedade.

Julio descobriu, vazia, uma cadeira ao canto da sala e no vão de uma janella, que foi tomar immediatamente.

D'aquelle recanto distinguia perfeitamente a dama que tocava, e, mal poz n'ella os olhos, sentiu-se attahido por uma corrente fluidica tão violenta, qual a que arrasta e liga dois corações que se amam estremeceadamente.

Como por encant, vieram-lhe ao pensamento aquellas palavras de Martin: a morte de minha alma, que elle metterá a ridiculo, rindo das almas partidas.

— Oh! pelo que sinto, encontrei a metade de minha alma perdida nos espaços!

E não tirou mais os olhos d'aquella figura angelica, em cujo physico transluziam as mais excelsas belezas de uma alma pura.

A moça olhou-o attentamente, e ficou rubra, quando terminou a musica e foi entusiasticamente applaudida, ouvindo lhe a saudação: «so os peregrinos do infinito podem dar á musica da terra os tons da musica celeste».

— Obrigada, disse, e foi sentar-se perto do sofá, donde mal divisava o gentil cavalheiro desconhecido e recémchegado, que dirigia aquella saudação, cujos termos a perturbavam.

Entre os presentes estava um velho negociante da cidade, que viera visitar um amigo da roça; e, como no interior é a politica o pão nosso de cada dia, o Sr. Almeida ergueu a voz para saber noticias da corte.

A conversa cahiu sobre a queda do ministerio, conjecturando cada um sobre o vulto politico que organizaria o novo gabinete.

O Sr. Almeida, exaltado liberal, não ia com aquellas conjecturas, porque, em sua opinião, a situação conservadora estava gasta — e um liberal seria chamado, necessariamente, para inaugurar a nova situação, unica que podia fazer a felicidade do paiz.

A contradicção não tardou e, do terreno dos principios, passaram os combatentes á apreciação dos homens politicos de um e de outro partido, deprimindo os liberaes aos conservadores, e estes aos liberaes.

O Sr. Almeida, para provar que os conservadores não tinham mais homens dignos das altas posições, trouxe o exemplo de terem tido necessidade de collocar na presidência da camara dos deputados um illustre

desconhecido, ou antes, um *quidam*, sómente conhecido por suas traficancias.

Ainda não tinha concluido a objurgatoria, e sahia-lhe ao encontro a moça pianista, que fez ao joven presidente da camara uma verdadeira apothecose.

Falou com tanto sentimento e animação, de estatelar o velho maldizente, cujos pontos de accusação pulverizou com admiravel sciencia da vida publica e até da intima do seu heroe, como lhe disseram.

— Heroe, sim, acudiu a moça, quasi com exaltação — heroe pelo saber, que bem o attestam suas obras, — heroe pela grandezza de sua alma, que se derrama na sublime doutrinação contida n'aquellas brilhantes paginas, — heroe, enfim, porque, sem fortuna e sem protecção, conquistou por seus raras merecimentos os mais altos logares da escala social.

— E' seu parente? perguntou o Almeida, reconhecendo e batido.

— Não, Sr. — nem meu conhecido é pessoalmente; mas, pelos jornaes, conheço-lhe a vida e, por seus incomparaveis livros, conheço-lhe os sentimentos, tão nobres e elevados que me fazem um dever de consciencia admirar-lhe a alma — uma alma tão acima do commum, como o condor está acima das aves de curto vôo.

Julio, do seu recanto, assistia ao processo que lhe fora instaurado n'aquella reunião, como os mortos assistem do espaço aos juizos que fazem os homens de sua vida corporea.

Pouco lhe interessava a opinião d'aquelles homens, tendo por principio só ter na maior conta o juizo de sua consciencia, o de Deus e o dos seus intimos amigos, sem que, no entretanto, desprezasse o do publico.

Sublimou-se, porem, ás mais elevadas regiões, vendo aquella menina, por quem tão fortemente estremeceera seu coração, tomar-lhe a defeza, e fazel-a tão entusiasticamente, mostrando, como se vivesse a seu lado, o mais perfeito conhecimento de sua vida publica e particular.

Estava em extase; mas não eram aquellas as unicas emoções que lhe estavam reservadas para aquella noite.

Pouco depois de serenada a ardente discussão politica, entrou pela sala do hotel o delegado de policia, perguntando ao dono da casa se recebera, pelo trem, algum hospede.

— Reccebi um unico: é aquelle cavalheiro.

Todos os olhos se fixaram no moço esbelto que estava sentado a um canto da sala.

— E', disse o delegado, que reccebi um telegramma do chefe de policia da corte, pedindo-me a prisão de um ousado gatuno, que embarcou hoje para aqui e que tem ares e maneiras afidalgadas.

A moça pianista olhou também para o indiciado e sentiu tanta dôr, como se fôra coisa sua.

— Levante-se, falou o delegado ao moço, que eu preciso interrogalo.

Sem se abalar, Julio respondeu:

— Julga, porventura, que eu devo confirmar sua suspeita a meu respeito, obedecendo á sua intimação?

— Não sei; mas eu sou autoridade.

— Será; mas não sabe sei-o; porque uma autoridade digna de o ser não expõe um homem ao escarnço publico, sem ter contra elle indícios de crime.

— E' já não disse que reccebi um telegramma?

— Porque embarcou hoje um gatuno, é de razão que seja eu! Sr. delegado, respeit-me, se quizer ser respeitado. Se reconhecer em mim signaes de ser gatuno, venha a mim, porque, mais do que o Sr., tenho o dever de respeitar e fazer respeitar a lei e a autoridade — e fique certo de que me submetterei ao interrogatorio.

Julio disse estas palavras de pé e do meio da sala, e tal era a expressão altiva de sua physionomia, que todos ficaram certos de que havia engano, e o delegado, attonito, perguntou:

— Mas o que devo fazer?

— Não sou eu que lho hei de ensinar, Sr.; mas porque o vejo em penivel posição, presto-me a dar-lhe a mão. Vamos alli á janella e eu lhe ensinarei o que deve fazer.

O pobre delegado foi á janella, de cabeça baixa.

(Continúa).

essa superabundancia de actividade é despendida por uns e outros em jogos, em folguedos; que primitivamente o trabalho não passa de um impulso natural sem objectivo definido, previsto ou desejado, o Sr. Rouxel, no *Journal de Hygiène*, de 26 de outubro, conclue que o trabalho é o jogo, ou, o que vem a ser o mesmo, que o jogo é a primeira forma do trabalho. Entre todos os povos primitivos o jogo precedeu o trabalho e este foi assimilado, unido ao jogo. A lavoura, a colheita, todos os trabalhos se faziam ao som da musica. Ainda hoje muitos camponeses trabalham cantando. Mas se o trabalho tem a sua origem no jogo, distingue-se d'elle pelo fim a attingir. Trabalhar é pôr em exercicio completo, integral, todas as faculdades, particularmente as superiores. Visar um fim e attingil-o, é crear. O jogo é apenas humano, — o trabalho é divino. O trabalho não é, pois, por sua propria natureza, *servil*, mas sim *liberal*, porquanto não é por necessidade que se trabalha; aliás o progresso não existiria; d'onde resulta que: 1.º, a origem do trabalho vem dos jogos; 2.º, primitivamente todas as artes foram liberaes. Essa origem explica a antinomia dos homens que trabalham, quando o interesse d'elles seria antes roubar. Se pois, em sua essencia, o trabalho é um jogo, um prazer; como veio a se tornar um incommodo, como é hoje?

COLLABORAÇÃO

A Resurreição de Christo

Em um trabalho apresentado á Société d'Études Psychiques, de Genebra, emittiu o Sr. A. Lemaître sobre este assumpto uma opinião que não pode ser aceita pelos spiritas christãos.

Diz elle que tres factos lhe parecem certos, nas diversas narrações dos Evangelhos: o Christo permaneceu sobre a cruz um tempo assaz curto; seu sepultamento, por seus amigos, foi feito precipitadamente, e na manhã do domingo já o corpo não estava no sepulchro. D'ahi conclue elle que o Christo não morreu na cruz; que José de Arimathéa, conhecendo que apenas elle estava mergulhado em um somno lethargico, salvou-o, abrindo o tumulo durante a noite; que

na meia-obscuridade da manhã elles puderam retirar-se sem ser reconhecidos; que á noite Jesus ponde apresentar-se aos discipulos, reunidos n'uma camara alta, e os enviou á Galiléa, para onde elle tambem seguiu secretamente; e que ali, em presença de quinhentos dos seus, elle os preparou para a missão que elle lhes confiava e desapareceu.

Esqueceu o Sr. Lemaître que, afim de não ficarem os cadaveres dos supplicados presos ás cruzes no dia de sabbado, os judeus enviaram agentes seus, para, quebrando-lhes as pernas e os braços, precipitarem a morte, e que esses agentes, executando a ordem quanto aos dois ladrões, deixaram de o fazer quanto a Jesus, por já estar morto; que, para verificar esse facto, o flanco de Jesus foi trespassado por uma lança. Acredita o Sr. Lemaître que os sacerdotes e phariseus, sabendo que Jesus promettera resuscitar no terceiro dia, seriam tão ingenuos que deixassem de vigiar o sepulchro por um só momento e que, quando elles sellaram a pedra e collocaram uma guarda junto a ella, deixassem de verificar se o corpo alli se achava? Como explica o assombro dos guardas, ao verem o sepulchro vazio, se elles não tivessem antes alli visto o corpo? Como podia Jesus, com um corpo humano como o nosso, penetrar na camara alta, onde os discipulos se achavam reunidos, tendo as portas e janellas fechadas por medo aos judeus? Esquece o Sr. Lemaître que Jesus elevou-se aos ares á vista dos discipulos até sumir-se?

Perguntamos-lhe se é admissivel que um espirito da ordem do de Jesus, o Christo de Deus, se prestasse a ser um embusteiro e enviase seus discipulos para ensinarem ao mundo uma mentira? E esses discipulos se sujeitariam a arrastar os tormentos e a morte para sustentar uma falsidade?

Hoje nós sabemos que não são esses factos maravilhosos, occorridos durante o curso de sua vida e morte, o que accentua a alta personalidade de Jesus na historia da humanidade, mas sim a grandeza de seus ensinamentos, a sublimidade da sua moral. No tempo, porém, em que viveram os apostolos, esses factos tinham uma importancia capital, e elles, crentes sinceros, não affirmavam senão aquillo que haviam testemunhado.

E. QUADROS.

Julio, com a maior singeleza, respondeu: — Obrigado, doutor. Eu não tenho credens a lhe dar, e serei contente se me distinguir com sua estimo.

— Minha estima! O que lhe vale a minha estima?

— Sr., eu distingo os homens pelas suas qualidades moraes, e, agora que sei com quem trato, digo-lhe que muito apreciarei suas relações.

— V. Ex. é que me distingue muito com essas expressões.

Dizendo isto, o delegado despediu-se de Julio e, cumprimentando os presentes, sahio da sala, emquanto todos de boca aberta olhavam para a Ex. que escapara de ser presa como gatuno.

— Mas quem será este moço de tão nobre presença, e elle mesmo nobre, porque tem Ex.?

O Sr. Almeida, com a liberdade que lhe dava a idade, tentou abrir brecha no incognito, que Julio não procurou guardar senão na presença dos que lhe fizeram a autopsia moral.

— V. Ex., disse para o moço, deve ter passado minutos bem angustiosos.

Com o seu sorriso de fina ironia, como quem sabia ferir de morte o adversario, Julio respondeu, dizendo:

— Menos do que V. S. com a sua curiosidade.

Todos apreciaram a resposta, mal podendo conter o riso, mais provocado ainda pela cara apalermada com que ficou o Almeida.

— Eu... eu... eu tenho curiosidade, sim, senhor; mas não é natural querer saber quem é o cavalheiro que escapou de ser preso por gatuno?

— Assim como é natural que não se incommode com uma leviandade quem tem a consciencia de se achar muito acima della.

O velho Almeida, que tinha grosado a pelle de Julio, mal podia pensar que era elle o que estava tirando uma pequena vingança, ou antes, que estava se distraindo á sua custa; porque o moço não levou as palavras do velho á altura de uma offensa.

FACTOS

Importantes curas

Devemos á obsequiosidade do nosso confrade Angelino de Aguiar, da cidade de Limeira (S. Paulo), a notificação dos seguintes casos de curas, mediante intervenção espiritual, alli operadas, e que, por muito interessantes, julgamos dever trasladar para as nossas columnas, como o faremos sempre a todos os trabalhos de real interesse para a propaganda, que nos sejam enviados com esse fim.

O mencionado confrade é, ha cerca de um anno, director de um grupo spirita intimo, do qual fazem parte apenas tres familias de suas relações, e costuma celear as respectivas sessões em sua propria casa, com o concurso do medium José Alves, um joven de 18 annos, psychographo e somnambulico.

Em maio de 1899 adoeceu um irmão do medium, manifestando-se a enfermidade por uma grande inchação hemifacial, a qual se foi aggravando ao ponto de tornar necessaria a intervenção cirurgica, muito perigosa, segundo a opinião dos proprios medicos que o examinaram e que affirmavam não se poder contar com exito de mais de 20 % sobre o numero de operações d'aquella natureza.

Não obstante, e á vista das condições do enfermo, estava sua mãe resolvida a correr os riscos da tentativa, no intuito de salvar a vida de seu filho.

No dia, porem, em que se havia decidido a autorizar a operação, aconteceu que o confrade Aguiar, realizando uma das sessões habituaes, recebeu ordem de um espirito protector no sentido de intervir junto da mãe do medium (e do enfermo), afim de obstar á consummação do facto, ao que elle obedeceu, enviando á pessoa indicada um recado escripto. No dia seguinte effectuou uma nova sessão para inquerir do benevolo espirito interventor se podia se encarregar da cura do rapaz, obtendo resposta affirmativa.

Effectivamente, a partir de então, começou o enfermo a sentir progressivas melhoras, sendo de notar que a inchação baixava constantemente.

Um dia, pela manhã, perguntou elle á sua mãe se havia estado á noite em seu aposento, ao que ella respondeu que não.

As pessoas presentes, principalmente a bella pianista, percebiam, pela elevação dos conceitos do moço, que á posição social, que lhe dera direito ao tratamento de Ex., ligava-se uma intelligencia superior e bem cultivada.

E, então, volvia-lhe ao pensamento a interrogação tacita: quem será este moço de tão nobre presença e de tão superior espirito?

N'essa cogitação, em que todos se embriavam, guardaram elles o mais profundo silencio, de repente interrompido pela subita entrada de outro moço, já um pouco conhecido no logar.

Max tinha vindo á cidade a jantar precisamente com o delegado, que era seu collega e o tinha cercado de obsequios.

Tendo este sahido á diligencia que sabemos, ficou elle entretido a conversar com os convivas do banquete de annos, e ali ficou até que voltou o dono da casa, cujas primeiras palavras foram:

— Estou corrido de vergonha!

— Pelo que? perguntaram todos a uma voz.

— Tenho até vergonha de lhes contar.

— Mas emfim...

— Emfim dir-lhes-hei que, tendo recebido um telegramma do chefe de policia da Corte, pedindo-me que prendesse um gatuno que suppunha ter embarcado hoje para aqui, percorri todos os hoteis, sem encontrar um *gentleman*, como diz o telegramma que se apresenta o sujeito—e, chegando ao do Oeste, deparei com um moço de ares afidalgados.—E' o meu homem, pensei; intimei-o a vir falar-me, declarando a razão porque o fazia. O moço repelliu a insinuação com tanta nobreza e indignação, que reconheci o meu desaso. Depois de uma troca de palavras, que me confundiram, elle chamou-me á parte, para me dizer quem era. Quem pensam que era o cavalheiro a quem publicamente injuriei? Era o Dr. Julio, presidente da camara dos deputados, a quem fui apresentado na Corte e que, na minha confusão, não reconheci.

— Julio! exclamei. Julio aqui! Adeus, vou ter já com elle.

— E' exquisito, disse o rapaz. Pois esta noite eu vi uma mulher vir do lado da sala, entrar em meu quarto e, dirigindo-se a mim, começar a' passar-me pelo rosto as mãos, muito macias.

E' accrescentou que, ao retirar-se a tal mulher, sentira augmentar muito a inchação, sem embargo de estar no dia seguinte, isto é, quando relatava o facto, com o rosto completamente desinchado, não mais accusando os soffrimentos que até então o acabruhavam, e que até hoje não reapareceram.

E' esse o primeiro caso de cura pela intervenção espiritual.

O segundo occorreu do seguinte modo:

Tinha o medium José Alves uma sobrinha em estado grave de saude, e achava-se, na noite de 19 de janeiro d'este anno, em casa do confrade Aguiar, conversando exactamente sobre a pequenina enferma que, a familia suppunha, desincarnaria n'aquella mesma noite, quando, ás 9 horas e no meio da palestra, cahiu inesperadamente em transe (somnambulismo).

N'esse estado, dirigiu-se elle á talha d'agua, encheu um copo, trouxe-o á sala de visita e, pondo-o sobre a mesa, ajoelhou-se e elevou uma prece ao Creador. No mesmo instante começou a agua a se agitar no copo, como se a estivessem mexendo com uma colher, ao mesmo passo que o medium divisava um como turbilhão de microscopicas luminosidades, em forma de estrellas, que se confundiam na agua.

Voltando a si, cheio de esperança e do natural contentamento pelo que se acabava de dar, mas não tendo positiva intuição do facto e suas consequencias, pediu ao invisivel que, se aquella agua fluidificada era para dar á sobrinha, restituindo-lhe a saude por esse meio, que lhe desse um signal.

Imediatamente ouviu-se um grande estalo no ar. E então, chamando suas irmãs e seu irmão, com elles dirigiu a Deus uma prece em acção de graças, ouvindo-se por essa occasião dois novos estalos identicos ao primeiro.

Logo em seguida deram uma colherinha d'aquella agua á enferma, a qual no dia seguinte estava inteiramente livre de perigo, vindo a se restabelecer completamente.

*

E, á carreira, sahi e cheguei ao hotel, onde reinava o maior silencio.

— Julio! bradei, atirando-me de braços abertos para o meu caro amigo.

— Max! Não esperava ter hoje o prazer de ver-te.

E, abraçados, demos expansão á nossa alegria, por acharmo-nos juntos.

Tomámos assento no meio dos que se achavam no salão, todos a nos olharem, como se fossemos umas raridades.

— Só te esperava no dia 20, e ahi tens a razão porque não vim receber, á estação, o muito nobre Sr. presidente da Camara dos Deputados.

A estas palavras, dir-se-hia que uma faisca electrica tinha tocado todos os presentes, tal foi o movimento espontaneo de todos, erguendo-se de seus assentos e cumprimentando calorosamente o meu amigo.

Só uma moça, bella como a aurora de um dia de primavera, ficou sentada, a olhar do seu logar para Julio, mas olhando com os olhos fixos, sem pestanejar.

O velho Almeida, como se tivesse recebido uma pancada no alto da cabeça, sahio cambaleando, e resmungando:

— Fui mais zebra do que o delegado.

Julio, em vez de responder-me, e mal correspondendo ao cumprimento geral, ficou por momentos como que magnetizado pelo olhar inexprimivel da bella moça extatica.

— Porque antecipeste a tua vinda? perguntei, admirado da distracção do amigo.

Dando um largo suspiro, que parecia suave expansão de sentimentos concentrados no coração, respondeu-me, voltando a seus modos joviaes:

— Porque aprouve-me fazer-te uma surpresa.

— Não foi completa, visto que aqui estou. Se por este lado não foi, será por outro que nem imaginas.

— Ah! eu não tenho o dom de advinhar.

— E ainda que o tivesses, não o poderias.

— O que é? O que é?

— Dir-te-hei sómente que transformei-me aqui em S. João.

(Continúa.)

FOLHETIM

(50)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

IX

Julio e o delegado estiveram por cinco minutos conversando á janella, emquanto os que compunham a sociedade do hotel estavam sem saber o que pensar, ansiosos e curiosos de saber qual o desfecho da surpreendente scena.

A todos parecia que o moço, cuja presença impunha respeito e cuja arrogancia nobre indicava elevação, não era um homem commum—devia ser de posição elevada.

A moça pianista sentia-se cheia de nobre orgulho, por ver que o bello cavalheiro se erguera tanto acima da vil suspeita, que obrigara o delegado a acceitar o que elle, por generosidade, lhe offerecera, para sahir do cipoal em que leviamente se mettera.

Mal sentia-se o ruido da respiração de toda a gente que enchia a sala.

De repente, os dois conferenciadores se afastaram da janella, e á primeira vista reconhecia-se quem ficara humilhado.

O moço, com sua inquebrantavel serenidade, atravessou o salão, sem olhar para ninguém, e foi recostar-se ao piano, donde deitou á sua defensora um olhar que dir-se-hia composto de faiscas electricas.

O delegado, cheio de confusão, com passo vacillante, sem poder encarar ninguém, tentou sahir da sala; mas ao mesmo tempo endireitou para o piano e, estendendo a mão ao moço, alli recostado, disse-lhe, em tom que por todos foi ouvido:

— Ainda uma vez peço á V. Ex. que me perdõe e que me dê suas ordens.

Elle pensou logo na appareição de que seu pae havia falado e resolveu-se a ver o que era.

Caminhou para ella e estendeu o braço para segurá-la, mas illudiu-o ella e foi apparecer a alguns pés de distancia; tão inutil como esta foi a segunda tentativa que elle fez para prendel-a. Então elle trouxe de uma sala vizinha uma arma de fogo, e sobre a figura, que estava de pé junto ao fogão, apontou o fez fogo.

O estampido do tiro foi acompanhado de um grito horroroso, e, quando o fumo se dispersou, a figura havia desaparecido, mas o velho relógio, que se achava no canto da sala, estava escangalhado em consequência da deslocação do ar. A familia acordou assustada e, ouvindo a historia, ficou mais aterrada que nunca.

Essa appareição fez lembrar uma historia, de ha muito esquecida, do assassinato de uma joven, n'essa casa, por um velho solteirão, que ali residia. Muitos acreditam que é esse espirito que se manifesta.

Um outro facto da mesma natureza, isto é, uma appareição, acaba de dar-se n'esta capital. O Sr. Guilherme S. tinha uma enteada, de 20 annos de idade, que estava soffrendo de uma consumpção pulmonar bastante adiantada. Para ver se ella tinha algum allivio, fizeram-n'a ir para a casa de uns parentes, onde ella ia tendo algumas melhoras.

Ha nove dias a Sra. L., ao despertar, viu essa sua filha enferma inclinar-se sobre o berço de sua irmãzinha, abraçá-la e beijá-la. Assustada, ella desperta o marido e lhe diz:

— Minha filha morreu; acabo de vel-a beijando a irmã.

O Sr. L. veste-se, vai á casa de seu parente e encontra sua enteada morta.

O passamento se deu á hora exacta em que ella foi vista em casa de sua mãe:

No *Lumen*, de Barcelona, o conde H. de M. publica o seguinte:

Installado em um hotel de Londres, uma noite, estando eu lendo uma obra de lord Lytton, vi diante de mim, sentada em uma cadeira, uma senhora idosa, trajando um vestido escuro, com a cabeça inclinada para o peito, a fronte larga e colorada por suas veias inchadas e salientes; trazia um ridiculo gorro enfei-

tado e com dois ramos de violetas silvestres. Sua cabeça movia-se convulsamente e a cada abalo as flores cahiam sobre o lado esquerdo da fronte de um modo desgracioso.

No dia immediato perguntei á dona do hotel se entre as suas hospedeiras, havia alguma que tivesse essa figura, que eu lhe descrevi. Essa senhora não podia ter entrado pela porta nem pela janella, fechadas por dentro com corredeiras, nem pela chaminé, pois o fogão estava aceso.

Minha pergunta pareceu incommodal-a; mas ella acabou por confessar-me que essa dama tinha fallecido, havia seis mezes, n'aquelle aposento, e chamava-se miss King; que poucos dias antes de expirar, ella havia soffrido accessos horribes de tosse, e que, precisamente, usava um gorro com dois ramos de violetas, que lhe dava um aspecto ridiculo, quando morrera.

COLLABORAÇÃO

Os Adversarios da Theoria da Reincarnação

A theoria da volta do espirito á terra por vezes successivas, revestindo corpos diferentes, de conformidade com as provas que elle tem de cumprir, afim de se libertar dos vicios e más inclinações que o fizeram cahir, theoria tão racional e conforme com a justiça divina, que dá sempre á creatura os meios de reparar e progredir por seus proprios esforços, — theoria enunciada pelos prophetas hebreus, falando da volta do propheta Elias, e confirmada por Jesus, quando falou aos seus discipulos sobre a incarnação de João Baptista, e em sua já tão conhecida entrevista com Nicodemus, continua ainda a ser posta em duvida pelos spiritas saxonios, principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos da America do Norte.

Ha um mysterio impenetravel no facto de os proprios espiritos, que alli se manifestam, não se oppõem e, mesmo, muitas vezes se apresentam como confirmando a repulsão d'essa theoria.

A's vezes, porém, as razões allegadas são de tal peso, que parecem apresentadas de proposito para que, raciocinando, sem idéas preconcebidas, o homem chegue a uma conclusão contraria áquella que ellas querem justificar.

porque nutro a esperança de ouvir a repetição de umas notas celestes, arrancadas ao piano pelos dedos de um anjo que tomou a forma humana.

Era uma provocação muito directá á bella moça e, pois, ficou ella na mais embaraçosa posição: nem mais sahir da sala, que seria descortezia, nem correr a satisfazer os desejos do moço, que pareceria coquetterie.

— Pois fica, meu Julio, que eu virei a ti, de manhã, muito cedo, e que tenhas a ventura de ouvir os celestiaes accordes, que tanto te encantaram ou desencantaram; pois que, bem o disste, parece que o clima de S. João produziu em ti uma transformação.

Despedi-me e fui pensando sóinho pelo deserto caminho que conduz ás Aguas:

— Será serio? Terá Julio sentido aqui, n'um momento, desfazerem-se os gelos que tantas bellezas da corte nunca lograram fundir aos ardentes raios de seus corações apaixonados? Se tal acontecer, o proverbio «casamento e mortalha no céu se talha» é uma verdade mais uma vez confirmada por facto palpavel. Julio, no apogeu de sua gloria, desejado por quanta moça bella e distincta existe na corte, olhar para todas com a indifferença de sceptico em materia de amor, e chegar aqui a uma hora, e nessa hora já ter sido ferido pelos encantos de uma moça roceira! Oh! isto não é, não pode ser casual. Isto é a confirmação da lei das vidas multiplas, pela qual os que se amaram, voltando á terra, se reconhecem e se amam, — pela qual os que têm a mesma missão nesta vida, vêm, já do espaço, dispostos a se unir, para se auxiliarem no desempenho de sua missão commun. O casamento, pois, se não é sempre, é muitas vezes a realização de um pacto celebrado no espaço (céo) e, portanto, o effeito de uma lei emanada do amor do supremo Regedor do mundo. Sim; nem sempre é isto, porém não é sempre isto, porque, para que se cumpra a lei, são precisas duas condições, que não se dão com todos: primeira, reciprocidade de sentimentos amorosos; — segunda, identidade de provas na futura existencia. São, pois, os

No importante trabalho do Dr. Peebles, eximio philanthropo e propagandista norte-americano, *The Immortality and our employments hereafter*, cita elle diversas communicações do espirito Aaron Knight, espirito de largo desenvolvimento intellectual e muito respeitado n'aquelle centro, em uma das quaes, respondendo acerca da realidade da reincarnação, elle diz:

— Esto no espaço ha cerca de duzentos annos; tenho falado a respeito disso a muitos espiritos, dos quaes alguns de elevada categoria. Todos elles me affirmam ser isso real; mas eu por mim mesmo nada posso dizer; nem affirmo nem nego.

Será isso, perguntamos nós, uma affirmação, uma prova da irreallidade da reincarnação? Não o cremos. O espirito diz haver consultado a muitos, e entre estes alguns elevados, e que todos affirmam a existencia do facto; mas elle, chefe espiritual do grupo, não quer impôr a sua opinião, deseja que os seus amigos da terra aceitem o facto pela sua racionalidade, e não por consideração á sua pessoa.

Nós já vimos um notavel propagandista americano declarar, no ultimo congresso espiritalista de Londres, que não aceitava a reincarnação, porque no seu paiz, separadas por uma distancia de cem leguas, duas mulheres no mesmo dia deram á luz, e ambas receberam a declaração de mediuns de se achar incarnado em seu filho o espirito de J. Jacques Rousseau; e como não era possivel essa divisão, a reincarnação deixa de ser uma verdade.

Um outro notabilissimo medium americano, o bem conhecido Sr. Hudson Tuttle, consultado se podia um espiritalista ser reincarnacionista, respondeu que não, porque o espiritalismo ensina que os espiritos que deixam a terra conservam-se sempre promptos a vir em auxilio dos que d'ahi os chamam, e que, admitindo-se a reincarnação, poderá um de nós evocar o espirito de seu pae, e este não poder vir, por já estar reincarnado n'um selvagem da Patagonia.

Parece incrível que motivos tão frivolos, tão desarrazoados, possam ser citados em uma discussão seria, para contrariar uma doutrina tão racional e consoladora, como a que nos diz que jamais a porta da bemaventurança será fechada á crea-

casamentos feitos por amor, e jamais os que têm por movel o interesse, os unicos que podem realizar aquellas condições e, consequentemente, os unicos que são feitos segundo a lei.

Pensava ao passo do meu cavallinho, enquanto lá no hotel Julio caminhava, sem pensar, para a realização do seu destino na terra.

Voltando da porta, até onde me acompanhara, o moço, que já havia conquistado a estima e o respeito de toda a gente reunida no salão, dirigiu olhar supplice á filha do barão, como a pedir-lhe o deferimento do seu requerimento.

A moça corou até ao branco dos olhos e, automaticamente, rompeu com o dilema que se havia posto, escolhendo parecer, embora, coquette, comtanto que não contrariasse o desejo de quem já lhe era tudo, antes mesmo de ser-lhe conhecido.

Ergueu-se com o donaire de uma princeza, ou com a graça natural de uma fada, e, passando leve e vaporosa como um sylpho, foi sentar-se ao piano, que começou a dedilhar.

Era ella eximia pianista; mas naquella momento sentia-se arrebatada por uns fluidos, por sublime inspiração, que davam alma e vida ás notas de uma musica de Bellini.

Os sons, já de si doces e melodiosos, como são todas as composições daquelle terno espirito, ligavam-se, sem desinencias, como fio d'agua, sem interrupções em sua cadencia, de modo que todas as notas se fundiam em uma unica, apenas variaveis pela variedade das modulações.

Era um côro de anjos — eram harmonias verdadeiramente celestes!

Não havia alli quem não se commovesse até ás lagrimas, quem não se sentisse arrebatado, em espirito, a mundos desconhecidos, onde tudo era luz, tudo harmonia, tudo excelsas grandezas, tudo maravilhas indescriptiveis.

Um bravo unisono, uma explosão de palmas encheu o recinto, quando a moça disse o ultimo adeus naquella divina linguagem.

tura, e que o arrependimento sincero é a alavanca poderosa que pode desembaraçar e limpar o caminho que conduzirá até aos pés de Deus mesmo os maiores culpados.

Nós cremos que, deixando o corpo, o espirito, na erraticidade e sob o agulhão do remorso, estuda sua vida passada, busca conhecer seus vicios, seus erros e os sentimentos maus que foram d'elles a origem; procura os meios de libertar-se d'elles e fortalecer a sua crença, e, uma vez feito esse estudo, pede para vir prestar o seu exame, tomando um novo corpo.

E. QUADROS.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas
REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6.)

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

«Os puros espiritos que, depois de terem fallido, attingiram, purificados, a perfeição sideral, olham sempre com uma especie de respeito e de amor aquelles que souberam manter-se sem fallir, que, — tendo ficado sempre puros na via do progresso, — attingiram essa perfeição.»

«Não creiais, contudo, que haja uma linha de demarcação entre os espiritos que falliram e os que ficaram puros, não: ha igualdade de pureza, de dedicação e de amor; — deixai aos homens do vosso planeta a hierarchia das classes sociaes, a desigualdade das condições sociaes; perante Deus, tudo o que é igualmente puro, é igual.»

«Nós vos dissemos que os espiritos protectores e governadores de planetas eram *infallíveis e infallidos*: infallíveis, como estando em relação directá e

Julio, mais do que todos, achava-se em extase, já por ser, d'entre todos, o que tinha a alma mais sublimada para comprehender as illuminuras do céu, já porque era o unico, alli, que tinha o coração preso ao da moça angelica por uma corrente fluidica, que unificava-os em seus arroubos, nesse fluido que arrebatou-a ás regiões sideraes da luz e do puro amor, enquanto executava a sublime inspiração do maestro, que roubara os ternos effluvios dos felizes habitantes daquellas paradisíacas regiões.

Já tinham sido colhidas pelo genio da musica as ultimas harmonias, nunca tão bem adivinhadas e espalhadas pela terra, e o moço ainda se embelcia nellas, como se um maravilhoso phonographo estivesse repetindo-as no seio de sua alma.

Por fim despertou, e seus applausos nem foram bravos nem foram palmas, gr os-seira expressão para os mysticos sentimentos, que, como aromas de mimosas flores, saturavam e envolviam todo o seu ser.

Seus applausos foram um simples olhar, uma *mirada*, como poeticamente dizem os hespanhoes; mas uma mirada especie de iris, combinação de tudo o que ha de limpidão, de bom, de puro, de casto, de divino e de ardente no escriptorio da natureza humana sublimada.

Yayá, como para dizer-lhe: «fiz-lhe a vontade», voltou-se para elle e de seus olhos, tambem, fluiu, quiza mais ethereo, um raio de luz que resumia todas as claridades de seu angelico ser, todas as bellezas de sua candida alma, toda a poesia e pureza de seus castos affectos, todo o amor que lhe enchia o virginal coração.

Ao encontro daquelles dois olhares, uma espiral de fluidos luminosos, envolvendo os pensamentos dos dois moços, transportou-os, em espirito, a um paraiso ou oasis, onde falaram de coisas desconhecidas aos pobres habitantes da terra.

Quando voltaram a esta vida tão prosaica, ainda traziam a alma cheia de alegrias: sorriam um para o outro.

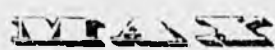
(Continúa).

FOLHETIM

(51)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

X

Estava revelado o mysterio que attrahira, por uma hora, todas as potencias d'alma dos que se achavam no salão do hotel de Oeste.

Já todos sabiam quem era a Excellencia que tanto os intrigara, e a respeito de quem tanto falaram, mal presumindo que falavam de quem os estava ouvindo.

A moça pianista, que fizera a mais calorosa apologia dos altos meritos de Julio, chegando a declarar o seu heroe, tinha a alma repleta de effluvios celestiaes, reconhecendo que o typo correspondia ao seu ideal.

Sentia-se, porem, acanhada, depois d'aquella exaltação que paralyzou todas as fibras do seu ser, mesmo porque falara, suppondo-o ausente, com enthusiasmo que agora julgava indecoroso.

E, curvando a cabeça ao peso da sua vergonha, só aguardava propicia occasião de retirar-se da sala, sem que a visse Julio.

De que valia, porem, sahir sem ser vista, se ella era a Yayá, a mimosa filha do barão, por amor do qual viera elle e, consequentemente, teria forçosamente de encontrar-se com elle nos commodos de seu pae?

A bella menina sentia tanta effusão quanto confusão.

Eu quiz carregar com Julio para as Aguas, áquella mesma hora, mas elle respondeu ao meu convite, dizendo:

— Não posso acompanhar-te por duas razões, quasi de estado: primeira, porque estou fatigado da longa viagem, e segunda,

Agricultores de França, 8 rua d'Athenas, durante 12 dias, contados de 15 a 26 de setembro vindouro.

E' o seguinte o programma da «Secção spirita», oficialmente publicado, e de que nos apressamos a dar conhecimento aos leitores :

«PROGRAMMA DA SECÇÃO SPIRITA. — Depois do Congresso realizado em 1889, o estudo das faculdades anímicas effectuou grandes progressos ; as investigações das sociedades psychicas inglezas e americanas, os trabalhos dos Srs. de Rochas, Ch. Richet, Flammarion, os documentos, finalmente, reunidos nos annaes psychicos, demonstram a acção extracorporea da alma humana durante a vida.

«Urge estudar essas manifestações, segundo um methodo rigoroso, que permita classificar-as de conformidade com a sua ordem de complexidade. Caberá, por conseguinte, examinar antes de tudo :

«A existencia e a natureza da energia que emana do corpo humano para produzir os effectos physicos, chimicos e physiologicos, constatados nas experiencias do magnetismo e do spiritismo; em seguida a clarividencia, a suggestão, oral e mental, a transmissão de pensamento, voluntaria ou inconsciente, a telepathia, a exteriorização da sensibilidade, da motricidade e da vontade, o desdobramento, a materialização da alma em vida, fóra do seu corpo, os seus effectos physicos e psychicos ; aproximação d'esses phenomenos com os produzidos pela alma depois da morte; identidades d'essas manifestações, consequencias a deduzir d'ahi.

«Todos esses factos, melhor conhecidos agora, obrigam os spiritas a recommençar o estudo da mediumnidade, tendo em linha de conta os factores humanos, que podem intervir, taes como : memoria latente — memoria das vidas anteriores — auto-suggestão — clarividencia — premonição — influencias telepathicas. — Feita a distincção entre o automatismo e a mediumnidade, será possível discernir os phenomenos spiritas dos que d'elles não têm mais que a apparencia.

«Terminado esse estudo, parece que será mais facil abordar e resolver as duas questões já indicadas em nossa circular de 11 de abril de 1899 :

- 1ª A crença nas vidas successivas ;
- 2ª A crença na existencia de Deus».

Esse documento está assignado : A Comissão de organização da Secção Spirita, — 55 rue du Château-d'Eau, Paris.

FOLHETIM

(52)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

XI

Muito cedo, como promettera a Julio, eu era com elle no hotel, onde ainda o encontrrei recolhido a seus commodos.

— Então? passaste bem?

— Deliciosamente. meu Max; calcula que encontrrei aqui a metade de minha alma, de que me falou o nosso querido Martim, a quem tanto metti, por isso, á bulha.

— O que, Julio?! Seriamente, vieste encontrar aqui a mulher que te feriu o coração invulneravel?

— Digo-te, meu caro Max, que a formula do Martim é a mais sabia expressão de uma verdade, que o mundo não comprehende. Sim; nós só completamos o nosso ser, na vida corporea, quando ligamos nossa alma á outra, que lhe foi presa por laços indissolueis em proximo ou remoto passado. Emquanto não se dá o encontro d'essas duas metades, qualquer d'ellas, esquecida do pacto de se unirem, feito nas regiões sidereas, vaga pela vida, sentindo que lhe falta o complemento, que ambas aspiram; — e passam pelos focos da maior attracção, como a ave pelas arvores floridas, quando vai em busca do terno companheiro. Vês tu? Eu frequentei as mais distinctas sociedades da corte, onde tratei com as mais bellas e seductoras filhas de

Direitos autoraes e de traducção

Por iniciativa do nosso collega João Lourenço de Souza, obteve ainda a Federação a concessão dos direitos á traducção, em lingua portugueza, das modernas obras de que tratam os seguintes documentos, a que, para todos os effectos, damos publicidade :

« Concedo, pelo presente documento, á Federação Spirita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito de fazer traduzir em lingua portugueza a minha obra *Dé-matérialisation partielle du corps d'un médium*, e de fazer a impressão e venda, em qualquer parte que lhe convenha.

6 Perspective Newsky, St. Petersburg, 14 maio 1900 — ALEXANDER AKSAKOF. »

« Concedo, pelo presente, á Federação Spirita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito de traduzir em lingua portugueza a minha obra *La Levitation*. — 21 rue Descartes — Paris, 1 de março 1900. — Coronel ALBERT DE ROCHAS. »

« Concedo, pelo presente, á Federação Spirita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito de traduzir em lingua portugueza a obra *Les Evangiles de Roustain*, resumida pelo Sr. René Caillié.

42 rue St. Jacques — Paris, 1 de março de 1900. — P. G. LEYMARIE, (cessionario por escriptura). »

Concedo, pelo presente, á Federação Spirita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito de traduzir em lingua portugueza a minha obra *La Survie*.

22 — Rue Milton — Paris, 13 de maio 1900. — RUFINA NOEGGERATH. »

Ha pouco mais de dois mezes, uma moça d'esta capital começou a sentir-se muito perturbada por factos que suppoz, e os medicos materialistas tambem supporiam, ser manifestação de alienação mental; ella via fantasmas, ouvia vozes distinctas, que lhe aconselhavam o suicidio.

Ella chorava a sua infelicidade, quando uma senhora, sua visinha, lhe falou do spiritismo, da acção dos espiritos sobre os incarnados e dos meios de combater essa acção.

Falando no medium Sr. M., essa senhora pediu-lhe para trabalhar a favor d'aquelles dois infelizes.

Eva; e meu coração foi sempre frio, como se fosse feito de gelo. Cheguei aqui e, mal puz os olhos n'uma moça, que ainda não sei quem é, bella, é verdade, como a aurora de um dia de primavera, mas tão bella como outras da corte, subito, irrompeu do meu peito um vulcão, cujas lavas desferiram os gelos do meu coração. E' a formula do Martim. Minha alma, como elle m'o prophetizou, encontrou hontem sua metade, perdida nos espaços — e eis como e porque o coração invulneravel foi traspasado pelas setas do deus alado.

— Mas, então, ainda não sabes quem é a senhora do teu coração?

— Não quiz perguntar, com receio de que me surpreendessem os intimos sentimentos. O que te posso dizer é que ella já me conhecia de nome e me votava entusiasticos affectos; donde a conclusão de que tambem ella encontrou em mim a sua metade.

— Como é isto, Julio?! Não sabes quem é a moça, e sabes que ella te vota entusiasticos affectos!

— Eu te digo. Assisti, quando ninguem na sala sabia quem eu era, a uma larga discussão a meu respeito, dizendo de mim um velho, que me pareceu respeitavel, o que um padre não diz de Satanaz. — Quem pensas que tomou a minha defesa? Ella, Max, ella, que a fez melhor do que eu mesmo a faria.

N'este ponto da conversa dos dois amigos, bateu á porta da sala de Julio o proprio dono do hotel, que vinha ter a honra de trazer o café á S. Ex. e a seu amigo.

— E' assim o mundo. Hontem, nem o creado se dignaria levar o café ao suspeito da policia. Hoje, o dono da casa tem por summa honra levar-o, elle proprio, ao presidente da camara dos deputados!

Julio acolheu-o affavelmente, como era de seu natural, e o homem sahio dizendo:

— S. Ex. trata a gente como se fosse seu igual!

Sem nunca ter visto a enferma, o Sr. M. começou a pedir a Deus consentisse que seus bons espiritos auxiliassem aquella irmã, afim de que ella tivesse forças para repellar a acção dos seus perseguidores.

A oração pelos que soffrem eleva-se a Deus e faz descerem fluidos bons sobre aquelles por quem ella é feita.

Depois d'isso, vendo-se contrariado, o espirito obsessor apresentou-se ao Sr. M. Este viu-o aproximar-se e deixou que se ligasse a elle, e então ergueu com força o pensamento o Deus. O espirito, tendo de acompanhá-lo, soffreu aquella impressão e desligou-se logo, dizendo:

— Alto! Assim não quero.

Continuou o melium a pedir pelos dois; e essa moça está hoje boa e convencida da existencia de Deus e da immortalidade da alma humana.

No *Journal*, de Paris, conta o Sr. Goron, commissario de policia, o modo por que descobriu um crime de cuja syndicancia estava encarregado. Toda a tarde esteve elle ruminando sobre os incidentes do facto, e, quando se recolheu ao leito, não poudo conciliar o somno, preocupado com o proposito de achar o movel que levaria a Sra. X. a assassinar a viuva Bazire. Era-lhe impossivel resolver o problema.

Quanto mais reflectia, mais elle encontrava indicios que compromettiam essa mulher tagarela, que desnoqueara por duas vezes a policia.

N'esse estado de excitação, devido á insomnia, teve elle uma allucinação.

Viui o dormitorio da Sra. Bazire, com as suas bandeiras pregadas ás paredes e suas imagens sobre uma commoda. A pobre velha chegou da missa, trazendo o seu grande livro.

Cançada de ter subido as escadas, sentou-se por um instante n'uma cadeira, para tomar folego; depois levantou-se, abriu a porta e foi buscar o seu bábú, que descençava sobre rodas, e trouxe-o até ao centro da sala, produzindo um grande ruido.

De repente uma velha desgrehada, uma especie de furia, empurrando a porta entreaberta, penetrou no quarto, trazendo umas cordas, que brandia como se fossem uma arma.

— Já não posso mais com os teus infernaes ruidos, gritava ella. Não me tornarás mais a acordar com o teu tramway, besta immunda.

Depois de depôr sobre a mesa o café, o hoteleiro entregou a Julio um cartão de visita do barão de Montenegro.

— O Sr. barão está hospedado em sua casa?

— Sim, senhor — e pediu-me para dizer á V. Ex. que está ancioso por sua visita.

— Faça-me o favor de dizer-lhe, Sr., que eu não fal-o-hei esperar por muito tempo.

— Vai já, meu Julio, que eu te esperarei aqui, para irmos á minha casa, onde nos espera excellente almoço, feito pela mãe Martha, que está louca por saber que estás em S. João.

— Pois bem; espera-me, que eu não te farei desesperar.

O moço, penteado e vestido com o esmero habitual, dirigiu-se ao dono do hotel, para saber onde eram os commodos do barão.

— Eu vou guiá-lo até a porta, Exm.

E, assim como disse, assim o fez.

Julio, enfrentando com aquella porta, sentiu um abalo, como o que resulta de um choque electrico — e, sem ter tempo de pensar em tão estranho phenomeno, viu abrir-se-lhe a porta, e ouviu uma voz melodiosa, que lhe disse:

— Faça favor de entrar, Sr. doutor.

A voz era de Yayá — da filha do barão — da moça que ferira o coração de Julio.

Este não ficou perturbado de fazer ridiculo papel, porque um espirito elevado já pode dominar-se pela vontade; no emtanto, em seu intimo, refervia uma tempestade, que quasi requeria a mão potente do louro Nazareno para apaziguar-se.

Julio ainda vacillava, na duvida de achar-se ou não possessor de amor pela bella moça da vespera; á vista d'ella, porém, dissipou-se toda vacillação — e o moço teve a certeza de que seu destino estava gravado n'aquelle coração.

— Meu pae, Sr. doutor, não poudo vir cebel-o, por se achar com tonteiras de n'ser-lhe dado firmar-se em pé; pede-lho pois, que se digne de chegar onde o ee,

E atirando-se sobre a Sra. Bazire, que cahiu aterrada, sem ter ao menos a coragem de gritar, passou-lhe a corda ao pescoço e puxou-a com todas as suas forças.

Houve um estertor e tudo acabou-se. A Sra. Bazire não se moveu mais.

Então o Sr. Goron reconheceu a velha desgrehada, que se ria como uma louca: era a Sra. X. . .

— Oh! exclamava ella; olha agora para o teu satânico bábú, velha beata; nunca mais me incomodarás com elle.

De novo ouviu o Sr. Goron o lugubre ruido das rodas, e viu a furia atirar o pesado movel sobre o corpo da defunta, cujas pernas tiveram um ultimo estremecimento e se tornaram rijas.

Então a Sra. X. olhou ao redor de si, dirigiu-se para a porta, afim de ver se alguém subia a escada, depois, bruscamente, tirou de cima da chaminé um pesado relógio, escondeu-o sob o avental e sahio cerrando a porta.

Immediatamente o Sr. Goron desesperou sobresaltado e banhado em suor.

Tinha achado o que procurava.

A physionomia do Christo

Sob esta epigraphie suggestiva, os nossos collegas da *Revista Spirita*, do Porto, publicaram, em sua edição de junho, precedido das considerações que reproduzimos integralmente, o seguinte documento de uma alta e incontestavel relevancia, que responde de um modo victorioso ás dissimuladas insinuações de uns tantos — que os ha — que pretendem attribuir ao Divino Mestre uma existencia meramente symbolica e virtual, sendo apenas de lastimar que os referidos collegas não tivessem mencionado a fonte onde colheram o documento em questão, o que lhe daria maior valor, assegurando-lhe a necessaria authenticidade aos olhos dos taes incredulos, não a nós, que lhe attribuímos inteira fé.

Eis as considerações e o documento :

« Aos que repellem como mythologica e falsa a existencia real de Jesus Christo na terra, e aos que, admitindo-a, apenas lhe concedem o qualificativo de philosopho moralista, sem por forma alguma reconhecerem sua natureza santa e excepcional e sua missão providencial e divina, offerecemos a seguinte carta d'um

pera, como o naufrago espera a salvação de mão amiga que lhe é estendida.

— Permitta Deus, minha senhora, que o seu naufrago encontre na mão, que tão d'alma lhe estendo, a salvação que almeja.

— Eu o espero, Sr. doutor — e tanto que, se assim não succeder, é que Deus, e só Deus, determinou o contrario dos nossos desejos.

— Confia tanto em meus recursos scientificos?

— Tanto, que fui eu quem fez questão de lhe ser confiado o tratamento de meu pae.

— Seus sentimentos a meu respeito, minha senhora, são para minha alma uma atmospheria de fluidos celestes, onde me é dado respirar as alegrias dos anjos.

— Obrigada por tão mimoso cumprimento, que não me faz orgulhosa, por já conherer e admirar a fina delicadeza de seu espirito, rico, em demasia, das graças e bellezas que esmaltam a intelligencia dos privilegiados da natureza humana. São flores, cujos deliciosos aromas se derramam por todos os que se lhe aproximam, sem preferencias nem exclusões.

— Obrigado, sou eu que devo dizer, minha senhora; mas, se eu fosse qual, em sua ardente imaginação, me descreve, não poderia deixar de ter preferencias, quaes têm as altas nuvens do céu pelas altas cumeadas das montanhas. Nunca suppuz descobrir aqui a aguia altiva, que fende os ares, sem se offuscar com o brilho da luz do astro-rei, e que, em meus sonhos e anhelos, de balde procurei nas rodas da mais illustre sociedade.

A moça ficou rubra, abaixou os olhos e, n'um enlevo indescriptivel, disse, com voz tremula :

— Meu pae o espera, doutor. Salve-o, e disponha de dois corações cheios de reconhecimento.

(Continúa).

Retirou-se o paciente e, voltando segunda-feira, assim falou :

— Venho hoje agradecer-lhes a caridade que me fizeram e declarar publicamente o que se tem passado comigo : até aqui chamavam-me para beber e, sem poder resistir, eu bebia; agora chamam-me de todos os lados e não ha hypothese de querer beber : a propria agua tomo com alguma repugnancia. Já estou empregado, graças a Deus, e mais uma vez agradeço a caridade que me fizeram. (1)

Julho 31 de 1900 — Frederico Jofrei, José Guilherme Cordeiro, tenente José Joaquim de Magalhães Abreu, Abilio Ribeiro Barbosa, Ernestina Pereira, Izabel Augusta, Luiza Cordeiro, Antonio Monteiro da Silva, Alvaro Porto, Antonio Leite, João da Cruz, Rodolpho Carlos da Silva, Leopoldo J. J. de Freitas.

BIBLIOGRAPHIA

Fomos gentilmente brindados com os seguintes trabalhos, cuja remessa, vindo enriquecer a bibliotheca da Federação Spiritica Brasileira, constitue um titulo de gratidão, da nossa parte, aos confrades que gentilmente nol-a conquistaram e de que lhes damos publico testemunho :

REIVAX—*Guia Prático das sessões spiriticas e collecção de preces*, publicado sob os auspícios da Sociedade Allan Kardec—Porto Alegre, 1900.

Em abono da utilidade d'este pequeno volume de 70 paginas, eis o que escreveu o autor na apresentação que «ao leitor» é feita no começo da obra, n'estes termos :

« As difficuldades com que deparámos no começo de nossa pratica spiritica e que ainda hoje apparecem, sempre que os nossos protectores do espaço se dignam de trazer-nos para estudo algum assumpto novo, levam-nos a offerer aos neophytos do spiritismo este pequeno e despretencioso trabalho, certamente muito rudimentar, mas por isso mesmo ao alcance d'aquelles a quem o offeramos.

Como complemento inserimos uma collecção de preces, em grande parte extrahidas do Evangelho de Allan Kardec, das quaes algumas ligeiramente modificadas, sómente com o fim de tornal-as aproveitaveis a maior numero de casos. Outras são de nossa lavra, suggeridas pela pratica e applicaveis a muitas hypothese, para as quaes nada encontramos publicado que seja adaptavel.

(1) Estiveram presentes 60 pessoas que podem attestar o facto.
Até hoje esse irmão não tem bebido.

Dando á luz da publicidade este folheto, não nos esquecemos de que os espiritos disseram : *a formula nada vale; o pensamento é tudo.*

Porem assim como elles deram algumas normas com o fim de fixar as idéas dos crentes sobre certos pontos da doutrina, entendemos não exorbitar accrescentando outras no mesmo sentido.

Demais, se é sabido que um bom pensamento por si só satisfaz ao Creador, não é menos certo que a solemnidade dos actos que com elle se relacionam, como são as sessões spiriticas, impõe-nos o dever de conduzir os nossos trabalhos do modo o mais correcto possível, o que, aliás, produz um bom effeito para com os assistentes. Além do que, temos notado que as preces em favor de certos espiritos produzem n'elles tanto mais effeito quanto mais tocantes forem; e isso nem sempre se pode conseguir de improviso.

Terminando, chamamos a attenção para as notas que acompanham todas as preces, cuja leitura consideramos indispensavel. — *Reivax.*»

COLLECÇÃO DE PRECES DO EVANGELHO, 3ª edição correctu e augmentada com as principaes e indispensaveis preces para a abertura e encerramento das sessões dos Centros Spiriticas «Consolo dos Afflicto» e «S. Mathieus» e grupos «Fé, Esperança e Caridade», «Amor e Caridade» e «S. Jacob» — Paranaguá, Estado do Paraná.

Identico ao precedente nos seus fins, o presente folheto se torna recommendavel por igual titulo de utilidade, tanto mais que, exposto á venda ao preço de 500 réis o exemplar, é o seu producto destinado a soccorrer os necessitados.

Digamos, contudo, a passar que, em principio, somos absolutamente contrarios a toda idéa de instituir para o spiritismo formulas em que se encerre o pensamento e a que os labios venham porventura a se habituar, sem que n'isso tome o coração a menor parte, a exemplo do que tem produzido o romanismo com os seus formularios e catecismos.

Tempo é já de comprehendermos que um pensamento puro que se eleva para o alto impressiona vibratilmente o ether e sobe ao Creador sem necessidade de vestir-se de longas phrases que, por mais tocantes que sejam, vem por fim, á força do habito, a tornar-se monotonas e, por assim dizer, mecanicas. A prece, diz com muita propriedade Léon Denis, é muitas vezes uma unica palavra, um gesto, um olhar.

indescriveis alegrias, bebendo n'aquelle embalsamado ambiente uma impressão como se deve sentir na convivencia com um anjo do Senhor.

— Tu encontraste a felicidade, Julio, onde o nosso caro Martim foi excavar a negra cova.

— N'outros tempos, Max, eu diria : caprichos da sorte; hoje, porem, que reconheço nada por acaso, tudo por superior razão de ser, cogito muito sobre a razão d'essa diversidade.

— Não te cances, meu caro Julio, que essa razão já nos foi dada na revelação da revelação: o spiritismo.

— Explica-me, pois, Max, o porque d'essa diversidade que, aos olhos profanos, accusa a justiça do Senhor.

— Duas palavras, meu Julio, duas palavras que fazem rir os padres e os sabios, de sciencia vã, bastam para esclarecer a vista do que tem fome e sede do conhecimento da verdade : *vidas anteriores*. Se toda esta geração, que ora povoa o mundo e que partilha tão diversamente os fructos da sciencia e da moral, dormisse um sono secular, quando acordasse poderia ser toda uniforme no saber e na moral? Certamente que não. E de quem é a obra do atrazo de uns e do adiantamento de outros? Certamente que do maior ou menor esforço de cada um. O que tem, pois, com isto a justiça de Deus? Se Deus tivesse creado mais atrazados e mais adiantados, era o caso de accusar-se aquella justiça; mas Deus cria todos em identidade de condições, em innocencia e ignorancia, e dá a todos identicos meios de desenvolver sua moralidade e sua intellectualidade, da innocencia e da ignorancia nativas á mais sublimada virtude e á mais excelsa sabedoria, os dois elementos da perfeição, que é o destino da humanidade. Ora, se o homem, o ser humano, é creado para a perfeição,— lei do

Fazemos justiça á intenção que presidiu á publicação de taes folhetos e que é a mesma á que obedecem o Mestre, quando accrescentou a *O Evangelho segundo o Spiritismo* as preces com que fecha o volume, e por isso acolhemos sympathicamente taes publicações. Deus nos livre, porem, de nos atarmos sempre á necessidade de rebuscar palavras para dentro d'ellas enfiar o nosso sentimento.

Que esse sentimento seja ardente e sincero, e, por mais breve ou imperfeitamente que se expresse em sua forma oral, terá sempre a força da intenção que o revesti, livre de normas convencionaes, que não devemos adoptar. E' preciso habituar a alma a procurar na intensidade dos seus proprios generosos impulsos a inspiração com que se eleve para o alto, inspiração tanto mais brilhante em sua manifestação quanto mais intenso e espontaneo fór o sentimento.

E' esta a nossa desautorizada maneira de ver a tal respeito, sem embargo do acolhimento que, repetimos, nos merecem os trabalhos mencionados, pela intenção com que foram trazidos á publicidade.

Recebemos ainda e registramos com igual reconhecimento :

ESTATUTOS do Centro Spiritica Alagoano, fundado em Macció, em 15 de janeiro de 1899 ;

ESTATUTOS do Grupo Spiritica Amor e Caridade.—Bahia;

ESTATUTO e Regulamento Interno da Sociedade Spiritica Anjo da Guarda.—Santos, S. Paulo ;

ESTATUTOS do Grupo Spiritica Fé, Esperança e Caridade.—Sabará, Minas ;

RELATORIO do Centro Spiritica Caridade, da cidade de Iguape, apresentado pelo seu vice-presidente em assemblea geral de 25 de março de 1900.

Interessantes os dados que se contêm n'es e importante documento, quer no que respeita á existencia da prestigiosa sociedade, quer como subsidio para a historia do spiritismo no nosso paiz.

AS APPARIÇÕES

E suas provas scientificas

por

Camillo Flammarion

(Tradução de Nihil)

(Continuação)

Apresentamos, para exemplo, um assumpto, um unico: o das aparições dos moribundos a uma pessoa em logar mais ou menos distante.

Senhor, é claro que do uso que fizer de sua liberdade, em satisfação ou contravenção d'essa lei, resultar-lhe-hão merito ou demerito e, por sanção da lei, recompensas e castigos. O que infringir a lei, soffre o castigo; mas o castigo, qualquer que seja a gravidade do crime, não é de morte, como ensina a igreja romana, e sim correccional. E, porque é preciso, em justiça, que o criminoso repare todo o mal que fez na vida corporea, a si ou a outrem, para poder ser elevado ás regiões sempiternas do bem, da luz, da felicidade sem fim, Deus poz a lei da reincarnação, pela qual o relapso vem, nas mesmas condições em que cahiu, erguer-se e tomar a estrada do progresso. Compreendemos, pois, que, sendo variadissima a escala das prevaricações humanas, variadissima deve ser a das respectivas reparações, pois que cada um paga o que deve, sem um real de mais ou de menos. Tu e Martim vistes a esta nova vida corporea, trazendo desiguaes e diferentes dividas; tendes, portanto, de pagar em moeda de valor diverso. A moeda, já sabes, é o soffrimento physico e moral, e, pois, tu debes soffrer proporcionalmente á tua culpa, como elle proporcionalmente á sua,—e cada um carregará soffrimentos da natureza de sua falta. Já nos foi dito que Martim falliu por faltar á fidelidade a seu marido na existencia em que foi mulher; portanto foi a pagar essa divida que especialmente volveu á incorporação, para soffrer o que fez soffrir. Tu tiveste outro genero de culpas, em que, porventura, foi teu socio este espirito que é hoje a angelica Yayá; vieste reparar tal culpa e, desde o espaço, concertaste com teu socio no mal virem, juntos, trabalhar pela reparação. E' por isto, que o instincto da massa popular penetra, que pura verdade é o annexim: casamento talha-se no céo, isto é, nos espaços, onde pairam os espiritos.

Os positivistas levantam os hombros em signal de desdém, quando ouvem falar de parvoices semelhantes; estudal-as, embora por um momento, é, para elles, perder seu tempo; mais ainda : é cahir na superstição dos seculos remotos.

E' impossivel, affirmam, que uma pessoa possa apparecer á outra, ou se faça conhecer por outra qualquer forma depois de morta.

A palavra « impossivel » já não era mais conhecida no tempo de Napoleão, e hoje mais do que nunca, depois do desenvolvimento surpreendente e inesperado da physica moderna.

Depois da photographia, do vapor, do telegrapho, do telephone, da analyse espectral dos astros, da suggestão mental e do hypnotismo, etc. etc., aquelle que tiver a estulta pretensão de querer circumscrever os limites do possível mostra-se, pelo menos, retardado meio seculo, em relação ao mais atrazado estudante de uma escola primaria.

Objectam-nos: como se podem explicar taes transmissões? Só devemos admittir aquillo que nos fór possível explicar.

Grande erro!

Explicais, diremos, a razão por que uma pedra cai quando atirada ao ar? Não, isso não é possível, porque é desconhecida a origem da gravidade do peso.

Então deveis ser mais modestos e não criticar, sem previo estudo, aquelles que desejam saber mais do que sabem e do que sabeis.

Existem as aparições? — eis a questão.

Se existem, é preciso acceital-as; trataremos de explical-as mais tarde, se pudermos.

Oh! Ellas não são de hontem, ou, melhor ainda, não são de hoje suas origens. O mais antigo dos livros conhecidos, a Biblia, está cheio de narrações d'esse genero, e d'entre ellas se destaca a aparição de Samuel a Saul, em casa da pythonissa de Endor, descripta no capitulo 28 do *Livro dos Reis*, a qual é mais que digna de attenção. O Novo Testamento e as vidas dos santos continuam a serie, e, apesar da face miraculosa e legendaria d'essas narrações, ainda não appareceu trabalho algum que desfizesse a verdade d'ellas.

Na epoca da origem do christianismo, os autores profanos mais de uma vez trataram do mesmo assumpto, e, para exemplo, vamos narrar um facto seguramente curioso, (do qual já falámos na *Urania*) contado por Cicero, em pessoa, no seu tratado *De Divinatione* (I, 27).

Dois amigos chegam a Megare e se

— Fizeste uma bonita prelecção, Max; porem faltou-te o essencial a esta sublime doutrina.

— O que faltou?

— Dizeres, pois que a tens por certa, qual a expiação que me coube, como sabemos qual a que coube ao nosso infeliz amigo.

— Julio, Martim não sabe que recebeu infidelidade, como meio de lavar sua alma da sua propria infidelidade, se, contudo, souber levar essa cruz com coragem e resignação. Nós o sabemos pela mãe Martha, mas elle o ignora e deve ignorar, para agir livremente e fazer o necessario merecimento, o que não se daria se soubesse que, sem essa pena, levada de boa vontade, jamais resgataria sua divida, precisando voltar á vida carnal, até que o consiga. Esta é a lei, e, pois, não penses em conhecer qual é tua missão, sabendo, como a todos, o dado saber, que todo soffrimento que temos aqui é obra de nossas culpas e é a moeda para o seu resgate. Leva-os todos como esmola do Pae de amor, e assim, sem conheceres qual a tua missão reparadora, cumpril-a-has satisfatoriamente.

— Sim, senhor, Sr. Max; assim deve ser; assim é racional, assim comprehende-se a grandeza da justiça do Senhor.

— E tanto mais que, pela natureza dos soffrimentos que mais nos acicatam, nós podemos conjecturar qual a natureza da culpa que nos arrastou a esta nova existencia.

— Realmente, Max, se assim não fóra, era assim que deveria ser, para ser obra superior á dos homens, obra de um ser dotado de todas as perfeições em grau infinito. Feliz o que tem olhos de ver, ouvidos de ouvir, e alma de comprehender tão grandes coisas.

(Continúa).

FOLHETIM

(54)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

XIII

Estamos na corte.

Julio deixou todos os trabalhos politicos, para gozar a felicidade de passar duas horas por dia no Hotel d'Europa, hoje transformado em casa de alugar commodos, sem que ninguem mais se lembre de que era alli que se encontravam os mais illustres hospedes da corte do Brazil.

Aquellas duas horas eram-lhe o que a hegira é para os musulmanos; tanto que, á laia d'estes, que têm por sagrado dever sacrificar a mais bella cabra de seus rebanhos na pedra preta de Meca, elle ia diariamente sacrificar alli o que tinha por mais precioso em seu ser: a liberdade de seu coração, que até então gozara voluptuosamente, como o novillo dos pampas.

Já não preciso dizer que era aquelle o pouso tomado pelo barão de Montenegro, onde as irradiações da candida alma de Yayá formavam uma atmospheria inebriante de tudo que ha de mais puro na natureza.

Eu que, depois do que ouvi da mãe Martha a respeito da bella moça, procurava a tanto quanto me fóra repugnante aproximar-me da filha do commendador Muniz, a amada do meu caro e desgraçado Martim, sabia sempre de minhas visitas cheio de

Resam as ligeiras notas biographicas que nos foram fornecidas, que o Dr. Siqueira Dias nasceu a 7 de maio de 1848 e, feito o seu curso preparatório no antigo Collegio Victorio, matriculou-se em seguida na Escola Polytechnica, onde obteve, a 25 de abril de 1864, concluido o tirocinio academico, o diploma de engenheiro, a cuja profissão se dedicou e em cujo exercicio terminou os dias da sua existencia laboriosa e meritoria. Foi nomeado, a 7 de outubro de 1864, engenheiro fiscal junto á companhia City Improvements, tendo funcionado, desde o anno precedente, como praticante na Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central do Brazil.

Em 1870 fundou a Sociedade Propagadora da Instrução das Classes Operarias da freguezia da Lagoa, altruistico emprehendimento que, pelos relevantes serviços prestados á instrucção publica, lhe valeu um honroso officio (23 de dezembro de 1872) do então ministro do imperio, Dr. João Alfredo, e o officialato da ordem da Rosa (4 de janeiro de 1873).

Iniciada sob taes auspícios a sua vida publica, não tardou o novel engenheiro a attestar, por provas inconcussas, a sua capacidade profissional, illustrando-se de honrosa tradição em todas as commissões de que foi investido, até esse tirocinio brilhante effectuado na nossa primeira via ferrea, onde exerceu diversos cargos, como os de chefe de secção e das officinas, ajudante da locomoção e do trafego, além da fiscalização relativa ao material recebido pela Estrada, nos quaes affirmou por mais de um titulo a sua competencia tecnica e o seu fino administrativo. Ahí, no seu posto de trabalho, de que, todavia, estava, por enfermo, retirado havia alguns mezes, o foi colher a lei da finalidade organica, depois de longos e cruciantes soffrimentos recebidos com edificante resignação de verdadeiro spirita.

Porque o Dr. Siqueira Dias o foi dos mais sinceros e dedicados. Se em sua vida publica civil se distinguio elle pelas provas de capacidade a que rapidamente acabamos de alludir, não menos se distinguio como um dos fervorosos paladinos d'essa cruzada pela renovação da fé, que seduz e tem nobilitado tantos espiritos de raro quilate, que uma vez sentiram a abençoada sedução d'esse apostolado. Elle pertenceu a essa phalange heroica e disciplinada que, ha quinze

annos, affrontava todas as hostilidades de que se sentia alvo a nossa cara doutrina, e sem desfallecimentos nem temores bateu-se por essenobreideal, prestando-lhe os mais assignalados serviços.

Ahi estão, para o attestar, as tradições da extincta Sociedade Deus Christo e Caridade e outros grupos, em que a sua palavra cheia de sabedoria e de autoridade era sempre escutada com respeito, e ahi estão tambem as colleções do *Reformador*, em que collaborou por algum tempo, e as columnas dos jornaes profanos d'essa epoca de luctas e de glorias, para dizer do merecimento da sua penna de escriptor, sempre seguro do seu assumpto, e sempre o discutindo com proficiencia e elevação.

Agora descança elle por um pouco das fadigas da asperissima jornada; mas não repousa senão para recommençar com insustentado vigor a tarefa que o absorveu superiormente n'esta vida e que vai continuar a ser o seu escopo n'esse mundo espirital, tão rico de energias, campo fecundo de actividade, em que espiritos como o seu tem sempre uma larga messe de trabalho e, por isso mesmo, de felicidades e alegrias.

Continue, pois, o arrojado batalhador a sua nobilissima cruzada pela verdade e pelo bem, na qual o acompanhará sempre o pensamento affectuoso dos companheiros que aqui deixou ainda na estacada, esperando por sua vez a hora da libertação; e que lá, acolhido no seio de Jesus, como um aproveitado discipulo, fiel aos seus divinos ensinamentos, tenha encontrado, no confort e nas esplendidas realidades d'essa outra vida, o premio a que fez jus pelos seus esforços incessantes em tal sentido e pelos soffrimentos com que o Creator e Pai abençoou os seus derradeiros dias.

Uma circumstancia que devemos, terminando, assignalar: a desincarnação do nosso excellentissimo irmão precedeu apenas de alguns dias a de sua boa e desvelada esposa, D. Eulina de Siqueira Dias, cujo espirito, depois de haver fraternizado com o d'elle em mutuos affectos aqui na terra, partilhando em common as suas alegrias e pezares, foi continuar lá em cima a sua amorosa tarefa, acompanhando-o na sua ascensão, por esforços repetidos, ao seio da luz e da perfeição, que é o Pai e tem por mediador o immaculado e divino modelo que é Jesus.

frequencia lhe revelava sempre novos motivos á sua admiração.

— E' um d'esses caracteres hoje bem raros, dizia á filha, em sua conversa intima, na noite em que se achavam sós em seus commodos.

— Approva então que lhe eu dê todo o amor de meu coração?

— Sim; mas que não fique eu prejudicado no que me compete *par droit de conquête et de naissance*.

— Ora, isto é á parte, não se confunde com o ouro.

— Mas não me falaste em dar a Julio todo o amor de teu coração? N'esse caso nada me fica.

— O Sr. não sabe que o nosso coração é dividido em dois repartimentos? Pois n'um guarda-se o amor dos paes, sem se misturar jamais com o do homem a quem damos o que se gera no outro.

— Bem imaginado! Mas olha: Não me destines o do repartimento inferior.

— Não tenha cuidado. Felizmente os dois ventriculos do coração são no mesmo nivel, tanto que se classificam, não por superior e inferior, mas por direito e esquerdo.

— Eu quero o direito.

— Não sei se escolheu o melhor; mas tem o que escolheu, ficando o esquerdo para Julio.

— Para elle são todos dois, minha filha, porque, em breve, devolver-te-hei o meu.

— Devolver-me-ha? Porque isto?

— Porque não ha, no mundo, sciencia que me salve d'essa molestia; e, pois, não terei muito tempo para gozar teu puro amor.

— Para que ha de ser mau? N'estes momentos de minhas mais doces alegrias, em que nossas almas se expandem em amorosos enleivos, para que ha de enlutar-as com idéas tristes?

— Para que, minha filha, não te deixes arrastar por lisonjeiras esperanças, que farão mais dolorosas as decepções que te esperam. E de grande sabedoria, porque é conselho de prudencia, contar sempre

ASSOCIAÇÕES

E' com justificado jubilo, facil de comprehender-se, pela significação que tem o facto como symptoma do desenvolvimento que vai rapidamente adquirindo no Brazil a nossa cara doutrina, que transmittimos aos leitores a noticia de que mais um valente agrupamento, mantido até aqui em caracter particular, acaba de se constituir em associação spirita, na pittoresca e florecente cidade de Jaboatão, em Pernambuco, sob a denominação Grupo Spirita Deus e Caridade, tendo sido eleito, no dia 5 de agosto vigente, a seguinte directoria:

Director, Alfredo Lima; secretario, Diogenes dos Santos; thesoureiro, Manoel Fimenta; procurador, João Paulo de Souza; bibliothecario, João Lopes da Rocha.

Que aos esforçados trabalhadores da bendita seara jamais falem o alento e a protecção do alto, são os nossos cordialissimos votos.

— • — • —

No salão do Centro Spirita Religião e Sciencia, da capital da Bahia, segundo lemos no nosso prezado collega *Revista Spirita*, da mesma capital, cujos numerozinhos temos infelizmente recebido com atraso, realizou o Dr. Dionysio Gonçalves Martins, no dia 25 de março passado, uma notavel conferencia, que só a deficiencia do espaço de que dispomos nos impede de reproduzir, o que deploramos, attento o valor e a elevação dos conceitos pelo eminente confrade emitidos acerca da nossa doutrina, que foi o assumpto da mencionada conferencia, por mais de um titulo, importante.

Assignalamos, todavia, o facto, como um symptoma do incremento que vai adquirindo o spiritismo no nosso paiz, cada dia mais prestigiado pela adhesão sincera e publica de intelligencias de escol, não o tendo feito ha mais tempo, por motivo do atraso a que alludimos no comeco.

A ante, pois, é o que diremos ao interessado propagandista.

— • — • —

A PAZ

Sob este dulcissimo nome, que é a invocação dos amorosos corações e re-

com o peor; porque, se elle vem, não causa surpresa; e se não vem, nunca nos molesta uma pena de menos.

— E' assim, papae; mas eu já vou completamente arrastada pela lisonjeira esperança, tal é a confiança que ponho na sciencia do nosso caro medico.

— Pobre creança! gemeu o barão. Não ha sciencia humana que tenha o poder de desviar uma linha de seu leito a corrente das leis postas pelo Supremo Creator.

— Então a sciencia não tem o poder de curar as molestias?

— Tem, sim, mas somente quando a molestia não é por lei incuravel, ou antes, quando não chegou ainda a hora do doente.

— Julga, então, que é chegada a sua hora?

— Não, porque já n'outro dia me dissundiste d'esta idea; mas o caracter da minha molestia me tira toda a esperança.

— Pois eu não desanimo; e o doutor me disse que vai hoje iniciar um tratamento de que espera o melhor resultado.

— Se for para bem, que Deus o ajude. Foi uma verdadeira inspiração a tua de fazeres vir a nós esse distincto moço, porque, se não conseguir salvar-me a vida, tem, no entanto, suavizado extraordinariamente meus soffrimentos; além de...

— Conclua, conclua seu pensamento, que, por sua realiação, ha de ser o brilhante complemento da sua cura; além de...

— Ah! tambem tens uma reticencia!

— Certamente. *Amor amore compensatur*.

— Pois a minha, vou pôr a bem clara.

— E eu farei outro tanto.

— A minha é: que sempre temi a morte por tua causa; mas, vendo aquelle caro amigo tão dedicado a ti, de modo a fazer-me crer que te quer, nada mais temo á idea de morrer, porque tenho a certeza de que elle far-te-ha feliz.

— E a minha é: que não foi preciso sahir da roça, para vir-me uma felicidade de que eu tambem tenho certeza, verifi-

presente as esperanças do futuro com que sonham os peregrinos do ideal, acaba de ser fundada mais uma revista spirita na capital do Estado da Bahia, sob a direcção do nosso confrade Manoel Maria da Boa Morte e como orgão do grupo Servos do Senhor.

Que esses que se apresentam humildemente a empunhar o pharol da regeneração humana, espalhando a luz em torno a si, se tornem sempre dignos de, por sua vez, receber a luz que se projecta do alto sobre os sinceros portadores da boa nova, são os votos que publicamente lhes endereçamos. E que o novo campeão recém-nascido tenha vida longa e prospera, é o que o *Reformador*, seu irmão mais velho, que o vê com alegria frazernizar n'esta cruzada, deseja de todo o coração.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 63).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6).

MATHEUS, IV, v. 7-11—MARCO'S I, v. 12-13—LUCAS, IV, v. 1-13

(CONTINUAÇÃO)

«Applicando os apóstolos e os discipulos *materialmente* a Jesus as suas palavras, como sendo o resumo do que elle mesmo experimentara, pela tentação a elle dirigida pelo demonio, DEVE o demonio ter necessariamente transportado, e transportara, Jesus successivamente a dois logares elevados, para lhe mostrar todos os reinos da terra; depois, collocando-o *materialmente* no fastigio das grandezas humanas, para dizer-lhe que se precipitasse no espaço, que se alirrasse abaixo.»

«Não percais de vista a ignorancia e a ingenuidade, quanto ás coisas da terra, dos homens da epoca, dos espiritos, in-

cando-se a exactidão do proverbio, que eu invoquei, quando o Sr. queria trazer-me para a corte, de que o casamento se talha no céu.»

— E' verdade, lembro-me d'essa conversa que me causou impressão que está-me parecendo não ser de todo infundada. Mas diz-me: o doutor Julio já te manifestou, por palavras, suas intenções a teu respeito?

— O Sr. bem sabe quanto elle é delicado para descer a tal grosseria; além de que...

— Mais reticencias?

— Não. Esta é para tomar respiração. Além de que mais eloquentes que as palavras são as traições de um coração amante.

— Onde conclues...

— Que nenhuma duvida posso alimentar quanto aos sentimentos que nutre a meu respeito. N'essa linguagem symbolica, que exprime muito mais do que a falada, só falta pedir-me licença para pedir-lhe a minha mão.

— E sabe elle se lhe correspondes?

— Se duvida tivesso, certamente não seria persistente em suas manifestações a mais e mais calorosas. O Sr. sabe que eu sempre o amei, como toda a moça ama, em pensamento, antes de encontrar, corporificado, o typo d'esse pensamento. O Sr. sabe que o doutor Julio é a mais perfeita incarnação do typo que eu imaginava para senhor do meu coração. N'estas condições, por mais recato que se procure guardar, os sentimentos irradiam, como do brazeiro o calor. Desde o nosso primeiro encontro, antes mesmo de sabermos quem eramos, nossas almas se comprehenderam e, porventura, se lembraram. Desde aquelle instante, ellas souberam que amavam e eram amadas.

Uma leve pancada annunciou o doutor Julio.

(C. Minia.)

FOLHETIM

(55)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MANE

SEGUNDA PARTE

XIV

O barão de Montenegro conversava, uma noite, com a filha, n'aquella doce e cordial liberdade que faz do pai e do filho, em vez de dois entes desconfiados, que guardam reserva sobre certos sentimentos intimos, dois verdadeiros amigos que, sem quebra do maior respeito, não guardam, um do outro, o minimo segredo sobre qualquer d'aquelles sentimentos.

Quantas ruínas poupar-se-hiam, se os paes, principalmente as mães, educassem os filhos na lei de os fazerem seus confidentes dos segredos de seu coração!

Uma menina inexperiente marcha, muita vez, como cego, á perdição, por ser educada nos principios de ser falta de respeito comunicar a seus paes o que se passa em seu intimo, tomando aliás por confidente ou conselheiro um estranho, que nenhum zelo tem por sua felicidade, ou mesmo por sua honra!

O barão, apesar de roceiro, ensinou á filha os principios que deveram ser a lei da educação no seio de todas as familias: o maior respeito, de par com a plena liberdade da parte dos filhos para com os paes.

Yáyá não tinha segredos para elle; tanto que lhe eram bem conhecidos os sentimentos que ella nutria por Julio, sentimentos que animava, por apreciar, talvez até com xagero, o elevado caracter do moço, cuja

achava solidamente preparado por seus anteriores estudos.

Toda a imprensa franceza rendeu o seu tributo de justiça ao grande saber d'aquelle que acaba de desaparecer; mas, como sempre, surgiram notas discordantes, oriundas de personalidades ignorantes e pretenciosas, para as quaes as sciencias psychicas não passam de vagas utopias. E' assim que o Sr. Emilio Gautier, no *Figaro*, não trepidou em qualificar esse sabio e honesto investigador de «desequilibrado.» Ignoramos que julgamento proferirá a posteridade sobre o chronista em questão; mas acreditamos bem que o seu nome terá mergulhado ha muito no esquecimento quando os trabalhos do sabio micrographo estiverem servindo para edificação dos futuros investigadores.

O Dr. Gibier fazia parte d'esse escol intellectual para o qual a opinião vulgar, as idéas preconcebidas, não têm valor algum. Elle experimentava com um rigor positivo; uma vez, porem, chegando a uma certeza, nada o poderia impedir de proclamar as suas convicções. Tais caracteres vão se tornando raros nos nossos dias e nós podemos nos orgulhar de possuir em nossas fileiras alguns d'elles.

Graças a essas nobres intelligencias, o spiritismo sahio do dominio do empirismo para entrar no da sciencia. E a despeito das zombarias dos ignorantes, dos desdenhos affectados dos pontífices officiaes, da opposição acerrima das religiões, a nossa doutrina continua a se espalhar pelo mundo, semeando até bem longe os thesouros de consolação e esperança que liberaliza a certeza que havemos conquistado acerca da existencia da alma e sua immortalidade.»

Segundo o *Vessillo Spiritista*, Mazzini, o grande pensador e agitador italiano, foi um spirita no mais alto sentido da palavra, não admitindo somente a parte phenomenal d'essa sciencia, mas já prevendo o desenvolvimento mais nobre e elevado que ella tem hoje tomado, estudando a intuição e a inspiração. O Sr. Cavalli cita uma carta dirigida em 1849 pelo insigne patriota ao seu amigo F. dall'Ongaro, na qual elle fala do perenne progresso, como a lei da vida humana, na terra e no céu; dá um esboço do seu systema religioso-philoso-

phico, no qual o inferno eterno é substituido por um purgatorio temporario comprehendendo uma serie de existencias, periodos de vida successivos e progressivos, e voltas a este mundo, até que seja cumprida a lei moral dada á humanidade; nossa transformação em seres superiores, e a hierarchia dos seres espirituais ascendendo á suprema perfeição, a Deus. D'ahi o traço de união entre os dois mundos, e o auxilio que prestam os seres angelicos aos que vivem ainda na terra, auxilio a que damos os nomes de *inspiração*, *fé*, etc. Elle cria que, augmentando as vistas dos espiritos, á medida que elles se elevam na escala do aperfeiçoamento, um dia elles poderão dar aos seus irmãos terrenos a historia completa da nossa humanidade.

Eis ahi um grande vulto politico italiano apresentando idéas que com justiça o collocam na grande phalange dos precursores do spiritismo.

Revista Spiritica

Enviamos cordialissimas saudações a este denodado collega, de Porto Alegre, o qual, com o seu numero de agosto, completou o segundo anno de um tirocinio, que seria logar commun dizer que tem sido brilhante, e a cujo elogio basta a consciencia esclarecida dos seus directores, que se devem sentir verdadeiramente jubilosos, pela convicção de o terem constituido, desde o seu primeiro numero, um foco de irradiação salutar de propaganda spirita, com um criterio e uma elevação de vistas que honram sobremodo as suas intenções.

Recebam, pois, pelo auspicioso facto, os intrepidos companheiros de apostolado que alli mourejam, n'aquella tenda abençoada, e cujos esforços acompanhamos com as mais vivas sympathias, os sinceros applausos e o testemunho de encorajamento dos seus humildes collegas d'esta folha e da Federação.

FACTOS

Da carta que, com a adhesão ao Congresso de Paris, endereçou a illustrada directoria do Grupo Spiritica Amor a Deus, de Pelotas, ao nosso collega presidente da Federação, tomamos a liberdade de destacar, inserindo-a abaixo, a

— Venho tentar hoje um methodo curativo de seu mal, que a sciencia não conhece, mas que espero fazer conhecido em pouco tempo, — conhecido e exaltado.

— Estou ás suas ordens, doutor, sem vacillar na confiança que tenho em seu saber, acudiu o barão.

— Eu só lhe peço, e á sua adorável filha, fé em Deus e confiança em mim.

— Conte com uma e outra coisa, interveiu Yáya.

— Pois vamos á obra; mas, antes, oremos.

Os tres ergueram-se e fizeram uma prece tão sentida, que lhes arrancou lagrimas.

Julio encaminhou-se, então, para o barão e, descobrindo-lhe o tumor aneurismal, poz sobre elle suas mãos, erguendo para o alto os olhos.

Não moveu nem um dedo, não comprimiu o tumor, não fez senão ter as mãos ligeiramente postas sobre elle, e manter-se na attitudo de um extático.

Duas ou tres vezes ergueu as mãos e, como se apanhasse alguma coisa invisivel no ar, jogou sobre o tumor.

Durou o trabalho cerca de dez minutos, no fim dos quaes o moço retirou as mãos e, com toda a confiança, disse ao barão:

— Apalpe seu tumor.

— Não bate mais, doutor! Está duro como uma laranja! Que coisa extraordinária!

— Extraordinária, sim, meu amigo; porque Deus, em seu amor pelos pobres filhos, lhes dá n'este pequeno facto um ensino que refunde toda a sciencia humana. Antes de tudo, digo-lhe: vamos agradecer a Deus a esmola que fez hoje. O senhor está curado.

— Anjo do céu! balbuciou Yáya, cahindo desfalçada nos braços do pae.

Sem grande custo, Julio desfez o pequeno deliquio, e foi então a vez das effusões do terno coração da moça, que retrahiu-se ao tempo de sua primeira infancia, a beijar o amado pae e a brincar com elle, n'um excesso de afagos, de fazer rir gostosamente ao doutor e ao proprio barão.

narração relativa a factos alli occorridos com tres mediuns filiados ao grupo, factos que, por nos parecerem realmente interessantes, temos satisfação em reflectir n'estas columnas.

Assignalemos, porem, antes de tudo duas circumstancias que occorrem, uma relacionada com o spiritismo no Rio Grande do Sul, e outra que aquella carta nos suggeriu, prendendo a nossa attenção. E é, em primeiro logar, que a nossa doutrina tem adquirido n'aquella prospero Estado um incremento deveras animador, e que os spiritas alli, tanto quanto podemos julgar pelos seus escriptos e por alguns trabalhos de que temos conhecimento, se mostram em geral bem orientados e esclarecidos acerca do caracter e do objectivo philosophico-moral da nova revelação.

A outra circumstancia, igualmente digna de nota, é que o secretariado d'aquella prestigiada associação é exercido por uma senhora, D. Alice Antiqueira Machado, que se revela um espirito aparelhado para as suas nobilissimas funcções.

Vemos n'isso, mais que um testemunho de deferencia pelo sexo que nos deve merecer toda a veneração e respeito, um lisonjeiro symptoma do prestigio que vem trazer á nossa causa o concurso da mulher brasileira, em cujas mãos depositamos as esperanças da futura grandeza moral do nosso paiz, agora tão aviltado infelizmente; porque no dia em que do coração das mães partirem, no Brazil, como ensinamento a seus filhos, os elevados principios da moral christã, esclarecida e completada pelo spiritismo; no dia em que virmos associados aos nossos os esforços da mulher, para a divulgação d'estes santos ensinamentos pela palavra e pelo exemplo, o spiritismo, superiormente dignificado no seu sacerdocio, no seu apostolado, terá cingido a aureola da glorificação e se estenderá triumphalmente de norte a sul, com todos

— Não faça caso, doutor, disse, tremendo de emoção, o amoroso pae: é a creancinha que surge do seio da moça, com suas naturaes ingenuidades e suas naturaes manifestações de um amor, que foi sempre a minha felicidade.

— Mas a moça, exclamou Yáya, voltando á sua jovial gravidade, reassume a posição que lhe impõe a idade, para agradecer-lhe, doutor Julio, o bem que lhe acaba de fazer, cujo valor só minha alma pode apreciar, e pelo qual só... oh! meu Deus, não tenho phrases para dizer o que sinto.

— Basta uma palavra, acudiu Julio, e eu é que seria o mais feliz de todos.

— Pois diga, doutor, diga por mim essa palavra, e, qualquer que seja, é a que eu diria.

— Pois vou dizê-la, confiante na acquiescencia do Sr. barão.

— Digo o mesmo que minha filha: qualquer que seja, tem minha acquiescencia.

— N'este caso, Sr. barão, abraçe seu filho — e a senhora me dê a beijar a mão da metade de minha alma.

O leitor que imagine um quadro de bem-aventuranças na terra, e eu estou dispensado de descrever o que se passou nos commodos do barão de Montenegro.

Leve pancada na porta veio interromper a corrente fluidica de alegrias celestes, tão raras n'este mundo de expiação.

— E' Max, disse Julio, erguendo-se e abrindo-me a porta.

Julio me havia emprazado para ajudá-lo na operação que vinha tentar, unico recurso para a cura do barão. Se comtudo podia-se chamar recurso um meio nunca d'antes empregado, e quasi fantastico, pois que consistia na applicação de fluidos apropriados a mal, extrahidos da massa cosmica pelos espiritos superiores, e postos á disposição do operador, na razão de sua fé.

Tinha-me emprazado para a magna experiencia, mas eu atrazei-me um pouco e, por isso, fui recebido com esta saudação:

— Para não te ser applicavel o rifão, de sempre se esperar pela peor figura, não te

os beneficios que traz em seu seio, para a felicidade e elevação moral da nossa nacionalidade.

Entraremos assim na communhão da nova christandade mais cedo talvez do que se pensa, porque nos diz o coração que esta abençoada terra do Cruzeiro está destinada a preceder os outros povos na posse integral das grandes verdades que estão começando a renovar a face do universo.

Eis aqui, fielmente, a narrativa, tal como nos foi enviada, e a proposito de cujo final não é necessario dizer que publicaremos sempre com o maior prazer os trabalhos que nos forem enviados, com o fim de incrementar a propaganda e tornar de preferencia conhecidos todos os factos que se derem entre nós:

«Contamos com tres mediuns extraordinarios.

O primeiro é uma moça de 20 annos, casada, filha d'esta cidade, de onde nunca sahio.

Depois de alguns mezes de frequencia ás nossas sessões, começaram a se manifestar os primeiros signaes de mediumidade semnambolica, que dentro em pouco tempo tomou o maior desenvolvimento; e, ha um anno mais ou menos, desenvolveu-se a mediumidade polyglotta, dando-nos continuamente manifestações em linguas que desconhece, pois apenas sabe a materna. Os idiomas que ella mais tem falado são o allemão, latim, guarany, hespanhol; italiano, pouco desenvolvido.

O Dr. Ulysses Faro, de passagem aqui, assistiu a uma sessão, na qual se deram diversas manifestações em allemão e hespanhol, era estylo geral, e diferentes dialectos, dizendo elle no fim da sessão:

— Isto é extraordinario e digno de serio estudo!

Diversos medicos e outras pessoas illustradas concorrem ás nossas sessões. Chama-se essa senhora Ignez Oréques Gotuzzo.

Os outros mediuns, marido e esposa, João José Pereira e Osoria Pereira, são dois videntes extraordinarios: ainda n'essa sessão em que aqui se achou o Dr. Ulysses, recommendámos ao vidente Pereira para communicar somente a o

esperei, e já agora chegas tarde; — tudo foi feito.

— Tudo feito! E o resultado?

— Tão brilhante, Max, que não sei como tenho calma para falar-te assim, tão naturalmente.

— Deixa-me ver.

— Tens pleno direito, pois que tua foi a idéa de empregarmos o methodo que vai abalar, por seus fundamentos, a sciencia de curar.

Examinei o tumor, que muitas vezes com Julio havia examinado, e fiquei quasi louco de ver o maravilhoso resultado.

— Curado! Só falta auxiliar, com os passes, a absorpção do sangue coagulado e consequente retracção do tumor. Que resultado extraordinario! exclamei.

— E' verdade, Max; descobrimos o meio de applicar ás molestias o remedio extrahido directamente da fonte, em vez de extrahilo dos objectos que ahí o beberam, sejam mineraes, vegetaes ou animaes. Porque todas as substancias medicinas bebem o principio activo, que aproveitamos para curar, no grande seio que chamamos o fluido cosmico universal, que contem o principio de todos os seres, e, pelo nosso processo, nós, auxiliados pelos altos espiritos que estão sempre ao lado dos homens que querem fazer o bem, bebemos na fonte e, portanto, em sua pureza, os principios activos para a cura das molestias. Os outros vão procurar os vegetaes, os animaes, para d'elles tirar os remedios; nós tiramol-os donde se elles acham em substancia! Faremos rir aos sabios; mas os factos ahí estarão, para fazer rir dos sabios. Ah! Sr. Max — Sr. Max, ahí está a explicação das curas milagrosas do divino Jesus! Aquelle altissimo espirito conhecia a grande lei, que ninguem no mundo suspeitava, e eis o milagre, que não o era senão de sua infinita grandeza.

— E lembra-te, Julio, que Elle disse: maiores coisas podereis vós mesmos fazer, se tiverdes fé. A medicina fluidica, que tem sua força na fé, será a grande medicina do futuro.

(Continua.)

FOLHETIM

(56)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

SEGUNDA PARTE

XV

Julio foi recebido com as francas expansões, que brotam espontaneamente do peito de quem o tem repleto de ternos affectos, como brota a crystallina lymphá do seio da rocha.

O moço, porem, sempre sensivel áquellas doces manifestações, que eram seu enlevo, vinha tão preocupado, que mal sentiu a atmosphera que o envolvia, tão saturada de puros effluvis.

Tambem, o barão e a filha reconheceram immediatamente a profunda alteração no seu modo de lhes corresponder, e foram com isto dolorosamente chocados.

Seria aquillo devido a motivos politicos, que, mais do que tudo no mundo, perturbam a paz do espirito, ou seria coisa que se referisse a suas pessoas?

Sem se atreverem a questionar o moço, cuja distracção a modo que augmentava, ao ponto de tomar um calice de licor que lhe offereceram, e ficar com elle, sem tocar-lhe com os labios, por muito tempo, entenderam de melhor conselho aguardar a decifração natural do enigma.

Mudo e de olhos baixos levou Julio por coisa de cinco minutos, durante os quaes seus hospedes soffreram agonias mortaes.

Por fim, erguendo a cabeça, encarou intelligentemente o barão e, amavelmente, lhe disse:

de escola e, ao mesmo tempo, de distração, e nos permitte entrar no domínio íntimo da verdadeira vida, com grande proveito para a que vivemos no estado de vigília.

FACTOS

Havíamos creado esta secção para o fim exclusivo de n'ella registrar o que de importante occorresse entre nós no domínio da experimentação e da phenomenologia spirita. Em outro lugar, entretanto, melhor não ficaria, pela sua própria natureza e indiscutível importancia, o que se vai ler e que foi publicado no *Diário Popular* de S. Paulo, enviado pelo correspondente d'esta folha no Porto. Com essa publicação satisfazemos ao mesmo tempo o desejo expresso de um dedicado confrade de Santos, á cuja obsequiosidade devemos a remessa da folha em questão.

Eis o assumpto, com as epigraphes respectivas e o respectivo summario:

O spiritismo no Porto

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Os cultores da sciencia do occultismo. Experiencias importantes realizadas no Porto. — A população emocionada.

«Eu não sei se sabem que de ha tempos a esta parte o spiritismo tem encontrado grande numero de adeptos aqui no Porto. E acontece que elle tem recrutado cultores principalmente entre os homens da sciencia juridica.

Ha varias casas da primeira sociedade, onde se tem procurado, com grande exito, apreciar os segredos da nova sciencia que nos desvenda os mysterios do invisivel.

Isso, porem, tem-se feito sempre com as necessarias reservas, não vindo a publico a narração de taes factos, proprios a dar volta ao miolo da gente ignara.

Diante, no entanto, de resultados collidos ultimamente, um jornal d'esta cidade, o *Noticias*, resolveu-se a fazer a narrativa das experiencias realizadas,

o que tem emocionado fundamente a população.

Enquanto o jornal referiu simples factos de transmissão de pensamento e de adivinhação, isso mossi alguma causou. Mas agora que elle expõe varios casos de apparição de imagens, perfeitamente nítidas, vividas, movimentadas, o espirito publico sobresaltou-se, commentando os factos com calor.

Realmente parece ter-se encontrado uma *medium vidente* de faculdades tão extraordinarias, que constituem um exemplar especialissimo.

Não devo divulgar o nome d'essa dama, que nasceu ali no Brazil, de paes portuguezes, e ha um bom par de annos figurou aqui no Porto como protagonista de um caso em extremo sensacional.

Como sei que a sciencia do invisivel preoccupa grandemente os espiritos ali no Brazil, dar-lhes-hei uma amostra das experiencias feitas, relatadas pelo jornal referido:

« Meus caros amigos:

N'uma sessão de spiritismo, realizada em um dos dias da semana ultima, em casa de um cavalheiro muito considerado n'esta cidade, appareceu, apresentado por um dos assistentes habituaes, o Sr. L., academico muito distincto e que frequenta o quarto anno do direito na Universidade de Coimbra.

A dama que presidia á sessão era *medium vidente*.

Não conhecia o Sr. L., nunca o tinha visto, não tinha mesmo a mais leve noticia das pessoas de sua familia, que vivem n'uma terra afastada da provincia do Minho.

Obscurecida a sala convenientemente e feita a evocação usual, começaram os assistentes a ver brilharem no ar umas phosphorecencias estranhas, semelhantes a pyrilampos que cruzassem a sala em todos os sentidos.

Então a *medium* convidou o Sr. L. a que fizesse a evocação mental, isto é, que pensasse na pessoa morta cuja apparição desejasse.

O Dr. L. pensou, e passados poucos minutos, disse a *medium*:

— Vejo uma menina de dezoito annos vestida de branco, louros os cabellos e soltos pelos hombros... E' alta e elegante. Tem no dedo annular da mão esquerda um anel de cabelo, em que se vêem

— O que queres? respondeu-me. Bem visto que não me foi dado um instante para derramar minhas alegrias no seio do meu melhor amigo, do que me tem sempre sido bom irmão.

— Seja como fór, exclamei n'um assomo de ardente entusiasmo; cahiste, enfim, meu caro Julio, mas cabiste no seio de um anjo, que será o pharol de tua vida para as grandezas eternas. Dize-lhe, Julio, dize-lhe que o pobre Max tem para ella um altar em seu peito, onde arderá sempre o fogo sagrado do mais puro amor fraternal.

— Não precisa dizer-me, acudiu Yayá; porque, unidos em santo amor eu e Julio, eu partilho com effusão as predilecções do meu amado pelo seu querido amigo—seu irmão pelo coração.

— Julio, exclamei, estreitando-o em meus braços, encontrei verdadeiramente a metade de tua alma; como prophetizou o nosso bom e inditoso Martim. Esta menina é o vivo contraste da que arrastou ao abysmo aquelle chorado companheiro. Esta erguer-te-ha aos mundos de luz, depois de ter-te dado a provar, na terra, o doce mel fabricado das flores dos jardins edenicis. Louvado seja o Senhor!

✽

Desde aquelle dia, mudou completamente o modo de viver de Julio, para prova de que o homem se completa, na vida, pelo casamento.

Elle não era ainda casado; mas já era todo applicado a preparar o nioho, com o mais amoroso cuidado, de modo que, moralmente, podia ser classificado entre os patres-familias.

Era um motivo de alegre debique vel-o, serio e grave, cogitar em coisas de nonada, que nunca lhe preoccuparam a mente. A eterna galhofa, que fizera d'elle seu melhor instrumento, desertou para longe, cedendo lugar ao espirito fino, inspirado nos mais elevados misteres.

A mãe Martha, que continuava seu officio de arranjar tudo na casa de seu querido filho, dizia-me um dia, em que nos reunimos n'aquella casa:

— Morro de arrebecimento, Sr. Max,

gravadas, no engaste de ouro, estas palavras: *Para sempre*.

— E' ella!—exclamou o academico fóra de si.

— Quer vel-a?—exclamou a *medium*.

— Oh! sim... quero vel-a!

— Tenha a bondade de olhar fixamente alguns segundos para o meu lado direito.

Involuntariamente, olhámos todos para o ponto indicado, e pouco a pouco vimos formar-se uma especie de vapor luminoso, em que se desenhava um vulto, a principio um pouco confuso, mas que depois tomou as formas nítidas de uma mulher, em tudo semelhante á que a *medium* tinha annuciado.

A esta apparição, o academico, n'um mixto de admiração e terror, cahiu de joelhos, bradando:

— Laura! Laura! E's tu... reconheço-te!

O fantasma curtiu-lhe para elle, sorrindo, poz-lhe a mão no hombro e segredou-lhe ao ouvido algumas palavras.

Em seguida, dirigindo-se para a porta, voltou-se, sorrindo tristemente para elle, fez-lhe um gesto de adeus e desapareceu.

Este facto foi presenciado pelas seis pessoas que estavam na sala, e entre as quaes se contava quem escreve estas linhas.

Quasi louco de admiração e de espanto o Sr. L. contou-nos que a menina, que acabavamos de ver, fóra sua noiva e morrerá tísica ha cinco annos em Coimbra; e as palavras que o fantasma viera segredar-lhe ao ouvido foram estas:

— Receberás amanhã uma carta, noticiando-te a morte de Adelia. Resigna-te!

— E quem é Adelia?

— A minha segunda noiva, respondeu o Sr. L.

Com a mais viva curiosidade, pedimos-lhe que, se por fatalidade se verificasse a predição do fantasma, nos a communicasse.

Infelizmente, o espectro não se enganou. O distincto academico recebeu, no dia seguinte, noticia da morte subita da sua noiva, o que o obrigou a ausentar-se rapidamente do Porto, para ir dizer

porque seu Julio traz tudo o que é seu tão bem arranjado, que nada mais tenho que fazer n'esta casa. Como se muda assim, Sr. Max? A desordem e a relaxação são agora uma ordem e um arranjo de pasmar!

— Não comprehende, mãe Martha, que este senhor até hontem andou com a cabeça cheia de vento e que hoje elle a tem cheia de cuidados de dar bons exemplos á familia?

— Não precisa ter esses cuidados, aliás sempre convenientes, respondeu a velha, adormecida. A mulher que, por graça de Deus, lhe foi dada, é dotada de um espirito que fará a ordem no cahos, tanto como a luz nas trevas e a alegria no seio de todas as dores. Ah! Martim! Meu adorado filho; porque foste excluído d'esta unica felicidade da terra: as puras alegrias domesticas, que são os doces preludios das divinas harmonias dos eleitos? Mas que digo? Tudo em justiça—em justiça—em justiça. E, se hoje não podes gozar o que é dado a Julio, amanhã poder o-has; e, mais tarde, as puras alegrias desfarão as nodos das passadas tristezas. Fé e esperança!

Aquellas palavras da velha encheram-nos de alegrias e de pezares. Alegrias, por nos annunciarem, mais uma vez, a felicidade de Julio, em sua ligação á Yayá; pezares, por nos recordar a desgraça do nosso nunca esquecido Martim, cujo fim mais desgraçado era para nós coisa certa. Muito vale sabermos que ninguém se perde, e que o desgraçado de hoje será o feliz e venturoso d'amanhã; mas o homem é todo do seu tempo; e as glorias prometidas, se attenuam, não desfazem as miserias do presente.

Só aquelles que, tendo os pés na terra, já respiram a pura atmosfera dos mundos superiores, têm o condão de, alegres, porque se cumpre a lei, encarar as miserias dos entes caros como phase de uma evolução, cujo termo será infallivelmente glorias e felicidades.

Eu não estava ainda n'esse grau, e, pois, derramei sentidas lagrimas, repassando pela memoria os dolorosos transe do amado companheiro, tão bom, tão illustre, tão infeliz.

✽

o ultimo adeus á escolhida do seu coração.

Este facto pode ser comprovado com o testemunho de algumas pessoas das mais respeitaveis d'esta cidade.

✽

J.

Na provincia da Beira, d'onde sou natural, appareceu, ha de haver aqui uns quinze annos, um pobre homem assassinado, sem que jamais se descobrisse o assassino.

A opinião publica, sempre astuta e linguageira, mormente na provincia, d'esta vez não descobriu rasto em que pudesse fundar os seus juizos e achou-se desorientada, sem encontrar a mais leve suspeita de quem fosse o criminoso. O infeliz era pobre, não tinha inimigos, não tinha malquerenças. Quem poderia tel-o morto?

A justiça, depois de baldadas diligencias, viu-se forçada a esquecer o crime, como no pó do cemiterio ha muito esquecera a victima.

Ora, ha de haver aqui dois mezes, veio á minha casa um padre meu conterraneo, homem que goza a reputação de illustrado e a quem me ligam laços de amizade ha muitos annos.

Uma noite, visto que era meu hospede, convidei-o a assistir a uma sessão de spiritismo em casa de pessoas amigas, onde habitualmente nos reunimos alguns crentes.

— Você acredita n'essas tolices?—disse-me elle quasi em tom reprehensivo.

— Perdão, meu amigo! eu acredito nos factos que são o testemunho mais authenticico, mais irrefragavel.

— Ora, os factos! Se os mortos pudessem falar, cre' você que elles estariam todos tão calados?

E o meu reverendo amigo ria com verdadeiro prazer da minha tolice, como elle lhe chamava.

— Pois bem, venha, observe e depois formará com mais exactidão o seu juizo.

— Vamos lá! Ha de ser interessante essa brincadeira!

A pessoa que servia de *medium* era uma senhora da mais fina educação e da mais comprovada seriedade, incapaz, pelos seus principios e pela sua posição, de se associar a qualquer acto que significasse a mais ligeira burla ou zombaria.

Na sala estavam uma duzia de pessoas, das quaes só eu conhecia o meu amigo, que tive sempre na conta de um

Por esse tempo, deu-se na praça do Rio de Janeiro tremenda crise que envolveu na avalanche a fortuna do commendador Muniz, que ficou reduzido á maior pobreza. Elisa viu desaparecer, n'um instante, o fausto que a fazia brilhar, entre as suas rivaes, como a rainha dos salões.

Já repellido de muitos d'estes, por seus desgagements, dava-lhe ainda entrada em alguns sua grande fortuna.

Desapparecida esta, o que mais podia sustel-a no nivel que seu orgulho requeria?

Nem mais um convite, e até mesmo nas sociedades de que o commendador fazia parte, ninguém a procurava, com excepção da gente vil, verdadeiros corvos humanos.

A moça, em seu desespero, poz toda a confiança no amante, por amor de quem repudiara o marido; mas este, vendo-a desprezada de todos, considerou-a muito abaixo do seu amor proprio e rompeu bruscamente com ella, dando-lhe assim o tiro de honra.

O vendelhão, seu ex-freguez, fez-lhe propostas ignominiosas, que a mortificaram tanto, tanto, de cahir n'uma cama.

— Que aviltamento! Que horrorosa queda! pensava consigo, em seus momentos de reflexão.

E uma voz intima lhe dizia: eis o que cabe á mulher que trocou a vida respeitavel de casada pela aventureira de mundana. E a desgraçada imaginava quão outra seria sua condição, se não tivesse repudiado seu marido, um moço distincto e respeitavel. Sua condição, agora, era: ou atirar-se ao mundo, pela maior degradação—ou recolher-se em si mesma, esquecendo o mundo, com suas glorias, que sempre lhe foram a suprema aspiração.

Resolveu por este ultimo alvitro, se não definitivamente, ao menos deixando ao tempo a solução da sua vida.

Foi n'esse estado de sua alma que soube do enlace de Julio com a filha do barão, uma moça que reunia em si belleza, graças e virtudes.

— Que desespero! E eu reduzida á mais vil condição!

(Continúa).

FOLHETIM

(57)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAR

SEGUNDA PARTE

XVI

A alegria que reinou no seio da familia Montenegro, de que já fazia parte Julio e, por Julio, Max, que escreve estas linhas, era tão placida, tão limpida, tão do seio d'alma, que só podia ser comparada á que fruem os eleitos nas supremas regiões.

O barão chorava de contentamento, talvez mais por ver sua idolatrada filha unida a um moço por todos os titulos estimavel, do que por se sentir curado de uma molestia que a sciencia official tem por invencivel.

— Seu amigo, Sr. Max, é o anjo da salvação e da felicidade, que Deus me enviou.

Eu, que não sabia ainda do ajuste de casamento de Julio, limitei-me a responder:

— Elle é digno de sua estima, Sr. barão, e a graça que Deus lhe fez é obra de seu merecimento.

— Não, meu caro senhor; porque muito mereceria eu, para n'um momento receber as duas maiores graças que meu coração podia aspirar na terra: a vida, que estava perdida e, mais que isto e que tudo, a felicidade de ver minha adorada filha ligada a um moço rico de todas as nobrezas da alma e do coração. Porque, Sr. Max, seu amigo já é o noivo da minha Yayá.

Eu fiquei atordoado e, voltando os olhos para Julio, increpei-o de não ter-me dado a boa nova.

tructura, com communicações subterrâneas para o colleiro central, a que chamais Camara do Rei. Essas passagens, que eu o saiba, ainda não foram descobertas.

Em consequencia de longas chuvas e terríveis inundações a antiga Memphis foi por duas vezes arrasada, sendo em uma até ás suas muralhas, com todos os seus habitantes, em uma só noite. As convulsões da natureza e as terríveis inundações eram então communs. Foi logo depois de uma d'ellas que se deu começo á construcção d'esta pyramide, a qual exigiu o trabalho de mais de uma geração. Ella foi terminada antes da grande inundação e das guerras dos reis pastores.

Uma vez, em meu tempo, a agua subiu e rolou sobre o cume d'esta montanha de pedras. A enchente durou quarenta e cinco dias consecutivos; e, enquanto as torrentes do sul varriam o valle do Nilo, fortes ventos do lado do Mediterraneo afluavam a agua sobre o paiz, lançando ondas sobre ondas, até que esta estrutura ficou completamente submergida. Quando, porém, se deu esse sepultamento sob as aguas, os thesouros e os colleiros estavam bem guardados; e ao voltar do paiz montanhoso do sul, o povo funinto achou recursos para viver. Parece que hoje na face da terra ha menos agua do que outrora. Os líquidos se solidificaram, e a mudança se produziu em todas as classes de seres.

Sómente são eternas as pyramides da verdade, construidas de principios immutaveis.

Che-ops-see (Cheps), o grande rei do mundo, morreu em Thebas. Embalsamado pelos sacerdotes, elle foi depois de algum tempo collocado n'esta pyramide, como uma prova de distincção por ter concebido e planejado um monumento que foi a salvaguarda do seu povo. Finalmente elle foi divinizado; e a *esphynge* calma e impenetravel, hoje mutilada por um povo degenerado, foi levantada para fazer conhecer á posteridade os traços de sua physionomia. Vou deixar-vos, filhos de um paiz estranho; meditaí bem, e quando as cinzas e a terra de vós reclamarem a parte que de vós lhes pertence, que estejais preparados para seguir os espiritos antigos, a quem pedis conselhos. — CHE-OPS-SEE.

FOLHETIM

(58)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

XVII

O barão de Montenegro estabeleceu residência n'uma bella casa, melhor diria palacete, á praia de Botafogo, onde se devia celebrar o casamento da sua Yayá, que levantava os bons desejos e a curiosidade de quasi toda a população da corte, por seu noivo, o doutor Julio.

Por entre os da comitiva, que enchiam o templo, a matriz da Gloria, escondia-se das vistas de todos uma mulher, cujo rosto era coberto por escuro véo, mas que não despertava a curiosidade, por trajar muito pobremente.

Quem, em meio de tão esplendidas galas, baixa a vista sobre pobre creatura, que parece ter vindo alli só para dizer: *memento homo*?

Pois essa quasi mendiga era aquella que já fulgurara nos mais nobres salões, tendo difficuldade em escolher entre a multidão de distintos cavalheiros que lhe faziam a corte, — era a filha do commendador Muniz, que, para fazer figas a Julio, casara com Martim, e de Martim passara impudicamente aos braços de um amante.

A desgraçada guardou em seu peito tudo o que n'elle havia de ruim, sem procurar ao menos, na desgraça, colher e guardar, alli, algumas florinhas de bons sentimentos.

Odiava Julio, invejava a felicidade da que ia ser sua mulher, em quem contentava-se com descobrir algum senão, para agourentar o futuro do distincto moço.

AS APPARIÇÕES

E suas provas scientificas

POR

Camillo Flammacion

(Tradução de Nihil.)

(Conclusão)

No mez de setembro de 1857, o capitão G. W., do 6º regimento de dragões inglezes, partiu para as Indias, afim de se incorporar ao seu regimento. Sua mulher ficou na Inglaterra, residindo em Cambridge. Na noite de 14 para 15 de novembro de 1857, pela manhã, ella sonhou e viu seu marido com physionomia decente e decomposta; assustada acordou.

Acordada e sentada na cama, viu novamente seu marido em pé ao lado do leito, fardado e com as mãos sobre o estomago, com os cabellos em desordem e a physionomia pallida e angustiada.

Olhava-a fixamente com olhos espantados e os labios contrahidos.

Ella o viu distinctamente, tão perfeitamente como nunca, com o corpo cahido um pouco para a frente e mostrando o peito da camisa, que no entanto não tinha mancha alguma.

Parecia querer falar, e tinha um ar soffredor, nunca, porém, conseguindo articular som algum.

A apparição durou pouco mais ou menos um minuto e desapareceu.

Seu primeiro cuidado foi se certificar se realmente estava acordada.

Estregando os olhos com a coberta, conheceu que realmente não sonhava.

Seu sobrinho pequeno estava a seu lado, dormindo, do que ella se certificou escutando-lhe a respiração.

Certa de que estava realmente acordada não pôde mais conciliar o somno.

Ao amanhecer do dia seguinte, contou o que vira á sua mãe, garantindo que seu marido tinha morrido, se bem que na camisa ella não tivesse visto mancha alguma de sangue, e desconflava de que tivesse sido ferido mortalmente.

Firme no que tinha visto e certa da morte de seu marido, excusou-se de todas as reuniões.

Uma sua amiga intima convidou-a a

E foi por isso que, vencendo seu orgulho, viera, maltrapilha, testemunhar o acclamado consorcio do grande homem da epoca.

Junto d'ella, sem lhe prestarem a minima attenção, um velho e um cavalheiro bem conhecido da sociedade fluminense, aguardavam a festival cerimonia, trocando de vez em quando algumas palavras sobre os episodios, sempre frequentes em taes occasiões.

Era evidente que se encontravam casualmente e que eram desconhecidos, dispensando-se as attensões de pessoas da boa sociedade.

O velho, vestido no rigor da corte em dias de gala, aproveitava a agradável complacencia de seu visinho para informar-se de coisas, aliás, muito conhecidas de toda a gente da cidade, e o cavalheiro parecia ter gosto em satisfazer a sua curiosidade.

— Conhece a noiva? perguntou com voz tremula.

— Já a vi — é uma moça de maravilhosa belleza.

— Belleza! gemeu o interlocutor. Nem sempre é distinctivo de uma alma superior. Eva foi a mais bella das mulheres!

— E' verdade, respondeu o cavalheiro, mas, no caso, a belleza plastica da noiva do doutor Julio é o symbolo da belleza esthetica de sua alma, rica dos mais elevados sentimentos, pura, da pureza dos anjos, terna e amorosa como um olhar de mãe para o filhinho que dorme no leito de innocencia.

— Tem certeza disso, senhor?

— Não por mim, que não sou da intimidade dessa distincta senhora; mas é este o juizo invariavel de todos os que tratam com ella, ainda mesmo dos que dão a vida por descobrir faltas nos outros.

O velho abaixou a cabeça e, se bem observassem, veriam que de seus olhos se desprendiam duas lagrimas, que elle procurou occultar, dizendo:

— Deve ser assim; porque a grande alma de Julio não pde cabir n'um charco immundo, mal coberto pela relva matizada das flores da belleza plastica.

E, dizendo isto, o velho retirou-se brusca e, em poucas passadas, galgou a porta do templo, que dava para a praça publica,

assistir a um sarau, a que ella peremptoriamente recusou-se a ir.

O telegramma noticiando a triste nova da morte do capitão W. chegou a Londres em dezembro.

Declarava que o capitão tinha sido ferido no assalto da cidade de Lucknow em 15 de novembro.

Essa noticia, publicada por um jornal de Londres, chamou a attenção de um solicitador, Sr. Wilkinson, encarregado e procurador d'aquelle capitão.

Mais tarde, quando esse procurador se encontrou com a viuva, foi-lhe por esta declarado já estar prevenida para essa desgraça, e que tinha certeza de ter seu marido sido ferido, mas não a 15 como dizia a noticia, visto que seu marido lhe tinha apparecido na noite de 14 para 15 do dito mez. (*)

No entanto a data do officio do ministro da guerra combinava com a do telegramma.

As coisas estavam n'esse pé, quando, em março de 1858, a familia do capitão W. recebeu uma carta datada de Lucknow, de 15 de novembro de 1857, na qual vinha consignado que o capitão W. tinha sido ferido de noite, quando á frente de um batalhão em Lucknow, não a 15 de novembro, como diziam os telegrammas, mas sim a 14, depois do meio dia; isso era affirmado pelo autor da carta, o qual tinha sido testemunha ocular do facto: tinha sido ferido por estilhaço de bomba.

Seu enterramento effectuou-se em Dilkaoska, tendo por distinctivo uma cruz de madeira, com as iniciaes G. W. e a data da sua morte, 14 de novembro de 1857.

O ministro da guerra só um anno depois foi que corrigiu a data.

Em abril de 1859 foi tirada copia pelo Sr. Wilkinson.

Outro facto ainda, contado e certificado pelo coronel Wickham á sua mulher:

(*) A differença de longitude entre Londres e Lucknow é, mais ou menos, de cinco horas; 3 ou 4 horas da manhã em Londres correspondem por conseguinte a 8 ou 9 em Lucknow. Porém foi depois do meio dia, e não antes, como se verá, que o capitão W. foi morto. Se, pois, elle cahiu a 15, a apparição ter-se-hia produzido algumas horas antes do ataque, no qual succumbiu, estando, portanto, antes em perfeito estado. De facto, elle foi mortalmente ferido dez ou doze horas antes da apparição.

donde partiu, ninguém sabe para onde, n'um bello coupé, que parecia estar alli á sua espera.

Aquella conversa, que tanto abalou o forasteiro, como me parece, attenta a sua ignorancia das coisas mais sabidas da cidade, não menos commoveu a mulher disfarçada com os andrajos da miseria, que fora a bella, rica e vaidosa filha do commendador Muniz.

Ouvindo falar das perfeições d'aquella em quem daria alma a Satanaz para descobrir uma nodoa, Elisa sentiu-se toda em chammias, as que accendem todas as paixões vis, que moram nas almas corrompidas.

Ouvindo as palavras do velho, symbolizando por um charco coberto de relva florida a mulher bella de forma e horrenda de sentimentos, algo dentro em si se abalou, de modo que iria tomar por terra, se não estivesse ao pé um confessorario, a que estonteadamente se atirou.

Alli, pensando na coincidência de vir á igreja para mal, e de na igreja ser espontaneamente atirada a um confessorario, a infeliz começou um exame de consciencia que foi interrompido pelo movimento geral dos assistentes, que corriam para a capella-mór, onde começava a cerimonia do casamento.

Sem mais se ater a pensamento algum, como uma folha arrebatada pela viração, acompanhou a multidão e, em breve, estava em face dos felizes noivos.

N'aquelle momento só teve olhos para admirar a belleza da noiva, tão serena, tão singular, tão mimosa, d'esse mimo que só pde emanar da fonte da innocencia, da caridade, da fé e do amor, — sublimes irradiações das almas candidas.

— Eu tambem já tive um dia como este, pensou. Mas aquella assomo de alegria, senão de vaidade, foi de prompto sopitado por horrivel recordação: o anjo do momento queimara as azas nas impuras chammias de um amor criminoso.

E, levando as mãos aos olhos para enco-

brir uma lagrima, disse consigo:

— Mas esta não é das que sacrificam seu

dever no altar immundo da mais ignobil im-

judicial Não, que está escripto na sua fron-

«Um meu amigo, official dos highlanders, foi gravemente ferido em um joe-

ho, na batalha de Tel-el-Kebir. Era eu amigo intimo da mãe d'esse camarada, e quando o navio hospital «Cartago» o trouxe para Malta, ella mandou-me ir a bordo para vel-o e procurar os meios de o conduzir para terra.

Assim que choguei a bordo, soube que era elle o mais grave dos feridos e enfermos, e tão mal o julgavam, que consideravam perigosa sua vinda para terra, em vista do abalo que tinha de soffrer para ir para o hospital militar, razão por que só elle e um outro official da Guarda Negra tinham deixado de seguir para aquelle destino.

Depois de muito instarmos, sua mãe e eu obtivemos permissão, não só de vel-o, como ainda de pensal-o.

Realmente o nosso amigo achava-se em condições taes que os medicos recusavam amputar-lhe a perna, temendo com isso sua morte immediata, apesar de julgarem ser esse o unico meio de lhe poder salvar a vida.

Apparecera a gangrena, mas em pequena escala, de sorte que, com o curativo feito, tinham os medicos a esperanza de ainda o poder salvar, mesmo porque, com algum esforço, elle caminhava.

Ficaria defeituoso com certeza, diziam os medicos, ou morreria de consumpção.

Na noite de 4 de janeiro de 1886, achando-me bastante fatigado das vigílias feitas e mesmo, por isso, um pouco adoentado, sua mãe aconselhou-me a ir á terra descansar e reparar as forças, afim de novamente voltar ao dever junto d'ella.

Achava-se elle em lethargia, e o respectivo medico disse-me que, estando o doente sob a acção da morphina que se lhe tinha administrado, dormiria mais calmo até, talvez, o dia seguinte.

Accedi ao convite, com a condição, porém, de regressar ao amanhecer do dia seguinte, afim de que elle despertasse em minha presença.

Pelas 2 horas da manhã, meu filho mais velho, que dormia a meu lado e em meu leito, acordou sobresaltado e em gritos e chamou:

— Mãe, mãe, olhe o Sr. B!

Levantei-me rapidamente: com effeito vi o corpo do Sr. B. fluctuando dentro

te: a felicidade pelo amor casto. Meu Deus! o que faço aqui? Vim procurar allivio a meus pezares, e deparei com os caracteres do festim de Balthazar! Miseravel! Miseravel! Arrasta tua miseria até o fundo do abysmo! Mas não! não! Que eu não quero comparrar-me a essas desprezíveis creaturas, que vivem do trafico de sua propria carne, mercadoria á disposição do mais vil dos homens que lhes bate á porta! Se não é por honestidade, que já atirei aos antros da iniquidade, seja por orgulho de não ir acabar n'uma enxerga de hospital. Quero morrer de fome, mas não prestar-me ao desprezo publico!

Elisa fugiu da vista do grande quadro que esmagava-lhe a alma e o coração e, em menos de uma hora, penetrou no humido e escuro casebre em que morava com seu pae, a quem o amor paternal dava forças para o trabalho do ganha pão.

— Ha quanto tempo te espero, minha filha, para não sahir sem te ver, pois que muito cedo te escapaste!

— Sahi muito cedo, papae, porque quiz assistir ao casamento do Dr. Julio, na igreja da Gloria.

— Tu! Que loucura foi essa?

— Diz bem: uma loucura, porque fui buscar o inferno para minha alma, como se já não o tivesse!

— Como inferno?

— Julio, papae, ligase a uma moça que é tão bella quanto cheia de virtudes. Belleza de corpo e belleza da alma!

— Pois bem; e porque o inferno?

— Ah! eu queria vel-o, pelo menos, tão desgraçado como o amigo, a quem me sacrificou.

— Sacrificou-te?! Não te comprehendo.

— Já lhe disse que casei com Martim, por fazer pirraça a elle.

— E por isso dizes que elle te sacrificou? Não, minha filha. quem te sacrificou foi tua cabecinha de vento, porque Martim seria hoje um vulto, como é Julio, e tu, como sua mulher, serias uma das senhoras mais respeitadas da nossa sociedade.

— Papae, eu hoje reconheço que você tem razão. Foi minha ruim cabeça, que fez a minha, a sua e a infelicidade de Martim.

(Continúa)

India enviavam elles yoguis, ou adeptos habituados a operar com facilidade o desprendimento do seu corpo astral; os brahmas determinam a cada um d'esses yoguis que se transporte a tal ou tal planeta (como, por exemplo, Mercurio) e que ahi faça taes ou taes observações, que elles confrontam entre si e lhes fornecem assim uma solida base.

«Graças a documentos brahmanicos, accrescenta Erny, é que eu pude ver alphetos lunares (alphabetos dos habitantes da lua), planeta que, ao contrario do que dizem os sabios, é perfectamente habitado, mas do lado que jamais está voltado para a terra. Sabe-se que a lua não nos mostra invariavelmente senão um lado da sua esphericidade; por isso não se podem fazer observações astronomicas senão d'esse lado, emquanto que o outro, que escapa ao olhar humano, pode ser visto examinado pelo olhar psychico dos yoguis.»

Institutos psychicos

Como prova do interesse que vão despertando nas esferas scientificas os estudos psychologicos, a que a doutrina spirita veio imprimir um novo e vigoroso impulso, temos a satisfação de assignalar n'estas columnas que, em Paris, acabam de ser fundadas duas associações destinadas a aprofundar esses estudos.

E' a primeira o Instituto Psychologico Internacional que, segundo *La Revue Spirite*, onde encontramos esta noticia, «já conta entre os seus membros os maiores sabios da Allemanha, Inglaterra, America, França, Italia, Russia e Suissa.»

O comité executivo provisorio ficou assim constituido: Dr. Pierre Janet, professor na Sorbonna, Collegio de França, Salpêtrière; Murray, de Londres; Dr. Richet, membro da Academia de Medicina e professor da Faculdade de Medicina. Alem d'esses, fazem parte do «comité de patronage» os Srs. Aksakof, Dr. Baraduc, Dr. Bernheim, principe Rolande Bonaparte, William Crookes, capitão Sadi Carnot, Camillo Flammarion, Dr. Dariex, Flournoy, Dr. Héricourt, professor G. Hoffmann, Dr. Liébault, Liégeois, Dr. Oliver Lodge, Dr. Lombroso, Maxwell, magistrado, prof. Moutonnier, Myers, presidente da Sociedade de Investigações Psychicas de Londres, o principe Henrique de Orleans, Edmundo Perrier, membro da Academia

das Sciencias e director do Museu, Th. Ribot, membro da Academia, professor no collegio de França, coronel de Rochas, Van der Naillen, professor em S. Francisco (Estados Unidos do Norte), e o Dr. Yung, professor de zoologia na Universidade de Genebra.

A sede social provisoria se acha instalada á rua de l'Université n. 19.

A outra associação é o Instituto de Sciencias Psychicas, cuja sede é actualmente na residencia do seu secretario, Sr. Emilio Legrand, 14 rua d'Amsterdam—Paris, sendo o seguinte o seu comité director: Dr. Bécourt, Dr. Bertrand-Loze, Bonardot, Bloume, Brieu, Dr. Cattalotti, Dr. Chazarin, Cote, Delanne, Dr. Duzart, Dr. Ferroul, general Fix, Hugo d'Alési, Dr. Le Blaye, G. Le Brun de Rabot, Dr. E. Legrand, Marc Legrand, Dr. Moutin e barão de Vatteville.

«Os leitores poderão constatar com a maior satisfação, termina a revista mencionada, que o spiritismo entra completamente na senda scientifica, como previra o mestre Allan Kardec. Fazemos votos por que os trabalhos d'essas duas sociedades produzam os resultados desejaveis.»

Como vão longe os tempos do desprezo e do ridiculo! —acrescentaremos nós.

COLLABORAÇÃO

Contra a China

E' formidavel a propaganda dos jornaes da Europa, feita ultimamente para despertar sentimentos de odio e de vingança contra os chinezes, procurando occultar sob o pretexto irrisorio da barbaria d'esse povo, que não se quer deixar expoliar pelos *civilizados* do Occidente, o motivo real que os conduz, que vem a ser o de achar um escaudouro aos productos da sua industria, de que a China ainda não sentiu necessidade.

Os chinezes não podiam contemplar sem dôr a importação immoralissima do opio, com que uma poderosa nação da Europa, sem um protesto de alguma outra, vai envenenando a população do paiz, nem as intrigas e meios violentos que estão empregando esses estrangeiros para se assehuorearem dos seus melhores portos. Era de prever essa luta; e se são censuraveis as atrocidades praticadas pelo populacho chinês, que são com côres carregadas descriptas nos jornaes interessados dos seus inimigos, nós estamos

na completa ignorancia do que por lá estão fazendo aquelles que, deixando de adherir á tão humanitaria idéa do czar da Russia, discutida na conferencia de Haya, e quasi no começo do seculo XX, contra as normas da justiça e do direito das gentes, fizeram uso na guerra da Africa das celebres balas dum dum.

Dizem os invasores da China que quebrem civiliza-a e moraliza-a, n'ella propagando os principios da sua religião, d'essa religião que de christã só tem o nome e que não possui a força precisa para contel-os em seus desregramentos, para supplantar a sua exagerada ambição de poderio. Isto é simplesmente irrisorio.

A China é uma nação eminentemente lettrada; é, como disse o embaixador chinês nos Estados Unidos, Anson Burlingame, o paiz das bibliothecas e das escolas. A instrucção é alli muito espalhada, e grande maioria da população, mesmo nas classes menos favorecidas da fortuna, tem conhecimentos, até certo grau, da leitura, da escripta, da arithmetica e de escolhidas passagens de seus autores classicos. A instrucção se divide em tres classes, na primeira das quaes se trata de desenvolver o sentimento da creança com o estudo do bello, na segunda a sua intelligencia com o estudo das letras, e só na terceira ellas vão fazer o curso superior da carreira á que se destinam.

Ha n'esse paiz escolas publicas, onde os meninos de todas as classes recebem a instrucção em commun; e em algumas provincias tambem as ha para meninas, dirigidas por professoras.

Na China a religião é livre.

Seus grandes mestres, Lautseus, Confucius e outros são antes moralistas que religionistas. Milhares dos homens mais doutos do paiz são pantheistas, e muitos dos seus ensinãos são tão transcendentes como os de Emerson. Elles acreditam em Tão, a unidade absoluta, manifestando-se como uma dualidade nas forças positivas e negativas do Universo.

Ha no paiz um grande numero de systemas moraes ou religiosos; mas todos esses religionistas exercem frequentemente nos mesmos templos os actos de suas religiões, dando assim uma nobre e elevada lição de tolerancia aquelles que hoje os pretendem moralizar.

Vejamos agora quem impediu que na China preponderassem hoje, pelo menos em muitos dos seus pontos capitães, os ensinãos trazidos ao mundo por Jesus.

para só lembrar-se da filha amada. Isto não é amor. Sr. isto é perversidade; porque o amor expõe o filho ao ferro em brasa, para salvar-lhe a vida, e perverso é quem, para poupar desgostos ou mesmo dores, deixa o filho correr pelos caminhos da morte. Eu estou morta, porque perdi a vida da mulher, que é a sua honra. Eu seria hoje qual Yáya, se o Sr., para não me causar desgostos, não me tivesse, perversamente, deixado correr por aquelles caminhos.

— Então, Elisa, eu é que sou causa de tees repellido teu nobre marido e de tees te entregado a um peralta, sem eira nem beira?!

— Não direi causa; porque a verdadeira causa foi, e é sempre em taes casos, a perversão moral do espirito, filha de um atrazo original, mas, sim, responsavel, porque viu a arvorezinha crescer torta, e não procurou indireital-a.

— Tens razão, minha filha; a educação é aparelho orthopedico, que corrige os defeitos organicos da natureza. — Eu devia ter sido vigilante em reprimir, desde tua infancia, todas as manifestações de tuas más disposições naturaes; mas, longe de o fazer, insufflei aquellas disposições. Tens razão; mas é que só agora comprehendendo que os filhos nos são por Deus confiados, para os guiarmos, — para os corrigirmos, para os vigiarmos. Seguiu o rumo da tua natureza perversa, e eu deixei-te correr livremente — e faltei-te com a educação reparadora. Fiz a tua desgraça, a minha e a de um nobre moço, que seria um ornamento da nossa sociedade, se não nos conhecesse.

— Não fale n'isto, exclamou a moça, que essa recordação me esmaga e me faz ter horror de mim mesma. A sociedade me despreza e eu reconheço que sobra-lhe razão. Não é a esposa infiel que mais lhe deve causar repulção, é a mulher que abandonou um homem do talento e da honrabilidade de Martim, por outro que se con-

Na primeira metade do seculo que está a findar nasceu nas visinhanças de Cantão um menino, dotado de extraordinario poder de clarividencia e de um genio demasiado excentrico, que recebeu o nome de Hung-sew-tswen. Tendo sido mal succedido em um de seus exames, quando joven, elle foi accommettido de grave enfermidade, ao restabelecer-se da qual estava com as faculdades mediumnificas muito des-nvolvidas; era um inspirado e dizia estar limpo das impurezas de sua vida e ter entrado em communicação com um alto personagem espirital, que lhe mandara pregar a abolição da escravidão, a destruição dos idolos, o derramamento da instrucção e a humanização do tratamento que os soldados costumavam dar aos prisioneiros.

Um dia cahiu-lhe nas mãos um exemplar do Evangelho, e ao lê-lo disse logo:

— Foi elle; foi Jesus quem me falou.

A sua propaganda foi fazendo proselytos, graças aos phenomenos mediumnificos que se manifestavam no seio da assistencia, onde uns cahiam em transe somnambulo e tinham visões, outros falavam linguas estranhas, e outros faziam revelações e prophetizavam.

Grande numero de lettrados e homens importantes adheriu á propaganda, e o movimento tomou o caracter de uma formidavel revolução contra a dynastia reinante, que queriam transformar em um governo constitucional.

Foi o norte-americano John Ward quem, disciplinando as tropas imperiaes, infligiu algumas derrotas aos rebeldes, sem contudo conseguir suffocar o movimento, que cada vez mais se alastrou pelo paiz. E' a celebre revolta dos Taipings que fez correr rios de sangue, devastou os campos e arruinou um sem numero de cidades e villas.

N'esse tempo os inglezes e francezes incitavam á revolta e a protegiam, e talvez tivessem concorrido para modificar as idéas de Hung, que então pretendeu fazer-se imperador.

Em serios apuros, o imperador chamou em seu auxilio os estrangeiros, acenando-lhes com a promessa de concessões de novos portos aos seus navios; e os inglezes e os francezes adoptaram o seu partido, concorrendo para abafar-se a grande revolução. Hung suicidou-se, e innumerados partidarios seus, cahidos em poder dos vencedores, foram executados, sem que os tão civilizados europeus tentassem impedir, por parte dos seus allia-

funde na massa immensa dos tolos e deslavados. Ah! se a sociedade me despreza, quanto mais o que foi offendido em sua honra e no amor que o ligou á vil mundana!

Um silencio de tumulto seguiu-se á troca de palavras entre o pac e a filha.

O correio veio despertal-os d'aquelle lethargo.

— Quem se lembra ainda de nós? disse o velho, tomando a carta. Não é para mim, accrescentou, é para ti; toma-a.

Elisa abriu a carta com repugnancia, porque julgou que era de Carlos Teixeira; correndo, porem, a vista á assignatura, quasi desfalleceu.

— E' de Martim, exclamou quasi em delirio, que se transmittiu ao velho.

A carta dizia:

«Nunca mais terá o desgosto de me ver, porque nunca mais procurarei a mulher que envenenou todas as fontes de minha felicidade.

«Apezar, porem, de tudo, não lhe desejo mal, e pelo contrario, embora tenha conseguido varrer de meu peito o amor que lhe consagrei, não consentirei jamais que soffra miseria, consequencia do descalabro por que passou o caro amigo commendador Muniz.

«Só deixarei de amparal-a, se recusar os recursos que lhe offereço para que viva honestamente, ou, se voltar á vida livre, que felizmente repudiou.

«De todas as grandezas que sonhei para collocar na mais invejavel condição social, é a minguada pensão, que receberá, por toda a sua vida, do Banco do Brazil, o que me é permitido offerecer-lhe.

«Não é por amor que o faço, mas porque não quero que arraste andrajo a que ligou seu nome ao do Dr. Martim.»

Elisa cahiu, em deliquio, nos braços do paé.

(Continua)

FOLHETIM

(60)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



SEGUNDA PARTE

XIX

Elisa, recebendo a notificação do Banco do Brazil, para dispôr de um conto de reis mensaes, por tempo indeterminado, foi tão surprehendida como Julio e, como elle, queimou o cerebro, cogitando donde lhe viria aquella fortuna, que o era, nas duras condições em que se achava.

O banco não lhe poudo dizer senão que recebera a ordem da Inglaterra, o que fez sua primeira suspeita de ser aquillo obra de seu amante, que nunca fora aquelle paiz.

Conversando com o pac, suggeriu este a hypothese de ser Martim o autor do que elle c'ou esmola; mas, tal foi a repulção que manifestou a moça á semelhante hypothese que o velho Muniz não insistiu, antes concordou em ser impossivel que, tão offendido, Martim fizesse tão grande generosidade.

— E se eu soubesse que vinha d'elle, disse Elisa, não tocara em tal dinheiro.

— Não sei se tens razão, minha filha, pois que, em tua consciencia, tu és a culpada, — e quem tem culpa não pode ter assomos de orgulho. Podias repellir as generosidades do nobre doutor Martim, se tivesse elle sido o offensor.

— Está bom, papae, deixemos isto e não evoqueemos um pasaado que só me inspira tedio.

— N'isso tens razão, Elisa, porque realmente é lugubre esse passado; mas a ti, a ti sómente a responsabilidade.

A moça guardou silencio e, silenciosa, abaixou a cabeça.

Teria falado a consciencia? Teria entrado n'aquella alma o arrependimento? Teria, enfim, soado a hora da regeneração?

Depois de longo scismar, ergueu a fronte alfojarada de suor e exclamou:

— Sim; fui uma louca e sou uma perdida. Oh! como deve ser feliz a bella esposa de Julio, levando a seu amado um coração cheio de puro amor e uma alma incapaz de esquecer os deveres da honra, que é o palladium da mulher e a fonte de suas mais santas alegrias! Yáya tem nas faces de neve a côr do peço que é o symbolo da pureza d'alma, e de seus olhos, que reflectem o azul do céu, irradia, serena como a da lua em limpida atmosphera, a luz de uma consciencia casta e santa como o sorrir de uma creancinha. Oh! porque não fui eu assim?

E vibrando feroz olhar para o pobre velho, que vergava ao peso de suas misérias, exclamou:

— Eu não fui, eu não sou assim, senão porque o Sr. nunca teve a energia precisa para conter os meus desvarios!

— Ainda em cima tu me accusas?!

— Com toda a razão, Sr.; porque os paes recebem os filhos em deposito, para guial-os pelo caminho recto, arrancando-lhes as más disposições, e inoculando-lhes os principios do bem. Os paes assumem a responsabilidade de toda a herva damnhinha que vingar no coração dos filhos, se não empregarem seus esforços em arrancar-las ao germinar. O Sr., meu pac, em vez d'isto, regava, regava sempre, todas as minhas disposições ruins, fazendo-me todas as vontades, as más insensatas, por não me contrariar; e, quando viu os fructos de sua obra, que foi a minha perdição, ainda teve a fraqueza de esquecer a mulher perdida,

municipalidade; depois em Arles e Aix; duas conferencias em Marsella, no fim de novembro, e finalmente sua partida para Alger, com o mesmo intuito.

Taes são os detalhes da excursão que n'este momento leva por diante o infatigavel e intrepido missionario da Boa Nova, mal repousado apenas dos trabalhos do Congresso Spiritista, a que com tanto brillantismo acabou de presidir.

Possam os seus valorosos esforços ser por toda parte acolhidos com a sympathia a que têm direito, e fecundar essa obra ingente da propaganda a que com tanto amor se dedica o seu generoso espirito: são os humildes votos com que o acompanhamos de todo o coração. E que o seu grande exemplo seja por outros imitado!

No dia 16 de setembro passado, uma tocante cerimonia se effectuou na sede do Grupo Spiritista Santa Cecilia, fundado sob os auspícios do nosso querido ex-presidente, Dr. Bezerra de Menezes. Tratava-se de fazer a distribuição semestral de doze cartões de socorros por igual numero de necessitados, os quaes enfermos e velhos, alli de facto se reuniram para receber das mãos dos excellentes confrades d'aquelle grupo o testemunho da sua fraternidade para com elles.

A cerimonia foi presidida pelo nosso collega presidente da Federação Spiritista Brasileira, que, depois de proferir uma allocução, tendo por thema a caridade, procedeu á distribuição dos cartões aos necessitados.

Simple, como todas as manifestações do coração, produziu essa festa a mais grata impressão no espirito de quantos a ella tiveram o prazer de assistir.

COMMUNICAÇÕES

Sobre os mediuns curadores

Paz e amor.

Infinitamente bom, Deus permite que seus filhos peccadores tenham sciencia da Boa Nova, recebendo-a cada um de accordo com as suas condições de adiantamento.

No mundo material a luz é dada segundo as condições do órgão visual; no mundo dos espiritos é dada directamente, proporcionada ás condições progressivas do espirito.

Os maiores inimigos do espirito são o orgulho e o egoismo, sendo que a depuração d'esses dois cancos só se poderá

fazer á proporção que se forem substituído esses sentimentos perniciosos pelos que lhes são antagonicos.

Esses dois inimigos da alma só podem ser rechazados pela conquista da humildade e da fraternidade, encarradas sob o ponto de vista altruista.

A' proporção que o eu vai desaparecendo, vem o amor do proximo surgindo, e esse amor se confunde com uma parte do nosso eu, de tal modo que cuidamos mais do proximo do que de nós proprios.

Essa é a primeira phase do progresso: a extirpação do cancro—o egoismo.

Segue-se a segunda, a mais importante—a da extirpação do orgulho.

Já sabeis, a humildade destroe o orgulho.

Mas, meu filho, este ponto é muito mais importante do que pensais.

O vosso guia sente-se deveras embaraçado para vos explicar uma coisa que difficilmente podereis comprehender.

A humildade, meu filho, é a consciencia que tem o espirito de que tudo vem do Alto, de que tudo parte do Creador.

A creatura, mero agente, nada tem de seu; tudo lhe é dado por intermedio d'essa escala ascendente e successiva que vai do zero até Deus.

A creatura sobe até aos pés do seu Creador e Pai, por intermedio d'essa escala, que vai dos seus maiores até Jesus e d'este até Deus.

Comprehender estas verdades em espirito é conquistar a fé do grão de mostarda, é subir a Jesus. Estudai este ponto e mais tarde me ouvireis.—MATIAS.

Paz e amor.

Que a paz de N. S. Jesus Christo se estenda sobre o vosso espirito avido de luz e animado do desejo de subir.

Como ficou comprehendido, os inimigos do espirito, que determinam a maior somma de mal, são o egoismo e o orgulho.

Pela lei que rege a evolução, o egoismo é batido em primeiro lugar pela conquista da caridade.

Segue-se o orgulho, o feroz inimigo do homem, que é batido pela humildade; porem a conquista d'esta virtude só se poderá obter a medida que se for extirpando o egoismo, pois que um egoista não pode ser humilde, ao passo que um orgulhoso pode ser caritativo.

E' o orgulho a primeira queda do espirito, é a origem do seu atrazo.

A conquista da humildade deve ser a primeira preocupação do spiritista, pois não se poderão ornar com semelhante titulo os egoistas propriamente ditos.

paixão—e quem sabe se não são ambas as coisas?

A moça ergueu-se de um salto, e rugiu como a fera domada:

— Eu quiz aviltar-o, calculadamente—e é elle que me avilta generosamente!—Privilegio das almas superiores, que vingam-se das maiores offensas, se vingança se pode chamar, derramando sobre o offensor o orvalho que vivifica! Oh! sim, vivifica, mas... queima! Dir-se-hia que é um anestesico, que livra o doente das dores da operação, mas que deixa-o cephalgico! Venceste, Martin, porem teu triumpho não será completo, sem o concurso da minha vontade, sem que eu aceite as tuas generosidades. E eu não as aceito, porque não quero, como a lesma, ser esmagada por teu pé! Mas, meu Deus, o que será de mim? Ou morrer de fome, ou descer ao abismo da prostituição, para ir acabar na enxerga do hospital! Antes esmagada pelo pé de um, do que pelo de todos. Horror! Meu orgulho se revolta; porem as minhas tristes condições me chumbam á rocha da ignominia! Eis para onde me arrastaram meus infames e tenebrosos planos! Aceito-as, — aceito-as, pois que outro remedio não tenho; mas aceito-as como a fera, na jaula, aceita o que lhe dão, por não ser livre de suas garras para apanhar o que lhe apraz! O meu triste destino prendeu-me n'uma jaula; que remedio senão aceitar o que me dão?

O desolado pae ouvia, em doloroso silencio, todos os conceitos d'aquelle soliloquio, temendo-se de intervir, por não assanhar mais os furores da filha, que bem conhecia até que grau subiriam, se fosse ella contrariada.

Vendo-a, pois, calar-se, timidamente ponderou:

— Resolveste pelo melhor, não pelo lado material, que enquanto Deus me der forças não te faltará o pão, mas pelo lado moral, porque deves a Martin uma reparação, e a

Sem caridade não se é spiritista.

Sem humildade não se pode comprehender o que seja discipulo de Jesus.

Reparai: Jesus, o mais alevantado espirito baixado á terra, disse: «Tudo que eu tenho vem do Pai, quem vê a mim, vê o Pai, isto é, eu nada sou, tudo é do Pai.»

Eis a humildade na sua comprehensão mais lata.

Tudo, meu filho, é misericordia de Deus. Tudo vem d'elle; a creatura nada é.

Manifestam-se, pela humildade, as obras do seu Creador.

Já vedes como a humildade deve ser uma planta exotica n'este mundo, onde o homem julga ter obras meritorias.

O medium curador deve possuir fé, caridade e humildade.

Os que têm fé produzem. Os que têm fé e caridade produzem mais. Os que têm fé, caridade e humildade produzem os assombros que produzem os apostolos idos, que tinham amor, fé e humildade.

Estudai, que Deus vos illuminará e me permitirá completar estas instrucções, satisfazendo assim o vosso pedido.—MATIAS.

Paz e amor.

Que a paz de N. S. Jesus Christo baixe sobre o vosso espirito, ainda fraco, porque não comprehende a misericordia que se manifesta pela justiça de Deus, bom e justo, que dá a cada um de accordo com suas obras, mas que dá cem por um, isto é, que, tendo o direito de exigir cem, se contenta com um.

Como ficou comprehendido, o medium precisa de tres virtudes: fé, caridade e humildade, para ser medium perfeito.

Ficou mais comprehendido que estas virtudes obedecem á ordem hierarchica: em primeiro lugar elle adquire a fé, em segundo a caridade, em terceiro a humildade.

A fé comprehende dois graus: a passiva e a raciocinada.

O primeiro grau está sujeito a ser abalado e destruido aos primeiros embates da duvida.

O segundo é inabalavel, e, firmado em factos e na observação, nada o poderá demover.

Esta é que é a fé do grão de mostarda.

A caridade, como é comprehendida no vosso mundo, tambem tem duas phases, a saber:

Na primeira é um sentimento de certa forma interesseiro, em que o eu tem a primazia. Pratica-se o bem, não pelo

única possivel, nas tuas actuaes condições, é humilhares-te á sua vontade. E' um acto de contricção, de tantos que lhe deves, e cre, minha filha, que a grande alma de Martin te estimará por isso, pois que nem pelo pensamento lhe passou vingar-se de ti, humilhando-te.

Elisa teve um impulso de responder ao pae; mas sopitou-o.

Por um movimento rapido, pode-se dizer instinctivo, tomou a carta, que depuzera sobre a mesa, e procurou o carimbo do correio.

Ao lê-lo, foi tomada de grande tremor, que assustou profundamente o velho pae.

— O que é isto, filha de minh'alma? O que te produz tamanho abalo?

— Esta carta, papae, tem o carimbo do correio da corte. Martin está na corte.

— Evidentemente, respondeu o velho, depois de ter examinado o carimbo. E foi aqui que elle teve conhecimento do meu desastre...

— Mas, papae, o Banco diz que recebeu ordem de Londres.

— Ora, isto é simples. E' que elle tem fundos em Londres e por telegramma fez vir aquella ordem. O mais difficil de explicar é como Martin tem fundos em Londres, quando sabemos que elle não é rico.

— Não era, papae; mas quem sabe se elle fez grande fortuna lá por essas terras em que tem vivido?

— Tens razão. Deve ter acontecido o que presumes; deve ser hoje, porventura, um ricoço, que talento não lhe falta para...

— Espere... espere, bradou Elisa, presa de um pensamento. Na solemnidade do casamento do Dr. Julio, a que eu quiz assistir, conversavam, junto de mim, um velho e um moço, ambos vestidos á corte. O moço era da nossa sociedade, pois conhecia as minimas particularidades da vida do noivo e da noiva. O velho, porem, que se mostrava muito interessado em conhe-

amor do bem, mas pelos beneficios que elle nos traz; dá-se a esmola em mira da recompensa.

Essa primeira phase adorna-se no vosso mundo com o pomposo nome de *caridade*, e no entanto é simples philanthropia.

Na segunda phase, a verdadeira caridade é um sentimento espontaneo da alma, não pode soffrer cogitações, não pode ser medida; traz a força do alto e sustenta-se pela fé; nada teme. Atira-se ao fogo, e o fogo não queima; atira-se á agua, e a agua não asphixia.

Essa é a caridade que os discipulos de Jesus devem procurar conquistar.

A humildade, essa virtude dos anjos, sempre que d'ella cogitamos, apresentase aos nossos olhos á imagem pura de Maria.

Quando ameaçada do repudio do seu querido esposo e do escandalo publico que iria apontar-a como adúltera, não vacillou em dizer, com a expressão mais grandiosa que conhecemos: «Que se faça na escrava a vontade do Senhor.»

Isto, meu filho, é que é humildade.

Estudai, e, se Deus permittir, completaremos a nossa conversa na seguinte comunicação.

Deus vos abençoe. — MATIAS.

Paz e amor.

Que a paz de N. S. Jesus Christo vos santifique, afim de poderdes estudar comigo essas altas questões que importam á vossa orientação de crente.

Tendo ficado bem definido para o vosso espirito, tanto quanto o pode comportar, quaes as principaes virtudes necessarias ao medium, virtudes que o arrancam dos pães da materia e o elevam á culminancia do espirito e ao seio de Jesus, vou responder á vossa objecção.

— Qual a razão por que as obras de mediuns que parecem bem orientadas, os que procuram seguir os Evangelhos de N. S. Jesus Christo, fazendo o bem por amor do bem e dando de graça o que de graça recebem, não apparecem como as de outros que, apesar do sentimento de philanthropia que manifestam, consentem, entretanto, que a moeda penetre na sua officina de trabalho, dando motivos, por isso, para serem classificados de especuladores, procurando se nivelar com os que nutrem sentimentos peccaminosos do mundo, juntando thesouros que a ferrugem consome e desprezando os verdadeiros que nunca se perdem, pois as virtudes, uma vez adquiridas, jamais se perderão?

cel-as, me pareceu, mesmo por isso, desconhecedor das nossas coisas, na actualidade. Pelo interesse que mostrou por Julio, comprehende-se que já viveu aqui, e, pela ignorancia das particularidades da união de Julio á filha do barão, é obvio que esteve ausente d'aqui. Aquelle velho impressionou-me singularmente. Porque? Tenho inutilmente procurado penetrar este mysterio. Porque o velho é Martin. Oh! é elle, é elle! E' elle, sim; mas que mudança! O corpo era o d'elle; o rosto, porem, talvez por trazer barba cerrada e longa, nada tinha do d'elle. Barba e cabellos eram brancos como a neve.

— Parece que tens razão, Elisa, porque velho era o que levou a Julio e á esposa os ricos presentes de que tanto têm os jornaes falado; e a amizade de Martin por Julio explica aquelle mysterio. Foi o amigo que veio, de longes terras, assistir ao casamento do amado irmão, trazendo-lhe os presentes nupcias. Ora, pelos signaes que dão os jornaes, aquelle velho é o mesmo que acabas de descrever.

— E', papae, porque, quando o moço que o informava descreveu as qualidades da noiva, elle exclamou: «o Dr. Julio não podia escolher uma mulher que não fosse digna d'elle» — e, não podendo reprimir as lagrimas, desapareceu sem se despeir do seu interlocutor. Oh! Martin comparou a sua sorte com a do amigo, e sentiu-se tão commovido, que não pôde sustentar as lagrimas. Eu senti a repercussão d'aquelle commoção e, felizmente, meus trajos, quasi de mendiga, e o véo que me cobria o rosto me livraram do constrangimento de ser descoberta. Vimo-nos, estivemos a dois passos um do outro, e não nos reconhecemos.

— Eu vou ver se o descobri, disse o commendador. para lhe dar um abraço, pois que sei plenamente que elle é meu amigo. como o sou d'elle.

Elisa abaixou a cabeça e chorou.

(Continúa)

FOLHETIM

(61)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

DEBILITADO

SEGUNDA PARTE

XX

— Eu não te disse, Elisa, que a pensão era obra do doutor Martin, a alma nobre e generosa, o caracter do mais elevado toque? Vês como elle cobre a sua caridade com as cores de um acto de orgulho: «não quero que arraste andrjos a que ligou seu nome ao do doutor Martin?»

— E' nobre! E' nobre! exclamou Elisa, ainda meio inconsciente. E' nobre, mas foi cruel em dizer-me que arrancou do peito o amor que me dedicava.

— Cruel em que, minha filha? Querias, porventura, que aquella grande alma se rebaixasse ao ponto de ainda guardar amor pela mulher que o trahiou por um vilão?

Elisa gemeu e, como em delirio, disse:

— Mais valer tem o seu acto, por vir do marido trahido, que já não ama a mulher infiel. Martin, começa agora, e só agora, o castigo do teu miseravel alzo e a vingança da victima, que foste. Mas que vingança, meu Deus! Erguer da miseria, matar a fome a quem lhe rasgou o coração, envenenando-lhe as fontes da vida. E eu? Como me reconheço pequenina, microscopica, diante de tanta nobreza e generosidade, que me esmaga, como esmaga a noventa lesina um pé calçado em fina botina de pellica! Em vez do desprezo, a com-

de Précy, que, voltando-se para ver quem era, vê o marquez de Rambouillet de gibão de pelle e de botas, isto é, com o traje de campanha d'aquella época.

Précy quiz atirar-se a elle para mostrar a alegria que tinha vendo-o de volta, mas o marquez, recuando subitamente, disse-lhe «que tinha sido morto na véspera, em tal e tal occasião», e só viera a elle para cumprir a sua promessa; que nada era mais verdadeiro do que o que se dizia do outro mundo; que elle devia mudar de vida, e que seria morto também, á primeira occasião; que não havia tempo a perder.»

Précy, sem acreditar no que via e ouvia, saltou da cama para abraçar o amigo que suppunha estar a agradecer com elle, mas só abraçou o vacuo.

Rambouillet, vendo que elle era incrédulo, mostrou-lhe o logar em que tinha recebido o ferimento, que era nos rins. Em seguida desapareceu.

Précy, aterrado, acordou todos de casa, gritando. O conde de Rochefort veio com Dupin, em cuja casa morava também, ver o que se passava. Précy contou o que lhe tinha succedido; mas fomos de opinião que elle tinha sonhado, o que o fez desampontar, porque o tomavamos por um visionario. Debalde nos asseverou elle o facto; mantivemos a nossa opinião, até que chegou o correio de Flandres. Trazendo a noticia da morte do marquez de Rambouillet, começámos a olhar uns para os outros e a pensar que bem podia ser verdade o que nos referia Précy.

Pouco tempo depois, sobrevindo as guerras civis, Précy quiz tomar parte no combate da Porta Saint-Antoine.

Não obstante todos os esforços, feitos por seu pai e sua mãe, para o dissuadirem d'essa resolução, elle não quiz passar por cobarde; foi, e ali perdeu a vida, com grande dor de toda a sua familia.»

E' impossível pôr em duvida a boa fé do conde de Rochefort, porque, até á chegada do correio, nem elle nem Dupin acreditaram na realidade do facto. Se não se trata aqui de um caso bem definido de identidade, do que se trata então? De telepathia de morto a vivo? *Palavras ócas*, pois é bem evidente que foi o espirito desincarnado do Rambouillet que se transportou ao pé do seu amigo e lhe deu provas indiscutíveis de sua morte e de sua identidade. Demais, eram 6 horas da manhã e Précy não devia estar dormindo; em todo o caso *elle não acre-*

ditou até ao ultimo momento n'uma apparição materializada do seu amigo, e, infelizmente para elle como para o duque de Buckingham, nenhum caso fez do aviso dado *do alem.*

Nas memorias de todos os povos encontraremos muitos factos do mesmo genero.

O Sr. Max Hecht, refere o *Light*, enviou ao Sr. A. P. a seguinte nota: Felix Mottl, regente da orchestra do Covent Garden, que está morando em minha casa, disse-me hoje de manhã (domingo), quando descia para almoçar:

—Tive esta noite um sonho bem triste. Sonhei que me achava no quarto de dormir do mestre-capella, Hermann Lévy, em Munich. Elle estava doente. Ao verme, levantou a cabeça, abraçou-me e, deixando-a cahir sobre o travesseiro, expirou.

A's duas horas da tarde, estavam a tomar lunch, quando chega um telegramma da senhora de Mottl, residente em Carlsruhe, n'estes termos: «Lévy falleceu esta manhã em Munich. Vou mandar uma grinalda.»

A' OBRA!

Et nunc erudimini...

Cada dia traz o seu contingente parcial de luz e de verdade necessarias ao progresso individual. Do mesmo modo, cada seculo fornece os materiais da obra do progresso universal. E' assim que os trabalhos do Congresso espiritualista acabam de offerecer ás consciencias sinceras, aos investigadores mais positivos as luzes capazes de satisfazer a sua razão e de lhes determinar as mais fecundas resoluções; mas, não o esqueçamos, o autor incontestado dos multiplos trabalhos, em virtude dos quaes o homem e as sociedades humanas se transformam, é o pensamento. E' pela sua actividade que se elabora a grande obra de evolução humana para um estado melhor sempre crescente.

O pensamento humano, com effeito, vem a ser no plano terrestre o collaborador indispensavel da propria acção di-

vina, porque, creado, amparado, esclarecido por ella sem cessar, consciente ou ás cegas, vigilante ou negligente, elle trabalha pela realização do plano traçado pela intelligencia soberana, creadora dos mundos e das humanidades.

Quer isto dizer que n'um ou n'outro d'estes casos o trabalho é o mesmo? Não ha tal. Mas o homem é livre pelo seu proprio pensamento. Elle pode, se lhe aprouver, retardar a jornada para o seu destino; pode, por fraqueza, por covardia ou ignorancia, nutrir sua imaginação de chimeras, desperdiçar o tempo precioso da vida em entreter illusões, em procurar aqui em baixo, quando está no alto, o elemento de seus insaciaveis desejos, de suas aspirações sempre aguçadas pelas perspectivas sem numero que se lhe offerecem, ao mesmo tempo que melhor se afirma a sua consciencia na liberdade de seus actos.

Mas de tudo o que existe aqui em baixo, nada é sufficientemente substancial nem bastante puro, assaz immaterial, para servir de alimento ao espirito, ao *ego* indestructivel, entidade eterna do ser que pensa, que experimenta soffrimentos e alegrias e que sabe querer.

Este ser que estremece sob a acção do pensamento, que a alegria ou o aguilhão da dor abate ou eleva, este ser que, pela sua propria vontade, pode se alçar até ao mais sublime ideal, pode também se pultar-se na obscuridade, longe dos esplendores que o seu destino lhe reserva: este ser de um poder tão estranho quando singular, já o dissemos, é o homem na sua individualidade, é a humanidade — homem colectivo.

O poder do homem é soberano, e essa soberania lhe vem da sua alma, indestructivel, immaterial, immortal, divina por sua propria essencia.

Seu corpo, é evidente, por instantes o confina na terra, mas a sua alma o prende ao infinito, que elle deve percorrer, onde

exaltação, até conseguirmos o que se chama a paz, que é o justo equilibrio entre a cabeça e o coração.

N'esse estado, que nos era um gozo, foi Yáya quem nos arrancou da concentração, perguntando:

— Como descobrir este amigo, a quem já tanto quero, e cuja convivencia não sou de todos quem menos deseje?

A pergunta despertou mil planos, que se succediam e se destruiam, sem que se achasse um que satisfizesse.

— Porque se envolve no mysterio para comnosco o que se descobre para com Elisa?

— Como descobrir-se para com esta?

— Pois não lhe escreveu d'aqui?

— Parece, com effeito, acudiu Yáya, que elle revelou sua estada aqui; mas o que julgo certo é que elle não calculou que por aquelle meio podia ser descoberto. E' o que está escripto: nada se faz, que não venha a ser descoberto.

— E quem sabe, accrescentou Julio, se não entrou nos planos da Providencia que assim acontecesse? *Nihil fit sine ratione sufficiente*: tudo tem sua razão de ser.

Longa foi a discussão sobre o mysterio em que se envolveu Martin, tão mal observado, que elle mesmo o descobriu.

Porém eu, entendendo que era tempo perdido querer penetrar nas intenções do nosso bom amigo, interrompi a discussão, que parecia dever ir muito longe, dizendo:

— Tudo isto ser-nos-ha explicado por Martin, quando o tivermos; para termol-o, é que precisamos combinar os precisos meios.

— E' isto — é isto mesmo, exclamou Julio; mas que meios empregaremos para descobrir orato que se occulta na toca?

— Fé e perseverança, disse Yáya. Procurem por toda a parte e incessantemente, que o rato não ha de viver sempre na toca.

— Demos busca aos hotéis, insinuou Julio, com approvação de todos. E' por ali que devemos começar; e qual de nós

deve se elevar e se engrandecer. E' lá, n'esse infinito, que elle vai a intervallos ensaiar seus vôos e avaliar sua elevação. Por muito tempo elle volve a cahir attonito no solo, tal como o joven e temerario Icaro, ou ainda como o plumoso hospede dos pantanos.

Entretanto, elle sente em si a força secreta da aguia, engana-se algumas vezes, admirando-se e desejando para si azas de poderosa envergadura, para se elevar e pairar, também elle, longe das brumas da terra, em demanda dos clarões sidereos: mas, aí! a inconstancia do seu ideal o impelle a voltar ao paúl, onde o seu corpo mais se materializa, onde suas azas se immobilizam.

Finalmente a luz se faz, a escravidão se lhe torna em oppressora humilhação, seu captivo o indigna, elle se envergonha de todo o seu ser, muitas e muitas vezes absorvido pela estúpida cobiça do lodo, o olhar se lhe anima, ás pressas o confuso elle se subtrai aos baixios; ganha a planície, onde já o horizonte se dilata, depois se eleva aos pincaros onde o atrahem o espaço, a liberdade, a luz mais serena, seu elemento, sua vida.

Assim, o homem se desembaraça pouco a pouco da sua grosseira materialidade, rectifica os seus instinctos, fortalece as suas aspirações, até á aquisição definitiva do imperio de si mesmo.

Então, purificado, espiritualizado, governa a materia e esta lhe obedece, porque elle a domina, colloca-se sobranceiro a ella e então se torna apto para trabalhar com efficacia na obra do progresso universal; torna-se o collaborador activo da obra divina; depois de ter sido o ponto de apoio, transforma-se em alavanca; depois de ter sido o instrumento, vem a ser o agente.

Tal é a condição do homem na vida do espirito e em sua existencia terrestre, como as diversas escolas philosophicas nol-o apresentam, no Congresso espiri-

descobrir signal suspeito de sua estadia em qualquer ponto, avisa aos outros, para dar-se a caça com probabilidade de exito, pelo menos maior do que a nossa policia, que mais faz sempre por espantá-la do que por apanhar a lebre que procura.

— Bem, disse eu, já cheio de esperança pelo exito da idéa de Julio, dividamos o trabalho, para ser mais leve e mais seguro. O centro da cidade cabe a Julio; Gloria, Cattete, Laranjeiras e Botafogo, até ao Jardim Botânico, cabe ao commendador Muniz; eu me encarrego da Tijuca, do Rio Comprido, de S. Christovão e do Engenho Novo.

— Perfeitamente, disseram todos.

Mas Julio accrescentou:

— Tu realizaste o rifão, que diz: quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é tolo ou não sabe da arte. Tu, Max, não foste tolo nem ignorante da arte.

— Como assim?

— Ora! Escolheste para ti uma zona onde quasi nada terás que fazer: S. Christovão, Rio Comprido e Engenho Novo não têm hotéis, e Tijuca tem apenas dois: o da Aurora, ao pé da serra, e o Bennet, na cachoeira da Tijuca. Finorio! E eu com todos os hotéis do Rio de Janeiro, que estão situados no centro da cidade!

Houve uma gargalhada geral e eu me vi na necessidade de partilhar com o Sr. Julio o trabalho que lhe foi commettido. Era o que o velhaco queria.

N'aquelle mesmo dia demos principio ás nossas diligencias; mas nem então, nem depois, adiantámos patavina na descoberta do mysterioso personagem.

Já não havia no Rio de Janeiro um hotel que não tivesse sido examinado por nós, e tudo inutilmente; nem vias nem mandado do grande Martin.

Todos os sabbados nos reuniamos para dizer: — Nada.

(Continúa)

FOLHETIM

(62)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

SEGUNDA PARTE

XXI

O primeiro passo que deu o commendador Muniz, para descobrir seu querido amigo Martin, foi procurar Julio, para trabalhar com elle, certo de que o illustre moço teria o maior contentamento se alcançasse aquelle fim.

Estavamos, eu, Julio e Yáya, conversando por uma fresca tarde de agosto, á varanda da casa dos que gozavam a lua de mel, quando nos appareceu, sem se annunciar, o commendador, de quem podia-se dizer: *quantum mutatus ab illo*.

Vestia pobremente e já arrastava os pés, como um octogenario.

Julio recebeu-o, como fazia a todos, amavelmente, e elle tomou assento na roda, com tão sincera humildade, que nos commoveu e nos dispoz a seu favor.

Falámos sobre as questões do dia por algum tempo, depois do que Muniz perguntou a Julio se tinha noticias de Martin.

— Nem uma palavra d'elle, desde que d'aqui partiu; mas elle é mesmo assim, um seculo que leveasse ausente não lhe daria tempo para escrever duas linhas.

— Então já o esqueceu, doutor?

— Jamais, Sr. commendador. Aquella alma é firme em suas afeições, como a rocha em sua dureza.

— Creio que tem razão, disse com sorriso malicioso o commendador.

— Porque fala assim? perguntei-lhe.

— Porque supponho, com bons fundamentos, que elle veio, lá dos seus desertos, assistir ao casamento do querido amigo.

Eu e Julio levantámos a mesma exclamação:

— Que fundamentos tem para crer em tal?

O commendador referiu tudo o que já sabemos e que implantou em sua alma a certeza de estar Martin no Rio de Janeiro.

Julio ficou perplexo, principalmente porque, se fosse como pensava o commendador, o querido amigo era um triumphador, não tinha commettido a fraqueza de suicidar-se, que era o que mais nos torturava.

Eu tive o mesmo sentimento, e ficámos ambos como lesos; mas Yáya, já inteirada de todo o drama, ergueu a voz, dizendo:

— A prova da carta, escripta por Martin á D. Elisa, é indiscutivel e... oh! foi elle mesmo quem nos trouxe o rico e mimoso presente de nupcias, que o sinto em mim, como uma revelação!

A estas palavras succedeu um tumulto no pequeno grupo.

— E' elle! Foi elle! Está entre nós!

Louvado seja Deus, que nos tirou da alma o mais acabrunhante peso, que salvou do abysmo o nosso querido irmão...

— E que já lhe está preparando o banquete do filho prodigo; porque completa foi sua prova e meritorio seu triumpho.

Assim falou a mãe Martha, que surgiu inesperadamente entre nós e interrompeu a minha exclamação, que o foi de Julio também.

Não foi facil restabelecer-se a calma, tendo todos nós, inclusive o commendador, a alma e o coração repletos de sentimentos, qual mais veheamente.

Como, porem, os sentimentos expansivos são mais doces do que os deprimentes, e nós eramos, n'aquelle momento, dominados de inebriante alegria, por sabermos que o nosso Martin rompera a muralha que lhe tolhia a passagem para os jardins da casa do Pac, fomos, pouco e pouco, refreando a